



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MARIA LOURDES DOS SANTOS

**DA BATALHA NA CALÇADA AO CIRCUITO DO PRAZER: UM ESTUDO SOBRE
PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO CENTRO DE FORTALEZA**

FORTALEZA - CE

2013

MARIA LOURDES DOS SANTOS

DA BATALHA NA CALÇADA AO CIRCUITO DO PRAZER: UM ESTUDO SOBRE
PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO CENTRO DE FORTALEZA

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Linda Maria de Pontes Gondim

Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva

FORTALEZA - CE

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S236d Santos, Maria Lourdes dos.
Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza / Maria Lourdes dos Santos. – 2013.
190 f. : Il. color., enc.; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Sociologia
Orientação: Prof^a. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim.
Coorientação: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.
1. Prostituição masculina – Aspectos sociais – Centro(Fortaleza,CE).2. Identidade de gênero – Centro(Fortaleza,CE). 3. Masculinidade – Centro(Fortaleza,CE). 4. Corpo humano – Aspectos sociais – Centro(Fortaleza,CE). 5. Territorialidade humana – Aspectos sociais – Centro(Fortaleza,CE). I. Título.

CDD 306.743098131

MARIA LOURDES DOS SANTOS

DA BATALHA NA CALÇADA AO CIRCUITO DO PRAZER: UM ESTUDO SOBRE
PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO CENTRO DE FORTALEZA

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada em: 01/02/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Linda Maria de Pontes Gondim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (Co-orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Lea Carvalho Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof. Dr. Luiz Mello de Almeida Neto
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Aos meus pais 'Gerardo' (*in memoriam*) e
'Dioza', que por uma vida de dedicação,
amor e trabalho ensinaram a seus filhos a
ter coragem de lutar pelos seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Esta não foi uma caminhada rápida, mas uma travessia que parecia longa, sobretudo pelas intercorrências pessoais que foram atropelando a conclusão deste trabalho. Mas, esta tese talvez seja o resultado mais visível dessa construção em meio à conjunção de muitos afetos e amizades. Sua conclusão foi o momento em que mais me encontrei com os mestres, colegas, informantes, apoiadores, família, amigos, colegas e que percebi quantas pessoas foram e são importantes na minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Agradeço profundamente à professora Linda Maria Pontes Gondim, minha orientadora, pela disponibilidade em acompanhar minha trajetória no doutorado e, sobretudo, pelas inúmeras leituras, críticas e correções para a conclusão desta tese. Sua paciência em ouvir as minhas dúvidas e inseguranças, típicas daqueles que vivem esse período, ajudou-me a resolver inúmeros problemas, de natureza metodológica, teórica e operacional. Sua compreensão e apoio resultaram em uma grande amizade.

Ao professor Cristian Paiva, co-orientador, agradeço em especial pelo carinho e atenção dispensados durante todo o curso, nos seminários, encontros e congressos, pelas conversas, sugestões de leituras e demais sugestões teóricas e metodológicas acerca da pesquisa.

Meus agradecimentos à professora Irllys Barreira pela generosidade em suas intervenções na Banca de Qualificação, por seus comentários e contribuições que geraram novas perspectivas para este trabalho.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, por terem me proporcionado conhecimentos e acreditado na minha capacidade de adquirir e construir saberes.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, Socorro Martins e Aimberê Botelho Amaral, pela atenção, compreensão e presteza durante todo o curso. Agradeço, também à Shirley, responsável por serviços de limpeza no Departamento de Ciências Sociais.

À equipe do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS), pelos diálogos e atividades que juntas realizamos.

Nas pessoas de Aglailton e Marcela, os meus agradecimentos à equipe do Laboratório de Estudos da Cidade (LEC), por toda ajuda prestada ao longo destes quatro anos.

Meus agradecimentos ao Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), na pessoa de Dediane Sousa, pela ajuda em me apresentar a Ricardo Silva e Gleidson, educadores do *Projeto Entre Nós*, que deram relevante contribuição a essa pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida que viabilizou o processo de realização desta pesquisa.

À amiga Joyce Martins, pela amizade, carinho, presteza e paciência em corrigir meus artigos, durante o curso.

Aos amigos Juarez de Paula e Martônio Mont'Alverne, pelas contribuições inestimáveis para a minha formação. Embora distantes, sempre estiveram presentes em minha vida.

Às amigas: Helena Aída e Raquel dos Anjos, pela amizade e apoio; Erika, Mayara e Aline Matos, pelas aventuras em busca de conhecimento, nos congressos que juntas participamos e pelos agradáveis momentos de convivência.

Nas pessoas de Leonardo Sá e Fernanda Rodrigues, agradeço aos companheiros dessa caminhada, pelas discussões calorosas ocorridas em sala de aulas e sugestões oferecidas durante o nosso período de convivência acadêmica no Doutorado em Sociologia da UFC.

Aos amigos Erivaldo Teixeira e Daniel Rogers, pelos livros emprestados, pela colaboração e discussões sobre a pesquisa, e ao Victor, pelo incentivo e gentileza em acompanhar e opinar sobre este trabalho.

Ao Marcelo Gadelha, pela confecção dos mapas, e a Juliana Sampaio pelas fotos que não só ilustram, mas dizem muito do trabalho de campo que realizei.

Às médicas e amigas Dionne Rolim, Sabrina Cartaxo, Lourdes Viana e Andréa Moraes, pela dedicação e cuidado que tiveram comigo sempre, principalmente nos últimos semestres, quando fui acometida por problemas de saúde.

Aos meus familiares, pela força constante nos momentos de maior dificuldade, principalmente à minha mãe Dioza, por me encorajar sempre, à minha

irmã Salete, ao cunhado Caetano e ao sobrinho João Gabriel pela prontidão com que sempre me auxiliaram na resolução dos obstáculos que surgiram.

Ao finalizar este trabalho, lembro-me com carinho de todos aqueles que sempre acreditaram em mim e que, nos momentos de alegria, compartilharam meu sorriso e, nos momentos de desânimo, me ajudaram a continuar. A eles, minha profunda gratidão.

Devo um agradecimento especial aos garotos de programa que colaboraram com a pesquisa, pela confiança em me permitir entrar em suas vidas e pela amizade que construímos.

Agradeço a Deus pela vida e por tudo que ela tem me proporcionado.

“Sem cessar ao meu lado o Demônio arde em vão;
Nada em torno de mim como um ar vaporoso;
Eu degluto-o a sentir que me queima o pulmão,
Enchendo-o de um desejo eterno e criminoso.

Toma ao saber o meu amor à fantasia,
A forma da mulher, que eu mais espere
E tendo sempre um ar de pura hipocrisia,
Acostuma-me a boca a haurir um filtro infame.

Ele conduz-me assim longe do olhar de Deus,
O peito a repartir-se de morna exaustão,
Pelas terras do tédio, infinitas, desertas [...]”

(Charles Baudelaire)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo produzir conhecimentos sobre a prostituição masculina, com base em uma pesquisa realizada no centro de Fortaleza-CE. Nesta e em outras metrópoles, existe uma pluralidade de espaços onde homens jovens se prostituem com outros homens. Chamados de “michês”, “prostitutos”, “boys” e outras denominações, eles exercem sua atividade nas ruas, em cinemas pornográficos (“cinemões”), bares, boates e motéis, dentre outros ambientes. A pesquisa baseou-se em trabalho de campo realizado durante 18 meses. Além de observação sistemática nos “pontos” e equipamentos frequentados pelos michês, especialmente ruas, bares e “cinemões”, foram feitas nove entrevistas semi-estruturadas com esses sujeitos. Constatou-se que mesmo que tenham desejos e práticas homoeróticos, eles não se identificam como tais. São jovens de condição social precarizada, na maioria proveniente de bairros periféricos, que exercem sua atividade profissional em um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude, masculinidade e habilidades nas práticas sexuais. O território não é só o palco por onde os garotos desfilam seus corpos em busca de clientes, mas o local da negociação de desejos e fantasias para obtenção do lucro e do prazer. A prostituição masculina é um fenômeno complexo, no qual a relação entre identidade sexual, territorialidade e trabalho apresenta-se como elemento de grande relevância.

Palavras-chave: prostituição viril, identidade sexual, masculinidade, corpo, território, Fortaleza.

ABSTRACT

This work aims at producing knowledge on male prostitution, based on research carried out in the central area of Fortaleza, Ceará. In this and other metropolises, there is a plurality of spaces where young men prostitute themselves with other men. They are called “michês”, “prostitutes”, “boys” and other names, and they do their activity on the streets, pornographic movies theaters (“cinemões”), bars, night clubs and motels, among other environments. The research was based on field work carried out during 18 months. Besides systematic observation of “points” and places attended by michês, especially bars and “cinemões”, nine semi-structures interviews were conducted with these subjects. The research showed that even if they were engaged in homoerotic practices, they do not identify themselves as such. They are young men of precarious social condition, and the majority comes from peripheral neighborhoods. They practice their activity in a sex market in which there is a hierarchy according to criteria of youth, masculinity, and sexual skills. Territory is not just the stage on which michês show their bodies in search of partners (costumers), but also the place for negotiation of desires and fantasies for obtaining profit and pleasure. Male prostitution is a complex phenomenon, in which the relationship between sexual identity, territory, and work is an element of great relevance.

Key words: male prostitution; sexual identity; masculinity; body; territory; Fortaleza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Foto aérea do Centro de Fortaleza..... | 129 |
| Figura 2 - Ruas onde se concentram equipamentos e pontos de prostituição..... | 132 |
| Figura 3 - Praça Murilo Borges, em frente ao BNB, janeiro de 2012..... | 133 |
| Figura 4 - Praça do Ferreira, janeiro de 2012, começo da tarde..... | 135 |
| Figura 5 - Mapa de ruas com equipamentos frequentados por michês..... | 152 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO: (DES)ENCONTROS COM O OBJETO E OS SUJEITOS DA PESQUISA | 13 |
| CAPÍTULO 1 - (RE)DESCOBRINDO O “MICHÊ”: SEXUALIDADE, RELAÇÕES HOMOAFETIVAS E PROSTITUIÇÃO | 40 |
| 1.1 Sagrado, proibido, disciplinado, publicizado: o sexo e as múltiplas formas sociais de produção da sexualidade | 41 |
| 1.1.1 <i>O sexo permitido e o sexo proibido</i> | 41 |
| 1.1.2 <i>Do sexo proibido ao sexo disciplinado</i> | 45 |
| 1.1.3 <i>Da “revolução sexual” à “praga gay”</i> | 49 |
| 1.2 Prostituição e relações homoafetivas: quem é o “michê”? | 55 |
| 1.2.1 <i>Quem é o michê?</i> | 57 |
| 1.2.2 <i>O michê do Centro da cidade</i> | 57 |
| 1.2.3 <i>Michês e clientes</i> | 63 |
| 1.2.4 <i>Encontros: onde, quando, como</i> | 66 |
| CAPÍTULO 2 - A IDENTIDADE DO MICHÊ | 68 |
| 2.1 Invisíveis, visíveis: segredo, vergonha e estigma na construção da identidade do michê | 69 |
| 2.2 Homo, bi, homem: múltiplas representações do michê | 74 |
| 2.3 Uma relação delicada: michê e cliente | 78 |
| 2.3.1 <i>Ativo, passivo: dois lados da mesma moeda</i> | 81 |
| 2.3.2 <i>A dominação como traço definidor de identidades</i> | 85 |
| CAPÍTULO 3 - UM CORPO PARA SER MICHÊ | 87 |
| 3.1 A construção social e histórica das imagens sobre o corpo | 87 |
| 3.2 O Corpo como mercadoria | 91 |
| 3.3 O michê e seu corpo | 95 |
| 3.3.1 <i>O corpo-vitrine</i> | 95 |
| 3.3.2 <i>O corpo como lócus de negociação do prazer</i> | 101 |
| 3.3.3 <i>Um corpo que cai</i> | 105 |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 4 - TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES NO ESTUDO DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA | 108 |
| 4.1 Conceções de território: poder e identidades | 108 |
| 4.1.1 <i>Dimensões do conceito de território</i> | 108 |
| 4.1.2 <i>Territórios da prostituição</i> | 114 |
| 4.1.3 <i>O Centro da cidade e os territórios da prostituição</i> | 117 |
| 4.2 Circuitos do prazer negociado em Fortaleza | 120 |
| 4.2.1 <i>Fortaleza: do túnel do tempo à “modernidade”</i> | 121 |
| 4.2.2 <i>A geografia do sexo na Fortaleza (pós)moderna: os circuitos das praias</i> | 125 |
| 4.2.3 <i>O Centro de Fortaleza como território do sexo</i> | 128 |
| 4.2.4 <i>Cenários do sexo comercializado: ruas e praças da área central de Fortaleza</i> | 130 |
| 4.2.5 <i>Boate, bares e cinemões</i> | 138 |
| CAPÍTULO 5 - PELOS CIRCUITOS DO CENTRO: DA DERIVA AO ENCONTRO | 144 |
| 5.1 A michetagem de rua: fluxos e fixos | 144 |
| 5.1.1 <i>O olhar como sinal de captura</i> | 146 |
| 5.1.2 <i>A flânerie do michê</i> | 149 |
| 5.2 Territórios e circuitos do prazer marginal no Centro de Fortaleza ...151 | |
| 5.2.1 <i>Ordem, poder e violência nos territórios</i> | 154 |
| 5.2.2 <i>Resistência e sociabilidade nos territórios marginais</i> | 159 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 164 |
| REFERÊNCIAS | 170 |
| APÊNDICE | 190 |

INTRODUÇÃO

(DES)ENCONTROS COM O OBJETO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Sempre busquei observar e entender a sociedade em que vivo. Movida pela inquietude, encontrei na Sociologia o sentido dos meus questionamentos em relação ao mundo no qual me encontro. Aprendi que, longe de fornecer respostas, a pesquisa sociológica problematiza a realidade, ou seja, permite transformar “inquietações” em “problemas sociais” (MILLS, 2009). A vontade e a capacidade de exercer a interrogação sociológica, exercitar a análise e por em prática a imaginação constituem o fazer sociológico, do qual provém um saber em transformação, construtor da autoconsciência crítica da realidade social. Esse saber mutante e reflexivo é contemporâneo e, simultaneamente, sensível à tradição. Permite, assim, que cada geração reconheça sua temporalidade e nela imprima suas diferenças com relação às preocupações da geração anterior – compreendendo, porém, que os novos problemas não devem levar ao abandono das velhas questões.

Para pesquisar, há que ter paixão pelo conhecimento, criatividade para avançar, persistência para lidar com as adversidades; em outras palavras, é necessário ter vocação. A pesquisa é indispensável à ciência e o campo é fundamental para a pesquisa. É no campo que o pesquisador lapida suas habilidades quando encontra a pedra bruta dos dados empíricos, e a transforma em saber.

Partindo dessa compreensão, “caí em campo”, com o intuito de realizar uma pesquisa sobre prostituição masculina. De início, tive muitas dúvidas e receios que, se não cessaram de todo, começaram a ser “administrados” em um estudo preliminar sobre o tema, cujo personagem central é o michê em seu território de trabalho. Apesar de se tratar de uma temática polêmica e complexa, estudada pelos mais diversos campos do conhecimento, em épocas distintas, no Brasil e no mundo, ainda parece que se está tocando em uma pequena ponta do *iceberg*. Cercada de mitos e tabus, a prostituição instiga questionamentos que vão desde os motivos que levam jovens a buscar no mercado sexual uma fonte de renda, ao significado das fantasias ligadas ao sexo pago com homens e mulheres, em contextos históricos e sociais distintos.

Munida de algum conhecimento prévio e muito interesse pelo tema, decidi exercitar “o ofício do sociólogo”, ou seja, questionar a prática da ciência para além das regras estabelecidas pelos metodólogos, inclusive no que diz respeito aos próprios objetos, os quais devem ser “conquistados, construídos e constatados”. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007, p. 22). Desse modo, a pesquisa de campo que realizei para esta tese foi constituída e vivenciada como uma experiência singular, movida pelo compromisso ético e epistemológico com as Ciências Sociais, além da vontade de conhecer o universo proposto, em meio a um campo de particularidades díspares.

Para Wright Mills (2009), a sociologia requer o cruzamento das experiências de vida e de trabalho do investigador, exigindo-lhe incorporar essas experiências na pesquisa científica. Compreensão semelhante encontra-se em Bourdieu (2004), ao reconhecer a pertinência da experiência vivida para o conhecimento sociológico, mas tão somente na medida em que essa experiência seja submetida à crítica e adquira, assim, valor científico. Para Boaventura de Sousa Santos (2003), o conhecimento é também fruto das trajetórias das comunidades científicas, e os sistemas de crenças e juízos de valor dos quais decorre a investigação são parte integrante da explicação científica; assim, “todo o conhecimento científico é autoconhecimento” (SANTOS, 2003, p. 52-53). Essas concepções me levaram a refletir sobre fatos que vivenciei e neles encontrar os motivos da escolha do tema desta pesquisa, ou seja, as interações entre minha trajetória pessoal e o trabalho científico.

Desde cedo, chamou-me a atenção a forma preconceituosa e depreciativa com que o tema da prostituição era abordado, provocando certo incômodo. Como o silêncio, às vezes, é mais sedutor do que a palavra, o proibido também pode ser uma maneira de aguçar a curiosidade. Assim, a minha vontade de adentrar esse universo foi sendo definida.

Minhas inquietações sobre a problemática da prostituição aumentaram quando, saindo da adolescência, fui trabalhar como auxiliar de enfermagem, em um pequeno Hospital Público, no município de Tianguá, interior do Ceará, no final da década 1970. Certa manhã, entre as pessoas que aguardavam na fila para ser atendidas em consulta médica, encontrava-se uma mulher que sofria de infecção ginecológica crônica, em fase evoluída (provavelmente, um caso avançado de sífilis). Tratava-se de uma “mulher da vida”, da “zona”, do “baixo meretrício”. Estava

acompanhada de outra mulher, que despertou a atenção dos presentes, com olhares de reprovação – provavelmente, pela pouca roupa e o excesso de maquiagem que usava. Aquela cena trouxe à baila muitas dúvidas e interrogações que só o tempo poderia responder.

Iasmim era o seu nome. Natural de Guaratinguetá (São Paulo), jovem, olhos verdes, esbelta, cabelos longos, sofrida. Admitida para tratamento, permaneceu hospitalizada durante cinco dias. Durante este período, Iasmim foi visitada apenas pelas companheiras de profissão; jamais recebeu qualquer parente. Um senhor foi visitá-la poucas vezes: rapidamente, entrava e saía, fora do horário de visitas, alegando que estava apressado, “com muito serviço”. Segundo as companheiras de atividade de Iasmim, tratava-se de um “cliente” dela.

Iasmim logo foi para casa, mas, como seu estado de saúde agravou-se, retornou. Nessa segunda internação, por três vezes, tentou o suicídio. Uma depressão profunda a afetara, contribuindo para sua morte, logo em seguida. O sofrimento e a morte de Iasmim me levaram a várias reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade e as condições a que se submete para garantir a sobrevivência.

A denominação “mulher da vida” me dava a impressão de haver mulheres que estavam mais na vida do que outras. No primeiro caso, não me parecia haver demérito; a perspectiva de alguém estar “fora da vida” é que era assustadora, como se fosse um não existir que impediria o fluir da existência neste mundo. Já a expressão “fazer a vida” poderia ter uma conotação positiva, significando “[...] a ousadia de criar, de se espantar, de produzir, de afetar e ser afetado pelas coisas do mundo e assim, de se permitir criar o mundo em meio às turbulências do cotidiano” (CARVALHO, 2000, p.12). Eu questionava, ainda, a definição de prostituta como mulher de “vida alegre”: como diz Simmel (1993, p. 2), “talvez para a alegria alheia, mas não decerto para a delas”.

Os questionamentos sobre a atividade persistiram no que diz respeito às causas, modalidades e motivações, sobretudo “por causa dos estereótipos picantes que circundam esse tema” (FONSECA, 2004, p. 257). O preconceito perdura e se abate sobre outros sujeitos em condições semelhantes às das “mulheres de vida fácil”, reavivando minhas lembranças e provocando ainda mais minha curiosidade.

Em meados da década de 1980, durante minha permanência em Porto Velho (RO) para acompanhar uma parente com problemas de saúde, conheci uma

travesti, Gisele, que trabalhava como cozinheira da casa. Ela me contou que se prostituía nas ruas da cidade. Desde cedo, aprendera a viver sob o manto do preconceito e da insegurança, convivendo com maus tratos e violência.

Convivi com Gisele por mais de seis meses. Por meio dela, tomei conhecimento, pela primeira vez, da prostituição homoerótica¹. Assim como as mulheres que exercem o comércio sexual no “baixo meretrício” ou nas ruas, as travestis vivenciam sofrimento, humilhações e medos, ao atrair e satisfazer o cliente, seus prazeres e desejos. Uma vida à sombra da incerteza e da exclusão. Aos 24 anos, Gisele sai de cena, vítima de assassinato por um de seus parceiros.

Estas são lembranças que não me fogem da memória. Como ensina Paiva (2007, p. 21), “os arquivos cruzam-nos a vida, marcam-nos destinos” e nos levam quase sempre a reviver passagens.

Em 1991, ingressei no serviço público como profissional de saúde de um hospital em Fortaleza, para trabalhar no tratamento de portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Durante os quatro anos em que permaneci nessa atividade, observei que pacientes identificados como homossexuais eram discriminados por alguns profissionais de saúde e pela própria família. Minhas observações me levaram a escolher como tema de minha monografia de graduação em Ciências Sociais a questão do estigma associado à AIDS. (SANTOS, 1996).

Em seguida, meu interesse por grupos estigmatizados me levou a pesquisar crimes hediondos praticados contra homoeróticos. Na época, o Estado do Ceará, segundo os meios de comunicação locais, ocupava o sexto lugar no *ranking* nacional em número de casos desse tipo de crime. Em 2000, realizando essa pesquisa nos arquivos das Varas Criminais do Fórum Clóvis Beviláqua, em Fortaleza, encontrei dados que resultaram na minha dissertação de mestrado em Sociologia. (SANTOS, 2000). Por ocasião dessa pesquisa, identifiquei, nos autos processuais, dois rapazes que haviam assassinado indivíduos considerados homoeróticos. Consegui entrevistá-los e, em seus depoimentos, constatei que

¹ Segundo Costa (1992, p. 11), “[...] homoerotismo é preferível a ‘homossexualidade’ ou ‘homossexualismo’ porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à ideia do ‘homossexual’. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos ‘homossexuais’, independentes do hábito linguístico que os criou”. Daí a preferência pelo termo *homoerotismo*, que, no entendimento desse autor, possui campo semântico amplo o suficiente para agir na direção de uma libertação teórica de uma taxonomia oitocentista.

estavam envolvidos em práticas de “prostituição viril”, ou seja, “prestação de serviços sexuais [para outros homens], em troca de uma retribuição econômica”. (PERLONGHER, 2008, p. 44).

Apesar de ter considerado relevantes as informações obtidas sobre os relacionamentos sexuais desses “garotos de programa”, naquele momento o foco da investigação era outro. Assim, tais informações ficaram guardadas, enquanto eu esperava o momento oportuno para nova pesquisa. Este momento chegou quando decidi tentar o ingresso no doutorado em Sociologia e um amigo sugeriu que eu fizesse um projeto cujo tema desse sequência aos trabalhos realizados na graduação e no mestrado. Essa sugestão me fez lembrar os “garotos de programa” entrevistados por ocasião da pesquisa para minha dissertação.

Entretanto, faltava-me um conhecimento maior para escrever o projeto, o que me levou a pedir ajuda ao Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB)². Meus contatos com essa organização não-governamental datavam de fins da década de 1980, quando era assessora de um parlamentar atuante na área de direitos humanos. Como tal, me envolvi em atividades em prol do reconhecimento dos direitos dos portadores de HIV/AIDS. Tais contatos se intensificaram durante meu trabalho na instituição hospitalar, já mencionada.

O GRAB me indicou a travesti Maitê³ como possível informante da pesquisa exploratória que eu tencionava fazer. Ela se colocou à disposição para me ajudar, inclusive sugerindo que fizéssemos um “*tour*” pela orla marítima da cidade, local que os garotos de programa costumam frequentar em busca de clientes. Repetimos nossas andanças várias vezes e em outros locais, como o centro da cidade. Daí surgiu minha idéia de lançar um olhar sociológico sobre o espaço da cidade e, especificamente, sobre as áreas por onde transitavam os sujeitos da pesquisa. E sob este prisma decidi pensar a atividade sexual-comercial de um grupo específico,

² O GRAB é uma organização não governamental, criada em 17 de março de 1989, reconhecida de utilidade pública municipal por meio da Lei nº 7066, em 27 de março de 1992. Tem como objetivos a defesa dos direitos de *gays*, lésbicas, transgêneros e bissexuais. Luta permanentemente pela inclusão social dos/das homossexuais, por meio do ativismo, pela construção da cidadania e do fortalecimento da comunidade homossexual. Disponível em: <<http://grab.blogger.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

³ Este e outros nomes de colaboradores da presente pesquisa são pseudônimos adotados com o intuito de preservar a privacidade dos sujeitos.

os michês⁴, à luz de sua espacialidade distinta, o território. Deste modo, utilizei uma abordagem da relação sujeito-território, procurando problematizar a dinâmica entre o território da prostituição e o “michê”, tendo como *lócus* de pesquisa o centro histórico da cidade de Fortaleza⁵. Essa proposta foi aprovada para o curso de doutorado em Sociologia da UFC, iniciado em 2008.

Quando apresentei o objeto de minha pesquisa, muitas foram as dúvidas e questionamentos levantados, dentro e fora da sala de aula. Ouvi comentários do tipo: “Por que esse assunto te interessa? Tens algum parente ou amigo michê?” “Tens coragem de entrar em um cinema pornô e esbarrar em homens transando com outros homens? Nesses locais, todos devem ser pervertidos”. “Vais para os ‘pontos de pegação’ às altas horas da noite, para observar os rapazes?” Essas indagações me lembravam Foucault (1993a), quando afirma que o sexo é proibido e escondido, apenas para ser incitado e incessantemente revelado. Talvez por isso, temas como a prostituição masculina, ainda hoje, geram mal-estar não apenas entre pessoas conservadoras, que sentem vergonha de falar sobre sexualidade. Mas, como os obstáculos, às vezes, servem de estímulo, não me intimidei e encarei a pesquisa como qualquer outra, com suas dificuldades e possibilidades.

Pesquisar o michê não foi um exercício fácil, haja vista se tratar de um sujeito nem sempre acessível à observação e ao diálogo, já que não lhe interessa ser visto nem reconhecido como tal, sobretudo em lugares públicos. Empreender uma investigação para conhecer esse sujeito foi um exercício ímpar: de paciência, para vencer a desconfiança; de coragem, para enfrentar olhares enviesados; de medo da violência, da polícia e dos clientes machistas.

Algumas questões, sobretudo de natureza metodológica, me preocupavam. Como realizar uma pesquisa sem qualquer referência para aqueles jovens, sendo mulher e pertencendo a um segmento social e a uma faixa etária diferentes dos deles? Qual seria a estratégia adequada para minha inserção no campo?

Primeiramente, recorri a uma amiga, que me indicou um conhecido que trabalhava como garoto de programa. Ele concordou em se encontrar comigo em um *shopping*, mas avisou, de saída, que não iria responder a perguntas sobre sua vida privada, nem permitiria que eu gravasse nada. A meu pedido, indicou outro garoto,

⁴ Ao longo da tese, os sujeitos serão denominados como “michês”, “garotos de programa”, “garotos”, “prostitutos” e outros termos utilizados pelos colaboradores da pesquisa, como será visto na segunda seção do Capítulo 1. O conceito de michê será aprofundado no mesmo capítulo.

⁵ A descrição do Centro de Fortaleza é apresentada no Capítulo 4.

que talvez pudesse conversar comigo. Esse contato também foi mal-sucedido, pois ele pouco falou e também recusou a gravação, sem dar explicações.

Resolvi, então, recorrer a outra estratégia: telefonar para garotos que anunciavam seus serviços em um jornal local de grande circulação. Nesses contatos, eu me identificava, explicava sucintamente a pesquisa e pedia que colaborasse com o meu trabalho. Depois de duas tentativas fracassadas, localizei Bruno, que concordou em colaborar com meu trabalho. Além de me acompanhar em uma observação exploratória a pontos de prostituição na zona litorânea da cidade, ele ainda intermediou meu encontro com outros garotos. Sempre paciente e solícito, Bruno me mostrou como o michê se posiciona no ponto e me falou das gírias, dos códigos, da exposição do corpo, da negociação do programa, dos prazeres, medos e angústias vivenciados. Sua disponibilidade no transcorrer da pesquisa resultou em amizade e gratidão⁶.

Contudo, as dificuldades da pesquisa persistiam, porque além da impossibilidade de gravar entrevistas com outros informantes, eu não tinha como conhecer seus ambientes de trabalho, observar as negociações com clientes, enfim, compreender a vida do michê como ela é. Os dados até então colhidos eram poucos e eu não estava contente com o trabalho; queria muito mais. Decidi, então, escolher como sujeitos da pesquisa os “michês” que trabalham na rua, onde haveria maiores possibilidades de acesso. O *locus* do trabalho de campo seria a área central da cidade, que concentra um número expressivo de ambientes destinados às práticas prostitutivas – bares e boates *gay*, motéis e cinemas pornô – “cinemões”⁷, como são chamados pela clientela. O momento me levava a buscar novas parcerias para entrar nos labirintos escorregadios da “prostituição viril”, (PERLONGHER, 2008) acompanhando o *trattoir* dos garotos de programa.

Ainda não era possível percorrer os diferentes pontos de prostituição sozinha, por falta de acesso a algum sujeito que pudesse me servir de “guia”. Novamente, recorri ao GRAB e, especificamente, à coordenadora do Projeto *Entre*

⁶ Ressalto que não paguei a este nem a outros colaboradores, por entender que o pagamento estaria em desacordo com a ética da pesquisa social. Isto porque os sujeitos poderiam ser motivados a participar do estudo apenas pela remuneração, o que colocaria em risco a relação de confiança que deveria necessariamente estabelecer-se entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa.

⁷ Os “cinemões”, assim denominados pelos garotos e seus clientes, são estabelecimentos que, em geral, exibem filmes pornográficos e, ocasionalmente, películas do circuito comercial com personagens “ másculos”, como *Super Man* e *Drácula*. Por exibirem filmes pornográficos, tornam-se “lugares de excitação” (ROSA, *et al.*, 2008) e, assim, podem ser considerados *sui generis* em relação aos cinemas convencionais.

*Nós*⁸. Ela me colocou em contato com quatro rapazes que trabalhavam no projeto como educadores e tinham livre acesso aos locais freqüentados pela clientela do Projeto. Optei por acompanhar dois deles – que chamarei de Clayton e Ritchie – já que um terceiro desenvolvia o trabalho do Projeto na orla litorânea e outro o fazia em saunas *gay*, onde não é permitida a entrada de mulheres.

O trabalho de campo sistemático foi realizado durante um ano e meio, aproximadamente, sendo iniciado na segunda quinzena de abril de 2010 e concluído em novembro de 2011. Com Clayton e Ritchie, percorri os pontos de prostituição do centro da cidade. Começamos distribuindo preservativos na Praça do Ferreira; depois passamos a visitar cinemas pornográficos. Neles, ao chegar eu me apresentava e explicava que a pesquisa era o motivo da minha visita àquele local. Por sua vez, Clayton e Ritchie, já conhecidos nos locais, falavam a todos sobre o meu trabalho como técnica em enfermagem de um hospital público, que atende a pacientes com HIV/AIDS. Penso que esse foi o principal motivo da colaboração dos garotos.

Logo, passei a ir sozinha aos cinemões. Procurava me posicionar em um local próximo à entrada, de onde observava toda a movimentação e, discretamente, fazia anotações abreviadas ou codificadas, com muita atenção para não deixar escapar detalhes mais significativos. Por exemplo, procurava registrar movimentos corporais e formas de abordagem, anotava algumas expressões e termos desconhecidos, como, por exemplo, “vamos fazer um click”, que quer dizer, vamos fazer um programa. Também observava os gestos, os olhares, a aproximação dos garotos e dos clientes, o que eles pediam no balcão, como a recepcionista os tratava etc.

Conquistar a amizade e a confiança dos sujeitos foi o passo inicial, mantido durante todo o tempo da pesquisa e depois dela. Como disse Ecléa Bosi, o vínculo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados “[...] não traduz apenas uma simpatia

⁸ Projeto educativo, executado pelo GRAB, em parceria com o Ministério da Saúde e a Coordenação de DST/AIDS da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Com início em 1999 e conclusão em 2010, o Projeto atendeu a Fortaleza e aos municípios de Aracati, Acarape, Aracoiaba, Barreira, Capistrano, Fortim, Guaiúba, Horizonte, Itapipoca, Itaitinga, Limoeiro do Norte, Morada Nova e Miraima. Além de preparar os educadores para atuarem nos municípios apresentados, por meio de oficinas, encontros educativos sobre saúde e cidadania, o *Entre Nós* inclui distribuição de preservativos e outras atividades, quando fazem visita aos locais de sociabilidade da população LGBTT e encaminham, quando necessário, aos serviços públicos de saúde. As ações são voltadas para o segmento denominado HSH – homens que fazem sexo com homens, sigla criada pelo Ministério da Saúde do Brasil. Informações disponíveis em: <<http://grab.blogger.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”. (1994, p. 38-39).

Foi necessário compreender que, para se adentrar e conhecer os territórios marginais, (PERLONGHER, 2005) não basta apenas estar acompanhada por quem os conhece. Previamente, é preciso se fortalecer no sentido de vivenciar alguns dissabores, além de exercitar a tolerância. Assim, nos cinemas pornôs, tive que suportar os odores de urina, fumaça de cigarros e suor dos corpos em meio à escuridão. Em todas as visitas aos cinemas, fiz questão de pedir licença para entrar e não esquecia de agradecer ao sair. Em momento algum fui desrespeitada; pelo contrário, a acolhida, via de regra, foi simpática e afável. Sempre havia alguém querendo me acomodar, pegando uma cadeira, procurando conversar e me oferecendo uma bebida, cigarro, água etc.

Como aconteceu em outras pesquisas de campo (BONETTI; FLEISCHER, 2007), os observados também me observavam, procuravam me situar socialmente e estabeleciam minha posição ou lugar em relação a eles. Nesse sentido, faziam perguntas e comentários a meu respeito: “você é solteira?” “O que você quer com estas perguntas?”; “é uma senhora do bem, sabe das coisas”; “é uma mulher de respeito”; “é uma mulher corajosa”. Como notaram as autoras mencionadas, essas manifestações dos sujeitos indicavam suas classificações sobre “as outras’ mulheres, ou seja, que elementos eram significativos para tanto” (BONETTI; FLEISCHER, 2007, p.32). Creio que minha idade (na época, 55 anos), minhas roupas sóbrias e minha condição de técnica em enfermagem, com experiência em campanhas de prevenção às DSTs/AIDS⁹, muito contribuíram para minha aceitação.

Além da freqüência aos cinemas pornôs – onde conheci a maior parte dos entrevistados – o trabalho de campo exigiu um verdadeiro escrutínio dos territórios da prostituição masculina. Percorri rua por rua e anotei o endereço de todos os ambientes que constituem o circuito onde acontece a “michetagem” no Centro da cidade. Quando havia dificuldade para identificá-los¹⁰, procurava algum aviso, placa, anúncio ou qualquer indício de funcionamento de estabelecimentos frequentados por michês e seus clientes. Cheguei mesmo a bater em algumas portas, a pretexto de

⁹ Como já mencionei, em meus contatos iniciais nos cinemas pornográficos me fiz acompanhar por dois garotos a quem fui apresentada pela Coordenadora do *Projeto Entre Nós* do GRAB.

¹⁰ Vale notar que tais estabelecimentos, frequentemente, se transferem de uma quadra, ou de uma rua, para outra, o que me levou a crer que alguns funcionam clandestinamente.

procurar uma casa para alugar. Esse processo permitiu mapear o campo empírico onde a pesquisa se realizou (ver Figuras 1 e 2).

Paralelamente a esse verdadeiro “levantamento topográfico”, conheci e entrevistei Marcelo, Pedro, Gabriel, Rafael, Felipe, Pablo, Marley e David¹¹. Não segui um roteiro de entrevista previamente elaborado porque senti necessidade de adquirir maior familiaridade com a linguagem dos sujeitos pesquisados e de identificar suas próprias questões sobre a realidade que vivenciam. Assim, eu esperava que eles me dessem algum sinal e quando me sentia mais segura, pedia informações sobre seus trajetos, vivências, andanças e práticas. Entretanto, a tensão na fisionomia da maioria dos garotos, no momento da entrevista, revelava a dificuldade que eles têm em abordar assuntos como sexualidade e prostituição – questões que envolvem a intimidade, que é, “acima de tudo, uma questão de comunicação emocional, com outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (GIDDENS, 1993, p.146).

Às vezes, o silêncio pode ser mais eloquente do que as palavras; daí que, em algumas ocasiões, preferi calar. Acredito que essa atitude muito me ajudou a estabelecer *rapport* com os sujeitos. Alguns deles me falaram sobre suas vidas fora do “circuito” – família, namorada, projetos de vida etc. Outros pediram informações sobre doenças em geral, e em um dos cineões um dos garotos me fez confidências sobre sua saúde. Assim, adotei uma das estratégias metodológicas usadas por Hélio Silva (2007), ou seja, procurei não ser apenas mais uma pesquisadora: permiti-me ser confidente em um universo que, até pouco, me era desconhecido. Os informantes, lentamente, foram me narrando seus problemas, uma espécie de convite para adentrar sua intimidade e conhecer o outro lado de suas vidas – sua família, sua dificuldade de estudar ou de conseguir emprego, sua preocupação com o futuro.

Quando não diziam muito, eu os interrogava, porém de maneira sutil, sem recorrer a roteiros escritos. Aqueles que se prontificaram a conversar e falar de suas vidas mostraram-se desejosos de dizer muito, relatavam sobre o que eles definem como “um lugar de prostíbulo”, “rua de prostituição”, ou seja, o local ou ambiente onde eles negociam ou vendem suas práticas sexuais. Pareciam sentir necessidade de desabafar sobre suas vivências, angústias, sonhos e desejos.

¹¹ Uma descrição geral desses sujeitos é apresentada no Capítulo 1. Informações mais detalhadas encontram-se no Apêndice A.

Empenhei-me em ouvir os relatos de forma livre, desenvolvendo a pesquisa conforme as narrativas indicavam novas questões passíveis de ser investigadas. Compreendendo que a objetividade do pesquisador não prescinde de sentimentos, decidi estabelecer uma relação de diálogo e não de interrogatório com os sujeitos pesquisados.

As entrevistas gravadas foram realizadas nas dependências de cinemas pornôs, na calçada e em um motel ao lado de um desses cinemas. As conversas mais informais, com anotações no diário de campo, aconteceram em bares situados na Avenida Duque de Caxias; nas Praças do Ferreira e Murilo Borges; e na quadra da Rua Clarindo de Queiroz, esquina com a Rua Assunção, principal ponto de “pegação” no Centro da cidade.

Ao final do trabalho de campo, eu contava com nove entrevistas (incluindo a de Bruno), totalizando sete horas e 35 minutos de gravação. Durante as observações, conversei com outros garotos, além de outras pessoas presentes no circuito observado, tais como funcionários de um cinema e transeuntes¹². Concluído o trabalho de campo, voltei aos locais da pesquisa e conversei com todos os garotos para tirar dúvidas, pedir esclarecimentos de alguns pontos ainda nebulosos e agradecer a todos pela atenção e, acima de tudo, por abrirem uma janela de suas vidas para que eu pudesse conhecê-los.

As gravações das entrevistas foram transcritas por mim, com o intuito de preservar as falas e reconstituir, mentalmente, o contexto da interação pesquisador-pesquisado. As transcrições foram lidas exaustivamente, de modo a tornar possível captar o que estava nas entrelinhas. Busquei, por meio das falas desses sujeitos “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2007, p. 15).

Os dados colhidos foram organizados por categorias e analisados, sempre tendo em vista o referencial teórico e outros estudos sobre o tema. A sistematização do material empírico foi fundamental para a realização da análise em todo o processo de pesquisa. Meu olhar atento, crítico e analítico se fez presente em cada etapa do processo, direcionado pelo quadro de referências teóricas. Como se em

¹² Embora eu tenha tentado uma aproximação com os clientes, não obtive êxito, pois a maneira fugaz e a brevidade com que param nos pontos de prostituição dificultaram a abordagem. Nos cinemas, apesar de se demorarem um pouco mais, tampouco foi possível conversar com eles, porque os proprietários não permitiam que fossem importunados.

um movimento dialético, procurei conjugar prática e teoria, apoiada em cuidadoso levantamento bibliográfico.

No trabalho de campo, minha intenção primordial foi registrar a experiência dos michês nos respectivos territórios¹³ de atuação. Entretanto, por mais que eu tenha tentado me aproximar do cotidiano deles, a alteridade prevaleceu. Como assinala Geertz (1989, p. 89), para se conhecer o nativo não é necessário ser um; o que interessa é conhecer o ponto de vista dele, ou seja, “[...] descobrir que diabo eles acham que estão fazendo”. Portanto, tratei de questionar, interagir, procurar entender suas dúvidas e certezas, tentar maior aproximação, aperfeiçoando a escuta e construindo possibilidades de lidar com depoimentos diversos sobre as experiências sociais. O foco da investigação foi compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, o que requer relacionar esses significados a um contexto. Assim, trata-se de buscar a interpretação em lugar da mensuração, examinar o mundo como é experienciado, compreender o comportamento humano a partir do que cada pessoa ou grupo de pessoas pensam ser a realidade. (WEBER, 1991).

É importante destacar que os cuidados éticos foram uma constante preocupação durante todo o período da pesquisa. Do primeiro ao último encontro com os profissionais do sexo, tive o cuidado de reafirmar meu compromisso em guardar sigilo sobre suas identidades – o que foi fundamental para tranquilizá-los, já que os interlocutores revelaram seu medo de ter seus nomes expostos, situação que os colocaria em vulnerabilidade, correndo riscos de rejeição, represálias ou mesmo de violência, por parte dos amigos e dos clientes. As anotações no diário de campo foram feitas discretamente, pois apesar de lhes assegurar sigilo, eles temiam pelos clientes, pelas famílias e amigos de ambas as partes.

Procurei respeitar as restrições dos garotos, por acreditar que, agindo dessa maneira, eles se sentiriam mais seguros e confiantes. Aos poucos, tentei me aproximar, dialogar e convencê-los do meu respeito. Esse cuidado me pareceu necessário devido à situação vulnerável dos pesquisados, dado o histórico de discriminação presente na vida desses sujeitos. Quando eu percebia que havia

¹³ O território é compreendido como um espaço clivado por relações de poder, onde se estabelecem limites de expressividade, permissividade e ação, tendo como referencial o lugar. Essa conceituação não ignora a dimensão simbólica da territorialidade, que permite a identificação do território com o espaço da convivência, da troca entre diferentes, da multiplicidade de usos e de usuários, do encontro. O Capítulo 4 discute essa conceituação mais demoradamente.

conquistado a confiança de algum deles, pedia para fazer uma entrevista gravada. Como lembra Portelli (1997, p. 10),

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. (...) Os dois sujeitos não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas.

Esse cuidado foi meu grande aliado na hora de abordar, entrevistar e acompanhar as andanças dos sujeitos pelas áreas onde atuavam. Segui os ensinamentos de Oliveira (1998, p. 17-18), para quem o trabalho do pesquisador implica “o olhar, o ouvir e o escrever”. Certamente, a teoria sensibiliza o olhar e o ouvir, além de orientar o escrever. São atitudes que o pesquisador precisa desenvolver, com desvelo, quando se encontra em campo.

De acordo com Bakhtin (2003), a pesquisa em Ciências Humanas é sempre estudo de textos. Diários de campo e transcrições de entrevistas são, mais do que aparatos técnicos, modos de conhecimento. A tarefa do pesquisador implica recortes e interpretações, de forma a permitir que o real seja captado em sua dinâmica, multiplicidade, provisoriedade e polifonia. Por outro lado, os textos pesquisados, para ser entendidos, exigem que se explicitem as condições de produção dos discursos, práticas e interações. Sem dúvida, para o pesquisador, texto e contexto são importantes ferramentas conceituais.

Mas, como conciliar estas questões com os desafios da pesquisa com profissionais do sexo masculino? Como conhecer o particular sem abdicar de compreender como a totalidade nele se revela? No caso da pesquisa com michês, colocou-se como fundamental ouvir os ditos e os não ditos; escutar os silêncios, enxergar na escuridão. Ser como o poeta, o garimpeiro, o artesão, que, embora de forma distinta, expressam sua arte, seu ofício.

Pesquisar a prostituição masculina colocou a pesquisadora diante não apenas de dilemas técnico-metodológicos, mas, de grandes silêncios, uma vez que a marginalidade dos sujeitos faz com que a sua existência nas fontes históricas esteja situada, muitas vezes, nas lacunas e nas ausências dos discursos. Diante desse quadro, resta ao pesquisador apenas se abrir para novas práticas metodológicas, interdisciplinares ou transdisciplinares.

Passei a figurar em meus textos como uma espécie de redatora de narrativas, mais ou menos densas, com a seriedade intelectual e o compromisso ético que o trabalho de campo requer. Em muitos momentos, deixei que os entrevistados falassem e falassem, evitando, assim, me tornar autoritária e seletiva, ouvindo apenas o que era do meu interesse. Neste sentido, Cardoso (1989, p. 39) adverte:

A palavra dos depoentes configura uma narrativa explícita, que esconde uma outra, nossa voz silenciosa. Desenvolve-se paralelamente a deles a nossa forma de contar. Não verbaliza nossa narrativa. Construimo-la como artífices, como quem tece. Desentranhamo-la dos testemunhos, conferindo-lhes, de fora, uma lógica ordenadora...

Meus encontros com os informantes tornaram-se momentos ricos e únicos, que me possibilitaram não só colher e analisar dados, mas, sobretudo, exercitar o ouvir, entender, silenciar, questionar. Procurei construir uma interpretação sobre a vivência desses sujeitos, na sociedade onde estão inseridos, considerando a territorialização de suas práticas. As falas dos garotos me levaram a uma reflexão mais profunda sobre a forma como eles vêem a prostituição masculina, embora essas visões não sejam as únicas representações dessa atividade, uma vez que existem outros profissionais do sexo (CARVALHO, 2000).

Nem sempre as falas eram precisas. Os elementos presentes na construção do universo erótico da prostituição, como o local, formas de sedução, promessas, confidências, adereços, preço, vestimentas, fetiches etc., se mesclam e se confundem, de forma que, algumas vezes, parece impossível saber quem está realizando a fantasia de quem, embora os papéis sejam previamente definidos e acatados.

Quanto ao conteúdo das informações obtidas dos garotos, apesar do quadro teórico da pesquisa não ser a memória, são pertinentes os comentários de Michel Pollack (1989, p. 8) acerca das lembranças, que apontam a existência de “zonas de sombra, silêncios, não ditos”. Deve-se levar em conta, na análise das informações, que há o indizível e o dizível, variáveis que compõem os relatos orais, remetendo sempre às escolhas feitas por quem relata as experiências (QUEIROZ, 1988). Junto com o dito e o não dito estão os mecanismos de atuação dos discursos, que funcionam como um entrelaçamento sutil de saberes, prazeres e poderes (FOUCAULT, 1993a).

Além de lançar mão de relatos orais, realizei intenso trabalho de observação. Percorri toda a área central da cidade para delimitar o *locus* da pesquisa, buscando produzir registros cartográficos e fotográficos, como meios auxiliares da pesquisa. Pode-se dizer que toda a trajetória realizada, tanto empírica como teoricamente, demonstra como se situa a pesquisadora em relação ao sujeito investigado e às suas experiências espaciais, propiciando o rearranjo do conceito de território na exploração *in casu* das condições de práticas prostitutivas dos michês. Para atingir uma compreensão adequada desse fenômeno, procurei identificá-lo mediante a convivência, durante um longo período (18 meses), com jovens engajados na atividade da prostituição, no território de suas práticas: ruas e praças da área central, bares, cinemas pornô (‘‘cinemões’’).

A triangulação das informações obtidas em observações, entrevistas e fontes bibliográficas e documentais, foi fundamental para a constatação de que a mesma sociedade burguesa, heteronormativa e moralista que busca excluir aqueles considerados como homoeróticos dos espaços de convivência durante o dia, possibilita a criação de territórios da comercialização de práticas sexuais dos michês, sobretudo durante a noite.

Cabe assinalar que durante o trabalho de campo alguns transeuntes chegaram a me perguntar o que eu fazia ‘‘metida com aqueles rapazes’’. Prontamente, eu respondia a todos falando da minha pesquisa, da importância de ouvir os garotos, de conhecer seus locais de trabalho e conversar com alguns usuários desses ambientes quando possível, para maior compreensão do assunto. Alguns desses transeuntes me elogiaram e parabenizaram pelo trabalho, mas outros não manifestaram qualquer surpresa, curiosidade ou interesse quanto à minha presença.

Meu relacionamento com os michês foi acontecendo paulatinamente, porém, se deu sem constrangimentos de minha parte e, segundo creio, da parte deles também. Quando uma pessoa conhecida me via em companhia de um garoto de programa, eu o apresentava como ‘‘um colega’’, pois minha preocupação era que ele não fosse identificado pela atividade que pratica, evitando, dessa forma, alguma manifestação preconceituosa.

Em que pesem as dificuldades experimentadas, vivenciei muitos momentos alegres, de avanços e conquistas. Um desses momentos foi quando um garoto me disse: ‘‘[...] acho [seu] trabalho maravilhoso, pois é muito difícil entrevistar um

profissional do sexo, que é um trabalho também”. E no final da entrevista ele acrescentou: “isso foi um pouco da minha vida que deixei aqui pra Dra. Lourdes escutar um pouco, e estou muito feliz”.

Atingir os objetivos propostos neste trabalho foi um exercício cansativo, porém prazeroso. Em alguns momentos, tive a impressão de que a cada passo dado era muito curto, diante do extenso trajeto que seria necessário percorrer. Quero crer, entretanto, que cheguei ao final de um grande começo, pois espero que este trabalho sirva para provocar o desejo de se continuar pesquisando sobre a prostituição masculina.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o processo é tão importante quanto o produto. Por conseguinte, as dificuldades que encontrei no decorrer da coleta dos dados se refletem nos resultados do trabalho, apresentados a seguir.

Estruturada em cinco capítulos, além desta Introdução, a tese apresenta uma articulação teórica e empírica que fundamentou a construção do objeto e a formulação das questões norteadoras da pesquisa. O primeiro capítulo aborda a origem da prostituição masculina, rastreando fatos históricos importantes para compreender como esse fenômeno esteve presente em muitas sociedades e provocou diferentes atitudes, em diferentes contextos. Discutem-se as características desse fenômeno a partir da história socioeconômica e cultural, com ênfase na sociedade contemporânea, buscando perceber suas mudanças e como se encontra no presente.

Da aceitação ou sacralização na Antiguidade, passando pela intolerância e repressão violenta na Idade Média e no Brasil colonial, a uma relativa tolerância na modernidade, o sexo entre homens (homoerotismo) e as relações sexuais em troca de dinheiro (prostituição) são vistos, em geral, como práticas desviantes. A prostituta ou prostituto raramente deixaram de sofrer com preconceitos, discriminação e perseguições de todo tipo. Essas atitudes negativas ainda se mantêm na contemporaneidade, malgrado avanços obtidos graças à atuação de movimentos sociais em defesa dos direitos das minorias.

Mas nem sempre foi assim. A prostituição remonta a tempos antigos e ostentou diversas simbologias e definições, inclusive a de condição sagrada. Na Grécia antiga, por exemplo, a prostituição masculina como a feminina já existiam e não eram vistas como algo escandaloso. Da Antiguidade à atualidade, um longo caminho foi percorrido, porém muito ainda se têm a percorrer no que concerne ao

entendimento da prostituição, em particular de homens que se relacionam sexualmente com outros homens em troca de dinheiro, podendo cambiar, também, relações sexuais por favores profissionais, informações, bens materiais e outros tipos de recompensas.

No Brasil, os primeiros relatos sobre prostituição masculina são do final do século XVI, a partir de documentos do período da Inquisição, quando a Igreja considerou a sodomia um pecado grave, levando os sodomitas a serem submetidos à tortura. Entre os índios brasileiros, há relatos das reações frente ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, que variam desde a aceitação, como uma expressão legítima da sexualidade, até a rejeição absoluta. (CECCARELLI, 2008a). Narrativas referentes aos primeiros tempos da colonização convergem para uma visão dos indígenas como praticantes de uma sexualidade acentuada (FREYRE, 1997; TREVISAN, 2007).

Mesmo com o enfraquecimento do controle religioso, que acompanhou o advento da modernidade, não cessaram as tentativas de reprimir, controlar ou normatizar a sexualidade. O discurso racionalista, porém, rompe com o arbítrio das determinações naturais e as relações humanas transcendem as diferenças de gênero na dimensão do desejo, enquanto a prostituição feminina ganha forma e adeptos. O mesmo não pode ser dito em relação à prostituição masculina, que permaneceu invisível ou silenciada em meio à marginalidade social.

Com a expansão do mercado erótico e da indústria pornográfica no Ocidente, a partir da década de 1960, a transformação nos discursos e práticas relativas à moral sexual e às relações de gênero modificou estilos de vida, inclusive em direção a uma maior tolerância para com a diversidade sexual. No Brasil, essa liberalização de costumes foi restringida pela instauração do regime militar em 1964 que, além da repressão à contestação política e a expressões culturais e artísticas “subversivas”, procurou controlar a difusão dos comportamentos individuais divergentes.

Do ponto de vista da sociedade, cultura e economia, tendências identificadas nessa década aprofundam-se, levando à globalização das transações comerciais e financeiras, à expansão da indústria cultural e à difusão de novos padrões de comportamento. As comunicações por meio da *internet* se tornam meios e formas de novas interações entre indivíduos e grupos, permitindo a realização do desejo pervertido ou de fantasias dos mais variados tipos.

Essas características, dentre outras, constituem o que alguns autores chamam de pós-modernidade, como o descrédito em relação às narrativas de grande envergadura, de caráter totalizante, a falência das pretensões de legitimação e a profunda descrença em um “caminho seguro” para a felicidade, trazendo a consciência da incerteza e da ambivalência (LYOTARD, 1986).

No mundo pós-moderno, a lógica do capitalismo é exacerbada, pois praticamente todas as dimensões da vida, incluindo o imaginário, a sexualidade e as transgressões ligadas ao desejo são mercantilizadas. A prostituição assume novas formas, associando-se a práticas típicas da contemporaneidade, como o turismo, a indústria pornográfica e a *internet*. Permanece, porém, a característica de utilização do corpo e do sexo para contemplar os interesses das partes envolvidas: quem atua na prostituição fornece, mediante pagamento, serviços sexuais para aqueles que os desejam. Assim, o *michê*, como os demais profissionais do sexo, oferta uma mercadoria que tem valor de uso para quem a demanda, e cujo valor de troca se realiza na transação sexual. Entretanto, é preciso ressaltar que essa visão materialista não esgota a questão, pois, no terreno complexo da sexualidade, outros elementos, da ordem do desejo, do imaginário e da afetividade, podem interferir na relação *michê*-cliente.

O advento da AIDS, na década de 1980, transforma a estrutura das relações subjetivas e das escolhas afetivo-sexuais, haja vista a doença ter sido associada ao pecado e à promiscuidade. Enfatiza-se a relação entre corpo, práticas sexuais e prazer como algo perigoso, que colocaria em risco a saúde. Daí o desenvolvimento de habilidades para negociação do sexo seguro, com o uso do preservativo, como o único meio de impedir um avanço maior da doença, contribuindo para efetivar o disciplinamento dos prazeres, o controle e a regulação sobre o corpo. Esse era “o discurso midiático, referendado pelo saber médico sobre a doença e instituída no senso comum a ideia de que quanto mais ‘respeitável moralmente’ fosse a pessoa - leia-se, praticante do ‘bom sexo’ – menos risco ela correria”. (PELÚCIO; MISKOLCI, (2009, p. 135).

Vista inicialmente como “praga gay”, a epidemia se alastra, o que incita os preconceitos contra os homossexuais masculinos, levando a formulações equivocadas como a identificação de “grupos de risco”, nos quais eles estariam incluídos. Ao mesmo tempo, demandas por políticas públicas voltadas para o estudo

e tratamento da doença conferem maior visibilidade e aceitação dos profissionais do sexo, pela adesão, como multiplicadores, em programas educativos e de prevenção as DST/AIDS¹⁴.

Nesse contexto, entretanto, os michês, tipicamente, procuram viver clandestinamente suas práticas prostitutivas. A descrição desses sujeitos, também chamados de “prostitutos viris”, é objeto da segunda parte do primeiro capítulo. Eles trabalham, quase sempre, à noite, nas ruas ou em outros ambientes propícios à atividade. Via de regra, são jovens, pobres, procedentes de diversas localidades, com pouca escolaridade e sem qualificação profissional. Procuram manter o corpo musculoso, numa demonstração de masculinidade, sendo esta um dos requisitos para se manterem no comércio sexual.

A identidade sexual dos garotos de programa, o território como base para a prática prostitutiva, o contexto da rua, o significado da calçada, o corpo musculoso e a virilidade como linguagem são questões analisadas nos demais capítulos. A questão identitária é discutida no Capítulo 2, enfatizando a sexualidade, já que esta é central para distinguir os michês de outros homens que praticam sexo com homens.

O universo da prostituição viril é duplamente minoritário e estigmatizado, seja pelo tipo de atividade comercial que os atores sociais desenvolvem, seja pela natureza do relacionamento que essa transação, na maioria das vezes, envolve. Na sociedade contemporânea, a identidade considerada “normal” é a heterossexual. Contudo, a construção da identidade resulta de um processo cultural e social, que envolve tanto a sexualidade, como o gênero. A identidade sexual é “[...] atribuída a alguém em virtude da direção de seu desejo e/ou condutas sexuais seja para outra pessoa do mesmo sexo (homossexualidade), do sexo oposto (heterossexualidade), ou de ambos os sexos (bissexualidade)” (RIOS, 2002, p. 95). Já a identidade de gênero diz respeito à forma como uma pessoa se sente e apresenta para si e para outras pessoas enquanto ser masculino, feminino ou ambos. Trata-se de uma percepção que se dá no interior de uma cultura determinada, a partir do conjunto de traços construídos na esfera social e cultural, ressaltando-se que o gênero se encontra em constante mudança, sendo ressignificado pelas interações concretas

¹⁴ Para maior compreensão do assunto a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) conduziu estudos detalhados do histórico das políticas em resposta ao HIV/AIDS. Ver, a respeito, PARKER *et al*, 1994.

entre indivíduos de ambos os sexos (STOLLER, 1993). Assim, o homoerotismo, como categoria identitária de conformação do sujeito a um determinado comportamento, não se limita à descrição de suas práticas e à identificação do sujeito segundo suas preferências sexuais.

Para MacRae (2005, p. 300), a divisão de papéis sexuais entre homem e mulher, entre “ativo” e “passivo”, apesar de ser bastante arraigada, discriminatória e desigual, continua a existir na cultura brasileira, podendo ser facilmente encontrada na reprodução das relações homoeróticas: o homem classifica-se como “bofe” e “bicha”¹⁵ e as mulheres como “fanchona” e “lady”. No entendimento de Parker (2000),

[...] ser macho ou ser fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização sexual, no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. É por meio desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicas de seus grupos de idade ou de ‘status’ dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam (PARKER, 2000, p. 52).

No caso do michê, sua identidade tem um aspecto dúbio, pois tanto diz respeito ao campo da sexualidade, ou seja, das práticas eróticas, como à sua “profissão”. Ressalte-se que o michê tenta manter em segredo suas atividades sexuais realizadas em troca de dinheiro, o que é um requisito importante para se manter no negócio. De maneira geral, o cliente – homem que, via de regra, vive oficialmente dentro da heteronormatividade – não é o mais visado, pois a clandestinidade de suas práticas o coloca como insuspeito. Ele, geralmente, procura o profissional do sexo que expressa virilidade, masculinidade, juventude, em detrimento daqueles que apresentam traços efeminados. A diferenciação dos prostitutos quanto às características mais valorizadas pode expressar-se em termos monetários, pois, para alguns informantes da presente pesquisa, os michês “machos” são vistos como mais qualificados para a realização de fantasias sexuais,

¹⁵ Muitos termos têm sido utilizados no Brasil para fazer referência ao homoerotismo. Desde os degradados “fanchonos” – termo usado em Portugal para designar os condenados ao degredo por praticarem o pecado de sodomia – multiplicaram-se as denominações: “entendidos, maricas, veados, frescos, travestis, travecos, bonecas, michês, mariconas, baitolas, pederastas, boiolas, frutinhas, sapatinhos, efeminados, transexuais, boys, lésbicas, mocinhas” (PIERONE, 2000, p. 134).

sobretudo dos homens casados, que justificam não procurarem garotos efeminados porque “mulher, eles têm em casa”.

O poder de atração desses sujeitos e suas habilidades no que refere às práticas sexuais os levam a formar uma clientela, a qual, entretanto, tem que ser constantemente seduzida e atendida em suas fantasias. O instrumento mais importante para despertar o desejo do cliente é o corpo do garoto. Como será visto no Capítulo 3, trata-se de um corpo que sabe se mostrar, pois a maneira como se expõe é uma linguagem que revela quem é e insinua o que ele quer, completando a fantasia e o desejo do outro. É um corpo-mercadoria, produto para venda, que interage com seu público admirador, usuário e pagante.

Pelo corpo, as sensações e sentimentos se manifestam, atraem outros corpos e se complementam em suas vontades e desejos. Os gestos são definidores de vontades e fantasias, são códigos que se traduzem em promessas de prazer. A apresentação corporal vem acompanhada pela coreografia sexual e incitam o imaginário do cliente. Frente a este, o prostituto adota uma postura viril e sugere uma anatomia exuberante. Como uma espécie de grife, procura trabalhar a imagem, a aparência, a representação de ser “macho”, embora entre quatro paredes isso não ocorra tal como se apresenta.

Nem todos os michês têm recursos para recorrer aos meios necessários para manter o corpo “sarado”, “bombado” e sedutor: frequentar academias de ginástica, tratar dos cabelos e da pele, comprar roupas da moda etc. Alguns garotos, com o intuito de ganhar massa muscular, utilizam hormônios anabólicos androgênicos (sintéticos), na busca de uma aparência física forte, marcante, para despertar a atenção e o desejo do cliente.

Le Breton (2007) acredita que essa visão sobre o corpo seja uma forma de resistência simbólica na tentativa de construir ou restaurar um sentimento de identidade ameaçada:

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irreduzível do sujeito, o ser-no-mundo (grifo do autor), mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal de afirmação pessoal. (LE BRETON, 2007, p. 28).

Observa-se que o cotidiano dos michês é marcado por riscos, que não são percebidos como tais ou são consentidos frente a um objetivo de manter-se atuante no mercado sexual, reafirmando a idéia de que para ser homem, macho e viril é necessário ter um corpo forte e musculoso. Para garotos de programa, o corpo é percebido não só como um instrumento de trabalho: é o próprio capital, um meio de ascender socialmente.

Muitos são os lugares onde os indivíduos se encontram para se divertir, namorar e relacionar-se com indivíduos do mesmo sexo. Em geral, os garotos de programa preferem se manter na clandestinidade, porém buscam condições para serem vistos e procurados pela clientela. Uma dessas condições é a territorialização de suas práticas, que consiste no uso de determinados espaços com características que favorecem o encontro de clientes – tema do Capítulo 4.

O conceito de território, nos sentidos definidos pela geografia, foi o ponto de partida para a compreensão do processo de territorialização da prostituição masculina, com destaque o caráter político. Raffestin (1993), ao tratar o território como um espaço físico de uma nação, destaca as relações de poder e a projeção do trabalho humano no espaço. Haesbaert (2007) analisa o território sob diferentes aspectos, apresentando uma classificação em que se verificam vertentes básicas, como: jurídica-política, cultural(ista) e econômica. Além do poder estatal, salienta o aspecto humano da identidade social, assim como os aspectos econômicos da relação capital-trabalho. Marcelo de Souza (2001), por sua vez, conceitua território como um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, poder este que não se restringe ao Estado. Além da abordagem política, este autor trabalha os aspectos culturais dos múltiplos territórios: da prostituição, do narcotráfico, de gangues e outros, que podem apresentar uma existência temporária ou permanente no tempo e no espaço. Verifica-se que o território, num sentido macro, pode ser entendido como o controle administrativo, jurídico, político, e econômico do espaço.

Acerca dos territórios da prostituição, também denominados de “territórios marginais” (PERLONGHER, 2005), outros estudos descrevem sua relevância para o comércio sexual (RIBEIRO; OLIVEIRA; MAIA; 2011; SILVA, 2011; SILVA, 2000). Estes autores afirmam que diferentes estilos de vida homoeróticos produzem ou criam territórios culturais, políticos e sociais. Pensar esses territórios é tentar perceber papéis sexuais, identidades, redes relacionais, assim como os sujeitos e

suas práticas. São espaços constituídos por indivíduos ou por grupos que vivenciam e apresentam características comuns e compartilham sentimentos e práticas. Eles se reconhecem pela frequência dos encontros e se sentem parte do lugar, além de ser atraídos por objetivos comuns como o de juntar-se aos seus pares para fins de diversão, prazer sexual e ganho financeiro. Trata-se de um conjunto de situações que demarcam um “pedaço” para os usuários de determinado espaço ou equipamento (MAGNANI, 2002). As áreas confinantes, por se tratar de uma base física mais ampla e concentrar os mesmos serviços e equipamentos em um só lugar, são denominadas “manchas”. Estas servem para reproduzir a clientela e acabam por constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades, os quais se articulam para formar “circuitos” (MAGNANI, 2002).

Os resultados do mapeamento desses territórios são apresentados no Capítulo 4, onde são descritos os locais que compõem as manchas, pedaços e circuitos da prostituição masculina na área central de Fortaleza. Partindo-se de uma breve contextualização histórica, que contempla os traços principais do processo de formação do espaço urbano em Fortaleza, apresentam-se as características do Centro histórico que explicam sua atual condição de área deteriorada, porém de grande vitalidade.

No Centro de Fortaleza é fácil verificar que o tempo, o espaço e a memória estão juntos; presente e passado se encontram. Como remanescentes do patrimônio arquitetônico, encontram-se fortalezas, igrejas, palácios, monumentos, museus e teatros, como o Forte de Nossa Senhora da Assunção (construído pelo holandês Matias Beck, em 1649 e reformado no início do século XIX), hoje sede do Comando da 10ª Região Militar, ao lado do qual se encontra o Passeio Público¹⁶; a Catedral Metropolitana de Fortaleza (construída entre 1938 e 1978); o Teatro José de Alencar, na Praça de mesmo nome, inaugurado em junho de 1910, um dos monumentos artísticos mais importantes da cidade; e a Praça do Ferreira, a mais conhecida e frequentada da cidade, construída em 1842.

Com o crescimento geográfico da cidade teve início o processo de esvaziamento do centro da capital, no início dos anos de 1960. Nas décadas seguintes, intensificou-se seu abandono pelos setores mais abastados e a área foi perdendo sua característica de zona residencial. A partir da década de 1980, tornou-

¹⁶ Originalmente, Praça dos Mártires, assim nomeada em homenagem aos cearenses mortos na Confederação do Equador. Recebeu o nome de Passeio Público em 1850.

se uma área tipicamente comercial e de serviços, direcionada para a população pobre e de classe média da periferia.

Soma-se a isso a poluição ambiental, provocada pela grande quantidade de ônibus e outros veículos que transitam por suas vias; o comércio ambulante, que ocupa as calçadas e produz grande quantidade de lixo; a presença de pedintes, moradores de ruas e mendigos; e os equipamentos utilizados para a prostituição (masculina e feminina), como casas de show, motéis “a preços populares”, bares, cinemas pornográficos etc. As novas formas de sociabilidade e demarcações simbólicas do espaço o “desqualificam” e levam à subutilização do patrimônio histórico-cultural do bairro (MARTINS FILHO, 2011). Contudo, preserva-se como referência simbólica da cidade, sem perder a intensa vida econômica e social.

Nesses territórios, os michês se encontram, se misturam, vivenciam sociabilidades e estabelecem laços afetivos, pois os que estão ali, na rua, no cinema pornô ou em outro local, se reconhecem como iguais. Apesar da concorrência, é nos circuitos de interação que os profissionais do sexo se soltam, riem, choram, falam mal, zombam, insultam e provocam os clientes, contam piadas, conversam com os colegas de profissão sobre amenidades e problemas cotidianos. Neles, esses profissionais também, são estigmatizados, achincalhados, violentados e desrespeitados das mais diversas formas.

Nesses locais, os michês se fazem pessoas fortes, corajosas, espertas. Como afirmaram os participantes desta pesquisa, conviver nos espaços noturnos do mercado do sexo não é nada fácil. Trabalhando à noite nas ruas, eles lidam com o estranho, o desconhecido, o inusitado. São expostos aos riscos da rua e da profissão: são os clientes que dão calote, espancam, humilham; são os policiais que extorquem dinheiro, os assaltantes que roubam o pouco dinheiro ganho, os traficantes que oferecem drogas e os levam a ser consumidores frequentes, tornando-os viciados. Todas essas questões provocam violência e geram revolta, insegurança e medo, pois a rua é o palco, a vitrine, mas é também o local do anonimato, do “cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos”. (DA MATTA, 1991, p. 61).

Há que se reconhecer que os michês não são apenas vítimas passivas das circunstâncias e de outros sujeitos envolvidos com sua profissão, pois elaboram estratégias de defesa e de “ataque”, por assim dizer. Entre as primeiras, incluem-se medidas de precaução, tais como: procurar saber se o cliente faz uso de arma, se

freqüenta o “pedaço”, se foi ou é cliente de outros garotos, se é caloteiro ou não, e informações referentes à sua conduta, como o tratamento dispensado aos garotos, se é de maneira educada ou com grosseria etc.

Em muitas ocasiões, os michês vão à desforra com práticas como “puxar a chave”, impedindo o cliente de ir embora sem antes efetuar o pagamento de seus serviços. Tomam-lhe a carteira para retirar dinheiro e, na falta deste, pegam os documentos para garantir o pagamento, furtam algum pertence como relógio, cordão de ouro etc.

No Capítulo 5, evidencia-se como a existência de espaços com serviços e ambientes apropriados por uma determinada clientela permite criar lugares de encontro e de sociabilidade (ruas, praças, bares, cinemas e outros). São locais específicos, nas vias de passagem, com trânsito livre para os michês e gays que se mostram disponíveis ao sexo. Esses espaços configuram-se como aglutinadores de vários pontos que constituem a área homoerótica da região central da cidade. Cada categoria – michês, prostitutas e travestis – ocupa quadras diferentes, respeitando o espaço do outro.

Nas Considerações Finais, reafirma-se que do ponto de vista das territorialidades homoeróticas, a prostituição se espraia pelos mais diversificados espaços do centro de Fortaleza, por conformar uma pluralidade de equipamentos voltados para os profissionais do sexo, em ambientes fechados e em locais abertos, que permitem a convivência e a formação de parcerias entre os “diferentes”.

A pesquisa revelou a relação existente entre os profissionais do sexo e seus territórios, onde encontram clientes, vivenciam suas práticas e estabelecem relações de sociabilidade, em espaços públicos ou privados. A organização dos microterritórios da prostituição em áreas urbanas das grandes cidades permite ao profissional do sexo encontrar seus parceiros, por atrair homens considerados homoeroticamente inclinados, de todas as idades e classes sociais, sobretudo, em função da pluralidade de ambientes.

A partir do trabalho de campo, foi construída uma representação cartográfica que possibilitou mostrar os espaços onde se encontram os pontos de prostituição no centro da cidade. São territórios flexíveis, pois se definem de forma simbólica, expressa em gestos, falas e comportamentos dos seus frequentadores. Nesses microterritórios (cinemas pornôs, bares, banheiros, ruas etc.) o desejo e o prazer sexuais acontecem entre homens, de acordo com as exigências de ambas as

partes. São indivíduos que vivem em permanente tensão, disputa e concorrência. É a lei da rua e do comércio sexual. É na rua, mediante a combinação de certo estilo de vestimenta, performance do corpo e gestos que indicam potência e bom desempenho sexual, que os garotos de programa conquistam a clientela, negociam suas práticas e se firmam no negócio. Assim, o território é constituído por relações de poder que hierarquizam as pessoas envolvidas e produzem efeitos de separação/conexão entre *eu* e *outro*, entre centro e margem, em movimento contínuo.

CAPÍTULO 1
(RE)DESCOBRINDO O “MICHÊ”: SEXUALIDADE, RELAÇÕES
HOMOERÓTICAS E PROSTITUIÇÃO

“Baby !
 Dê-me seu dinheiro, que eu quero viver.
 Dê-me seu relógio, que eu quero saber
 Quanto tempo falta para lhe esquecer,
 Quanto vale um homem para amar você.
 Minha profissão é suja e vulgar.
 Quero pagamento para me deitar,
 Junto com você estrangular meu riso.
 Dê-me seu amor, que dele não preciso”.
 (*Garoto de Aluguel* – Zé Ramalho)

Há um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à compreensão da prostituição masculina, no contexto da sexualidade humana. Constata-se que esta não é apenas um obscuro impulso à união dos sexos para se completarem mutuamente, como exigiria o metabolismo orgânico ou a reprodução da espécie. A questão sexual é muito mais que isso; está situada no inexaurível território do desejo, preparando o terreno para a construção de diversas subjetividades que, por sua vez, imprimem a maneira de ser masculina e feminina. Como aponta Welzer-Lang (2004, p. 115) “não [se trata] mais [de] pesquisar a qualquer preço o que faz a diferença entre os sexos, mas descrever e compreender como a diferença é construída socialmente”. Daí que a sexualidade não pode ser definida como algo “dado” pela natureza, ainda que esteja amparada em um corpo cuja constituição biológica é praticamente invariante.

Há que investigar as dissociações entre desejo, comportamento e identidade, registrando os modos como sexualidades, gêneros e corpos são construídos na prática cotidiana, ao longo das trajetórias de vida, da experiência social e dos processos históricos. Em suma, reconhece-se que a sexualidade, ligada à pulsão e ao desejo, não se estrutura por uma disposição orgânica ou fisiológica. Assim,

Ao buscar o prazer, a sexualidade escapa à ordem da natureza e age a serviço próprio, “pervertendo” seu suposto objetivo natural: a procriação. Subordinar a sexualidade à função reprodutora é “um critério demasiadamente limitado”, adverte Freud. Isto vem mostrar à biologia, à moral, à religião e à opinião popular o quanto elas se enganam no que diz respeito à natureza da sexualidade humana: a sexualidade humana é, em si,

perversa - entendida aqui em seu sentido primeiro: desvio de uma finalidade específica. Ou seja, em se tratando de sexualidade, não existe "natureza humana", pois a pulsão sexual não tem um objeto específico, único e muito menos pré-determinado biologicamente (CECCARELLI, 2000, p. 2).

A sexualidade envolve processos culturais, sendo uma invenção social que vem se constituindo historicamente nos inúmeros discursos que a regulam e normatizam, e desse modo, produzem saberes e verdades (FOUCAULT, 1991, 1994; LOPONTE, 2002). Para Heilborn (2006, p. 46), "o estudo da sexualidade põe em evidência a ideia mais relevante da teoria sociológica: a relação entre sociedade e indivíduo e como são produzidos contextualmente os nexos entre esses dois pólos". A mesma linha de raciocínio é compartilhada por Parker (2002), ao frisar que a sexualidade humana é intrínseca à cultura, não podendo, por isso, ser compreendida isoladamente de outros padrões culturais. Assim, a sexualidade torna-se referência para um leque de imagens que distinguem ou salientam as diferenças socioeconômicas, culturais e sexuais. Deve-se, pois, considerar a aprendizagem social e cultural como fator relevante para o processo de estruturação e construção do comportamento sexual.

Assim, para refletir sobre a sexualidade, tomo como ponto de partida a perspectiva que a define como objeto de um processo de aprendizagem, sendo este, por sua vez, pautado pelas concepções de gênero (HEILBORN, 2006), associadas a estratégias de regulação e disciplina social. A esse respeito, é pertinente o comentário de Welzer-Lang, que ressalta a permanência, no discurso dito científico, da naturalização das diferenças de gênero, mesmo quando se reconhece que elas não são determinadas pela fisiologia:

O surgimento da *scientia sexualis*, a definição dos indivíduos não mais através de um dado fisiológico (o aparelho genital), mas através de uma categoria psicológica que é o desejo sexual, contribuiu para impor nos [sic] homens um quadro heterossexual apresentado, ele também, como uma forma natural de sexualidade. Assimilando a sexualidade e seu bloco de jogos, de desejos, de prazeres da reprodução humana, o paradigma heterossexual se impôs como linha de conduta para os homens. (2001, p. 467).

Donde a importância de estudos sobre as chamadas "minorias sexuais" para a análise dos processos de reprodução e naturalização das idéias dominantes sobre sexo e gênero. Tais estudos podem contribuir para questionar o caráter

presumidamente estável das categorias e identidades sexuais, apontando para a sua fluidez e fragmentação.

1.1 Sagrado, proibido, disciplinado, publicizado: o sexo e as múltiplas formas sociais de produção da sexualidade

O sexo sempre foi praticado, visto e sentido de formas diferentes pelas sociedades humanas. Contudo, somente na Modernidade ele se tornou objeto de conhecimento, como destacou Foucault (1993a). As práticas sexuais se diferenciam de sociedade para sociedade e, em cada espaço e em cada época, são engendradas dentro de processos, valores e mentalidades específicos. A dinâmica social está inscrita na relação entre homens e mulheres, assim como entre sagrado e profano, moderno e atrasado, civilizado e não civilizado, riqueza e pobreza.

Os indivíduos são socializados para ingressar na vida sexual por meio da sua cultura, que lhes apresenta padrões de comportamentos e roteiros, de acordo com o grupo social no qual estão inseridos. E por ser assim, as práticas sexuais são distintas, conforme os referenciais dos diversos segmentos que compõem uma sociedade, em períodos diversos.

1.1.1 O sexo permitido e o sexo proibido

Na Antiguidade, certas práticas sexuais eram consideradas sagradas e em vários rituais a atividade sexual era uma maneira de reverenciar à deusa e às suas sacerdotisas (ROBERTS, 1998). Alguns estudos (CIRIBELLI, 2001; KIRSCH, 1998; ROBERTS, 1998; SPENCER, 1996; WOLF, 1998) indicam que, por volta do século III a.C. a prostituição sagrada do Oriente era aceita e, como preceito religioso, ascendeu na Mesopotâmia. A deusa Ishtar, dotada de fortaleza, utilizava-a para converter homens em mulheres, como demonstração de seus notáveis poderes. Esses prostitutas ou prostitutas eram considerados servidores religiosos, tendo um vínculo com a divindade. (PINEL, 2003, p. 29).

Na Grécia, havia as *hierodule*, mulheres sagradas que ofereciam serviços sexuais em ocasiões especiais e eram vistas como a encarnação de Afrodite, respeitadas pela população e pelos governantes por evocarem o amor, o êxtase e a fertilidade. As *harimtu*, que trabalhavam fora dos templos, foram provavelmente as

primeiras prostitutas de rua. Ainda assim, a conexão entre sexo e religião persistia, pois elas continuavam a ser vistas como sagradas, protegidas de Ishtar. Os *pórnoi*, “homens prostituídos”, atendiam homens e mulheres e estavam sujeitos ao pagamento de taxas nos bordéis de Atenas. (CECCARELLI, 2008b; ROBERTS, 1998).

Nos séculos VI a IV a.C. na Grécia Clássica, o amor entre pessoas do mesmo sexo era considerado uma forma de relação afetiva de caráter superior. Um exemplo disto vem do filósofo Sócrates, quando confessou sentir “um fogo” ao avistar um homem. Já Aristóteles, em que pese considerar o homoerotismo uma “mórbida anormalidade”, na sua obra *Ética a Nicômano*, defendeu a idéia de que o amor e a amizade são plenos somente entre os homens. (*apud* YANAGUI, 2005, p. 2-3). No pensamento de Platão, Spencer identifica dois tipos de amor:

[...] o primeiro [...] é o amor comum que leva homens de pequeno valor a dedicar suas afeições sem distinguir mulheres e meninos. Esses homens são movidos no amor mais pelo corpo do que pela alma [...]. O segundo [tipo] [...] é o amor celestial por meninos, exibido pelos homens notáveis e nobres, que escolhem seus amados com cuidado e sensibilidade, dedicando-se à sua educação e bem-estar. A obra de Platão explora o fato de que o amor dos rapazes é um meio de adquirir sabedoria (SPENCER, 1996, p. 49).

Muitos efebos se prostituíam com homens de maior poder aquisitivo, para escapar da pobreza e da indigência. No século VI a.C. os romanos tinham o costume de comprar jovens que apreciavam, escreveu Políbio (CIRIBELLI, 2001). A maior parte dos prostitutas vinha da Ásia e da África, para servir a velhos ricos. Esses meninos não só satisfaziam os prazeres sexuais dos senhores, mas serviam, ainda, de ornamento nos banquetes, porque cantavam, dançavam ou contavam histórias. Suas atribuições incluíam lavar os pés e as mãos dos convidados e servir à mesa. (CIRIBELLI, 2001).

Os gregos antigos viam na “pulsão” um desejo único, que era direcionado para aqueles que são *kalos* (belos), independente de serem machos ou fêmeas. No entanto, o homem que não tivesse o domínio do seu prazer era considerado “feminino” (CATONNÉ, 2001; FOUCAULT, 1994). O amante, quase sempre um homem idoso (*erastes*), tinha entre os seus afazeres a iniciação sexual do menino

grego¹⁷, além de promover a inserção desse jovem amado (*eromenos*) nas responsabilidades de cidadania. Sobre esse assunto, a psicóloga Ivone M. C. Coelho de Souza (2001, p.103) lembra que “tão invariavelmente evocado nas crônicas, nos discursos, nos afrescos ou nas leis, o amor homossexual [sic] na Grécia da Antiguidade inspirou [...] ao que se conhece como ‘amor grego’”. Sendo assim, verdade e sexo se ligavam no âmbito do saber e a pederastia, nesse contexto, era considerada uma relação normal que, sem dúvida, não ia contra a natureza (CATONNÉ, 2001; DOVER, 1994; FOUCAULT, 1993a). Para Catonné (2001), é incorreto considerar essa prática como homoerotismo, pois na esfera privada o homem grego tinha relações sexuais com sua mulher e suas concubinas. Enquanto homem público, porém, gostava dos rapazes com os quais as esposas não “concorriam”. O adulto jovem, após o casamento, seguia esse estilo de conduta.

Na Idade Média, sob a influência do Cristianismo, novas subjetividades em torno da afetividade e da sexualidade surgiram, com tendência a desprezar o corpo e o prazer sexual. O casamento era visto como um meio de prevenção contra os pecados da carne e definia-se como a união afetivo-sexual entre homem e mulher, com a finalidade de gerar filhos, em favor do reino de Deus. Assim, o sexo era permitido apenas em relações destinadas à procriação e sacramentadas pelo matrimônio. Práticas sexuais consideradas desviantes das estritas normas religiosas, como a masturbação e o homoerotismo, eram condenadas com veemência. A chamada sodomia – não existiam, então, os termos “homossexualismo” e “homossexualidade”¹⁸ – era um dos pecados puníveis pelos tribunais de Inquisição, presentes, inclusive, no Brasil colonial.

Em contraste com arígida moralidade que a Igreja pretendia instaurar na Colônia, e a julgar pelas narrativas referentes aos primeiros tempos da colonização

¹⁷ *Pais* – menino (plural *paides*) ou *paidika*, termo também usado como particípio passivo masculino do verbo “amar” ou “apaixonar-se por”. O termo *erastes*, “amante”, é aplicado tanto ao relacionamento homossexual quanto heterossexual (DOVER, 1994).

¹⁸ O termo homossexual foi criado em 1869, pelo médico húngaro Karoly Benkert, (COSTA, 1992, p. 43). A medicina e a psicanálise, durante muito tempo, consideraram o homoerotismo como doença, tanto que o denominavam de “homossexualismo”, termo cujo sufixo “ismo” conferia a ideia de doença. Em 1975, a “homossexualidade” foi inserida na Classificação Internacional das Doenças (CID) como um transtorno sexual. Em 1985, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou circular informando que o “homossexualismo” deixava de ser uma doença, passando a ser um desajustamento comportamental. Mas foi em 1995 que essa prática deixou de ser considerada distúrbio psicossocial e, conseqüentemente, sua designação no CID teve o sufixo “ismo” substituído pelo sufixo “dade” (“modo de ser”). (BRITO, 2000, p. 46; GIORGIOS, 2001; RIOS, 2001, p. 40-41). Como já foi dito na Introdução do presente trabalho, optou-se por usar o termo homoerótico, para evitar as conotações preconceituosas associadas a homossexualismo e homossexualidade.

do Brasil, os indígenas praticavam uma sexualidade exacerbada. Segundo Gilberto Freyre,

[o] ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. [...] As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho. (1997, p. 93).

O historiador Abelardo Romero também destacou o apetite sexual dos nativos, chamando-os de “devassos no paraíso” (*apud* TREVISAN, 2007, p. 64). Entre os costumes desse paraíso tropical, o “pecado nefando”, a “sodomia” ou “sujidade” chocava os colonizadores cristãos. O francês Jean Léry relata que em suas brigas, “os índios brasileiros xingavam-se com o palavrão ‘tivira’ (ou tibirô) que na língua tupi é sinônimo de ‘viado’ – e que literalmente significa ‘homem do traseiro roto’”. (*apud* TREVISAN, 2007, p. 65-66). Entre os indígenas, as reações frente ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo variavam desde a aceitação do homoerotismo como expressão legítima da sexualidade, até a rejeição absoluta. (CECCARELLI, 2008a).

Quanto à prostituição masculina, os primeiros relatos são do final do século XVI. (MOTT, 1998). Registros documentais do período inquisitorial no Brasil mencionam pesados castigos aplicados àqueles que manifestavam qualquer tipo de desejo que não fosse de acordo com as normas dominantes na época. Dentre muitos, destaca-se um fato ocorrido na Bahia, por volta de 1591, quando o jovem Jerônimo Parada é identificado como prostituto, por se envolver em uma relação homoerótica comercial (MOTT, 1998; 1999). Para a Igreja, a sodomia era um pecado gravíssimo, ensejando uma forte ideia de castigo para purgar a culpa, numa tentativa de suprimir, também, o desejo. Daí que os sodomitas fossem submetidos a torturas, ou mesmo à fogueira.

A repressão sexual, ainda que sob formas menos violentas e mais disfarçadas, é uma constante ao longo da história, em que pesem as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais ocorridas a partir do século XVIII – dentre as quais se destacam a revolução industrial e a revolução francesa. Embora a sexualidade esteja presente no cotidiano de pessoas de todas as gerações e possa ser encarada como fonte de prazer, é comum que se torne alvo preponderante de ataques e censuras. Ao esforço de ocultação e às investidas contrárias ao que se refere à sexualidade denomina-se repressão sexual. De acordo com Chauí (1991), a

repressão sexual se relaciona a um conjunto de valores e regras estabelecidas histórico-culturalmente para conter a prática da sexualidade, visto que o sexo é concebido pela sociedade ocidental como algo impregnado de perigos. As práticas repressivas, segundo a mesma autora, tornam-se tanto mais eficazes quanto mais se conseguir ocultar, dissimular e disfarçar o caráter sexual do que está sendo reprimido.

1.1.2 Do sexo proibido ao sexo disciplinado

Entre os séculos XVII e XIX, consolida-se, paulatinamente, o projeto da Modernidade, tendo como objetivo a produção de mercadorias para o lucro. A civilização moderna avança, rompe com a arbitrariedade das determinações naturais, com a irracionalidade do mito, da religião e da superstição:

Esse processo cria o homem universal e estabelece a razão como meio de desenvolver a ciência, visando à liberdade, ao progresso e à organização social. [...] A ascensão do capitalismo, o endurecimento das doutrinas calvinistas sobre a moral sexual e a visão positivista da ciência moderna engessaram os papéis masculino e feminino. Os homens partiram para o mundo dos negócios e fizeram fortuna, enquanto as mulheres permaneceram em casa. A necessidade de obtenção de lucros na economia e a divisão entre burgueses e operários inibiram os corpos, transformando-os em máquinas. (PEREIRA, 2007, p. 109).

Não só o corpo, mas também as emoções e a sexualidade das pessoas sofreram consideráveis interferências. Na segunda metade do século XVIII, os irmãos Goncourt já haviam apresentado propostas de reforma, com o intuito de “controlar a imoralidade” (SILVA, 1986, p. 101). Em 1769, Rétif de la Bretonne publica *Pornographie*, onde propõe ao Estado controlar a prostituição, regulamentando-a (SILVA, 1986). Ainda nesse mesmo século, com a consagração do discurso cientificista, a sexualidade, até então considerada questão restrita aos âmbitos moral, religioso e jurídico, torna-se matéria de normatização no âmbito das profissões médicas. No dizer de Marilena Chauí,

O sexo, que até então era da responsabilidade de teólogos, confessores, moralistas, juristas e artistas, foi deixando de pertencer exclusivamente ao campo religioso, moral, jurídico e artístico e de concernir apenas às exigências da vida amorosa (conjugal e extra-conjugal) para começar a ser tratado como problema clínico e de saúde. Ou seja, passou a ser estudado e investigado num contexto médico-científico preocupado em classificar todos os casos de patologia física e psíquica, em estudar as doenças venéreas, os desvios e as anomalias, tanto com finalidade higiênica ou

profilática quanto com a finalidade de normalização de condutas tidas como desviantes ou anormais. (CHAUÍ, 1991, p.16).

É nessa fase que a ideia de homossexualidade como pecado dá lugar à sua identificação como uma doença:

[a]quilo que era visto como imoralidade passou a ser tratado como doença; assim como o vício da bebedeira se transmutou na doença do alcoolismo, o pecado da sodomia foi sucedido pelo diagnóstico da perversão sexual (RIOS, 2001, p. 40-41).

A Modernidade traz um novo discurso sobre a sexualidade, no qual, ao invés de reprimi-la mediante a ocultação, busca-se produzi-la, domesticá-la, enquadrá-la de acordo com normas disciplinares. Como destaca Foucault (1993a, p. 36), “[o] que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo”.

Malgrado os controles sociais, os indivíduos vão alterando seus estilos de vida, seus modos de viver e ver o mundo, ao mesmo tempo em que ocorrem transformações sociais. As relações humanas transcendem as diferenças de gênero na dimensão do desejo, desejo este que desafia as normas sociais e as explicações “científicas”. A história mostra que, apesar de proibida, a homossexualidade não deixa de ser praticada. Na verdade, a repressão instiga o desejo e as fantasias, inclusive em torno do universo prostitucional.

A prostituição foi ganhando novas formas e adeptos, aparentemente sem maiores mudanças quanto à prática em si: o prostituto ou a prostituta é aquele ou aquela que vende seu corpo, para atender aos desejos de clientes. Contudo, cada sociedade convive, tolera, reprime ou proíbe as práticas de prostituição (masculina e feminina), de acordo com razões morais, religiosas e culturais que, por sua vez, transformam-se ao longo da história.

Não foi diferente no caso do Brasil. A partir de meados do século XIX e, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, o país vive grandes transformações econômicas, sócio-culturais e políticas: inicia-se o processo de industrialização e ocorre grande afluxo de imigrantes, promovendo o crescimento demográfico, o que leva as autoridades públicas a se preocupar com a urbanização e higienização. As capitais ganham equipamentos como teatros, cafés, cabarés, clubes e bordéis, localizados nos centros, animando a vida social, especialmente dos homens. Como eram poucas as alternativas noturnas de lazer, eles procuravam no espaço erotizado

do bordel encontrar os amigos para conversas descomprometidas ou contatos políticos, para além das ligações sexuais. Nessa época, “o mundo da prostituição era o lugar da festa, do prazer, da descontração” (RAGO, 1996, p. 55).

Não tardou, porém, que as consequências do processo de urbanização provocassem incômodo, sobretudo em relação aos padrões de comportamento adotados por alguns segmentos sociais. A reorganização e modernização do espaço urbano envolviam um processo de mudança ideológica, cultural e político, do qual a necessidade de controle da prostituição era apenas mais um fator. Para fazer valer este ideário, a atitude mais conveniente seria a intervenção sobre os corpos, os discursos e as práticas pertinentes aos discursos. Nesse sentido, o discurso médico seria não apenas um forte aliado, mas um importante reforço, pois, através dele, a prostituição, mais do que nunca, passaria a ser tratada como doença. Tendo a higienização como meta, essa prática deveria ser controlada, aniquilada ou afastada do meio social. Assim, o urbanismo higienista promoveu a segregação da atividade de prostituição a algumas áreas do centro das capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

O discurso urbanístico, impregnado pelo linguajar médico, apresenta normas para disciplinar o modo de vida da população e organizar o espaço urbano. Estas normas sintetizam, em parte, os ideais da cidade salubre e da casa higiênica idealizada pelos médicos e urbanistas. Em nome deste discurso, corpos foram controlados e submetidos à racionalidade médica, assim como o espaço urbano foi “saneado” mediante grandes obras, a partir da segunda metade do século XIX (COSTA, 2002, p. 62-69).

Na capital cearense, os Códigos de Posturas e de Higiene, datados de 1835, 1865 e 1870, por exemplo, exigem dos moradores a manutenção da limpeza pública. (CAMPOS, 1988, p. 64-108). O industrial e cientista Thomaz Pompeu de Souza Brasil publica, em 1896, um estudo sobre as condições de saneamento da cidade e os hábitos de higiene de seus habitantes, propondo medidas para o melhoramento da saúde pública, como esgotamento sanitário e abastecimento de água. (PONTE, 2001).

São feitas intervenções visando à erradicação de doenças que assolavam as populações urbanas, como febre amarela e varíola, com destaque para a vacinação contra a varíola, por iniciativa do farmacêutico Rodolfo Teófilo, no início do século XX (PONTE, 2001). Nessa mesma época, no Rio de Janeiro, o médico sanitaria

Oswaldo Cruz tomou medidas para exterminar o mosquito transmissor da febre amarela e comandou a vacinação compulsória contra a varíola¹⁹, em 1904. Não por acaso, a medida ocorreu em meio a uma “cirurgia urbana” promovida pelo prefeito Pereira Passos, que destruiu quadras inteiras no centro da capital, desalojando milhares de moradores de cortiços, principal forma de habitação popular na época. (BENCHIMOL, 1990).

Em Fortaleza, um inspetor de saúde propôs ao governo um serviço de fiscalização de todos os que trabalhassem em contato constante com o público, como garçons, padeiros e motoristas, dos quais seriam exigidos “cadernetas de sanidade”, como providência para evitar o contágio de tuberculose (PONTE, 2001, p. 117). O crescimento, nas estatísticas oficiais, da sífilis e outras doenças venéreas levou o mesmo inspetor a propor esse controle no caso das prostitutas, ainda que considerasse essa profilaxia apenas paliativa, “dada a impossibilidade de se extinguir a prostituição urbana”. (PONTE, 2001, p. 117). O bio-poder (FOUCAULT, 1999) associava-se à força policial, que pretendia “velar pela moralidade pública”, tentando restringir o meretrício a ruas determinadas, ainda que sem sucesso. (PONTE, 2001, p. 174).

O discurso higienista não se limitou ao controle dos comportamentos transgressores, mas adentrou também o âmbito da família:

Com livre trânsito nesse espaço outrora impenetrável à ciência, o médico-higienista acabou impondo sua autoridade em vários níveis. Além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferências desse especialista, cujos padrões higiênicos visavam a melhorar a raça e, assim, engrandecer a pátria. A partir da ideia de corpo saudável, fiel aos ideais de superioridade racial da burguesia branca, criavam-se rigorosos modelos de boa conduta moral, através da imposição de uma sexualidade higienizada, dentro da família. (TREVISAN, 2007, p.172).

A ordem (im)posta em nome do cientificismo contribui para “criar um cidadão auto-reprimido, intolerante e bem-comportado”. (TREVISAN, 2007, p. 173-175). Por essa fresta entra a psiquiatria, fortalecendo o papel da ciência no controle das práticas sexuais tidas como desviantes, com destaque para o homoerotismo: o sodomita, também denominado de uranista ou pederasta, era considerado desregrado, anormal.

¹⁹ Uma lei aprovada pelo Congresso autorizava as brigadas de saúde, acompanhadas de policiais, a entrar nos domicílios para aplicar a vacina à força. Essa medida gerou forte reação popular, que ficou conhecida como “revolta da vacina”.

Para Jurandir Freire Costa (1989), a família, como espaço da sexualidade tida como moralmente sadia, era considerada pelo médico, sobretudo, como instituição higiênica. Contrapunha-se à prostituição que, associada às noções de adultério e degradação dos costumes, seria o espaço da sexualidade moralmente doente e assim, um grande perigo para a instituição da família. Havia, porém, uma atitude ambígua relativamente às prostitutas, pois circular com *cocottes* em locais públicos, frequentar bordeis e cabarés ou mesmo manter uma prostituta como amante fixa era uma maneira de demonstrar publicamente a capacidade sexual e o status social dos homens. Entretanto, o mesmo não se pode dizer em relação à prostituição masculina, que permanecia quase invisível, silenciada ou apenas provocando algum murmúrio em meio à marginalidade social. (TREVISAN, 2007).

1.1.3 Da “revolução sexual” a “praga gay”

A partir da década de 1960, presenciou-se uma radical transformação nos discursos e nas práticas relativas à moral sexual e às relações de gênero. O advento da pílula anticoncepcional veio ao encontro do movimento pelos direitos das mulheres. Jovens de todo o mundo passaram a reivindicar liberdade sexual, tendo como premissa básica o direito ao exercício pleno da sexualidade, sem as repressões e frustrações que faziam parte do cotidiano e da intimidade das pessoas. Ao som dos *Beatles* e *Rolling Stones*, a juventude escandalizava as gerações mais velhas com a derrubada de preconceitos e tabus, levantando bandeiras de luta como o direito ao amor livre, ao aborto e ao reconhecimento das identidades *gay*.

Novas modalidades de expressão da sexualidade disseminam-se e põem à mostra a capacidade do ser humano de aventurar-se no mundo, liberando o seu desejo. Expandem-se o mercado erótico e a indústria pornográfica no Ocidente, o que, por sua vez, incide diretamente no comércio sexual nas grandes cidades. O *trottoir* ganha visibilidade nas ruas e surgem casas de massagem, saunas, motéis e bares que fugiam das áreas anteriormente delimitadas para a prostituição. (OLIVEIRA, 1994).

Nas décadas de 1970 e 1980, ocorre o aprofundamento de tendências culturais identificadas nos anos 1960 e registram-se outras mudanças, como o crescimento do setor de serviços qualificados, o avanço da indústria cultural e da mídia – afetando decisivamente a esfera política – e inovações nos meios de

transporte e comunicação. (CASTELLS, 2000; HABERMAS, 1984). Novas ideias expressam a crise da racionalidade ocidental: constitui-se um novo conceito de razão, superando o reducionismo, por meio de outra compreensão da ciência e do mundo.

Do impacto das revoluções que exportaram mundo afora lemas como “faça amor, não faça a guerra”, atingiu-se a pós-modernidade²⁰, por meio de avanços que nos transportaram para o século XXI, em uma viagem movida pela tecnologia, cada vez mais rápida e eficaz, com destaque para as mídias eletrônicas. Desde então, o erotismo entrou no território da proeza e o prazer; tão longamente ocultado ou controlado, tornou-se prioridade absoluta. O proibido liberou-se e deu lugar a uma grande permissividade na sociedade de consumo, onde o sexo, pelo menos enquanto discurso, é supervalorizado. Basta observar os comerciais na TV: sejam eles de *shampoo*, sandálias ou automóveis, vêm sempre acompanhados de um forte apelo erótico, com mulheres ou homens expondo o corpo, antes mesmo de apresentar o produto.

As mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas colocam a sexualidade em um novo patamar, sobretudo no que diz respeito às identidades homossexuais (WEEKS, 2000; WOODWARD, 2000). Contudo, a adesão a propostas de mudanças de comportamento sexual não pode ser alicerçada apenas no discurso “racional”, pois a sexualidade humana está indissociavelmente atravessada pelo simbólico e pelo imaginário. Ou seja, as práticas e representações relativas ao sexo são condicionadas não somente por regras, leis e tabus da cultura, mas também pelo desejo, fantasias e transgressões inconscientes.

No Brasil, essa revolução cultural enfrentou vicissitudes peculiares. O regime militar instaurado em 1964 não se limitou à repressão política; também procurou controlar, por meio da censura, a prática e a difusão de comportamentos divergentes. As desigualdades socioeconômicas que há muito fomentavam a

²⁰ O conceito de pós-modernidade não é consensual entre os estudiosos, nem entre os autores que se definem como “pós-modernos”. Inúmeros temas são abordados com posições diversificadas frente às mudanças ocorridas na segunda metade do século XX. Alguns desses autores discorrem sobre um novo período (LYOTARD, 2002; JAMESON, 1996), enquanto outros consideram que ocorreu somente o acirramento das consequências da modernidade (GIDDENS, 1991). Para Lyotard (2002), a pós-modernidade seria a condição histórica e cultural da sociedade capitalista contemporânea, que sofreu transformações, com base na dissolução das grandes narrativas ou metanarrativas e das ideologias revolucionárias do século XIX, que legitimaram tanto as regras do conhecimento das ciências quanto as instituições modernas. Ainda segundo esse autor, a pós-modernidade está marcada pela incerteza, desconfiança, dúvida, imprecisão, desconstrução, interpretação, não-existência de verdades e construção do conhecimento a partir da problemática. (LYOTARD, 1986).

exploração e o comércio sexual se agravam, enquanto a prostituição continua apresentando diferentes nuances entre classes sociais, sugerindo, desse modo, a relativização de sua ligação com a miséria (ANJOS JÚNIOR, 1983; CASTRO 1993; MORAES, 1996, SZTERENFELD; FONSECA, 1996; WOLF, 1998).

Contudo, na década de 1970, surgem alguns fatores que alteram sobremaneira a ordem posta: o início da abertura política; a reorganização da sociedade civil; o crescimento urbano acelerado e a expansão dos meios de comunicação de massa. Essas transformações criaram condições favoráveis para o surgimento de movimentos sociais direcionados não só para o atendimento dos direitos civis, políticos e sociais, mas também dos direitos de minorias sociais e culturais, como mulheres, negros e homoeróticos. (CARDOSO, 1996; TELLES, 1996). Entre estes últimos, surgem os primeiros grupos de militantes. Vale citar o *Jornal Lampião da Esquina*, no Rio de Janeiro, cuja edição experimental de número zero foi lançada em abril de 1978, e o número um, em 25 de maio do mesmo ano; e o Grupo de Afirmação Homossexual (SOMOS), organizado em São Paulo, em maio de 1978. (PARKER, 1994; PERLONGHER, 2008; TREVISAN, 2007; ZANATTA, 1996/1997).

Ainda que os movimentos sociais pelo reconhecimento da diversidade sexual tenham mudado o cenário social, não se pode afirmar que ocorreu uma completa transformação nos padrões de comportamento (HEILBORN; CABRAL, 2006). Em que pese toda a atenção em torno do assunto, a sexualidade ainda é vivenciada em condições de constrangimentos socioculturais e morais.

Nos anos 80 do século passado, um novo fator acarretaria um arrefecimento da movimentação em prol da diversidade sexual: em junho de 1981, o Centro de Controle de Doenças do governo americano acionava o alarme, anunciando o surgimento de uma nova e amedrontadora constelação patológica, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA ou AIDS, abreviação da denominação em inglês), que agredia principalmente homens que faziam sexo com outros homens, e usuários de drogas injetáveis. A enfermidade acarretou inúmeras pesquisas e foram feitos avanços consideráveis no conhecimento sobre o transmissor – o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), as consequências e as formas de tratamento da doença.

Na sociedade brasileira, o surgimento da AIDS coincide com um momento de liberalização. No plano político, ocorre o fim da ditadura militar e o crescimento da

esquerda, com a fundação do Partido dos Trabalhadores. Já no plano cultural, a abolição da censura permite maior difusão de mídias alternativas e de músicas que aludem a temas homossexuais, como *Homem com H* e *Tell me once again*²¹, cantadas por Ney Matogrosso (TREVISAN, 2007). Outro avanço ocorre em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina retira a homossexualidade da lista dos desvios sexuais (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996. p. 19)²². Entretanto, o advento da AIDS provocaria mudança nesse quadro.

Os primeiros casos da doença no Brasil ocorrem em 1982, sendo oficializados em 1983. Logo, a mudança de comportamento sexual passou a ser apontada como o único meio efetivo de enfrentamento da epidemia. “Homossexuais” masculinos, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis – os mais penalizados pela doença, naquele momento – tiveram sua estigmatização levada ao paroxismo pela ideologia moralizante, sendo considerados como “grupos de risco”. Essa visão revelava, ao mesmo tempo, um país ignorante em relação ao HIV/AIDS e preconceituoso quanto às vítimas. A divulgação de que o HIV era transmitido pelo sangue, pela troca de fluídos corporais durante o sexo e pelo compartilhamento de seringas contaminadas levou à crença de que só seriam contaminados homens praticantes do homoerotismo, usuários de drogas injetáveis ou pessoas sexualmente promíscuas. Tal crença ignorava o risco de contágio também por transfusão de sangue e hemoderivados contaminados, por perfuração acidental com agulhas ou objetos cortantes contaminados, de mãe para filho (gestação, parto e amamentação) e outras formas. Entretanto, a ideia equivocada de que haveria “grupos de risco” fez com que os homoeróticos – e não o vírus – se tornassem o centro da questão. Uma espécie de caça às bruxas instalou-se, lançando mão de referências à AIDS como “peste rosa”, “peste gay” e “câncer gay”, apelidos preconceituosos para o que se considerou “o mal dos anos 80”. Nos anos que se seguiram, as descobertas médico-científicas sobre a doença caminhavam de forma lenta, enquanto a síndrome espalhava-se rapidamente.

O preconceito e o pânico começaram a perder impulso quando se tornou público que outros grupos sociais estavam sendo afetados. Já nos primeiros meses de 1985, foram conhecidos casos de AIDS em idosos, nos Estados Unidos. Na

²¹ Na versão brasileira, o primeiro verso de *Tell me once again* se transforma em uma paródia auditiva do original: *Telma eu não sou gay*.

²² Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia promulga resolução repudiando a discriminação a homossexuais (BRITO, 2000, p. 46; TREVISAN, 2007, p.383).

década de 1990, a ideia de “grupos de risco” cai por terra, substituída pela de “comportamentos de risco”, como fazer sexo sem proteção (uso de preservativo) ou usar objeto ou instrumento contaminado, o que pode acontecer a qualquer pessoa²³.

Nesse período, grupos de ativistas homoeróticos retomam fôlego, agora visceralmente ligados ao trabalho de apoio e solidariedade às vítimas da AIDS, assim como às campanhas de esclarecimento e divulgação. A visibilidade da doença chamou a atenção e centralizou os olhares em torno dos vitimados. Foram expoentes dessa situação os cantores e compositores brasileiros Renato Russo e Cazuza, ambos soropositivos para o HIV/AIDS.

O estudo da evolução temporal da mortalidade por AIDS no Brasil no período de 1982 a 2002, para o qual foram totalizadas 148.206 mortes em adultos – indivíduos com mais de 13 anos de idade, revelou a existência de três momentos distintos da epidemia: o primeiro, entre 1982 e 1995, foi de crescimento acelerado da taxa de mortalidade, mais acentuado entre 1987 e 1995. Neste ano, o risco de morte pela doença atingiu seu maior valor: 9,7 óbitos por 100.000 habitantes. No segundo momento, entre 1996 e 1999, observou-se a redução das taxas de mortalidade: de 9,6 óbitos por 100 000 hab. em 1996, para 6,4 óbitos por 100 000 hab. em 1999, significando um decréscimo de 33% em número de óbitos. Finalmente, na terceira fase, correspondente aos últimos três anos da série estudada (1999-2002), as taxas permaneceram estáveis. (REIS; SANTOS; CRUZ, 2007, p. 197).

Não demorou para que a solidariedade acontecesse. As organizações sociais envolvidas com a defesa do direito à vida buscam apoio e cobram dos organismos públicos responsabilidade e cuidado com as vítimas. Nesse ínterim, o Movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) também ganha visibilidade, sai às ruas e busca os meios de comunicação para mostrar a que veio. As vítimas do HIV/AIDS são incluídas nas políticas públicas de saúde com mais seriedade e muitos profissionais do sexo se tornam multiplicadores de programas

²³ Considerando-se a distribuição proporcional da mortalidade por AIDS no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, tem-se que a mortalidade é predominantemente masculina. O processo de “feminização” da epidemia fica caracterizado na análise da razão de sexo dos óbitos, que passou de 7,5:1, nos anos de 1980, para 3,4:1, na década seguinte.(REIS; SANTOS; CRUZ, 2007, p. 199). Em 1985, para cada 26 casos de AIDS entre homens, registrava-se apenas um caso entre mulheres; já em 2010, essa relação era de 1,7 homens para cada caso em mulheres. Os casos de AIDS entre heterossexuais passaram de 32,3%, em 1999, para 42,4%, em 2010. (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

sociais voltados para a saúde em seus ambientes de trabalho, com destaque para as prostitutas e travestis.

Esse movimento, do qual participaram igrejas, setor privado, comunidade científica e organizações não governamentais (ONGs), entre outros, além de impulsionar as políticas públicas, permitiu uma atuação fundada na solidariedade, conceito compreendido, no âmbito do movimento social, como uma ação coletiva cuja finalidade era preservar a cidadania dos doentes e dos grupos mais atingidos. Entre as primeiras respostas da sociedade civil destaca-se o surgimento, em 1985, em São Paulo, do Grupo de Apoio e de Prevenção à AIDS (GAPA), primeira ONG voltada para a questão da AIDS a atuar no Brasil, sendo composta, em sua maioria, por homoeróticos, profissionais de saúde, doentes de AIDS e seus familiares. Outra iniciativa de destaque foi a criação da Associação Interdisciplinar de AIDS (ABIA), formada por representantes do mundo médico, intelectual, político e artístico. A ABIA notabilizou-se por suas contribuições no plano político e de produção do conhecimento, tais como a elaboração de propostas preventivas inovadoras, inclusive de regulamentação do uso do sangue, e a organização de instituições não-governamentais em rede. O *Grupo pela Vida* (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS), criado em maio de 1989, é outro exemplo de agrupamento comprometido com a discussão da AIDS. Vale citar, ainda, a criação, no âmbito do Instituto de Estudos da Religião (ISER), do Programa *Prostituição e Cidadania*, precursor da Rede Brasileira dos Profissionais do Sexo, que incluía atividades voltadas para a prevenção da AIDS e apoio aos soropositivos para o HIV. (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009, p. 87-94).

No Ceará, em meados de março de 1989, foi criado o Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), com atuação concentrada em Fortaleza. Trata-se de uma organização não governamental, constituída, em sua maioria, por homoeróticos, com atuação social voltada para educação e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da AIDS, além do combate a preconceitos e discriminações contra as minorias que apresentam diversidade sexual. A Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE), uma ONG fundada em 13 de novembro de 1990, também engajou-se em trabalho de natureza similar ao do GRAB, no que diz respeito à AIDS, mas direcionando sua atuação para os prostíbulos frequentados por mulheres. Em 1993, surgiram a Associação de Voluntários do Hospital São José (especializado em doenças infecciosas), prestando assistência social e emocional

aos pacientes acometidos pela AIDS, e o Centro de Convivência Madre Regina, organização comunitária de apoio aos portadores do HIV sem condições materiais e de moradia, viabilizando tratamento e assistência médica.

Nos programas educativos relacionados à prevenção de DST/AIDS, nota-se que, dentre os profissionais do sexo com práticas homoeróticas, os mais difíceis de abordar são aqueles que se definem como “michês”²⁴. Esses sujeitos, em sua maioria, não se organizam em grupo e vivem clandestinamente sua prática homoerótica; muitos acreditam que, sendo “ativos” no ato sexual, não correm risco de contágio. (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996). Essa realidade também foi constatada no decorrer da presente pesquisa.

1. 2 Prostituição e relações homoeróticas: quem é o “michê”?

A prostituição continua representando uma parcela das fantasias sexuais (masculinas e femininas), pois os costumes mais permissivos que se verificam na contemporaneidade não propiciam, necessariamente, a vivência plena da sexualidade. Vivenciá-la passa por outra ordem de relação com o mundo, onde o sujeito habita e constrói um lugar (VALADARES, 1994) e, a partir deste, se constrói como sujeito.

A prática da prostituição sofre a influência da construção sócio-histórica da atividade, fato demonstrado pelo preconceito social verificado em toda sua existência. Além dos preconceitos associados aos riscos da AIDS, uma gama de fatores faz essa prática ser considerada “transgressora” dos padrões normais e lhe atribui características depreciativas.

Alguns estudos apontam motivações diversificadas para o ingresso e permanência na atividade, suscitando novos questionamentos e abordagens. Assim, devem-se levar em consideração as alternativas criadas no contexto complexo das sociedades contemporâneas, onde há lugar, nas atividades de lazer e turismo, para práticas como “prostituição ocasional” (WEEKS, 2000) ou representações da prostituição como “aventura romântica” (PISCITELLI, 2005). Neste caso, o sujeito que se prostitui é movido também por fantasias instantâneas de consumo ou pelo sonho de uma vida nova numa terra estrangeira. (BENEVIDES; GONDIM, 1998).

²⁴ Para uma discussão mais aprofundada do termo “michê”, ver a próxima seção.

Para alguns, prostituir-se significa negociar e vender favores sexuais em troca de dinheiro e bens materiais, em desrespeito à máxima de ser o sexo uma dádiva a ser oferecida e, às vezes, compartilhada com o ser amado (DIAZ-BENITEZ, 2009; GASPAR, 1988; KIRSCH, 1998; RAGO, 1996; ROBERTS, 1998). Uma conceituação menos normativa foi elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1957, e considera como prostituto ou prostituta todo indivíduo que, mediante remuneração, de maneira habitual, sob qualquer forma, se entrega a relações sexuais de qualquer natureza, com pessoas do mesmo sexo ou de sexo oposto. (SANTOS JUNIOR, *et. al.*1994, p. 218).

Overall (1992) inclui no comércio sexual diversos tipos de trabalhadores do sexo, como “*strippers*”, modelos e atores envolvidos no ramo da pornografia, parceiros de tele-sexo e prostitutas propriamente ditas, prestando serviços como “acompanhantes” ou em casas de massagem. Entre os prostitutos, pode-se acrescentar as saunas e os cinemas pornô, como será visto.

No Brasil, a prostituição é legal e está descrita na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego²⁵, sob o código 5198 – *Profissionais do sexo*. Essa categoria inclui denominações mais ou menos ofensivas, como: “[...] *Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (profissionais do sexo)*” (TRIGO, 2007, p. 13; itálicos no original).

No universo do mercado sexual, existe uma variedade de espaços, sujeitos e mecanismos de interação entre os trabalhadores sexuais e seus respectivos clientes, de tal forma que, hoje, não se deve falar de prostituição, mas de prostituições, como foi observado por Rogério Araújo da Silva (2006), em estudo sobre o assunto na cidade de Goiânia. A prostituição masculina implica subjetividades, corpos, lugares específicos. Para entendê-la, deve-se considerar, por um lado, o perfil do michê: quem é, de onde vem, o que deseja, como se mostra. Atributos físicos, como se verá no terceiro capítulo, são essenciais, pois constituem a marca exterior que primeiro atrai os fregueses. (FRY, 2000; GREEN, 2000; PERLONGHER, 2008; RIGOLLETO, 2001; VITIELLO, 2001).

²⁵ Para maiores informações, consultar o Ministério do Trabalho e Emprego, por meio do *site* www.mtecbo.gov.br.

1.2.1 Quem é o michê?

A origem etimológica do termo michê é obscura. Maffesoli (1985) relacionou em francês o termo michê com a *micchette* (“seio”), *miches* (“nádegas”), *michê* (“doença venérea”), *michet* (“o que paga o amor”) e *michetonner* (“pagar o amor”). Augras remete a palavra michê ao *argot* francês, que ainda hoje qualifica “o homem que dá dinheiro a mulheres para conquistar-lhes os favores”. Tal duplicidade do termo indicaria “certa indistinção básica do mecanismo de prostituição, onde quem vende se iguala a quem compra” (AUGRAS, 1985, *apud* PERLONGHER, 2008, p. 43).

Muitos estudiosos compreendem o michê como um jovem do sexo masculino, adolescente ou adulto, que comercializa os atributos de uma identidade reconhecida socialmente como masculina, algumas vezes visível no corpo delineado, viril e, por vezes, musculoso. Muitos têm as ruas como palco, no qual expõem seus desejos e apresentam suas pretensões.

A prostituição masculina viril desenvolve-se também em recintos que funcionam como verdadeiros prostíbulo modernos, nos quais é possível encomendar um corpo-mercadoria, tanto pessoalmente, como via telefone ou *internet*. Mais comum ainda é procurar por michês em saunas, casas de massagem para executivos e em agências especializadas nesse tipo de serviço. Nesses casos, trata-se de prostituição fechada, com características diversas daquela onde a busca por clientes ocorre em locais públicos.

Na revisão da literatura e na pesquisa de campo feitas para o presente trabalho, constatou-se que os atributos físicos e nível social dos michês que “fazem pegação” nas ruas, praças, cinemas pornográficos, bares e boates da área central da cidade são diversos daqueles que atuam na prostituição fechada. Em verdade, os garotos que trabalham nas ruas do centro de Fortaleza são provenientes de camadas populares, mostram-se de maneira simples, não ostentam luxo e quase sempre são encontrados em pontos de pegação, chamados de “lugar de prostíbulo” ou “rua de prostituição”, como disse um dos sujeitos da pesquisa.

1.2.2 O michê do Centro da cidade

Eles são jovens e vêm de camadas sociais mais baixas. Sua procedência

geográfica é diversificada: são oriundos de Fortaleza, de outras capitais do Norte e do Nordeste ou de cidades do interior. Migraram para a cidade grande para estudar ou arranjar um emprego; aqui chegando, sem maiores perspectivas e condições para desenvolver algum projeto de vida, vão parar nas esquinas, nos cinemas pornôns, nas saunas ou em outros locais de comércio sexual: “caem na vida” e se tornam “profissionais do sexo”, “garotos de programa”, “prostitutos”, “boys” ou “michês”, como se autodenominam Marcelo, Rafael, Pedro, Gabriel, Felipe, Pablo, Marley e David²⁶, sujeitos da presente pesquisa.

A julgar pelo número de michês que circulam nas ruas centrais da cidade²⁷, pode-se pensar que eles não são muitos. Na verdade, não se conhecem registros que possam identificá-los, nem dados que sugiram a quantidade de jovens envolvidos na prática da prostituição masculina em Fortaleza²⁸. Pelo mesmo motivo, não se pode afirmar que o perfil dos sujeitos desta pesquisa²⁹ corresponda ao do universo dos garotos de programa. A literatura e as observações feitas, no entanto, não deixam dúvidas de que se trata de uma população jovem. Ainda que a média de idade dos entrevistados seja de 27 anos – sendo a menor idade de 23 anos e a maior, de 35 anos – é frequente, nos espaços observados, a presença de garotos que aparentam menos de 18 anos. No entanto, o fato de ser ilegal a prática de prostituição com menores de idade provavelmente contribui para a superestimação da faixa etária dos michês.

A iniciação na atividade se dá, via de regra, na adolescência. Este fato, juntamente com a pobreza das famílias, está relacionado com a baixa escolaridade dos garotos de programa. Segundo eles, empurrados pela necessidade e até mesmo influenciados por algum membro da família, foram “para rua” muito cedo, o que os levou a se distanciar da sala de aula. Assim, apenas um dos oito pesquisados afirmou ter concluído o ensino médio; nenhum dos demais chegou a

²⁶ Nomes fictícios.

²⁷ No Capítulo 5 serão analisados os espaços onde os michês exercem sua atividade.

²⁸ Os dados sistemáticos disponíveis referem-se apenas à população homoerótica (“homossexuais” e “bissexuais”) jovem (na faixa etária de 15 a 29 anos) de Fortaleza, estimada em 11% (70.006 pessoas) do universo pesquisado em 2006 pela Assessoria de Juventude do Gabinete da Prefeita de Fortaleza (PEDROSA; ROCHA, 2008, p. 15). Outra pesquisa, realizada pelo Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) em 2007 contemplou uma amostra não probabilística de 103 indivíduos pertencentes àquele segmento, dos quais 34 (33%) declararam fazer sexo em troca de dinheiro (PEDROSA; ROCHA, 2008). Não há, portanto, informações sistemáticas e abrangentes com relação àqueles que praticam a prostituição.

²⁹ Dados mais detalhados sobre as características dos sujeitos da pesquisa são apresentados no Apêndice A.

terminar o ensino fundamental. Daí ser difícil o ingresso no mercado de trabalho formal, apresentando-se a prostituição como uma alternativa de sobrevivência. O depoimento citado abaixo ilustra com clareza essa situação:

[...] a minha educação foi muito pouca; eu não tive incentivo para ir para uma escola estudar, terminar os estudos, me profissionalizar para o mercado de trabalho, para assumir um emprego e no meio de tudo isso, eu cresci e tive que sobreviver sozinho, me manter sozinho, por não ter apoio. [...] na hora H, quando a pessoa pergunta qual é a sua capacitação de trabalho, qual a sua profissão, eu não tenho nenhuma e por conta disso eu perco muito, inclusive, de ter uma vida digna, porque não é uma coisa legal. (Marley).

A entrada na prostituição, quase sempre, foi condicionada por fatores econômicos:

[...] Cair na vida foi a pior coisa que já fiz [...], mas, eu sabia que ia precisar. [...] eu estava precisando naquela época de roupa, calçado, [e] o meu pai me dava conselho, mas não me ajudava tanto, tá entendendo? Aí o que fiz? Conheci no centro a [boate] *Divine* e a partir da *Divine* conheci o mundo gay, o mundo GLS e caí nesse mundo e aí fui conhecendo pessoas que olhavam pra mim e diziam assim, “olha, eu vou pagar pelo que você vai fazer comigo”. Eu estava necessitado e daí eu me acostumei desde os 18 anos de idade a fazer programas, vender meu corpo e até hoje, aos 24 anos, eu venho fazendo isso. (Felipe).

A centralidade dos fatores econômicos na trajetória dos garotos de programa que trabalham em áreas centrais da cidade também foi constatada na pesquisa que Perlongher realizou em São Paulo:

No ingresso ao mercado da prostituição intervém uma multiplicidade de fatores. O econômico costuma aparecer manifestamente como determinante: a miséria e o desemprego crônico de vastas massas, particularmente grave entre os jovens, criam ‘condições objetivas’ para que a prostituição seja encarada como uma ‘estratégia de sobrevivência’ e legitimada por seus praticantes enquanto tal (PERLONGHER, 2008, p. 205).

Pinel destaca os aspectos negativos da atividade, na qual se mesclam “desejos e negócios”:

O trabalho em geral, e quando da sua vivência dolorosa, pode levar o sujeito a alienar-se. Tornar-se estranho. Se o desemprego ameaça e obriga a muitos fazerem o que não gostam, podemos imaginar o que a michetagem pode trazer de impacto maléfico no jeito de ser, de pensar e de agir do michê (PINEL, 2003; p. 82).

Contudo, Perlongher assinala que a relação pobreza-prostituição masculina não é um processo unívoco, uma vez que depende de uma variedade de

dispositivos sociais. O encontro entre “massas de adolescentes desterritorializados pela miséria, minoritarizados [sic] pela idade” e “massas de homossexuais pescando no esgoto das margens a água-viva do gozo” é intermediado pelo desejo, o qual, mesclado ao dinheiro, acentua oposições binárias da sociedade: “de classe (rico/pobre), de idade (jovem/velho), de gênero (macho/bicha)”. (PERLONGHER, 1987a, p. 58). Os jovens vivem em permanente movimentação, insegurança e incerteza. São muitas idas, vindas, encontros. A busca pelo desejo pulsante não permite que parem.

Em Fortaleza, não existe um lugar específico de residência dos michês. Diferentemente do que ocorre em outras grandes cidades do mundo, na capital cearense não há bairros gays, como Castro em São Francisco, *Greenwich Village* em Nova York, *Covent Garden* em Londres ou *Oxford Street* em Sydney (PARKER, 2002, p. 175). Nesses locais, o “gueto homossexual” se constitui em um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização, sendo inclusive local de moradia desse público. (FRANÇA; SIMÕES, 2005). No caso dos sujeitos da presente pesquisa, uns residem em bairros da periferia da cidade; outros fazem um percurso maior, vindos de municípios da Região Metropolitana de Fortaleza ou de outros municípios próximos. Por vezes, vivem em minúsculas quitinetes ou quartos alugados, nas imediações do centro³⁰. É improvável que possuam veículo motorizado; no caso dos sujeitos da presente pesquisa, os que residem na periferia ou em outras cidades fazem o percurso para o centro por meio de transporte coletivo; os que moram nas imediações fazem seu trajeto a pé.

Na aparente homogeneidade das condições econômicas precárias, entretanto, há lugar para variações nas estratégias de sobrevivência. Alguns vivem com suas famílias, têm outras ocupações e prostituem-se ocasionalmente. Diferem dos “michês profissionais”, aqueles que têm “expedientes intensivos de *trottoir*” e trabalham durante horas, adentrando a madrugada (PERLONGHER, 2008, p. 142). São eles que têm a situação econômica mais precária, sobretudo os que trabalham no centro da cidade:

³⁰ Foram mencionados casos de garotos que alugam um quarto, em casa mantida por um cafetão. Geralmente, esses garotos residem em municípios próximos e veem, frequentemente, “batalhar programa” em Fortaleza. De um modo geral, não se constatou, na presente pesquisa, uma atuação significativa de cafetões, provavelmente porque o michê que trabalha na rua não necessita de intermediação para conseguir programas.

Olha a gente ganha muito pouco, porque tem a concorrência, e o preço é avaliado de acordo com o local: na Beira-Mar, o programa custa R\$ 50,00; mas no centro, o programa custa apenas R\$ 30,00. Então, no máximo, em um dia bom, dá pra se ganhar R\$ 100,00. [...].

O valor de R\$ 30,00 reais, na verdade, corresponde ao máximo cobrado por programa contratado na área central. Os preços são combinados com o cliente e variam de acordo com o tipo de serviços sexuais e do local onde estes acontecem:

[...] transa rápida, R\$10,00 por 10 minutos; sexo oral, R\$ 10,00 – para ejacular na boca, se cobra mais caro; quando há penetração, o valor é dobrado. O menor valor pago por um programa de michê de rua é de R\$ 5,00 na rua e de R\$ 7,00, nos cines; o melhor é de R\$ 20,00 na rua e R\$ 30,00 nos cines. (Pablo)

Existe, ainda, um tipo de transação – o “programa completo” – cujo preço varia entre R\$ 30,00 e R\$ 50,00, conforme o local e o tempo de duração. Nele, são liberadas todas as práticas sexuais entre michês e clientes:

O programa completo é aquele onde rola tudo, acontece tudo: é frente, é verso, beijo, abraço, passivo, ativo; o tempo é mais longo, duas horas, três horas; o gozo também faz parte, você goza uma, duas vezes, isso é um programa completo. (Marley)

No outro extremo da escala de remuneração, os garotos em situação mais precária chegam a aceitar “cliente vale tudo” – aquele que “não tem dinheiro e paga a gente com vale: vale transporte (R\$ 2,00 ou R\$ 3,00, depende da linha de ônibus) ou vale refeição (R\$ 6,00, R\$ 7,00, depende da empresa)...” (Pablo). Quem aceita esse tipo de pagamento é chamado de “michê varejão”, porque “faz por qualquer preço, não se valoriza, é pobre total, sofre e sofre muito”, no dizer do mesmo entrevistado.

Em contrapartida, os garotos que têm “jogo de cintura” sabem tirar dinheiro da clientela que utiliza seus serviços. Em alguns casos, eles se tornam “exclusivos” de algum cliente, para garantir uma “pensão” ou “ajuda de custo”, situação que coincide com os achados de outra pesquisa:

Alguns clientes chegavam a manter relações de “exclusividade” com um garoto (o que aumentava sua disponibilidade para gastos com o mesmo), outros mantinham relações de “ajuda” e amizade fora da sauna. Essa questão da “ajuda” é muito presente na fala dos garotos, para solicitar dinheiro. Nunca explicitam que querem o dinheiro do cliente, quando este se torna seu cliente habitual [...]. Além desse dinheiro, pedem pequenas “ajudas”, e sempre há inúmeras narrativas de necessidades domésticas,

com a casa ou com os filhos, para o que contam com a generosidade de seu amigo mais velho. (PAIVA, 2009, p. 11-12).

Quando da saída de suas localidades de origem, os sonhos eram muitos, como ajudar a família e ter uma vida mais confortável:

o meu grande sonho é eu poder mostrar e dar à minha família uma vida que ela não conhece, que é uma vida com conforto, saber o que é comer uma comida boa, saber o que é usar uma roupa boa, um perfume bom, ir a um ambiente legal (Marley).

Há os que almejam sair do país, usar roupas e calçados da moda, frequentar ambientes que lhes são negados. Suas aspirações não se reduzem à aquisição de bens para uso próprio, mas incluem também ter meios para usufruir do lazer e da sociabilidade, como ir à praia com a namorada e dar um presentinho para a mãe. Outros têm sonhos mais intangíveis, como encontrar um companheiro: “Meu sonho é encontrar alguém com quem eu possa dividir os meus dias, a minha vida, para que possamos construir algo junto” (Marley)

No que tange à organização dos garotos de programa como categoria profissional, verifica-se que é tímida a sua participação em espaços institucionais. Em que pese o crescente reconhecimento de direitos aos homoeróticos (união civil estável, adoção, etc.) e a existência de organizações ativas das profissionais do sexo, como a Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE), não se verificam movimentos ou organizações similares no caso dos michês.

Em Fortaleza, segundo informação de um membro do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), por ocasião da execução do Projeto *Entre Br*³¹, no período de 2005 a 2007, a entidade constituiu uma Organização Não Governamental (ONG) denominada Associação dos Profissionais do Sexo (APELE), juntamente com os rapazes que trabalhavam no projeto e o público contemplado pelos seus serviços. Contudo, a organização funcionou somente no período de execução do projeto, apesar de ter sido legalmente registrada.

É interessante notar que, embora vivendo na prostituição há algum tempo, os garotos analisados neste estudo insistem em dizer que se trata de uma atividade provisória. Eles procuram disfarçar sua condição de prostituto por entenderem que

³¹ Projeto financiado com recursos do Ministério da Saúde do Brasil, no período de 2005 a 2007, com o objetivo de divulgar informações sobre saúde, direitos humanos, cidadania e sobre instituições que trabalham com prevenção e tratamento em DST's/AIDS, para um público-alvo denominado no projeto de “homens bissexuais, garotos de programa e parceiros de travestis”.

se trata de uma atividade desprestigiada, com a qual se envolveram por necessidade, e da qual esperam sair tão logo seja possível.

1.2.3 Michês e clientes

Para entender quem é o michê, quaisquer que sejam as peculiaridades desse tipo de prostituição, há que ter em conta dois personagens: o jovem que vende seus serviços sexuais e o usuário destes serviços, o cliente – também chamado de “bofe”, “maricona” ou “cona”. “Fazer michê” é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. Seja qual for o contrato, michê e cliente interagem e negociam prazeres sexuais.

Aqueles que procuram os michês de rua são, basicamente, do sexo masculino (homoeróticos). No decorrer da pesquisa, não houve referência a nenhum caso de procura dos serviços desses profissionais pelo público feminino³², confirmando que a maioria da clientela é formada por homens e por algumas travestis. “Eu nunca vi uma mulher procurando um garoto de programa”, afirmou um dos entrevistados (David).

Outro tipo de clientes são os homoeróticos que, embora mantenham um relacionamento fixo, buscam outros parceiros para dar vazão as fantasias. Há, ainda, casais heterossexuais que procuram michês para relações sexuais a três, quando, em geral, um dos parceiros fica na condição de *voyeur*.

Nas ruas, os michês aceitam todo tipo de cliente: “gordo, magro, feio, bonito, sujo, limpo, grosseiro ou carinhoso”, como disse um dos entrevistados. Os garotos se expõem aos mais diversificados riscos, não só por não conhecerem os parceiros, mas pela própria natureza do negócio. Após o programa, michê e cliente continuam tão desconhecidos quanto antes. Não tem como ser diferente, porque o encontro se dá com a rapidez que o comprador exige.

Entretanto, o tempo de atividade e de exposição nos pontos leva os prostitutas a formar uma espécie de perfil daqueles que procuram seus serviços. Estes exercem as mais variadas profissões, bem ou mal remuneradas: os sujeitos desta pesquisa mencionaram que, em sua clientela, há caminhoneiros, operários,

³² Segundo a literatura (MACHADO; SILVA, 2002; RIGOLLETO, 2001), as mulheres que procuram o serviço de michês quase sempre têm mais de 40 anos, buscam companhia ou apenas desejam realizar alguma fantasia sexual. Por vezes, tratam-se de turistas do sexo feminino. Ver, a respeito, Cantalice (2011).

pedreiros, cabeleireiros, taxistas, camelôs, advogados, jornalistas, funcionários públicos, estudantes e professores, dentre outros.

Na visão dos garotos, são os homens de meia idade que tendem a procurar os jovens profissionais do sexo, por acreditarem que estes podem oferecer mais prazer, devido à sua virilidade e juventude:

O perfil dessa clientela, aqui em Fortaleza, é mais [de] homens [...] de uma faixa etária de mais de 40 a 50 anos. Eu acho que essas pessoas são um pouco sós ou, depois de certo tempo na vida, ficaram sós, se separaram de suas mulheres, mas, muitos ainda são casados [...] têm seus filhos, mas saem com esses rapazes. [...] O perfil é exatamente esse, há pessoas com mais de 50 anos, que já não conseguem mais encontrar um jovem que se apaixone por elas. (David).

Com homens mais velhos, os michês alegam se sentir mais seguros e um pouco mais à vontade, pois, geralmente, são respeitosos, discretos e generosos no pagamento:

Preferimos os mais velhos porque pagam melhor, são casados, são mais carentes, mais discretos, respeitam a gente, não falam o que fazem porque tem medo que a gente comente sobre eles, porque querem se manter no anonimato. (Rafael).

Os clientes mais jovens tendem a ser indiscretos: “eles saem falando de tudo o que é feito, o que rola na cabine [do cinema pornô], na rua etc., para os outros”. (Rafael). Os entrevistados afirmam, ainda, que os clientes mais velhos, aparentemente, têm situação financeira estável e oferecem menos riscos de calote, embora haja as exceções. A preocupação com a capacidade de pagamento não é exagerada, pois, muitas vezes, os garotos de programa são enganados por seus clientes e se tornam vítimas de calote e humilhação:

[...] existe aquele [cliente] que se faz de bobo, que chega, nem pergunta quanto é e vai pro local ou apartamento com você num motel, e depois de tudo inventa que não tem dinheiro pra pagar o que você pediu. Existe todos os tipos, existe aqueles que realmente estão pagando e querem ver o trabalho. [...] Eu já deixei cliente que a gente chama de “pé de checheiro”, é o cliente que diz que vai fazer isso com você, lhe tratar como um príncipe, e quando chega lá na hora H, ele é zero [...]. Então, o cara só paga o motel, [e eu peço:] “me dá, pelo menos, dez reais pra mim pegar uma moto táxi, um transporte, eu perdi o meu tempo com você”. E dou uma bronca: “Oh! cara por que você fez isso?” (Rafael)

Há relatos de situação inversa, ou seja, o cliente é roubado e, para não ter o seu nome exposto, não denuncia o michê:

Muitos clientes eram roubados nessa casa [onde o michê trabalhava] e pelo fato de eles serem todos casados, eles não queriam expor a sua imagem para a sociedade e em respeito às suas esposas eles não denunciavam. Isso é uma das coisas que aconteceu muito e por isso, hoje, o mercado de trabalho da atividade já não é tão bom, pois quando eu comecei se ganhava muito bem e por conta dessas, hoje, os clientes têm medo de sair com os garotos por falta de segurança; e, por causa de uns, todos levam a fama. Existem essas coisas, muita coisa desse tipo mesmo. (Marley).

Os michês também identificam nos clientes perfis psicológicos diversos: uns são assustados, outros são “atirados”, “soltos”. Há os mais reprimidos e aqueles que se mostram: riem, choram, contam suas vidas: “são eles [os clientes] que escolhem a gente para ser um psicólogo pra eles [...], eles pagam pra gente manter essa cena” (Felipe). Um outro depoimento reafirma esse tipo de relação:

A maioria deles [dos clientes] é de homens casados. Eles falam pra gente que têm problemas com as mulheres em casa. Têm até clientes que não pagam pra gente fazer sexo, pagam só pra gente conversar, ficam falando da história deles, a história da família, como é em sua casa, como não é, assim eu vou ganhando. (Gabriel)

O papel do cliente é importante, por vezes, na própria iniciação sexual dos garotos, pois alguns têm com ele sua primeira experiência homoerótica. Os entrevistados revelam que a inexperiência gera estranhamento, incômodo e constrangimento, sobretudo para os mais jovens:

É muito difícil, porque a gente nem sabe direito o que vai fazer (Rafael).

É meio complicado porque a gente se envergonha, olha para a cara da maricona e se pergunta: será se eu tenho coragem mesmo de enfrentar a fera? E como é mesmo que vai ser o babado? Mas a precisão te obriga. (Pablo).

De um modo geral, os primeiros programas são particularmente difíceis:

Eu achei esquisito porque eu nunca tinha feito nada parecido, eu tive certo nojo, mas precisava da grana. Para mim não foi uma coisa por prazer, por desejo, foi mesmo por necessidade e me doeu na alma, parecia que a minha vergonha acabava ali. (Felipe).

Entretanto, o desconforto tende a diminuir, como relata o mesmo entrevistado: “conversei com os outros colegas que já superaram essa fase e dizem que são felizes e me disseram: ‘é assim pra todo mundo, mas com o tempo e os clientes a gente aprende, se acostuma e passa’”. Pouco a pouco, os garotos vão adquirindo traquejo, se moldando à atividade, tornando-se habilidosos na arte de

seduzir, peritos no jogo erótico o suficiente para atrair clientes, realizar programas e obter vantagens.

1.2.4 Encontros: onde, quando, como

Os lugares onde exercem a prostituição têm influência crucial nas práticas dos michês e nas suas relações com os clientes; as estratégias de sedução variam conforme os locais onde os garotos se expõem, como será visto no Capítulo 5. Quando a rua é o palco para as suas investidas, eles são mais exibidos, mostram seus corpos sem maiores constrangimentos, para que os clientes possam vê-los e avaliá-los. Nos locais fechados, como nos cinemas pornográficos e nos banheiros de determinados locais, logo que aparece um cliente, o michê rapidamente acerta o programa, que pode ser ali mesmo ou em algum local próximo, como motéis e pousadas.

Os garotos que exercem a prostituição nas ruas relatam que vivem à mercê da sorte, pois nem sempre “descer” nos pontos de prostituição significa que vão conseguir fazer algum programa. Assim, o cotidiano desses sujeitos é permeado de dúvidas, incertezas, buscas e negociações:

É muito ruim quando amanhece o dia e você não tem nem para o almoço. Aí eu vou ter que recorrer a alguém, um amigo ou uma amiga, mas, é muito difícil quando a gente está numa vida dessas, porque a gente não tem amigos, é cada um por si, entende? É raro alguns [que] têm sorte, têm apoio. (Marley)

O mesmo entrevistado relata, ainda, os riscos de sofrer violência:

Eu aprendi muita coisa nessa vida, passei por muita coisa, já teve cliente de não me pagar e me deixar no motel com a conta para pagar e eu sem nenhum centavo e o cliente dizer que vai ali e não voltar mais; já apanhei da polícia, na rua, por causa de um cliente, sem eu estar fazendo nada. (Marley)

Os mais pobres não possuem celular, suas roupas e calçados são bastante usados e não têm recursos para cuidar da aparência. Como, muitas vezes, não conseguem atrair clientes na rua, vão tentar a sorte nos cinemas que exibem filmes pornográficos. Ainda que um dos entrevistados tenha afirmado que o cine pornô é “[...] um local de trabalho, como qualquer outro local de trabalho”, as condições deste tipo de lugar não são das melhores:

Tudo dentro do cine é sexo, cheira a sexo, ficamos impregnados de sexo, o suor é sexo, a roupa molhada é sexo. A gente, no começo acha tudo estranho e muito ruim, mas, com o tempo a gente se acostuma com esse cheiro e passa a achar normal, [...]. A gente se adapta com tudo. (Pablo)

É preciso negociar na bilheteria para fazer o pagamento do ingresso (cujo valor varia de R\$ 3,00 a R\$ 5,00) após realizar o primeiro programa, episódio que os garotos definem como “garantir a porta”. Nas palavras de um deles;

Quando a gente não tem nenhum dinheiro e vai para o cine [...] a gente negocia com o recepcionista [da bilheteria]. A gente diz que não tem dinheiro e assim que ganhar vai pagar. Então, às vezes está tão ruim que a gente fica a tarde toda e não consegue fazer nada. Então a gente tem que fazer de tudo para atrair o último cliente. [Com] esse último cliente a gente faz [programa] até por R\$ 5,00 para pagar a porta. Embora vá pra casa com fome, tem que pagar, senão não tem mais negociação para entrar. Quem suja não entra mais nessas condições.

Melhores condições de trabalho têm os garotos que contam com clientes fixos, com os quais podem combinar horários, locais e dias de encontro, o que facilita o trabalho do michê. Outros que possuem celular, às vezes, são contactados pelos respectivos clientes e definem o local do encontro, firmam o horário e negociam o valor do programa:

[...] eu tenho um celular próprio. As pessoas que eu encontro na rua e encontro nos lugares gay, elas pedem o meu número e aí rola o particular. Às vezes eles me ligam, [e] o contato não fica dentro do cinema, fica fora. Eles me ligam e a gente vai a um motel e lá eu faço o meu trabalho. (Gabriel).

As diversas questões reveladas pela pesquisa permitem afirmar que a prostituição viril não é um fenômeno recente, sofreu mudanças significativas ao longo de décadas e na atualidade continua expondo, no cenário público, uma legião de garotos que, por motivos díspares, prestam serviços sexuais visando retorno financeiro. Para se manter no mercado erótico, esses rapazes usam como “moeda de troca” a virilidade, embora nem sempre a condição viril seja o produto comercializado. Entretanto, eles devem se firmar “nessa sensualização sobrecarregada do protótipo másculo” (PERLONGHER, 1987a, p. 60) como parte do atrativo e, conseqüentemente, do desejo, gerando a demanda e manutenção do negócio, como será discutido nos demais capítulos.

CAPÍTULO 2

A IDENTIDADE DO MICHÊ

“Se a identidade é somente um jogo, se ela é somente um procedimento para favorecer relações sociais e relações de prazer sexual que criarão novas amizades, então ela é útil”. (Michel Foucault, 2004).

Dentre as várias formas de expressão da sexualidade humana, encontra-se a prostituição viril, atividade praticada por michês: homens que vendem serviços sexuais a outros homens. Trabalhando em lugares específicos na cidade, eles não se travestem, nem se consideram travestis. Suas práticas têm códigos próprios e especificidades. A maioria se acha heterossexual, mas admite, por vezes, vivenciar práticas que considera como “homossexuais” e bissexuais, revelando que são inúmeras as inscrições de masculinidade nos corpos do michê e do cliente.

Os michês rompem com a ideia de identidades estáticas, fixas. O estudo dessa categoria evidencia que os processos identitários estão sujeitos “a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”, como afirma Hall (2007, p.108). Se antes as identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram fraturadas, descentradas, com fronteiras indefinidas, provocando crises nos indivíduos. Tal “crise de identidade”, como assinala Hall (2007), faz parte de um processo de mudança mais amplo, que está movimentando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos um sustentáculo estável no mundo social.

Britzman (1996) contribui com essa discussão, ao apontar a importância de se considerar as identidades como construções sociais, que não têm uma essência, o que impossibilita sua delimitação precisa:

[...] toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. Como uma relação social no interior do eu e como relação social entre “outros” seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular. (BRITZMAN, 1996, p. 74).

Assim, para compreender quem é o michê é preciso reconhecer que a construção de sua identidade se dá em discursos, práticas e disposições que podem se cruzar ou ser antagônicos. É próprio do michê preocupar-se em afirmar sua masculinidade, diferenciando-se do seu parceiro, a quem tenta transformar em “sexo oposto”. Para aumentar a fronteira imaginária que os separa, atribui ao cliente a condição “homossexual”, da qual ele próprio se julga despossuído. Compactua, pois, com a ideologia dominante que desqualifica o sujeito “passivo” – aquele que é penetrado, ou “receptor do pênis” – na relação sexual, seja homem ou mulher (MISSE, 1981). A passividade seria um atributo “negativo”, pois significa não reagir, ser quieto, fraco e covarde; já os atributos do ativo sexual se relacionam com possuir iniciativa, ser dominador, viril, corajoso, forte etc. Dessa forma, o “viado” é aquele que possui complacência passiva com relação a outro homem. O que penetra não é considerado necessariamente “homossexual”, já que não se afasta tanto do seu papel sexual original, de sua “condição natural”. (MISSE, 1981). Portanto, o estigma de passivo sexual se confunde com o próprio estigma de “homossexual”.

2.1 Invisíveis, visíveis: segredo, vergonha e estigma na construção da identidade do michê

O michê precisa reafirmar sua condição de macho, inclusive como um requisito para se manter no mercado. Como vive à margem da sociedade, quase na clandestinidade, ele precisa manter sigilo quanto à sua identidade e à do cliente. Daí que, em sua maioria, os garotos de programa são discretos, pois tanto eles como os clientes desejam preservar-se do estigma associado à “homossexualidade” e ao envolvimento com a prostituição. Portanto, esses sujeitos vivenciam suas interações sexuais comerciais de maneira velada ou camuflada. Como tática de sobrevivência, o michê procura manter em segredo o jogo de identidades e expressões que manifesta face ao cliente. A esse respeito, são pertinentes as palavras de Hall, quando lembra que a construção da identidade requer a existência de um outro, “mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado” (2007, p.110).

Certamente, a vergonha e o estigma³³ isolam, criam desigualdades silenciadas e relegam o desejo socialmente proscrito ao segredo, criando subjetividades marcadas pelo temor de si mesmas e da exposição do que as tornaria a encarnação do abjeto diante de pessoas “normais”. Assim, a sexualidade se constrói em uma dinâmica de conhecimento e ignorância entre o que pode ser visível (público) e o que é relegado ao segredo, de forma que, quanto mais as pessoas se isolam ou vivem no espaço privado, mais estão vulneráveis aos efeitos desiguais provocados pela vergonha e pelo medo.

O estigma atribuído a esses sujeitos significa que sua condição não os habilita à “aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p. 7). O autor assinala que o processo estigmatizador depende de uma “linguagem de relação” e não apenas de atributos negativos, pois “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso (GOFFMAN, 1988, p. 7-13).

O preconceito constitui-se em um mecanismo eficiente de discriminação, pois pode atuar em todos os campos da vida. Os múltiplos preconceitos de gênero, cor, classe, etc. têm lugar nos espaços individuais e coletivos, nas esferas pública e privada. Fazem-se presentes em imagens, gestos, linguagens e marcas corporais e psíquicas dos seres humanos, singularizando-os e atribuindo-lhes qualificativos identitários, hierarquias e poderes diferenciais, conforme lógicas de inclusões-exclusões, porque geralmente associados a situações de apreciação ou depreciação.

Ao estudarem a questão, Prado e Machado (2008) afirmam que o preconceito é considerado uma importante forma de manutenção das diferenças e hierarquizações entre grupos sociais, o que, muitas vezes, faz com que essas diferenças expliquem o ódio e a violência de um grupo sobre o outro. Assim, os autores assinalam que “o preconceito nos impede de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 67).

O preconceito desempenha um papel fundamental para camuflar a dimensão política das hierarquizações; no âmbito da sexualidade, ele produz, por exemplo, a

³³ Michael Warner (2000) distingue vergonha de estigma, de forma a explicitar como a sociedade lida com as diversas formas de sexualidade que não sejam a heterossexual. Enquanto *gays* e *lésbicas* monogâmicos e de classe média vivenciarão a vergonha, as demais sexualidades que rompem mais radicalmente com padrões sociais enfrentam, cotidianamente, o estigma. Os estudos *queer*, por exemplo, exploram de forma crítica a hierarquia de respeitabilidade em que se inserem as diversas sexualidades (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009).

invisibilidade dos homoeróticos. Em outras palavras, a estratégia do preconceito é naturalizar as formas de desqualificação, de modo que elas não pareçam injustas e sejam aceitas como padrão normativo, quer em práticas cotidianas, quer em políticas públicas. (PRADO; MACHADO, 2008).

Homoeróticos, travestis e garotos de programa são estigmatizados pelo comportamento divergente em relação às condutas sociais dominantes. Alguns se diferenciam pelo gosto estético pelo exagero – no vestir, nos gestos espalhafatosos e agressivos – e pelos hábitos, dentre os quais a preferência pela vida noturna. No caso do michê, seu estilo de vida é marcado por preconceito e incertezas, mas, também, pela busca de aventura, sexo, dinheiro e poder, elementos que perpassam o emaranhado comércio do corpo. Da dificuldade de convivência acontece a ruptura, lançando-o para fora da linha de “normalidade” exigida pela sociedade.

Nesse sentido, alguns interlocutores desta pesquisa relataram que suas primeiras experiências homoeróticas foram traumáticas. Por se tratar de práticas inscritas em um código de moralidade rígido, para alguns elas foram – e, muitas vezes, ainda são – vividas em meio a conflitos, medo, culpa e vergonha. Por um lado, há o prazer e, no caso do michê, o ganho financeiro que proporcionam. Por outro, há a proibição e as sanções da família e da sociedade que o julgam, discriminam e excluem.

Para Rafael, o momento de iniciar-se como “garoto de programa” foi um dos mais difíceis e conflituosos de sua vida:

A minha primeira experiência sexual foi com um parceiro mais velho e, por isso, experiente no assunto. [...] O primeiro sentimento foi de humilhação. Eu estava fazendo aquilo porque, naquele momento, eu precisava demais daquela grana. Depois eu tive vergonha. [...] Era uma mistura de ansiedade, necessidade de dinheiro, curiosidade, enfim foram muitas emoções, como diz Roberto Carlos. Mas a necessidade falou mais alto e fui sozinho, com minha angústia e despreparo. Só não rolou culpa, pois eu já tinha tentado de tudo para ganhar a vida de forma decente e nada tinha conseguido. Lá chegando, eu resolvi abrir o jogo. Conteí tudo para o cara e ele me tranquilizou um pouco, inclusive me ajudou e teve paciência comigo.

Outro garoto, que já estava na atividade havia pouco mais de dois anos, incentivou-o a continuar, afirmando que ser michê “poderia ser uma boa”, dependendo de seu desempenho e jogo de cintura diante do cliente. Vale frisar que o mal-estar de Rafael relacionava-se à sua inexperiência no sexo com outros homens, que acarretou o desconhecimento de alguns códigos de comportamento:

Eu temia tudo: como me despir, como começar, o que fazer, como abordar, tocar. [...] Tive muito medo, pois com apenas 14 anos, tudo me vinha à cabeça. Me perguntava se eu conseguiria ter prazer, tesão, se ia dar conta do recado. Eu tinha curiosidade, como seria aquilo, o que o cara ia pensar de mim. E se eu falhasse, eu receberia a grana ou eu teria que pagar o cara? O que eu faria se o cara resolvesse me penetrar após ser penetrado? Todo esse dilema eu vivi. (RAFAEL).

Provavelmente, esse desconhecimento dos códigos da atividade é um dos motivos que leva a maioria dos garotos prostitutas a afirmar que os rituais de passagem são, quase sempre, traumáticos. Bruno, ao relatar seu primeiro contato homoerótico, também afirma que, mesmo não tendo sido penetrado, achou a experiência de beijar outro homem “estranha e repugnante”. No entanto, refere-se à sensação agradável de “segurar aquele corpo e penetrar, com a certeza de que a grana está garantida”.

Os garotos de programa negociam desejo, virilidade, prazer e sexo quando no exercício da atividade, à qual, por vezes, consideram “um trabalho como outro qualquer” (Rafael). Entretanto, essa tentativa de naturalização esbarra na própria vivência de processos estigmatizadores, que se traduz numa tendência à autodepreciação. Um dos indícios de tal tendência é a expressão “cair na vida”, utilizada pelos sujeitos da pesquisa para descrever a iniciação na atividade. A autodepreciação do michê fica ainda mais evidente quando os sujeitos apontam a “marginalidade” como única alternativa à prostituição:

Eu caí na vida [quando] eu tinha 14 anos de idade. Foi muito complicado para mim porque eu só tinha duas opções pra seguir: existia dois caminhos, que era ser garoto de programa e o outro mais difícil, que era o mundo da marginalidade, que acho que se eu tivesse seguido eu nem estava aqui hoje, pra deixar bem explicado [...]. Então, caí na vida de prostituição, de profissional do sexo. (Rafael).

Eu tive que escolher entre duas coisas: o tráfico de drogas, roubar, ou entrar no mundo da prostituição e aí eu entrei no mundo da prostituição. Hoje eu tenho 28 anos, entrei nessa vida aos 20 anos, já são oito anos, não é uma vida fácil e a gente passa por muitas coisas ruins. (Marley).

A “normalidade” atribuída à vida de michê se mescla com afirmações sobre as dificuldades da profissão e os percalços que lhes são inerentes: preconceitos, insegurança, humilhações e violência, que transparecem nos discursos dos sujeitos. A seguinte narrativa de Marley é particularmente significativa:

[...]; já apanhei da polícia, na rua, sem eu estar fazendo nada; homens já botaram armas na minha cabeça por eu me exhibir na rua, na esquina e passar um homem de carro e olhar pra mim e eu pensar ser um cliente.

Então, eu faço uma insinuação, pego no meu pênis, ele volta, no carro de ré e me mostra uma arma e diz: “mostra o que tu estavas fazendo quando eu passei, de novo”; aí vou e peço desculpas, imploro que me desculpe, porque eu estava na esquina quando o senhor passou, olhou e eu pensei que fosse um cliente que quisesse um programa e então eu me insinuei [...]. Conteí a minha história e implorei, pedindo: “por favor, não atire em mim, eu só estou fazendo isso porque há dois dias que eu não ganho nenhum dinheiro e estou com fome, desesperado e preciso de dinheiro para eu poder comer”. Então, a pessoa se comoveu com a minha história e disse que eu não fizesse mais isso pra ninguém, porque isso era falta de respeito e tal e escapei de várias coisas.

O mesmo entrevistado relatou que, em outra ocasião, o risco de sofrer violência foi ainda maior:

Já teve história de eu entrar num carro, o vidro não era fumê, estavam dois caras [...], então o cliente disse assim: “tu tens coragem de entrar no porta-malas do carro e ir para um motel?” Eu, como sempre, estava desesperado por dinheiro para pagar as diárias para o cafetão³⁴ [e] me assujeitei de ir, entrei no porta-malas do carro e eles me trancaram e foram e demoraram um bom tempo e eu já com muito medo, me valendo de tudo o quanto é santo e achando que era o meu fim, que os caras estavam me levando para os matos, achando que eles iam fazer tudo de ruim, que iam me matar, mas, graças a Deus, apesar de todos os meus erros, de estar nessa vida, eu sou uma pessoa que sempre me peguei com Deus [...]. Eles foram para um motel longe da cidade e aí quando o carro parou, o meu coração batia muito forte, pois eu pensava que estava fora da cidade, nos matos e ali eles iriam pegar uma arma e atirar em mim, mas, graças a Deus, [...] tudo correu bem e foi tudo tranquilo.

Outros relatos, menos dramáticos, também evidenciam a dureza do cotidiano da profissão:

Têm dias em que você sai pra ver se você ganha e você não ganha, tem dia que você tem que aturar ouvir dizer: “eu estou pagando”. Chegou um tempo em que eu vi que já estou cansado e [quero] tentar arranjar um emprego, ter uma vida socialmente normal. [...] Uma vida com os direitos que todos temos, indiferente do que temos e sentimos. Mas, [a vida de michê] é complicada, é uma vida com altos e baixos e não é uma vida fácil, comum. [...] Então, esse mundo que nós vivemos, de profissionais do sexo, é difícil, não tem nada de fácil, é fácil pra quem está fora, vê e acha que é fácil. Mas pra quem leva a vida [que] realmente eu levo há 10 anos, é totalmente diferente de todo mundo mesmo, realmente é muito, muito difícil. (Rafael).

Nessa citação, é visível a incerteza que esse tipo de atividade propicia ao indivíduo, levando-o, em muitos momentos, a sentir-se duplamente estigmatizado: pelas práticas homoeróticas e por receber dinheiro pelo que faz. A prostituição provoca uma espécie de “dor social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor” (SAWAIA, 2002, p. 104), ao ter o corpo tocado, acariciado, mas, também

³⁴ Como foi mencionado no capítulo anterior, não é comum essa dependência dos michês de rua aos cafetões. Contudo, mesmo nos casos, mais numerosos, de garotos que trabalham com maior autonomia, a insegurança é uma constante no seu cotidiano.

explorado, alugado, usado. Realmente, uma vida que não tem nada fácil, ao contrário do que se escuta do senso comum ou de indivíduos que vivenciam suas práticas sexuais da maneira tradicional, ou seja, a heterossexual.

2.2 Homo, bi, homem: múltiplas representações do michê

Para que diferentes identidades se definam, as práticas sexuais e o desejo ocupam lugar central, mas não são suficientes. Faz-se necessário um conjunto de pessoas ou uma rede de apoio, a existência de um espaço social, onde significados vão sendo construídos de maneira a caracterizar as necessidades dos atores sociais (WEEKS, 2000). Portanto, assumir uma identidade sexual ressignifica para o sujeito seus desejos e necessidades, definindo, dessa maneira, um lugar social e possibilitando o “acesso às comunidades de suporte e significado” (WEEKS, 1995, p. 43).

A identidade sexual refere-se ao modo como os sujeitos exercem sua sexualidade e como vivem seus desejos e prazeres corporais, com parceiros de outro sexo, do mesmo sexo, de ambos os sexos – ou mesmo sem parceiros. (LOURO, 1997, p. 26). No caso do michê, trata-se de uma sexualidade marcada pela ambivalência, pois o que se verifica é “uma flutuação dos sujeitos por diferentes categorias sexuais que dependem do contexto em que se encontram em cada momento” (FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000, p. 63).

Assim, a identidade do michê deve ser entendida dentro de um contexto relacional em que categorias como “homossexual”, “heterossexual” e “bissexual” ganham, embora de maneira tímida, espaço nas narrativas dos sujeitos da pesquisa. Ressalta-se, ainda, que não se pode conceber as identidades sexuais como estanques, por se tratar de categorias situacionais. A masculinidade é concebida a partir de uma perspectiva relacional, sendo significada e ressignificada no contexto das diferentes relações sociais estabelecidas pelos protagonistas do estudo. Contexto que, em si, é ambivalente, como assinala Julio Simões, ao comentar a obra clássica de Perlongher (2008):

O desejo fora da ordem se vê emaranhado, de saída, nas demandas da troca material e do imaginário que o provoca e regula. Práticas apaixonadamente transgressivas vêm de braço dado com os imperativos categóricos do comércio e da identidade. Arrebatamento e regra, acaso e cálculo, prazer e prescrição são reunidos de forma tensa e indissolúvel, não

como pares de opostos bem comportados em suas casinhas, mas como vivências alternadas, simultâneas, embrulhadas umas nas outras. (SIMÕES, 2008, p. 535).

Alguns michês afirmam ser heterossexuais ou bissexuais, por apresentarem atributos masculinos e desejo sexual pelo sexo oposto, ou por ambos os sexos, como já foi mencionado. Com esse perfil, eles se apresentam e se anunciam como “ativos” na relação sexual. Como afirma Parker,

O homem que se envolve em um relacionamento sexual com outro homem [...] não sacrifica necessariamente sua masculinidade culturalmente construída – pelo menos desde que ele desempenhe um papel masculino culturalmente percebido como ativo durante o ato sexual e se comporte como um homem na sociedade. O homem que adota uma atitude passiva, de fêmea, contudo, seja no ato sexual ou na interação social, quase inevitavelmente desvaloriza sua própria masculinidade. (PARKER, 2002, p. 58).

A michetagem é voltada para homens interessados em fazer sexo com outros homens tidos como masculinos, “machos”. Assim, “a virilidade do michê exprimiria senão uma cópia, uma exacerbação paródica do modelo majoritário de Homem com H socialmente dominante, que lhe corresponde por atribuição anatômica”. (PERLONGHER, 1987a, p. 60). Esse autor também leva em conta as relações entre a apropriação da virilidade e a afirmação da heterossexualidade por parte dos profissionais do sexo analisados. A utilização desse recurso não os deixa “abandonar a cadeia discursiva e gestual da normalidade”. (PERLONGHER, 2008, p. 46). Esse paradoxo também é destacado por Richard Miskolci e Larissa Pelúcio, no prefácio à reedição da obra de Perlongher, já citada:

O paradoxo do negócio do sexo entre homens se desfaz quando se entende que o que se compra e vende não é apenas o corpo, mas um corpo marcado pela masculinidade nos moldes hegemônicos. Dorsos fortes, bíceps inchados, membros dilatando o jeans apertado, ícones da michetagem que Perlongher analisou, servem agora de identidades iconográficas em páginas de sites de relacionamento, onde rapazes viris oferecem seus corpos marcados pelo excesso. Uso hiperbólico que denuncia, mas que ainda assim pode ser lido como reverência à heterossexualidade (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p.18).

Um dos colaboradores deste estudo, em relato sobre suas preferências eróticas, afirma preferir “homens masculinos” e apresenta uma variedade de atributos e características estereotipados, para mostrar como entende essa masculinidade: o timbre grave da voz, a personalidade forte, a situação financeira confortável e a não aceitação de ser penetrado no ato sexual. Essa visão de

masculinidade é condizente com o modelo patriarcal, centrado na figura do macho dominador:

[...] não é de admirar, dado nosso entendimento tanto da tradição patriarcal como da linguagem do corpo no Brasil contemporâneo, que a figura do machão devesse ser tão importante quanto o pai ou marido na construção da definição popular de masculinidade. Tanto quanto qualquer outra figura isolada, o machão incorpora os valores tradicionalmente associados com o papel de macho na cultura brasileira – força e poder, violência e agressão, virilidade e potência sexual. (PARKER, 1991, p.74).

Mesmo no sexo entre homens, podem-se encontrar modelos em que o ideal de masculinidade não seria comprometido, inclusive no que se refere ao papel “ativo” na relação sexual. O relato de um dos entrevistados indica a possibilidade de michê e cliente desempenharem simultaneamente tal papel:

[...] tem cliente bom, mais ou menos, e ruim; mas os melhores clientes são homens com as seguintes características: eles não procuram michê que tem algum jeito feminino, corpo franzino e tal. Eles só procuram aqueles que têm cara de macho e um corpo mais forte, mais musculoso. Eles também têm cara de homem, não são do tipo maricona, safadona, e são mais discretos. Têm fala e pegada de homem, e o bom mesmo é que eles pagam bem, principalmente porque com eles a coisa é muito na moita, escondido, sem deixar pista para ninguém saber. Nos finalmente, um não é muito apressado, o outro é um pouco mais devagar, eles nem penetram e nem são penetrados, só chupam. Pra mim é bom também, porque eu não me esforço muito, mas o melhor mesmo é que tem uma grana certa. Assim é bom e a fila anda. (Gabriel).

Note-se a preocupação do cliente em não “deixar pista” que pudesse comprometer sua imagem de homem e a opção de manter o programa nos limites do sexo oral. Há que destacar, ainda, que tais clientes “pagam bem, mas são raros”, como disse o mesmo entrevistado.

A variedade de tipos e possibilidades de relacionamentos confirma que a masculinidade é uma construção histórica, social e cultural, já que não existe uma maneira única de ser homem, mas diversificados modelos e modos de vivenciar esse papel. Esses modelos são transmitidos por meio do processo de socialização, variando, também, de acordo com a inserção do homem, da mulher e da família na estrutura social. Mudam ao longo da história, mas numa mesma época podem sofrer contestação, fazendo aparecer masculinidades alternativas ao modelo dominante, hegemônico. A este corresponderia a masculinidade ativa, forte e agressiva, diferenciada da feminilidade e, fundamentalmente, heterossexual:

A masculinidade hegemónica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens

um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. (ALMEIDA, 1995, p. 17).

A construção da masculinidade dentro do quadro da heteronormatividade configura-se, portanto, como um processo dotado de altas doses de cerceamento, fazendo com que a parte dominante (o elemento “masculino”) seja ironicamente “dominada por sua própria dominação”. Nas palavras de Bourdieu,

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e na contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga (2002, p.31).

Enquanto ideal, essa masculinidade hegemônica exerceria controle sobre o processo de constituição das identidades masculinas, ainda que seja, como todo modelo, realizável apenas parcialmente. À questão sobre os modos de reprodução desse modelo, Almeida responde com o conceito de *habitus*, de Bourdieu (1990), propondo que a *teoria da prática* seria uma alternativa promissora para a solução de alguns problemas nesse campo. Dentre as implicações dessa escolha teórica, listadas pelo autor, destacam-se duas: a compreensão do caráter dinâmico e reciprocamente instituidor da relação entre estrutura e prática, e a multiplicidade dos modos possíveis de estruturação das relações entre os gêneros, segundo os valores e interesses em jogo. (ALMEIDA, 1995, p. 149-151).

Para Oliveira (2004), o enraizamento simbólico da masculinidade atinge instituições que foram relevantes para a constituição do entendimento contemporâneo sobre o termo, como a escola, os conventos, presídios, quartéis e outras. Características como valentia, coragem, inteligência e firmeza, consideradas positivas, foram associadas ao masculino e valorizadas por toda a sociedade. Dessa forma, “a masculinidade não é só uma ideia na cabeça ou uma identidade pessoal. Ela é também estendida ao mundo e combinada na organização das relações sociais” (CONNELL, 2005, p. 29). Cabe ao homem mostrar-se potente sexualmente, pois a virilidade é um dos aspectos que representa força, poder e vitalidade.

Considerando que os padrões da sexualidade humana são criados e não inatos, há que se verificar a importância da história libidinal de cada um na origem de sua condição sexual. Trata-se de uma história construída por marcas identificatórias sucessivas, resultado de investimentos libidinais em diferentes registros, com origem nos encontros entre sujeitos. Ou seja, cada um, de acordo com a singularidade de sua história, terá um trajeto particular, pois “não há uma única maneira que se proponha certa, única e universal para as manifestações da sexualidade”. (CECARELLI, 2008a, p. 72).

2.3 Uma relação delicada: michê e cliente

Como ocorre em todos os processos identitários, a constituição da identidade do michê só pode ser compreendida de forma relacional. Nesse sentido, o ponto de partida é a compreensão da díade michê-cliente, já que um não pode existir sem o outro. Com efeito, o cliente é o sustentáculo do michê: sem ele não há michetagem, e sem michetagem não há agenciamento, negociação, comércio sexual.

O cliente é visto pelos michês como homens que buscam “sacanagem”, “brincadeira”, “fazer para relaxar”, (SANTOS, 2007, p. 8), a fim de se distanciar da rotina, seja dos afazeres do emprego, seja dos compromissos domésticos, ainda que por poucas horas. Essa busca pode ser direcionada tanto para formas diferenciadas de prazer sexual, como para experiências de cunho afetivo, como se pode constatar no depoimento abaixo:

[...] tem aqueles que gostam da coisa mais brutal mesmo e já tem aqueles que gostam de ficar fazendo carinho na gente e gostam de ser acariciados também e passam horas e horas te abraçando, te acariciando, te beijando, fazendo muito carinho na gente, são coisas que acontecem e, às vezes, não passa dali, porque cada um tem a sua vida e depois que acaba ali, cada um vai para o seu lado, segue o seu caminho. (Marley).

Apesar da dicotomia entre sexo e afetividade na relação entre michê e cliente, existe a possibilidade de vivenciar alguma forma de intimidade entre ambos, evidenciando que o prostituto não é apenas uma personificação do sexo. Ele é um sujeito que tem sensibilidade, desejos e fantasias, embora sejam “experiências que escapam ao registro da ordem estabelecida” (COSTA, 2005, p.116). Há casos em que o garoto nutre algum sentimento pelo cliente e não o manifesta. Abafando, escondendo ou negando esse sentimento, ele acredita que está dificultando algum

tipo de envolvimento, o que poderia afetar o desempenho de um papel sexual masculino. Como foi dito, os michês, como forma de proteção da própria masculinidade, procuram se diferenciar do seu parceiro sexual, transformando-o num “sexo oposto”.

A relação entre cliente e michê traz em si uma tensão, mais ou menos explícita, que decorre dos seus papéis diferenciados e assimétricos. Se, por um lado, os encontros podem ocorrer num clima amistoso, como se depreende de depoimentos citados, por outro lado há um antagonismo explícito em certas representações que cada lado faz do outro: o cliente visualiza o michê como “sexo fácil, pago, descartável, um objeto a ser usado”; enquanto que, para o michê, o cliente é “um veado, um ‘bicha escroto””, com quem pode conseguir dinheiro fácil (ALMEIDA, 1986, p. 84). Por se tratar de um “negócio”, os parceiros procuram dar ou receber dinheiro ou bens materiais para a realização de seus interesses – libidinosos ou não.

Há clientes que não querem fazer o uso do preservativo, alegando que este interfere no prazer sexual. Há garotos que procuram resistir, não aceitando a proposta; outros exigem um pagamento maior, o que, por vezes, convence o cliente a usar o preservativo ou o faz desistir do programa. Muitos, porém, aceitam sem maiores problemas a condição posta:

O fato de os clientes darem muita grana pra gente fazer sexo sem camisinha é outro ponto que se deve falar. Isso eu nunca fiz, mas recebi inúmeras propostas para fazer um ato desses, mas, eu nunca me assujeitei a uma coisa dessas porque o dinheiro poderia até ser muito, mas, jamais iria comprar a minha saúde. Propostas não me faltaram de programas com quantias muito elevadas [...] para fazer uma penetração sem camisinha e outras coisas mais. (Marley).

Apesar de se encontrarem em uma posição de subserviência em relação a seus clientes, pelo fato de estes pagarem pelos seus serviços, os michês nem sempre aceitam qualquer programa sexual. Alguns garotos relataram que, ao perceber que o cliente é portador de doença venérea ou qualquer outra que entendam como perigosa ou contagiosa, rejeitam a proposta. Para evitar uma reação indesejada por parte do cliente, que pode tentar “forçar a barra”, apresentam alguma desculpa como “hoje eu não estou bem” ou “estou esperando outro cliente”. Trata-se de uma situação difícil, porque a clientela não é tão grande, e dispensar cliente pode ser interpretado como se o michê não fosse capaz de “dar conta do recado”, fazendo com que ele seja achincalhado por outros clientes e até mesmo

pelos demais michês. Como disse um dos entrevistados, “a gente tem que matar um leão por noite, e para se manter macho, tem que comer o prato oferecido, não importa o cardápio”. (Rafael)

Outro motivo de tensão é o uso de drogas, prática que alguns clientes tentam compartilhar durante os programas:

[...] muitos dos clientes pagam para a gente ir para um motel e ficar com eles consumindo drogas. [...] muitos garotos acabam não tendo nada, um futuro, porque acabam dependentes da droga, pelo fato deles acharem que não estão pagando [pela droga], o dinheiro não ser deles, mas, eles começam a fazer o consumo e terminam viciados e, mais na frente, o dinheiro que eles ganharam foi todo para as drogas, tornaram-se dependentes químicos e depois se assujeitam à essa vida para manter o vício do cliente. Eu vou ser muito sincero, eu caí nessa vida, fui dependente químico, hoje eu não sou mais, mas, tentei e me saí. (Marley)

Faz uns seis meses que perdemos um colega para a droga. Ele entrou nesse lance e viciou mesmo. No começo chegamos juntos, tentamos conversar, mostrar que ele estava no caminho errado, que as drogas poderiam trazer problemas sérios e que ia se dar mal, mas ele já estava viciado, não tinha mais nenhum controle da situação. Até que um dia, por telefone, ficamos sabendo que ele tinha sido encontrado morto, em sua própria casa. Pior que isso, a mãe dele não sabia o que ele fazia na rua, que ele era michê e usuário de droga. Enganada, ela acredita que o filho morreu de hepatite. Juntamos alguns colegas, e compramos o caixão, porque ele vivia na miséria. (Felipe)

Uma questão particularmente complexa na relação entre clientes e michês – que será aprofundada no próximo item – diz respeito aos papéis de “ativo” e “passivo” no ato sexual. Ainda que as evidências indiquem que essa divisão não é cristalizada, ela se destaca no plano das representações como elemento para o exercício do poder, como se depreende do seguinte depoimento: “[...] em minha opinião, porque eu sou ativo e eles [os clientes] são passivos, eles têm que pagar bem, que é para a coisa andar”, diz Gabriel. O poder do cliente, nesse caso, é questionado pelo michê, pois só ele pode oferecer aquilo que o cliente procura: virilidade, juventude e sexo.

Mas, o cliente tem o dinheiro que o michê deseja e necessita. Assim, o negócio é sempre mediado, calculado, pois cada um tem algo a oferecer, de modo que um precisa do outro. Essa relação assimétrica pende mais para o cliente, pois o prostituto depende dele para a sua sobrevivência material, tornando-se, assim, o lado mais vulnerável. Ressalte-se, ainda, que nesse jogo, o sigilo preserva a pessoa do cliente, que procura se manter às escondidas da sociedade.

Nesse negócio, cada uma das partes sabe apenas de si e ambos se desconhecem. O michê sabe das suas qualidades e potencialidades, onde quer chegar e como perseguir seus objetivos. Contudo, ele pouco conhece aquele que o levará à realização de suas vontades e desejos. O cliente, de maneira semelhante, deseja sentir-se contemplado em suas vontades e, para tanto, confia na sua condição de pagante. Assim, a relação é ambígua, inquietante, tensa e, em determinadas circunstâncias, conflituosa.

Em certa medida, quem vende serviços sexuais se iguala a quem compra, pois só acontece a procura porque existe a demanda. Certamente, esse tipo de relação instiga o michê e o cliente e ambos são movidos, dentre outras coisas, pela aventura, pelo inusitado e pela errância. Há claras demonstrações de que a pluralidade de representações no terreno da sexualidade confere aos sujeitos a capacidade de romper com estereótipos. Por mais que a cultura tente aprisionar o sujeito em uma “maneira correta” de desejar, racionalidade alguma explica o desejo e as escolhas do sujeito, seja o prostituto, seja o cliente.

2.3.1 Ativo, passivo: dois lados da mesma moeda

Como foi mencionada no item anterior, a posição sexual desempenhada nos programas é uma questão relevante tanto para os michês, quanto para os clientes, uma vez que a existência da dicotomia ativo-passivo ressalta a relação “macho-fêmea”, presente na lógica binária da concepção de gênero. Quase sempre cabe ao cliente ser o “passivo”, aquele que é penetrado, enquanto o michê desempenharia a posição de “ativo”, penetrador, retomando, desse modo, “à lógica da dominação simbólica estabelecida nas relações heterossexuais” (FÁBREGAS-MARTÍNEZ, 2000, p.76). Assim, a persistência de afirmação do michê enquanto sujeito ativo da relação sexual “inscreve-se em um sistema classificatório hierárquico ou popular, que divide os varões participantes de relações homossexuais segundo sua posição (esperada) no coito, em macho ativo e bicha passiva”. (PERLONGHER, 1993, p. 140). Trata-se de uma visão hierárquica, pois subentende que os homens se relacionam com as bichas, que estariam em segundo plano, sendo que a carga maior de preconceito recairia sobre as mesmas, enquanto o homem em questão não perderia sua virilidade ao se relacionar com elas.

Segundo Gontijo (2004), essa classificação produz o que se poderia chamar de imagens identitárias, modelos categoriais que podem definir um mesmo sujeito em momentos ou locais diferentes, dependendo da performance ou da sobreposição de papéis. Contudo, faz-se necessário diferenciar o desejo e a identidade para que se possam compreender as práticas sexuais de homens que não se identificam como “homossexuais” ou “bissexuais”, nas relações sexuais “ativas” com outros homens (WEEKS, 1995; PARKER, 2002).

A noção de “homem”, além de se constituir em oposição à de “mulher”, se constitui também por contraste com outras categorias como as de “viado” e “bicha” (PARKER, 1994). Essa característica, em que “atividade” e “passividade” no ato sexual podem corresponder a “firmeza” e “submissão”, respectivamente, encontra-se em relatos de alguns michês como Felipe, que assim justificou sua recusa em fazer o papel passivo:

[...] eu não faço passivo por três motivos: primeiro, porque não dá certo para mim essa história. Tenho amizade aos meninos que fazem isso, mas eu não faço. Quando um cliente me aborda eu já aviso: “sou ativo”. Outro motivo é porque tenho namorada e tenho medo de fazer passivo e daqui a pouco eu começar a rebolar o traseiro, a desmunhecar, e aí como é que fica com a minha namorada? Então, eu não posso deixar o meu trono de homem macho. E [o] terceiro [motivo é] porque se um cliente gostar, ele pode não querer largar o osso e pagar mais e eu ir me envolvendo, porque, como os meninos dizem, isso é uma peste, vicia, deixa o caro lesado mesmo. Então, prefiro ser mesmo o que sou, do meu jeito, assim está bom demais. (FELIPE).

Essa resposta vai ao encontro de padrões culturais brasileiros e especialmente nordestinos, que exaltam a condição de “cabra macho, sim senhor”, ou seja, uma representação da masculinidade na qual se valorizam a força, agressividade e potência sexual³⁵. Além disto, reflete uma percepção do homoerotismo comprometida com a concepção de papéis de gênero, onde o “passivo” é identificado como “feminino” e, portanto, menos valorizado (FRY, 1982).

Contudo, faz-se necessário reiterar que atividade e passividade não possuem fronteiras absolutas; ao contrário, são objeto de negociações, onde, no caso brasileiro, se construiu culturalmente a dicotomia *bicha-bofe*. Apesar de as fronteiras não serem absolutas, a relação ativo/passivo coloca limites nas maneiras como se constroem as interações. Neste sentido, Almeida adverte:

³⁵ Sobre as concepções de masculinidade no Nordeste, ver Albuquerque Jr. (2003).

Em um grupo de michês, todos sabem da possibilidade de inversão de papéis no ambiente privado, mas isto não pode, nem deve ser comentado nunca. Torna-se segredo do grupo. Caso algum deles diga algo a respeito, este membro deve ser desligado imediatamente, pois ele não era um “verdadeiro homem”, um “verdadeiro michê”, mas um “bicha disfarçado” e este comentário pode prejudicar o grupo como um todo, tornando público o seu “segredo indevassável”. (1986, p. 86).

De fato, o garoto de programa sempre se apresenta como viril, penetrador ou ativo, mas em algumas ocasiões pode desempenhar a função passiva. Essa postura sexual, no entanto, não deve ser verbalizada para os outros michês nem para os clientes, para não haver perda de prestígio no ramo de atividade sexual. Ser “passivo” significa não só perdas simbólicas, mas redução da demanda de clientes, pois há os que não aceitam “michê que faz tudo”. Essa atitude não é tão rígida na privacidade, pois quando algum cliente manifesta o desejo de penetrar o michê, a negociação poderá quebrar a regra, dependendo da oferta proposta:

Tem cliente que chega pra você e pergunta: “você faz tudo”? Aí você responde: “não, eu não faço tudo, eu sou ativo; eu só faço isso e isso”. [...] acho que se deve dizer tudo na entrevista, numa conversa [...] Então, se você disse [que] faz tudo ou se você só faz o ativo, então você tem que fazer o seu papel que você mostrou. [...] existe realmente a pessoa que chega e diz: “ah! você não faz passivo.” “Não, eu não faço passivo, só faço ativo”. “Oh!, pois então eu vou lhe dar mais uma grana e você vai fazer, vai virar as costas e vai ser a minha mulher”. Existe isso sim, mas eu acho que um profissional do sexo, pelo tempo que vivo, eu acho que eles fazem tudo. [...] Existe de você gostar do cliente, você entra na onda dele, existe também de você sair com o cliente e você gostar dele, eu acho que está em fazer em cima do profissional e do contrato que você fez. Eu já saí com cliente que, quando chega a minha vez, eu faço tudo. (Rafael).

Quando se encontram em situação financeira difícil, algumas vezes até sem ter o que comer, os garotos aceitam realizar programas com posições de penetrativo e receptivo, bem como performances de gênero (gestualidades consideradas como masculinas e femininas). Assim, articulam desejo, prazer e excitação de modo diferenciado daquele apresentado pela maioria dos michês como o *status* de “homem de verdade”: masculino, ativo e viril. Como disse um dos garotos entrevistados,

Quando a coisa está preta, não tem nem para o “rango”, aí a gente tem que partir para o tudo ou nada. Se o cliente for bom de bolso, a gente canta o hino nacional, tem até vontade de enrolar a cara da safadona na bandeira do time, mas aí não pode e mete bronca. A gente aí é obrigada a fazer aquilo que o sujeito quer, não tem essa de ser isso ou aquilo. Essa história de ser só na posição tal é para michê que tem papai com grana, comida na mesa, cama e lençol limpinhos para dormir e uma mamãezinha para dar

uns trocados. Não é o caso de nenhum de nós aqui que tem que ralar, batalhar muito dia e noite, faça sol ou caia chuva. (Felipe)

A procura por determinadas formas de relacionamento sexual por parte dos clientes determina em larga medida as configurações da prostituição viril. Nas palavras de Simões (2008, p. 543),

As interações entre michês e seus clientes com vistas à procura e escolha de parceiros sexuais não faria [sic] mais do que refinar a combinação de acaso e cálculo, desejo e interesse, como aspectos constitutivos e indiscerníveis da deriva da paquera.

É em atendimento ao desejo dos clientes que a prostituição viril se organiza e acontece, fazendo deles personagens importantes em qualquer discussão que se refira ao assunto.

A masculinidade e os espaços territoriais na prostituição masculina são fluidos, não revelando fronteiras fixas, definidas, em diferentes contextos sociais. Contudo, é importante lembrar que se trata de negociações amparadas e justificadas pelo dinheiro. Assim sendo, para alguns profissionais do sexo, ser “passivo” significa se adequar às necessidades da clientela, daí se traduzir na busca do ter, da ascensão e da permanência no mercado, cada vez mais competitivo.

Perlongher (2008, p. 219) ressalta que a relação entre o dominador e dominado, presente na díade michê/ativo e cliente/passivo, consiste num intercâmbio econômico com regra prescrita: “o passivo é quem paga e o ativo é quem recebe”. Contudo, mesmo quando se permitem ser “passivo”, os garotos são pagos e continuam a afirmar sua masculinidade. Quando o programa termina, é como se a experiência pudesse ser apagada e tudo seguisse o seu curso:

[...] depois, saindo daquele inferno, chego em casa, tomo um bom banho, me alimento de alguma coisa e durmo um pouco. Depois, quando acordo, vou namorar uma gatinha superfeminina, com essa sim, eu faço tudo, não quero um centavo, é só *love, love, love*. (Felipe)

Assim, depois de aceitar um papel considerado inadequado à sua condição de prostituto viril, ele sai desse “inferno”, mergulha no sono e acorda para uma relação heterossexual. Para se reassegurar de sua identidade masculina, procura “uma gatinha superfeminina”, com quem a relação amorosa é completa, gratuita e regida por “*love*”.

Pode-se então pensar que, em se tratando de sujeitos envolvidos na prostituição viril, onde o desejo pelo prazer é negociado, a necessidade dos

prestadores desse tipo de serviços, em determinadas ocasiões, leva-os a romper limites. Em momentos como esses, a sexualidade os permite circular por diferentes tipos de relações.

Em suma, nem sempre os michês são “ativos” no intercursos sexual. Como disse Carrara (2005, *apud* BRAZ, 2010, p. 133), “para alguns, por aumentar o preconceito, a feminilidade parece politicamente incorreta nos homens. Para outros, deve ser cuidadosamente policiada pelos que se aventuram no mercado dos afetos e paixões”. Portanto, cada ser humano tem um jeito próprio de lidar com sua sexualidade, de escolher suas parcerias, de manter seus relacionamentos sociosexuais. Assim, a ambivalência prevalece.

2.3.2 A dominação como traço definidor de identidades

Como foi dito, o ser dominador serve de referência para a construção das representações de ser homem. Isso é tão recorrente que o poder passa a ser visto como uma pertença do masculino: mais poder significa mais masculinidade, e menos poder, mais feminilidade. Em outras palavras, a masculinidade se torna uma metáfora para o poder, e vice-versa. Desse modo, tanto existe o domínio do masculino sobre o feminino (BOURDIEU, 2002), como entre pares masculinos (KIMMEL, 1998).

Os depoimentos apresentados na seção anterior reforçam a noção de poder, ao afirmar a superioridade do “ativo” sobre o “passivo”. Entretanto, esses parâmetros não parecem seguros para analisar a conduta homoerótica, pois cabe indagar por que se acredita que apenas um dos parceiros cruza esse limite simbólico – ainda mais quando se considera que nem sempre os sujeitos considerados passivos abrem mão de características masculinas. Seria a relação sexual um fenômeno unilateral? Imagina-se que seria coerente admitir que ambos os parceiros homoeróticos rompam a barreira que separa o “homossexual” do “heterossexual”. Assim, se tornaria irrelevante saber quem, nessa interação, se coloca como “passivo” ou “ativo”.

Outro dado importante para a definição da identidade sexual é a maneira como partes do corpo são “usadas” em serviço. Como seria de se esperar, o sexo anal penetrativo é uma prática pela qual se cobra um valor mais alto do que aquele cobrado por outras práticas, haja vista a rejeição generalizada dos michês a

condição de “passivo”. Beijar é proscrito, pois na prostituição viril, o beijo entre homens seria percebido como coisa de “homossexual”. Os que resistem em assumir uma identidade homoerótica recusam-no como uma prática íntima, que envolve afeto, podendo aproximá-los de uma identidade menos viril, de “bicha” ou “veado” (PERLONGHER, 2008). Na verdade, o beijo só caberia em uma relação onde não houvesse essa hierarquia de gênero entre “passivo” (efeminado) e “ativo” (michê). Um dos sujeitos da presente pesquisa corrobora essa visão, ao afirmar que considera inadmissíveis algumas práticas vivenciadas por outros garotos, como “beijar na boca” e “ser penetrado”:

[...] quando eu quero mais grana, eu atendo alguns pedidos, realizo algumas fantasias. Porém, deixo claro para o parceiro que tenho limitações e por esta razão só faço aquilo que não vai ferir a minha condição de homem, caso contrário, peço que procure outro parceiro, pois não é o fato de estar sendo pago que vou me submeter a todo tipo de exigência do cliente. No ato da negociação tenho que ser muito macho, já dando a entender que eu dou as cartas, se um não quer tem outros que querem, mas não se pode falar manso. Tem que ser duro. (Felipe)

No universo da prostituição masculina, aparentemente, paira uma ameaça constante, que ultrapassa os limites entre a vontade e a necessidade, o prazer e o desejo, e coloca em permanente conflito o michê que pretende resguardar a sua masculinidade a qualquer preço, mantendo-se “ativo”. De forma similar, a ameaça da passividade destaca-se na lógica do mercado, da procura/oferta, para garantir-se enquanto mantenedor de seu próprio sustento.

Assim, parece que a identidade seria uma ilusão, dada sua total dependência em relação às posições e papéis sociais ocupados pelo sujeito. O michê, que vê no exercício da sexualidade um campo em que a busca por autonomia e práticas sexuais é exercida de forma singular, encontra novos papéis através da sociabilidade com seus clientes, exercendo por meio da sexualidade vivida na prostituição uma forma de construção de identidades. Ao mesmo tempo, os michês veem neste tipo de relação uma garantia do negócio e de sua sobrevivência.

No mercado homoerótico, tudo é negociado entre as partes. Seja na procura do prazer, ou na busca do ganho material, os corpos se encontram, se embaraçam e viajam em terreno movediço, impreciso, tortuoso. Em suma, qualquer que seja a posição ou o papel assumido nas práticas sexuais, próximas ou distantes das vontades ou fantasias dos sujeitos envolvidos, os michês e seus clientes negociam desejo, prazer, virilidade e sexo na atividade prostituinte.

CAPÍTULO 3

UM CORPO PARA SER MICHÊ

“No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”.
(J.Daolio).

O corpo é uma preocupação central daqueles que exercem a prostituição; afinal, trata-se de seu principal instrumento de trabalho. Nesse sentido, o garoto de programa tenta esculpir sua forma física, manter uma postura exuberante, um corpo másculo, rígido, jovem e viril. Desse modo, busca o corpo “ideal”, ostentoso, espetacularizado, construído com o intuito de impressionar, provocar desejo e ser desejado. Para Garcia (2005, p.35), “[n]esse veio, ele está exposto exatamente para ser exibido, portanto, admirado, adorado, venerado”, com possibilidades de atrair a atenção do outro.

O corpo que o michê busca seria aquele cujas formas provocam sensações agradáveis e prazerosas aos sentidos. Como afirmou um dos garotos entrevistados para a presente pesquisa, “não precisa ser bonito e nem bombado, o importante é ter pegada. Até hoje nenhum cliente reclamou do meu serviço, mas eu me cuido” (Felipe). É interessante observar a preocupação que a maioria dos michês deixa transparecer com a manutenção da desenvoltura corporal para expor-se, mostrar-se. Essa movimentação implica o exercício constante para garantir a permanência no centro dos olhares, marcar posição, construir e delimitar espaços. A definição territorial é revestida de singular importância, pois é nos territórios considerados marginais que esse “ator do teatro prostitucional” se expõe.

3.1 A construção social e histórica das imagens sobre o corpo

Discutir sobre o corpo é um exercício instigante, principalmente se se buscar nas diversas maneiras de visualizá-lo as interpretações e explicações que possam oferecer. Para explicitar as questões pertinentes a essa temática, faz-se necessário lançar olhares mais atentos, a fim de perceber nuances que, no dia-a-dia, são reveladoras da conduta, do desejo, da ética e da estética humanas.

Por se tratar de um tema complexo, que comporta diversas interpretações, observar o corpo implica visitar espaços onde ele se expressa e viajar nos gestos, mímicas e movimentos que dão vida ao personagem no teatro, ao jogador que persegue a bola no estádio de futebol, ao acrobata que se exhibe no trapézio, aos dançarinos que rodopiam na avenida, embalados pelo som do frevo ou do samba, aos modelos que desfilam na passarela da moda. Assim ocorre também com os garotos que se mostram no vaivém do asfalto, buscando garimpar clientes.

O corpo se revela na grandeza de sua obra, no encanto do seu trabalho, na importância de sua produção enquanto condição central da existência humana. Tentar compreendê-lo é experimentar a realização de um diálogo com seus gestos, suas necessidades, prazeres, desejos e paixões. Em outras palavras, é percorrer roteiros íntimos, questionar condutas, ter cuidado ao mover as lentes na busca do ângulo capaz de captar as imagens que escapam ao nosso olhar, antes que se escondam na rapidez da hora.

A sociedade, por meio de sua cultura e história, apresenta diferentes corpos. Um corpo vivo, saudável, disciplinado, emocionado, humanizado; um corpo que possui marcas, que tem interrogações, um corpo original, pessoal, único; um corpo útil, produtivo. Enfim, o corpo expressa conceitos que o extrapolam.

Trata-se de uma materialidade sujeita a mutações, transitória, incompleta. Sofre as mais variadas formas de intervenção, promovidas ou legitimadas pela ciência, tecnologia ou religião, justificadas por imperativos éticos ou estéticos. O corpo é visado por dispositivos transgressores ou conformado a padrões culturais, econômicos, políticos e sociais. Em suma, “o corpo não é universal e absoluto, mas plástico, flexível e relacional, portanto, produzido através de sua socialização e coletividade”. (PERES, 2011, p. 71). A aprendizagem social inscreve nos corpos o gênero, o status e outros marcadores da identidade dos indivíduos: “[...] é a sociedade que ensina o corpo e nele marca as diferenças que ela reconhece e/ou estabelece: de sexo, de idade, de hierarquia social.” (KOFES, 1989, p. 47-48).

O corpo representou, na história da humanidade, várias características: a classe social, as condições de vida, a cultura dos povos, o poder vigente, a adequação aos diferentes climas do planeta, a diferenciação dos gêneros, entre outras. (DAOLIO, 2005). Ao longo do tempo, diferentes sociedades adestram indivíduos, ensinando-os a andar, dançar, praticar esportes e comunicar-se mediante gestos, posturas, olhares (KOFES, 1989).

A dualidade matéria-espírito permeou toda a civilização cristã, influenciando as visões da sexualidade, marcadas por dicotomias como normal/perversa, natural/antinatural, permitida/proibida. Na Idade Média, o corpo era considerado instrumento do mal e do pecado, enquanto que a alma era a única fonte de bondade. O desejo, expresso na materialidade corpórea, tinha que ser reprimido, mediante castigos e torturas, se assim se julgasse necessário. A flagelação era um meio de evitar ou castigar a luxúria.

Na modernidade, o corpo passa a ser objeto de manipulação, submetido ao controle disciplinar, que o transforma em um corpo dócil. Trata-se de uma forma de dominação destacada por Foucault (1991), para quem o poder, em si, não existe; o que existe são as práticas ou relações de poder que se estabelecem na sociedade. Nesse sentido, o corpo

[...] está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. [...] (FOUCAULT, 1991, p. 28).

O disciplinamento do corpo envolve um amplo adestramento, que não se limita à imposição de “uma série de gestos definidos”, pois vai muito além:

[...] impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez. No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica - uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador (FOUCAULT, 1991, p.138).

Foucault (1991) descreve o modo como o saber sobre o sexo se organizou na cultura ocidental e aponta para uma hermenêutica do desejo, destinada capturar e explorar os mínimos detalhes e as mais diversas verdades científicas da sexualidade humana. Criada com base em vários conhecimentos como a medicina, a demografia, a pedagogia e a psiquiatria, a *scientia sexualis* constrói a sexualidade moderna de acordo com uma conjunção de poder e saber que investiga as verdades mensuráveis e confessáveis da sexualidade que governa os corpos e seus prazeres.

A época contemporânea assistiu, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, a uma explosão de discursos sobre as manifestações corporais, como a sexualidade, a dança, as práticas esportivas, as terapias com fins estéticos e outras. Na atualidade, o corpo é preparado para expor-se e competir. Submete-se aos

chamados da estética e do erotismo, agora também objeto da cultura de massa midiaticizada. A mídia dissolve as fronteiras entre o público e o privado, tornando a noção de intimidade cada vez mais tênue, ao veicular *shows* onde pessoas comuns têm sua vida devassada e acompanhada por milhares de espectadores. O *voyerismo* é, assim, estimulado, sancionado e mesmo louvado em nome do sucesso comercial.

Em que pese a permissividade em relação a formas comerciais ou artísticas de nudez e de exibição da intimidade, em geral, e da sexualidade em particular, não foram eliminadas a repressão nem a normatização da corporalidade. Sentir o corpo, tocá-lo e exibi-lo continuam sendo práticas carregadas de interditos, envolvendo a dúvida, a dor e a culpa, mesmo que permeadas pelo prazer. Permanece a dicotomia entre o “eu” e o “corpo”, que o contato com as sensações e com a própria história emocional do indivíduo ainda não conseguiu dissolver e integrar.

Nos dias atuais, mais do que em outros períodos da história, o corpo pode se metamorfosear para suprir as demandas de cada indivíduo. O corpo pode ser modelado, treinado; pode tornar-se hábil e multiplicar suas forças e potencialidades. Contudo, ele também reage às tentativas de normatizá-lo ou controlá-lo: possui motividade, que se manifesta pela espontaneidade de seus gestos e vivacidade de suas expressões. Um corpo que canta, vibra, brilha, pulsa, compartilha e tem sentimentos. Se atormentado, ele sofre, chora, mutila-se, penaliza-se. Se negado ou reprimido, ele definha, padece, adocece. É certo que, independente da maneira como as pessoas se comportam, “[...] o corpo é lugar de imaginários, de ligações contestáveis cujas lógicas sociais é preciso compreender”. (LE BRETON, 2006, p. 72).

Como objeto de culto, diz-se de um corpo controlado, com o tamanho, as proporções, a cor, a textura, os movimentos, as roupas, a maquiagem, o corte do cabelo, tudo o mais que produz fascínio. Um corpo a carregar a mente: uma deusa, um ídolo; uma celebridade, santidade, autoridade. Corpo que integra/incorpora outros: corpo médico, corpo científico, corpo político, corpo intelectual.

O tempo deixa suas marcas, pois a realidade corporal é diacrônica e, assim, mutável: “[o] corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com a mudança de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica”. (LOURO, 2000, p. 8). Por outro lado, o corpo pode ser visto como um instrumento de luta contra o tempo e o

espaço quando, numa maratona, vence ao chegar na hora, ou em um salto, derrota o espaço. Corpo que luta, confronta, enfrenta e se faz atleta, ídolo e herói.

Nesta perspectiva, a visão naturalista vai, paulatinamente, sendo superada por uma nova leitura que toma o corpo como uma produção sócio-histórica, cultural e política, em constante construção que lhe imprime marcas variáveis, de acordo com os tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, sexuais, de gêneros e outros. Assim, observa-se que, historicamente, o corpo tem sido mostrado de várias formas e em qualquer conjuntura pode ser tomado como importante recurso para a compreensão da ação recíproca entre o meio social e a condição humana.

No atual contexto social, os padrões de normalidade comportamental, corporal e sexual vêm sinalizando mudanças e apresentado uma diferenciação entre grupos sociais e entre indivíduos. Novos valores, crenças e ideologias têm levado a novas maneiras de pensar e a estilos de vida alternativos, como as tribos urbanas, como *ravers* (jovens que participam de festas *raves*, com música eletrônica em alto volume, fazem uso de drogas e se dizem livres (SANTOS, 2011), *ursos* (do inglês *bear*, homens corpulentos, pesados, usualmente peludos e barbudos, homoeróticos com aparência “masculina”) e outros. (SILVA, 2007). São indivíduos que experimentam diversas formas de ser e pensar, que transitam pela desterritorialidade urbana, da experiência na *internet* à vivência nômade da rua. Como afirmou Bauman (2005, p.96), “neste mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado”.

Assim como, no passado cristão, a alma caracterizou o humano, a questão se desloca, na atualidade, para o corpo. Porém, a nova ordem mundial, baseada na economia de mercado globalizada, tende a ver o corpo também como mais uma mercadoria e a cada dia se exige mais desse corpo.

3. 2 O corpo como mercadoria

A partir da divisão de trabalho e da desigualdade social, os corpos passaram a hierarquizar os sujeitos, impondo os comportamentos e modos de existência feminino e masculino. Com a sociedade heteronormativa e os papéis sociais definidos, o que deveria ser sentido, pensado e desejado estava prescrito e os que

subvertessem a ordem ou violassem as regras, se tornavam alvo de pedagogias corretivas e punitivas.

A modernidade capitalista, com suas profundas transformações sociais, culturais e econômicas, trazidas pelas revoluções burguesas, pelo desenvolvimento das forças produtivas e pela reconstrução do espaço urbano, oferece elementos históricos capazes de fundamentar essa análise, pois além da implantação de um novo modo de produção, estabeleceu um amplo e dinâmico processo civilizador (ELIAS, 1994). Este, além de acarretar uma mudança social de âmbito global, promoveu alterações na subjetividade, muitas delas associadas às novas expectativas com relação ao corpo.

Nas sociedades ocidentais, sempre estiveram presentes relações de poder sobre os corpos e diferentes formas e lugares para comercializar o sexo. Tradicionalmente, a prostituição era praticada em cabarés, praças, ruas, bares e boates; na modernidade, passa a lançar mão de tecnologias de comunicação, como telefone ("*call girls*"), jornais e, atualmente, a *internet* – espaços que não só facilitam como transformam a interação entre os profissionais do sexo e seus parceiros.

A globalização, como foi referida anteriormente, possibilitou o aprofundamento do capitalismo, devido à mercantilização de praticamente todas as esferas da vida e a exacerbação do consumo. Ainda que o comércio sexual preceda em muito o capitalismo, verifica-se, agora, que a massificação da produção e do consumo da sexualidade atinge um nível global. A pornografia e o apelo erótico da propaganda, que assumiram escala industrial desde o advento das comunicações de massas, tornam-se mais disponíveis, com baixos custos, mediante a difusão da internet.

Na sociedade de consumo, o corpo é reificado e despojado de sentido e sentimento; como coisa, não possui em si valor algum além daquele que lhe foi atribuído, tal qual uma mercadoria, ficando sujeito às leis da propriedade, do mercado, da concorrência, da oferta e da procura (RIOS, 2003). Observa-se, conseqüentemente, uma maior preocupação com o corpo e a supervalorização de sua estética, pois tornou-se produto comercializável e fonte de renda, altamente explorável como fonte de lucro.

A "coisificação" do corpo é uma característica de ordem cultural e econômica. No atual contexto, propaga-se a concepção de corpo-mercadoria que se volta especialmente para a venda de imagens corporais de sucesso, pois que o

espetáculo faz ver, é o mundo da mercadoria. A conquista do corpo almejado é condicionada objetivamente, assim como qualquer outra mercadoria.

Pode-se afirmar que somente em determinadas condições sociais o corpo se torna um meio de produção ou produto de consumo. Entretanto, como lembram Maroun e Vieira (2008, p. 184),

A realidade corporal é o local onde se depositam as fantasias, as sensações, os desejos, o real e o imaginário, ou seja, toda a subjetividade humana. Consumir o corpo a qualquer custo é uma forma de desconsiderar todos esses aspectos e retomar uma visão cartesiana de máquina onde apenas se reproduz uma determinada realidade exposta.

Na época atual, os corpos são “remodelados”, manipulados e reconstruídos por meio de técnicas que visam ao seu aprimoramento físico e estético. De fato, na “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997), onde o que vale é a imagem, e cujo propósito é gerar bens de curto consumo,

sob a exigência do fascínio estético, o indivíduo segue a reivindicação imposta por este modo de produção e de consumo de coisas, que resulta na composição de um corpo que só é importante enquanto é produtor ou consumidor do belo fascínio. (RIOS, 2003, p. 57).

Para se colocar no mercado e nele permanecer, a aparência das pessoas tem que atender aos padrões estéticos mencionados, os quais, assim como as atitudes perante a beleza, vão se modificando ao longo do tempo, inclusive como parte do processo normatizador do corpo³⁶. Assim, os corpos são mercantilizados, submetidos a processos similares de produção em série, ajustáveis ao que se espera socialmente em termos de tamanhos e formas. Em nome da beleza, da juventude, das medidas corretas, da magreza e das roupas de grife, esses corpos se submetem a todo tipo de aprimoramento físico: ginástica, musculação, implantes, enxertos e cirurgias plásticas (SANTAELLA, 2003, p. 200).

As exigências do mercado são grandes, sobretudo para as mulheres e algumas categorias profissionais. Ser (sempre) jovem, com altura e peso certos; ter medidas corporais corretas, sem flacidez; exibir cabelos, pele, unhas e dentes bem tratados; vestir-se de acordo com a moda; ter postura sexy e elegante – não são poucos os requisitos para ter uma aparência capaz de atender aos ditames dos meios de comunicação de massa e às pressões sociais. Para os que usam o corpo

³⁶ Maiores informações sobre estética corporal e história podem ser obtidas em Noronha (2000); Vigarello (2003).

como instrumento de trabalho – não só prostitutas e prostitutos, como modelos, atores, bailarinos, atletas – obter e manter resultados satisfatórios impõem disciplina, sacrifícios e até mesmo riscos à saúde, devido a dietas radicais, tratamentos dolorosos, exercícios exagerados, sem falar nos custos em termos de tempo e dinheiro. São as leis do mercado que estabelecem as regras e o produto deve ser moldado conforme o padrão de qualidade exigido pelo consumidor. O corpo é sujeito ao tempo e busca produzir com rapidez e eficácia aquilo que o mercado exige.

Para fazer do indivíduo um objeto de adestramento corporal, manipulação estética e cuidados físicos, foi necessário rejeitar visões moralistas e religiosas, bem como ultrapassar a concepção dualista que afirmava o primado do espírito sobre a matéria. Com isso, o corpo foi valorizado e recebeu “um status de prestígio, um lugar radioso”, tanto quanto a alma, transformando-se “num território privilegiado de experimentações sensíveis” e passando a ser “uma instigante fronteira a ser vencida, explorada e controlada” (SANT’ANNA, 2001, p. 70).

As identidades sociais dos sujeitos (masculino e feminino), em geral, se constroem em torno do corpo, do que ele é capaz de proporcionar e oferecer. A prostituição é um dos fortes vetores que potencializa o domínio do corpo. E na busca de condições para um desempenho com excelência da atividade, os profissionais do sexo lançam mão de meios para se tornar atraentes e se manter em boa forma física, como academias de ginástica, dietas alimentares, remédios que inibem o apetite, anabolizantes, produtos da indústria de cosméticos e serviços de estética.

No caso desses profissionais, o corpo tem um duplo papel: em primeiro lugar, deve despertar o interesse, provocar desejo e incitar o prazer; em segundo, saciar esse desejo e proporcionar o prazer que o cliente busca. Para tanto, não basta apenas observar a beleza e o encantamento do corpo, é preciso tocá-lo, explorá-lo e experimentá-lo.

Nessa forma de expressão da sexualidade, muitos garotos deixaram de ser simples garotos: tornaram-se mercadorias vendáveis. Alguns estão expostos em *sites*, revistas, jornais. Meninos pobres, bonitos, de classe média baixa, em algumas horas eles são estudantes, operários, auxiliares de escritório; em outras, se expõem ao comércio sexual, em uma esquina qualquer. Todos são objetos do desejo, desejo de ter, desejo de ser (TRIGO, 2007). Entretanto, independente do seu querer, o *michê* torna-se objeto de prazer do outro.

3.3 O michê e seu corpo

3.3.1 O corpo-vitrine

O mercado tenta transformar sonhos e desejos em serviços e produtos, o que faz da prostituição um negócio cada vez mais procurado. O que o michê oferece no mercado configura-se como um serviço, pois o pagamento pelo cliente não resulta em sua posse. A diferença fundamental entre um produto e um serviço é exatamente que o produto, quando comprado no mercado, torna-se propriedade de quem por ele pagou. Já o serviço é algo cuja compra não resulta em posse pelo consumidor. Assim, um dos obstáculos na promoção de serviços é que eles são intangíveis: são efetivamente conhecidos somente na hora da sua realização, não sendo possível conhecê-los (como a um produto) previamente. Nesse sentido, no *marketing* de serviços perseguem-se estratégias para aumentar a confiança de possíveis clientes naquele prestador específico, tornando o produto um pouco mais palpável antes mesmo da compra.

O michê utiliza várias formas para tornar seus serviços mais atraentes e conquistar o desejo do cliente: o nome que adota, sua aparência física, seu gestual, suas roupas, sua voz. Como disse Marley, “o mercado exige isso: que a pessoa seja bonita e tenha rosto, dentes, boca, olhos bonitos, o corpo bonito”. É quase sempre este último que atrai o desejo do cliente, embora seja no momento da efetiva prestação do serviço que esse desejo se concretize.

Somente a beleza física não basta; é necessário que ela se expresse em movimentos e na postura do corpo, para que possa nutrir no cliente a vontade de tocá-lo, de consumi-lo, sendo esse o fetiche que leva o usuário desse serviço a retornar e a procurar mais vezes por tais serviços:

[...] A vantagem é que ser bonito e andar bem, se vestir bem, ter um bom perfume, atrai mais cliente e você não cuidando dessa parte, não cuidando disso a tendência é só eles virem, ficar com você, gozar com você e não ficar mais [...] é por isso bem, que eu cuido do meu corpo. (Gabriel).

As habilidades corporais se tornam um recurso para potencializar a beleza:

Eu sabia exatamente onde eu funcionava, qual era o ângulo meu que [se] eu levantasse, o corpo ficava mais bonito, porque quem está pagando quer alguém bonito do seu lado. No momento em que eu me levantava, eu me levantava com muita postura da cama, claro, me levantava na postura que o meu corpo ficava o mais bonito possível e assim o fazia sempre. (Bruno).

Os michês são particularmente suscetíveis à tendência, analisada na seção anterior, de “fazer o corpo”, para atingir padrões estéticos social e culturalmente determinados. Os garotos acreditam que “se bombar” e praticar exercícios físicos ajudam a garantir uma aparência máscula, como a atividade requer. Neste sentido [...] “à medida que o corpo se avoluma, a personalidade também se transforma. Desaparecem os modos ‘cautelosos, passivos” (PAGLIA, 1993, p. 85).

Com o intuito de melhorar o visual e por acreditarem que podem atingir crescimento muscular e uma boa *performance* física, alguns garotos de programa, sem qualquer orientação médica, fazem uso de anabolizantes³⁷. A venda de tais drogas sem receita médica é proibida por lei, mas ocorre em farmácias, dentro de academias e também pela *internet*. A proibição se deve a efeitos colaterais, como edemas e problemas no fígado, entre outros.

O esforço do michê para manter o corpo em forma tem reflexos na pista, no negócio. Trata-se de um recurso a ser explorado “na batalha da rua”, onde os atributos de sedução são indispensáveis. O olhar do cliente tende a se dirigir para a musculatura volumosa, padrão idealizado do corpo masculino, símbolo de virilidade. A busca por esse corpo idealizado pelo garoto se justifica pela maior rentabilidade do trabalho na prostituição e por uma maior aceitação de si: é preciso despertar o desejo no outro e uma das condições para isso é sentir-se atraente, bonito:

Eu malho todos os dias, duas horas. Eu tenho que cuidar dos meus dentes, do cabelo, usar um bom perfume [...] Então, se eu não sei cuidar disso, não vou chegar aonde quero chegar, ter pessoas ligando pra mim. Eu pretendo botar um anúncio e para colocar um anúncio, a gente tem que estar com todos esses quesitos prontos. (Gabriel).

A vestimenta usada também é de grande importância, pois é por meio dela que o corpo é valorizado e visualizado. O gênero adquire vida social por meio das roupas que cobrem os corpos e de uma estilística corporal e estética culturalmente estabelecida como adequada. No caso do michê, a roupa permite a modelagem da silhueta, além de ressaltar os músculos, o que facilita a aproximação com o cliente, como relata um entrevistado:

³⁷ Anabolizantes ou “bombas” são hormônios esteróides anabólicos androgênicos, derivados da metabolização do colesterol, dentre eles a testosterona (MARQUES; PEREIRA; AQUINO NETO, 2003). A testosterona é produzida nos testículos e no córtex adrenal, sendo responsável pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias associadas à masculinidade durante a adolescência e a maioridade (BAHRKE; YESALIS, 2004).

[...] Boa roupa, boa malhação, bom perfume, bonito, cheiroso. Você tem que chegar causando, dando o primeiro impacto para o cliente, que ele te veja e te olhe assim; “nossa! Que boy bonito”, entende? É isso que você tem que causar. (Gabriel).

Aqueles com o corpo em boa forma procuram, de todas as maneiras, se tornar visíveis e disponíveis:

[Na rua] eu sou identificado logo na hora, porque eu vou de calça, tênis, camiseta [...], já me mostrando que sou um garoto de programa e já fico na esquina ali. Então, logo que virar um carro, ele [o cliente] vai me ver, vai ver outras pessoas que também estão no mesmo estilo de roupa e de lugar, lá é um lugar de prostíbulo, já é uma rua de prostituição, todo mundo que entra ali já sabe que vai encontrar um garoto de programa ou uma garota, ali parado. (Gabriel).

[...] Bom, quando o cliente chega, a gente, tipo assim, chega realmente pra trabalhar [...] Às vezes tiro minha camisa, tipo quando o corpo já está bombado, aquela coisa bem máscula, então, eu fico sem camisa e tal, algumas pessoas passam e baixam o vidro, outras param, conversam, dá uma entrevista, perguntam quanto é, o que eu faço... Então, é isso. (Felipe)

Assim, o corpo é visto como meio de acesso e portador de significados do mundo social (CSORDAS, 1988); na atividade do michê, é vitrine e porta de entrada para a negociação. Na deriva em que os garotos se colocam, o que prevalece é a tática da paquera, das expressões do rosto, dos sinais corporais expressos por meio da gesticulação das mãos, por vezes um simples aceno. Quase sempre utilizado como elemento de sedução, o corpo é o produto a ser exposto, é um corpo que fala, que diz quase tudo. O michê faz uso do discurso corporal para produzir o encantamento necessário ao convite.

Ele circula pelas praças e ruas sempre atento a um possível cliente; ao percebê-lo, uma das estratégias para ser notado é tocar o próprio órgão genital. Assim, chama a atenção para determinadas partes do corpo, sobretudo a genitália, que deve ser explicitamente apreciada, por ser um dos critérios que facilitam a leitura do programa a ser negociado. Algumas vezes é exposta, para que o cliente possa certificar-se de que o produto pelo qual vai pagar está à altura de seu desejo. Dessa forma, “o corpo é parcelado, certas partes são ‘separadas’ do conjunto, relativizando-se, assim, o imperativo do ‘ser belo’. No caso dos michês, o objeto destacado é sobretudo o pênis”. (PERLONGHER, 2008, p. 171),

. Os prostitutas sabem que, para o cliente, o núcleo central tanto da fantasia quanto da promessa de um desempenho sexual satisfatório é o órgão sexual. Muitos relatam, sem demonstrar constrangimento, que mostram essa parte do corpo,

principalmente para facilitar a avaliação e decisão do cliente e o valor exigido pelo serviço. A exibição, porém, pode gerar mal-entendidos, como no caso do garoto cujo gesto motivou uma agressão verbal por parte de um transeunte, que se ofendeu por ter sido confundido com um possível cliente³⁸. E mesmo quando se trata de uma negociação, exibir o “produto” pode causar constrangimento, ainda que facilite o desfecho do encontro:

É muito ruim a gente se sujeitar e trocar intimidade com uma pessoa por quem não se tem atração. Mas o que se faz é por dinheiro e não rola tesão, nem paixão. Quando o cliente quer realmente saber como é o produto, assim, têm umas mariconas que ficam passando a mão, te bolinando. Então a gente mostra o pênis e resolve logo a parada. Mas muitos clientes só se dão por satisfeitos se verem a obra toda. Aí pode rolar um programa. (Felipe).

Na lógica do comércio do sexo, a linguagem do erótico pode estender-se para outras partes do corpo. Assim, o ânus também é de fundamental importância para o negócio do michê. A intratabilidade dessa parte do corpo se traduz por macheza e, nesse caso, trata-se de um critério que diferencia o “homem ativo”, ou o macho “o que come”, do “sujeito passivo”, aquele “que dá”. Como foi visto no capítulo anterior, o garoto que na relação sexual permitir ser penetrado, é tido como efeminado, podendo ser desqualificado como profissional. Nesse sentido, um dos entrevistados, Felipe, afirmou: “eu não gosto de trabalhar em sauna, prefiro fica aqui na praça, na rua, porque eu não dou o cu, e lá os caras tem que dar”. Conforme esse michê, no ambiente da sauna ele deve acatar as regras postas, enquanto no espaço aberto ele pode manter sua autonomia. Com efeito, pesquisa sobre garotos de programa em espaços fechados de São Paulo constatou que algumas saunas daquela cidade só permitem a presença de garotos de programa que estejam dispostos a satisfazer o cliente tanto de forma ativa como passiva. (SANTOS, 2007).

É importante frisar que o “tesão” não se resume à região genital. Ainda que esta seja a sua principal localização, o corpo todo pode ser percebido como objeto de desejo e como fonte de prazer:

É nesse entendimento erótico do corpo e suas práticas que a excitação e o desejo são mais plenamente realizados. É aqui também que as qualidades que distinguem o erótico, tanto das hierarquias de gênero como dos discursos da sexualidade, são mais evidentes. (PARKER, 1991, p. 171)

³⁸ Ver episódio mencionado por Marley, no item 2.1.

O corpo aparece, em alguns discursos, como uma “máquina de sexo” para os clientes. É o caso de michês que estão sempre disponíveis para programas, chegando a atender, de maneira satisfatória, a vários clientes, como relatou um dos entrevistados: “[...] eu chego a fazer entre oito a dez programas por dia”. (Marcelo). Para manter uma atividade sexual intensa, os profissionais do sexo desenvolvem algumas estratégias como, por exemplo, evitar a ejaculação, fingir orgasmos e estimular a ejaculação dos clientes, quando a masturbação recíproca é praticada (ALMEIDA, 1986; PERLONGHER, 2008). Nessas ocasiões, para garantir a satisfação do cliente, o michê costuma ser tolerante e paciente, para que este o mantenha no comércio sexual.

Esses sujeitos, que pretendem ser vistos em espaços abertos como heterossexuais, têm poucas escolhas. Como escolhidos, eles esbarram em outros sujeitos desejantes, que procuram virilidade, porque este é o seu encanto, a qualidade que provoca desejo. Como foi assinalado anteriormente, a aparência viril desses prostitutas não significa que eles sejam sempre “ativos” ou “machos” no ato sexual. Como a clientela é quem paga pelos seus serviços, pode acontecer do parceiro sexual exigir mais do que foi previamente acordado. Submissos pela necessidade de dinheiro, alguns michês aceitam realizar o programa na condição de parceiro passivo, prática comumente atribuída somente aos homoeróticos.

A figura dos garotos nem sempre corresponde à expectativa dos clientes quanto ao corpo másculo, “sarado”. Nas ruas, cinemas, praças e outros locais do Centro de Fortaleza, encontram-se michês com aparência bem diversa dos homens que aparecem em revistas, jornais e *sites* voltados para o público gay. Com estatura mediana, corpos franzinos, sem massa muscular expressiva, não aparentam a virilidade que o negócio requer. Eles transitam pelos locais “de pegação” vestidos com simplicidade, quase sempre usando calças *jeans*, camisas de malha e tênis, desgastados pelo tempo e pelo uso, sugestivos daquelas peças encontradas nas feiras ou no comércio ambulante do Centro da cidade. Vale lembrar que os profissionais do sexo que trabalham nessa área quase sempre têm uma clientela de classe média-baixa, e lhes faltam recursos para cuidar bem da aparência física, da alimentação, saúde e vestuário, nos padrões que a atividade exige. Conseguem, no máximo, frequentar uma academia, com o intuito de fortalecer a musculatura corporal. Alguns sequer dispõem dos produtos necessários à higiene corporal, como foi observado por ocasião dos encontros e entrevistas com os sujeitos da pesquisa.

Mesmo não exibindo atributos corporais que correspondam às expectativas associadas ao perfil do michê, muitos dos que transitam pelos circuitos de prostituição no centro da cidade apresentam traços que os tornam atraentes para os frequentadores dos territórios marginais. Por vezes, a aparência franzina é compensada por outras habilidades, que se tornam conhecidas durante o programa, como mostra o seguinte depoimento:

[...] eu aprendi uma coisa: quando eu entro num quarto eu já sei como devo mandar ver. Tenho que fazer o serviço bem feito, entendeu? E procuro agradar as pessoas, eu procuro cativá-las. Não é à toa que tem uma pessoa que virou meu cliente. [...] Essa pessoa, a primeira vez que me viu disse: “nossa, você é tão magrinho, pouquinho, eu nunca vou gostar”. E se enganou comigo, porque eu sei fazer a coisa bem feita. Hoje em dia [ele] não me larga. (Bruno).

Pode acontecer também que, mesmo não sendo musculosos, tenham o que Perlongher (1987a, p. 58) denomina de “macheza das classes baixas”. Pode-se supor que, para clientes de melhor poder aquisitivo, transar com michês da “baixa prostituição” – para utilizar outro termo de Perlongher (1987a) – potencializa o prazer, pois estes “[...] guardam no seu sorriso áspero e cínico a promessa de uma aventura cuja intensidade consiga desafiar, para acender-se mais ainda, todos os riscos” (p. 58).

Essa suposição remete a uma característica marcante da prostituição, assinalada por Ceccarelli (2008b): trata-se da atração que decorre justamente do fato de ser uma atividade estigmatizada e marginal. O comércio do sexo homoerótico leva os sujeitos a viver silenciados, para preservar a identidade sexual, afastar o preconceito e, ao mesmo tempo, manter-se no mercado. Para muitos garotos, o homoerotismo é vivido em uma situação de pobreza que, por sua vez, os impele à comercialização do prazer. Assim, sua experiência na prostituição não pode ser compreendida apenas com categorias sobrepostas – como pobreza, juventude e “homossexualidade”, por exemplo – mas requer uma perspectiva que articule essas e outras categorias de diferenciação, imbricadas na experiência dos garotos (PISCITELLI, 2008)³⁹.

A aparência física não é o único instrumento para atrair clientes. Para criar a ambiência necessária para encenar a capacidade do corpo, os garotos de programa

³⁹ Piscitelli (2008, p. 269) utilizou essa abordagem no estudo de migrantes brasileiras, articulando as categorias de “sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade”. Sobre o tema da interseccionalidade ou categorias de articulação, ver, também, Brah (2006).

utilizam outros recursos visuais, como gestos concernentes à prática do sexo. Eles executam coreografias com movimentos amplos e intensos: retiram a camisa, descem o zíper das calças e insinuam que vão mostrar a genitália. Nesse sentido, os movimentos têm um importante papel para o reforço dos significados de que o corpo é investido, como se pode verificar no depoimento abaixo:

Existe uma linguagem que se diz: “eu vou puxar a neça”, que é mais usada pelas travestis em São Paulo, que é assim: eu me excito, fico excitado e ponho o pênis para fora. Então, quando o cliente passa e vê que é uma coisa que ele realmente está procurando, aí eu consigo algum programa. É muito difícil, mas acontece de ser um dia muito ruim e eu ser obrigado a fazer esse tipo de programa. (Marley).

Todos os movimentos e gestos praticados pelos garotos são destinados à elaboração de uma imagem de masculinidade, com atributos associados à virilidade e ao culto do corpo. Tais atributos são valorizados como veículo de *status* e poder, mas também revelam símbolos e significados de pertencimento. A gesticulação e a compleição física passam a ser inscrições discursivas importantes que atuam na subjetivação e materialização de corpos que seriam “hipermasculinizados”: “masculinidade” inscrita e subjetivada, que se materializada no corpo, o maior bem de troca dentro dos territórios da prostituição.

O michê se diz ativo, hetero, transpira macheza; quando se apresenta de outra maneira, não é bem visto por seus colegas de atividade. Esses traços são portadores de uma afirmação que ele precisa estar renovando, principalmente para se manter desejado e procurado pelo cliente. Aqueles que manifestam algum trejeito que expresse feminilidade passam a ser hostilizados pelos outros garotos. Assim, o universo da prostituição masculina viril se mantém.

3.3.2 O corpo como locus de negociação do prazer

É comum ouvir dizer que nada é mais íntimo do que uma relação sexual, tanto que pode provocar constrangimento quando os sujeitos envolvidos não se conhecem previamente. Neste caso, para que o ato sexual aconteça, pressupõe-se uma permissividade que atravessa o limite de normas e regras estabelecidas socialmente. E nesse jogo de sedução e desejo, os sentimentos transparecem na extensão do corpo e se colocam em ação nos comportamentos (LE BRETON,

2006). Desse modo, o corpo funciona como um vetor que direciona e provoca prazer.

Para manter uma clientela, o michê tem de descobrir o que o cliente quer fazer durante o programa, mesmo que este não verbalize seu desejo. Isto pode ser percebido nas seguintes narrativas:

[...] É assim, eu me acho artista e sou um personagem pro meu cliente. Porque assim, se ele estiver apaixonado e me querer daquela forma, é daquela forma que eu tenho que ficar para ele [...], para ele ficar mais louco e mais louco [...]. (Felipe).

[...] o cliente chega, eu o abraço e começa as pré iniciais para seduzir o cliente, tirando a roupa, a blusa e por último tirando a calça dele. Isso são técnicas que muitos profissionais usam, mas são profissionais mesmos [...] é uma coisa muito de química (Marley).

É interessante frisar que a desenvoltura ou desempenho sexual do michê traduz-se na sua capacidade de criar e realizar fantasias, que são fatores determinantes para a qualidade da prestação do serviço. Estes fatores influenciam também a negociação, pois tudo que é realizado durante o programa tem um preço e é cobrado. Afirma-se, assim, uma característica peculiar ao comércio do sexo: a estreita vinculação entre o interesse material explícito e o desejo que se aloja nos subterrâneos do imaginário.

O bom profissional é aquele que tem a capacidade de seduzir, provocar ciúmes, despertar paixões, viver múltiplas personas:

[...] eu trabalho com a cabeça, porque todo garoto de programa trabalha com a mente. Ele tem que pensar como vai ser, tipo assim: manter uma cena, criar um ciúme na pessoa. [...] Fazer aquela maricona se apaixonar por você. É uma coisa meio difícil, mas estamos na vida, a gente aprende rápido e consegue. Consegue viver essa dupla personalidade. É algo assim que só o michê tem, só o garoto da rua consegue fazer isso. Enganar uma pessoa, por dinheiro. (Felipe).

A gente tem que ser um psiquiatra porque um psicólogo é pouco demais, porque a gente encontra todos os tipos de cliente porque está pagando [...] então eles já visualizam que são muito apaixonados, o cara induz e aí já se apaixona, enganam. Existe tudo isso, então nós que já vivemos mais tempo a gente sabe [...] a gente tem que produzir e satisfazer a produção, satisfazer os telespectadores [...] para satisfazer o cliente, que tem de sair bem. Quando eu falo que eu sou uma personagem do filme, da novela, é a pura verdade: você está ali, o cara olha pra você, o cara muito masculino, você já passa purpurina, aí eu vejo que ele gosta de cara que é um pouco homofóbico, ali escondido. Então, ele não pretende transar com um cara másculo porque ele acha que é ser gay, então ele opina por um cara mais acertado. Aí eu já trunco, eu já fico um rapaz bem alegre, aí o coroa chega e eu digo é tanto e pronto, a gente faz aquele bom contrato. (Pablo).

Os clientes estão no centro dessa teia de corpos, desejos e interesses. Muitas vezes, solicitam dos profissionais do sexo a realização de fantasias. Estas, quase sempre, são previamente negociadas, porque o valor pago é maior. Às vezes, os clientes são explícitos e dizem exatamente o que esperam do profissional; outras vezes, deixam que a criatividade do michê alcance o seu desejo. Pablo relata que “[...] têm uns clientes que pedem pra gente transar batendo, outros pedem pra gente passar creme no corpo”. Certas fantasias são mais constrangedoras, pois ofendem a condição de macho que o garoto tenta preservar:

[...] já me pediram muita marmota, mas o pior mesmo foi vestir uma calcinha feminina de renda, eu não aceitei porque depois o cara ia querer me comer, assim não dá, porque o que ele queria mesmo era alguém para substituir sua mulher, [o que] não é o meu caso (Marley).

O michê, ao aceitar o programa, deve realizar a fantasia sem causar constrangimentos, para evitar desentendimentos ou mesmo a perda do cliente:

Uma vez fiz um programa com um cliente que ficou o tempo todo bebendo. No final ele quis marcar outro programa para o dia seguinte, mas adiantou que gostaria de transar preso [algemado] à cama e apanhando de chicote. Tudo bem, claro, eu só insinuei a chicotada, mas não batia com força. Depois perguntou se eu toparia transar com uma máscara de pirata e eu topei, mas pedi que arranjasse a máscara e aumentasse a grana. No final, eu perguntei [em tom de sarcasmo]: “no próximo programa, a fantasia é do Drácula?” Aí o cara sumiu. Então eu entendi que a gente tem que respeitar a vontade do cliente. (Pablo).

O respeito, neste caso, é considerado como uma regra a ser mantida como condição de garantia da assiduidade e do valor pago por parte do usuário: “a gente não discute com o cliente, a gente respeita o cliente e faz o que ele quer. Agindo dessa forma, ele retorna, te respeita e te paga bem”, diz Felipe. Tal constatação indica que esses sujeitos desenvolvem normas de conduta fundadas por meio da conveniência entre eles e reconhecidas pelos seus pares.

As fantasias dos michês têm menos a ver com o erotismo do que com as condições materiais daqueles que compram os seus serviços. Há garotos que observam a roupa que os clientes estão vestindo, se eles os levam para um motel bom ou para um motel barato, se oferecem uma bebida antes da relação sexual etc. O automóvel é um verdadeiro fetiche nessa relação: “na ‘paquera’ motorizada, a marca do carro é altamente valorizada. Em [certas] ocasiões alguns michês podem até deixar de lado interesses econômicos pelo prazer de se exhibir num carro de luxo”

(PERLONGHER, 2008, p. 174). No caso, prevalece o desejo de mostrar aos demais michês que ele “é o cara”, “que está podendo” – o que não deixa de ter seu lado interesseiro, pois exibir-se com clientes endinheirados pode despertar a atenção de outros clientes de igual condição financeira. Em algumas ocasiões, porém, trata-se apenas do prazer de se sentir em um *status* mais elevado, embora tudo não passe de fantasia.

Entre o michê e seu cliente existe uma cumplicidade que vai além da questão sexual. Isso explica o fato de alguns clientes pagarem os garotos apenas para ser ouvidos, como foi visto no primeiro capítulo. Entre os protagonistas, se estabelece um jogo erótico no qual fica difícil saber quais fantasias são realizadas, porque, às vezes, o programa se resume a uma conversa, uma espécie de desabafo; nem sempre acontece o intercuro sexual. Assim, entre quatro paredes, as práticas desenvolvidas pelos michês são indefinidas, e essa indefinição, de algum modo, é provocante, elemento que contribui para tornar mais sedutores os serviços por eles oferecidos.

A própria transgressão, paradoxalmente, é normatizada, pois o sucesso da prostituição requer que comportamentos e práticas sexuais desviantes se realizem mediante acordos (inclusive financeiros) entre os parceiros, obedecendo a limites (por exemplo, a recusa de Marley em usar calcinha) e pautando-se por “respeito”, de modo que não haja constrangimentos. Assim,

O território de prazeres ilegítimos, que conta com a cumplicidade entre aqueles que o frequentam, permite ao homem viver fantasias sexuais inconfessáveis, sem se sentir ameaçado em sua identidade social. Além disso, os eventuais e inevitáveis fracassos sexuais são igualmente preservados neste espaço. Existem também aqueles para quem o pagar representa uma forma de afirmação de poder, virilidade (em particular quando a performance sexual deixa a desejar), uma maneira de compensar uma insegurança ou frustrações afetivo-sexuais, etc. Mas, por certo, existem pessoas que sentem prazer nessa forma de viver a sexualidade sem maiores problemas. (CECCARELLI, 2008b, p. 9).

Embora quase sempre visto pelo olhar estigmatizante, cujos sentidos pairam em diversas ordens de preconceitos, o michê está no ponto (seja na rua, cinema, banheiro, sauna, boates e tantos outros locais) nutrido por um conjunto de condições que os faz desejar, sendo desejados: o culto ao corpo, como forma de prazer, seja no livre acesso ou na negociação; os atos, práticas, gostos e prazeres; a competição no trabalho, vangloriando-se da própria masculinidade e de estar cumprindo o papel tradicional ligado à penetração, à potência, à agressividade, à dominação, ao

controle emocional, à coragem e à racionalidade. A comercialização de serviços sexuais torna-se, assim, um campo para a realização de necessidades complementares: por parte do cliente, que têm seus desejos e fantasias sexuais realizados, e por parte dos profissionais do sexo, que ganham financeiramente com o negócio.

Como se pode constatar dos relatos apresentados, as inscrições corporais e simbólicas são atravessadas por marcadores sociais distintos, como *status* econômico e um saber sobre as partes do corpo, que as valorizam ou inferiorizam. Então, pode-se pensar que as masculinidades se encontram em permanente tensão e disputa, como argumenta Louro (2000), ao afirmar que as práticas sexuais estão relacionadas a um conjunto de convenções culturais e plurais, haja vista que é por meio da cultura que os corpos ganham sentido socialmente.

Assim, pesquisar as práticas e a identidade sexuais de michês, em seu cotidiano, implica compreender que, na sexualidade, estão envolvidos fatores culturais diversos, da ordem da linguagem, dos rituais, dos símbolos e das fantasias. A noção de corporalidade, assim como a própria definição do que é ou não “natural”, é produzida pela cultura. Como assinala Louro,

[...] nada há de absolutamente ‘natural’ neste terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas (LOURO, 2000, p. 6).

3.3.3 *Um corpo que cai*

Com o decorrer dos anos e o desgaste sofrido pelas noites mal dormidas ou passadas em claro, pelo uso frequente de drogas lícitas e ilícitas (cigarro, álcool, maconha, cocaína, crack) e pelo cansaço do corpo que pede repouso, os michês se preocupam com a saúde, temem pelo futuro e reclamam das experiências negativas que a prostituição lhes submete:

[...] o lado ruim dessa atividade é quando você se depara doente, porque com saúde ou sem saúde, você tem que sair em busca do dinheiro, porque como você está todo dia na rotina, de repente um cliente liga e para você não perder aquele cliente você se obriga a sair mesmo com febre, com gripe, doente, você tem que estar lá, pronto para atendê-lo. Muitas vezes eles ficam chateados, pelo fato de não ter lhe dado preferência, por você ser exclusivo, é uma pessoa escolhida para fazer sexo, mas, ao mesmo tempo, eles ficam satisfeitos, apesar de não sair assim uma coisa muito

legal, por você fazer sexo com febre ou com uma gripe ou com coisa parecida, eles ficam satisfeitos pela atenção que você está dando a eles. É isso aí. (Marley).

Um dos maiores riscos para a saúde é a prática do sexo sem o uso de preservativo. Tal prática não é incomum, sendo proposta por alguns clientes, que se dispõem a pagar um preço mais alto pelo programa nessa condição. Em que pesem as campanhas de prevenção realizadas junto a esse público, são ambivalentes as atitudes dos michês em relação ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS. Alguns mencionaram não sentir medo, pois na qualidade de “penetrantes” acham que estão livres desse tipo de risco. Outros relataram que temem contrair doenças e são conscientes de que o sexo anal sem proteção é a prática sexual que oferece mais risco para a transmissão do vírus da imunodeficiência humana

Eu sempre uso [preservativo]. Têm alguns clientes que dizem: sem camisinha é melhor, [...] Mas, eu sempre uso. Já para proteger os dois, não é, pra me proteger, proteger o cliente que está comigo e proteger o meu namorado, que está me esperando em casa também. Tem que se proteger. (Marcelo).

[...] nessas horas a gente tem que usar a cabeça para não fazer besteira, porque o que ele paga hoje só dá pra hoje e a saúde da gente é para toda a vida, nada paga. Tivemos um colega que caiu nessa, pegou AIDS e já se foi e não sabia nem de que pegou, é muito triste. Ele não transou só, mas morreu sozinho. Então, antes de pensar na grana, pense também se o caro é sadio e exija a camisinha. (Rafael).

Entretanto, nem sempre os michês trazem consigo o preservativo. Nos cinemas e na rua, a falta de “camisinhas” é quase regra, contrariando o discurso dos participantes⁴⁰, o que, certamente, os torna mais vulneráveis.

Ademais deste e de outros fatores de risco, observa-se que os homens que se prostituem nas ruas vivenciam outros tipos de desgaste, como o tempo de exposição para a clientela. Os entrevistados relataram que, todos os dias têm “gente nova no pedaço”. Os iniciantes costumam ser mais procurados, o que gera disputas e conflitos com os michês veteranos que, algumas vezes, perdem clientes para os mais novos:

Quando ficamos muito vistos em um local, assim, quando já somos considerados como gastos [com muito tempo na profissão] pelos clientes,

⁴⁰ No decorrer da pesquisa, tive a oportunidade de participar da distribuição de preservativos, juntamente com Clayton e Ritchie, do *Projeto Entre Nós*. Muitas vezes, ouvimos de clientes, michês, travestis e outros a seguinte frase: “eu não tinha nenhum, chegou na hora certa”.

deixamos de ser novidade e vamos perdendo programa, perdendo dinheiro e aí a solução é deixar aquele local por uns dias, até que as coisas melhorem e apareçam outros clientes. (Gabriel)

A preocupação com a concorrência está intimamente ligada à expectativa do envelhecimento. No mercado do sexo, a boa forma corporal, a virilidade e a juventude são qualidades indispensáveis. Na preocupação com o futuro incerto, transparece o medo da velhice:

Hoje, eu já consegui uma casa, já tenho um teto, uma sombra para morrer debaixo, o que me falta agora é eu conseguir um trabalho, uma coisa para eu sobreviver e sair dessa vida porque enquanto a gente está novinho, bonitinho, todo mundo quer. Depois, quando você vai chegando aos 30 anos, ficando mais velho, ninguém lhe quer mais, porque vem a nova geração: tem os de 18, 19, 20 anos e aí tem a concorrência e você tem que ter clareza, ter uma meta e não querer fazer só isso. (Marley).

Como se pode constatar, o corpo é construído por histórias e fantasias. Emerge de várias maneiras e desdobra-se em múltiplas linguagens e movimentos, capaz de expressar uma sinfonia de discursos e de práticas a todo o momento. No que se refere às práticas prostitutivas, é importante ressaltar que as experiências sexuais entre homens não se articulam em um espaço vazio e em um tempo homogêneo e repetitivo. Neste sentido, o território e suas territorialidades dizem sobre os corpos, como eles se posicionam, como se constituem, atraem sua clientela e “batalham” no sentido de se manterem nos “circuitos” por eles produzidos, ao longo do tempo.

CAPÍTULO 4

TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES NO ESTUDO DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA

“Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legalidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como história à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo”. (Michel de Certeau).

A tarde vai caindo. Intensifica-se a movimentação nas ruas centrais da capital cearense. Enquanto muitos deixam seus trabalhos e correm para tomar o ônibus de retorno à sua residência, para o descanso por mais um dia de trabalho, tantos outros saem às ruas, à procura de diversão nos bares, boates, danceterias e casas de forró, espalhadas pelos quatro cantos da cidade. Em meio a eles, estão os garotos de programa e entre estes, os michês que batalham na área central de Fortaleza.

Este capítulo analisa como o espaço se constitui em elemento de tensionamento da reprodução da matriz normativa de exclusão, marginalização e estigmatização do garoto de programa. Para compreender a prostituição masculina numa perspectiva teórica que integre a dimensão espacial, é necessário discutir as diversas concepções sobre o território, com o intuito de vislumbrar como a territorialidade dos profissionais do sexo se define, constitui e condiciona a prática da prostituição.

4.1 Concepções de território: poder e identidade

4.1.1 Dimensões do conceito de território

O território, em sua dimensão política, se estabelece por meio do controle sobre uma área ou espaço. Assim, implica relações de poder, que são utilizadas como estratégia para influenciar ou controlar indivíduos no que diz respeito à atribuição, concessão e manutenção de áreas territoriais. (SACK, 1986). Raffestin (1993) também trata o território como espaço político, delimitado por relações de

poder e pela projeção do trabalho humano, envolvido por uma teia diversa de significações. Segundo esse autor, falar de território é fazer referência à ideia de limite e delimitação do espaço; significa isolar, separar ou manifestar uma relação de força em uma área precisa e restrita.

O limite é estabelecido não apenas de forma linear, mas, também, zonal. O poder de gerenciar esse território, permitir e conceder o seu uso e a passagem por ele é visto como habilidade de agir em acordo, levando em consideração o feixe de vários interesses e forças que atravessam esse espaço. Sob esse aspecto, como dinâmica multilateral o poder pertence a determinado grupo enquanto este se mantém unido frente aos demais. (RAFFESTIN, 1993).

É preciso reconhecer, porém, que o poder não é algo a ser adquirido, mas uma relação a ser exercida a partir de diversos pontos. Estas relações não são exteriores às condições econômicas, sociais, sexuais e de gênero, mas emanam delas. O poder, sob esse aspecto, vem de baixo, envolvendo dominadores e dominados. Estas relações são intencionais e não subjetivas. Donde se segue que, onde há poder, há resistência, ou seja, a resistência não é exterior às relações de poder, mas inerente a elas. (FOUCAULT, 1993a). Estes são pontos salientados por Raffestin (1993, p. 53), cuja reflexão sobre o conceito de poder tem origem em Foucault.

Pode-se estabelecer um paralelo entre a visão foucaultiana de poder e a concepção apresentada por Souza (2001) em relação ao território: este compõe-se antes da urdidura das relações sociais projetadas no espaço, do que propriamente dos espaços em sua fisicalidade. O território é constituído pela delimitação e apropriação do espaço resultante da confluência e do embate de diversas forças e diferentes interesses de grupos e indivíduos, identificados a valores e práticas específicas. Trata-se de um feixe complexo de ações que confluem no espaço e é possibilitado estruturalmente (em termos políticos, econômicos e culturais) pela manutenção de um campo de forças, a projetar e delimitar espacialmente as relações sociais dos “de dentro” – o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os *insiders* – com os “de fora” – os outros, os estranhos, os *outsiders* (SOUZA, 2001, p. 86; ELIAS; SCOTTSON, 2000). Pessoas e comportamentos são excluídos, marginalizados, controlados, pois todo território demanda constante manutenção, já que além de ser fruto das relações de poder, é base para o seu exercício.

A “durabilidade” de um território cria possíveis identidades sócio-espaciais, que definem práticas e comportamentos regularmente observáveis nos grupos sociais. Nas palavras de Marcelo de Souza,

[...] os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente, pela força bruta – mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território, e por tabela, com o poder controlador desse território (SOUZA, 2001, p. 84)

É a partir da interação dos membros de um grupo social dentro de um espaço físico, considerado também na perspectiva das relações que acontecem entre os indivíduos de dentro com os de fora, que será construído o território. E esse campo de forças e a teia ou rede de relações sociais que o constituem definem ao mesmo tempo, um limite e uma alteridade: a diferença entre “nós” e os “outros”, já mencionada.

Pode-se dizer que a reflexão sobre o território tem sido estruturada de forma binária, percebendo-o como uma ação de inclusão e exclusão de objetos, indivíduos e comportamentos (ORNAT, 2010). Nessa perspectiva, o espaço é apropriado por um grupo social, que demarca, de modo formal ou informal, uma fronteira, estabelecendo posições ou reforçando-as. Ou seja, “uma complexa relação existencial que institui sujeitos-espaço-poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas”. (SILVA; ORNAT, 2010, p. 93).

Silva (2000) acentua a dimensão cultural do território, afirmando que, quando se considera o poder como elemento preponderante, são desprezadas outras formas de territorialidades. Para essa autora, o território “pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social” (2000, p. 7). Assim, a territorialidade envolve a constituição do mundo subjetivo e pessoal, a construção do eu em relação ao outro.

Os contextos urbanos das grandes cidades brasileiras podem, dentre outros usos, promover o ir e o vir dos sujeitos e de grupos nômades em territorialidades específicas, caracterizada pela mobilidade e dispersão geográfica, que se realiza sob o princípio da errância. Para o michê, nomadismo é trilhar percursos, em uma viagem que não é turística; ela corresponde ao tempo da plenitude de sua territorialidade. Seu ponto de chegada é sempre provisório, um lugar prestes a ser povoado ou abandonado. Assim, quanto maior é a sua busca, mais intenso o

nomadismo e menor seu tempo de permanência em um lugar. Neste sentido, no entendimento de Liberato (2002, p. 226-227), “a idéia de nomadismo e de errância desenvolvidas por Maffesoli (2001) se referem principalmente à não fixação numa profissão, numa identidade, numa família ou mesmo num sexo. Uma sede do infinito, que põe em movimento”. Ou seja, características que apresentam visível semelhança à vivência do michê em suas andanças pelos labirintos do centro da cidade.

O movimento nômade não ocorre somente em função de necessidades econômicas, já que o indivíduo é movido pelo desejo de evadir-se (LIBERATO, 2002). Trata-se de uma “pulsão migratória” que o incita a “mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade” (MAFFESOLI, 2001, p. 51).

Assim, nas metrópoles e grandes cidades contemporâneas, atravessadas por fluxos constantes e diversos, é possível observar homens interagindo com outros homens, em particularidades distintas, compartilhando cenas e situações de intimidade que remetem ao terreno das práticas sexuais, de modo subversivo à ordem socialmente instituída.

Essa perspectiva não é estranha à concepção de Raffestin (1993), na medida em que a intersubjetividade está presente na concepção de territorialidade desse autor. Ele destaca a dimensão existencial, ao considerar a territorialidade como o território “vivido” pelos membros de uma coletividade: “os homens ‘vivem’ ao mesmo tempo o processo territorial e o produto territorial” por meio de relações que não são somente econômicas (“produtivistas”, na linguagem do autor), mas também existenciais. Ainda segundo Raffestin (1993, p. 159), “[...] o elemento essencial a reter é a relação com a alteridade. O outro sendo não somente o espaço modelado, mas também os indivíduos ou grupos que aí se inserem”

Para Haesbaert (2007), o conceito de território é polissêmico, apresentando-se em três vertentes principais: **o território político** – um espaço delimitado e controlado institucionalmente, o qual se confunde muitas vezes com o Estado-Nação; **o território econômico** – área que é fonte de recursos, incorporada à relação capital-trabalho; e **o território cultural** – produto da apropriação ou da valorização simbólica do espaço. Souza (2001) reconhece a existência de múltiplos territórios culturais dentro do Estado-Nação, que podem apresentar existência temporária ou indefinida no tempo e no espaço. Assinala que podem ser apropriados

e delimitados por grupos distintos, como homossexuais, mendigos, gangues, prostitutas e narcotraficantes.

Nesse sentido, o território pode ser visto igualmente como uma apropriação simbólica, identitária e afetiva do espaço, na acepção utilizada por Tuan (1980, p. 5). Este autor, que muitas vezes utiliza o termo lugar como sinônimo de território, criou o conceito de *topofilia*, que diz respeito ao “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Considerada sob esse aspecto, a dimensão simbólico-cultural do território significa uma identificação que determinados grupos desenvolvem com seus “espaços vividos”. Como mostram Felix Guatarri e Sueli Rolnik (1996, p. 323), “o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa' [...]”. Mais que isso, conforme os mesmos autores, “ele [o território] é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”. (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 326).

Deleuze e Guatarri articulam o conceito de território com o de agenciamento, ou seja, um lugar, uma população e a capacidade de ir e vir (componentes de passagem ou até de linhas de fuga). No entendimento desses autores

Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma.[...] O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples 'comportamento' [...] (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 218):

Um agenciamento deve revelar algumas dimensões importantes: os estados das coisas, as enunciações, os territórios e movimentos, uma vez que “os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARRI, 1997, p. 218). Esse conceito de território é bastante amplo, pois como tudo pode ser agenciado, tudo pode também ser desterritorializado e reterritorializado, por articular pensamento e desejo - desejo entendido como força criadora, produtiva. Na verdade, o próprio pensar, que requer a criação de alguma coisa nova, leva ao rompimento com o território existente:

Dessa forma, da mesma maneira que os agenciamentos funcionavam como elementos constitutivos do território, eles vão operar uma desterritorialização. Novos agenciamentos são necessários. Novos

encontros, novas funções, novos arranjos. (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 16).

Assim, desterritorialização e reterritorialização são processos indissociáveis: se há um movimento de desterritorialização, um movimento de reterritorialização também deve existir. Em resumo, a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, enquanto que a reterritorialização é o movimento de construção do território. Esse movimento produz “linhas de fuga”, que se podem reterritorializar em outros planos. (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 224).

Os michês entrevistados nesta pesquisa se mostraram sujeitos ativos nos processos de instituição de territórios, desterritorialização e reterritorialização, ou seja, experimentam a territorialização de acordo com as condições postas para a sua atividade, pois apesar das vicissitudes que enfrentam, eles persistem e continuam. São garotos que se desdobram e se distribuem habilidosos entre os espaços pelos quais circulam. A prostituição os torna vulneráveis, colocando-os em constantes “linhas de fuga”, para se esconder ou se proteger de algo ou de alguma coisa (da família, dos amigos, da polícia, das drogas etc.). O michê busca uma reterritorialização nas ruas, nos cinemas, bares, saunas etc. o que pode engendrar novos poderes e novos saberes, abrindo brechas para novos investimentos, como conseguir um cliente que exija exclusividade, retirando-o da rua.

Os garotos vivem uma frequente desreterritorialização, não destruindo, mas abandonando, vez por outra, o território construído, indo buscar novos territórios no Centro, em outras áreas ou mesmo em outras cidades, como disse Bruno: “quando aqui a procura pelo meu serviço está baixa, eu vou para Natal ou Belém”, onde ele tem amigos que atuam na mesma atividade e juntos buscam clientes. Marley, por duas vezes, saiu do Brasil⁴¹. Na primeira vez foi para Suíça, como acompanhante de um gringo, na expectativa de uma vida melhor. O ciúme do parceiro, que tinha outros acompanhantes, foi motivo de brigas, que logo motivaram o seu retorno. Na segunda vez, foi para Itália, com um amigo que custeou seus gastos com a viagem, como empréstimo. Lá permaneceu por mais de um ano, fez muitos programas e ganhou muito dinheiro. Contudo, preferiu regressar: “confesso que é uma ilusão, a gente ganha mas, em compensação, gasta muito mais. A gente é humilhada pelo fato de ser brasileiro”, afirmou Marley.

⁴¹ Sobre a relação entre turismo e prostituição (masculina e feminina), ver: Piscitelli; Assis; Olivar (2011).

A articulação do objeto da pesquisa aos aportes teóricos discutidos anteriormente levou à conceituação aqui adotada, que compreende o território como um espaço clivado por relações de poder, onde se estabelecem limites de expressividade, permissividade e ação, tendo como referencial o lugar. Essa conceituação não ignora a dimensão simbólica da territorialidade, que permite a identificação do território com o espaço da convivência, do encontro, da troca entre diferentes, da multiplicidade de usos e de usuários. Nesse espaço, verifica-se a copresença de desconhecidos que se reconhecem enquanto portadores de uma identidade sexual e profissional, definida pelos envolvidos no “negócio do michê” (PERLONGHER, 2008).

O que se quer destacar são os processos inerentes à constituição de territórios nos interstícios da metrópole cearense, destinados a determinados grupos envolvidas com a atividade prostitucional masculina. Mesmo que não previstos nem desejados, esses territórios constituem-se pela delimitação e apropriação do espaço por determinados grupos e equipamentos por eles utilizados, ainda que suas fronteiras sejam fluídas e mutáveis.

4.1.2 Territórios da prostituição

Alguns estudos sobre território (CAMPOS, 2000; KULIK, 2008; PELÚCIO, 2007; RIBEIRO, MATTOS, 1996; RIBEIRO, 2002; SILVA, 2011) demonstram a riqueza e a relevância do tema da prostituição para a ampliação das possibilidades de análise do espaço. Esses trabalhos são de fundamental importância, ao abrirem caminho para uma discussão sobre a territorialidade do comércio intra-urbano do sexo (ORNAT, 2008; 2009).

Para estes autores, os sujeitos que atuam no universo prostitucional ocupam e significam, por meio de suas práticas, determinados espaços urbanos, por um relativo período de tempo, cuja duração é, quase sempre, imprevisível. Isso ocorre quando se impõem a esses espaços dinâmicas próprias, pertinentes a certos grupos, os quais territorializam suas posturas corporais e as suas atividades. Dessa forma, instituem-se os seus territórios, os quais, como foi visto, podem ser considerados como campos de força, a delimitar e definir grupos internos com identidades mais ou menos coesas, sobretudo em relação a elementos externos.

O território é um local de obtenção de ganhos com a comercialização das práticas sexuais, mas também um elemento importante na concepção do profissional do sexo, porque representa o lugar onde ele encontra condições para garantir sua sobrevivência. Assim, compreende-se que a construção, organização e permanência de territórios de prostituição acontecem à medida que sujeitos, com suas práticas e recursos, vão se apoderando dos espaços, estabelecendo regras e normas de convivência, de aceitação e permanência: profissionais do sexo, clientes, proprietários e funcionários de bares, cinemões, boates etc.

Território e sujeito constituem uma relação de interdependência. O primeiro é resultado da dinâmica das relações entre os sujeitos, sendo instituído por relações de poder que hierarquizam pessoas, e, simultaneamente, instituem o poder de algumas delas. Daí que o território da prostituição permite produzir relações de poder, mesmo “sob o signo da estigmatização dos códigos morais da sociedade” (SILVA, 2011, p. 9). Trata-se de um “território-poder e um território-rede produtivo-simbólico-representacional”, pois a prostituição permite desnaturalizar verdades criadas pela moral conservadora hegemônica com o fim de reprimir, negar ou tolerar o desejo e as práticas sexuais desviantes (SILVA, 2011, p. 11). Ainda segundo o mesmo autor,

O que vale é a possibilidade real de libertação dos corpos e da multiplicidade de desejos e práticas sexuais. No momento em que tais práticas se impõem e promovem um recorte territorial, tem-se a institucionalização de práticas corporais e de um campo de força que agem no sentido de legitimar-se diante da “ordem natural” da sociedade. (SILVA, 2011, p. 11).

A partir dessas considerações, compreende-se que territórios são conjuntos de lugares que se entrecruzam por meio de uma teia de itinerários de grupos e de indivíduos que constroem suas histórias e significados, e nos quais são permanentemente reconstruídos, por meio das relações que mantêm. Nesse sentido, conceituam-se os territórios da prostituição como a apropriação de espaços, durante certo período de tempo, por profissionais do sexo (travestis, prostitutas, michês), os quais, por intermédio da adoção de códigos de fala, gírias, expressões gestuais, e mesmo no simples caminhar pelas calçadas, conferem a essas áreas uma identidade que as define como locais para a prática do sexo comercializado, estruturada muitas vezes por dinâmicas de violências veladas ou explícitas. (RIBEIRO; MATTOS, 1996). Assim, uma rua, algumas quadras, as imediações de

uma praça ou de um parque público podem constituir um território durante certo tempo, porque os grupos de prostitutas se apoderam desses locais como base para o exercício de sua atividade – ou melhor, como uma espécie de porta de entrada para ela, já que ali os clientes vão encontrá-los. As práticas sexuais propriamente ditas podem se realizar tanto em trechos mais recônditos das vias públicas, ou dentro de veículos, como em estabelecimentos localizados nas proximidades (motéis, banheiros públicos, cinemas pornográficos etc.).

No entanto, para que tal território possa existir faz-se necessário um esforço constante para a sua manutenção, pois uma vez apropriado por um grupo, este passa a exercer o seu controle, com o intuito de conter o acesso de indivíduos ou grupos estranhos ao mesmo. Desse modo, “a demarcação de fronteiras invisíveis nos espaços públicos acontece de forma simbólica, combinando uma direção no espaço e a legitimação de sua posse”. (RIBEIRO; MATTOS, 1996, p. 62).

No caso dos michês, o território é um elemento-chave não só do ponto de vista subjetivo, como também material, pois é nele que os profissionais do sexo encontram condições para se expressar, se manter e viver conforme suas necessidades, vontades e prazeres.

Note-se que as territorialidades são constituídas com o intuito de manter, defender e garantir o equilíbrio de poderes, ou seja, são “[...] uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar recursos e pessoas, por controle da área” (SILVA, 2011, p. 25). Dessa maneira, a formação de territórios da prostituição visa a restringir o acesso de pessoas e coisas por meio do controle de áreas, permitindo aos michês e demais profissionais do sexo o aumento da probabilidade de sobrevivência da atividade. Esses territórios são demarcados por categoria de profissional do sexo, de tal modo que muitos batalham dentro da mesma área, porém, separados. São espaços esquadrihados, com fronteiras entre os que pertencem e os que não pertencem ao território; apresentam limites que definem quem ocupa o que, ou seja, existe o espaço do michê, da prostituta e da travesti. Há um consenso entre esses profissionais, no sentido da ocupação desses espaços, pois uma vez desrespeitadas as regras de convivência, poderão ocorrer conflitos, inclusive com episódios de violências física ou moral.

Quando se pensa em possíveis territórios do sexo numa cidade, logo se imagina um conjunto de elementos associados, incluindo ruas com menor movimento, praças e locais frequentados por pessoas aventureiras, com costumes

noturnos. Tais lugares devem abrigar um complexo de equipamentos e atividades vinculadas, como: bares, motéis, saunas, cinemas, casas de massagem, discotecas, terminais de ônibus e outros mais. Nesses microterritórios, o michê vivencia o nomadismo que lhe é peculiar, carregando suas pretensões proibidas e seus desejos latentes.

Nessa perspectiva, os territórios do sexo formam uma articulação espacial por meio dos arranjos citados, instituídos para a prática e para a produção das relações prostitutivas. Essa multiplicidade de lugares abriga uma área, mais ou menos identificada, com o que se imagina ser o ponto, o lugar do encontro ou o espaço onde as pessoas transitam para serem vistas, procuradas e desejadas, possibilitando o contato direto para o programa.

4.1.3 O Centro da cidade e os territórios da prostituição

A rua e os espaços públicos, em geral, são os locais mais procurados para a prática da prostituição, pois seu uso é gratuito e suas características de acesso livre e movimento potencializam o encontro com clientes e a realização de programas. Embora as áreas de prostituição organizada se encontrem espalhadas por diferentes espaços das grandes cidades, tendem a se fixar no centro e na sua circunvizinhança, onde é intenso o fluxo de pessoas, e a presença de multidões favorece o anonimato (SILVA, 2011).

Convém ressaltar, embora não seja objeto deste estudo, que a prostituição desenvolve-se também em recintos fechados, onde se encontram profissionais do sexo que podem ser contactados pessoalmente, por telefone ou *internet*. Mais comum ainda é procurar por garotos (ou garotas) de programa em saunas, casas de massagem para executivos e em agências especializadas nesse tipo de serviço. A ambiência sofisticada, os preços, as formas de negociação e de pagamento têm características muito diversas da prostituição de rua, estudada aqui mais detidamente.

Em verdade, pode-se dizer que os michês que dependem da batalha nas ruas correspondem ao segmento mais exposto à violência, pois a rua “é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima, ora como figura intransigente e subversiva” (RIBEIRO, 1997, p. 88). Por vezes, são garotos que não têm acesso a recursos que lhes permitiriam tornar seus corpos mais atraentes para esse mercado.

Outras vezes, deixaram de ser aceitos nos ambientes fechados de prostituição devido ao envolvimento com drogas, problemas de saúde ou em virtude de terem perdido atributos físicos que os tornavam desejáveis. (RIBEIRO; MATTOS, 1996).

Assim, na hierarquia existente entre os modos de exercer a prostituição, os que dependem das ruas centrais para encontrar clientes ocupam um patamar subalterno. Simbolicamente, à rua associam-se as figuras dos “meliantes”, “pilantras” e “marginais em geral” (Da MATTA, 1987, p. 60). Nela, os indivíduos estão sozinhos, não podem contar com a solidariedade de estranhos e estão expostos a perigos de todo tipo. Para os michês, não se trata apenas de estereótipos, pois têm sua vida exposta, criminalizada, assemelhando-se à “vida de homens infames” (FOUCAULT, 2006).

Os trabalhadores do sexo estão cientes de que a rua é um local onde correm riscos: “é o lugar de se paquerar, arranjar programa, conseguir um dinheiro, mas, também, do perigo, da polícia e de gente ruim”, afirma Rafael. Embora cientes dos riscos e perigos que os aguardam, eles se jogam nas ruas e enfrentam o medo, o estranho e desconhecido:

A rua representa o meu meio de sobrevivência, porque sem ela eu não sobreviveria, pois de onde eu iria tirar o dinheiro para o meu alimento, para as minhas necessidades se não fosse a rua? Então, se não fosse a rua eu teria que achar outra coisa. Por isso, a rua é o meu chão e a minha vitrine. Nela me mostro, sou visto, sou desejado. Pra mim, representa isso – um meio de vida, de sobreviver. (Marley).

Para conhecer a trajetória realizada pelos praticantes da prostituição no Centro da cidade, utilizei as categorias “manchas”, “pedaços” e “circuitos”, propostas por Magnani (2002), para o entendimento de práticas de lazer na metrópole. Para esse autor, manchas são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante”. (2002, p. 22). A denominação de mancha aplica-se às áreas que englobam estabelecimentos e serviços que dão suporte a um estilo de vida e que se complementam ou, não raro, concorrem entre si pelo mesmo público.

Neste sentido, o espaço delimitado pela localização de ruas, praças, bares, boates, cinemas e outros equipamentos frequentados por profissionais do sexo e seus clientes pode ser considerado uma mancha de prostituição, caracterizada pela concentração de atividades ligadas a tal fenômeno. Note-se que tal espaço não é

necessariamente um gueto, pois nele localizam-se equipamentos, edificações e vias de acesso utilizadas por um público mais amplo. Muitas vezes, como será visto no Capítulo 5, um conjunto de estabelecimentos e trechos de logradouros públicos, conhecidos como territórios de prostituição em determinados dias e horários (sobretudo à noite e nos fins de semana), são frequentados por outro tipo de pessoas no chamado horário comercial, como os empregados no comércio e em serviços. Daí a relevância do conceito de “pedaço”, proposto por Magnani (2003) para o estudo do lazer na periferia e em áreas centrais de São Paulo. Tal conceito permite trabalhar a noção de identidade social e territorial de uma forma não essencialista, pois os sujeitos se definem por gostos, símbolos, valores, hábitos de consumo e modos de vida que se assemelham, sem que lhes sejam inerentes. Em outras palavras, eles se reconhecem pela identificação de preferências, hábitos e expressões culturais compartilhadas (grupos *funk*, afro, veganos, gay, travestis, michês, prostitutas etc.). Entre os elementos dessas identidades está justamente a frequência a determinados lugares ou “pedaços”, que servem como “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencente a uma rede de relações” (MAGNANI, 2002, p. 22).

O conceito de circuito aplica-se ao conjunto de equipamentos e espaços que ofertam determinados serviços e concentram certas práticas, mas não se localizam de forma contígua. Sua articulação se dá por meio de itinerários feitos por seus frequentadores, que transitam de um para outro local em busca de variedade, mantendo, porém, o mesmo objetivo. Esse trânsito facilita o exercício da sociabilidade e, no caso dos prostitutas, constitui uma estratégia para facilitar o encontro de parceiros e maximizar as oportunidades de programas. Trata-se de

uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito *gay*, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos antiquários, dos *clubbers* e tantos outros. (MAGNANI, 2002, p. 23-24).

Ainda segundo esse autor, os conceitos de mancha, pedaço e circuito não abarcam as dimensões da segregação e as lutas simbólicas pela apropriação do espaço. Estas categorias procuram dar conta do sentido de implantação e utilização de aglomerados, de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, dialogando

com concepções renovadas de territorialidades itinerantes e flexíveis (MAGNANI, 1996). Assim, existem diferentes circuitos para os que vivem da prostituição viril, em diferentes espaços. Seus atores sociais são agrupáveis não só pelo comportamento sexual, mas pelo estilo e pelo modo como manifestam suas preferências sexuais. Como assinala Momesso (2008, p.188), “existem áreas dentro da cidade que independentemente de seus respectivos projetos oficiais servem a grupos que as subvertem, adotando normas, condutas, valores e atitudes muitas vezes oposta aos esperados⁴²”.

A fim de observar a produção do espaço interdito, a circunscrição do território da prostituição masculina viril, conseqüentemente, a instituição do “negócio do michê” a partir de suas distintas espacialidades, parte-se da concepção de território como espaço apropriado por meio de relações de poder que têm uma dinâmica muito tensa e, ao mesmo tempo sutil, como já foi salientado. Essa dinâmica entretece o espaço da prostituição masculina marginal no centro da cidade, de modo que se instituem posições *insider/outsider* em um território que é simultaneamente instituído e instituinte do poder dos sujeitos envolvidos nas práticas prostitutivas, bem com dos demais sujeitos que com eles se relacionam. Um território constituído, portanto, por separação/conexão entre eu e o outro diferenciado, marginalizado; ou entre o centro e a margem de relações de poder a envolverem sexo, gênero e prostituição.

4. 2 Circuitos do prazer negociado em Fortaleza

Para compreender a dimensão territorial da prostituição, é necessário considerar a geografia do sexo no contexto da evolução urbana de Fortaleza⁴³, uma vez que se compreende a sexualidade, assim como o espaço, como fenômenos social e historicamente construídos.

⁴² Rogério Proença Leite (2004) denomina de contra-usos as práticas e alternativas aos projetos oficiais, tomando-as como uma resposta ao processo de *gentrification* (enobrecimento) que propõe certos usos para o espaço público. Assim, a prática profissional dos michês e demais profissionais do sexo pode ser vista como um contra-uso, pois não deveria se desenrolar nas calçadas do centro de Fortaleza, uma vez que não é aceita socialmente. No entanto, o profissional do sexo com atuação na rua compõe o entretenimento popular e tem suas táticas para permanecer nos meandros dos espaços públicos e privados no centro da cidade.

⁴³ Não cabe, aqui, apresentar um histórico do crescimento de Fortaleza. Pretende-se, apenas, apontar alguns aspectos relevantes para o entendimento de como se formou o centro da cidade, lócus da presente pesquisa. Para uma análise detalhada da evolução da capital ao longo da história, ver, entre outros, Girão (1984; 1997) e Souza (2007).

4.2.1 Fortaleza: do túnel do tempo à “modernidade”

Fortaleza, por muito tempo, esteve envolta no manto da invisibilidade. Fundada em 1649, permaneceu como uma aglomeração inexpressiva durante os séculos XVII e XVIII. A pecuária e a exportação da carne de sol, que se tornaram as principais atividades econômicas, foram responsáveis pela formação de núcleos urbanos mais importantes no interior do Ceará, como Sobral, Aracati e Icó.

Apesar de ter se tornado capital no início do século XVIII, Fortaleza só viria a ganhar importância como cidade na segunda metade do século XIX, quando passou a concentrar a atividade de exportação do algodão, que se tornara o principal produto econômico do Estado. A partir de então, consolida-se a feição urbana de Fortaleza, com a construção de edifícios públicos como a Santa Casa de Misericórdia (1867), Assembleia Legislativa (1871), Passeio Público e Estação Ferroviária João Felipe (ambos de 1880) (GONDIM, 2007). De 1866 em diante, a cidade passou a contar com linhas de navio a vapor para o Rio de Janeiro e para a Europa, sistema de canalização de água (1867) e calçamento em algumas ruas centrais. (PONTE, 2001).

Um aspecto a destacar foi a elaboração, em 1875, da *Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios*, pelo engenheiro Adolfo Herbster. Tratava-se de “um estudo decisivo para a capital”, na medida em que ampliava para além do perímetro central urbano o traçado em xadrez, projetado em 1818 pelo engenheiro Silva Paulet (PONTE, 2001, p. 27). Além disto, seguindo a moda estabelecida a partir das reformas de Paris pelo Barão Haussmann, o plano urbanístico proposto para a capital incluiu três *boulevards* – largas avenidas arborizadas, correspondendo às atuais Duque de Caxias, Dom Manuel e Imperador. Esses logradouros, ainda hoje, podem ser considerados como marcos que delimitam o centro histórico de Fortaleza.

A expansão demográfica e territorial ocorreu “de forma lenta e ordenada” durante as primeiras décadas do século XX: em 1920, Fortaleza tinha apenas 78 mil habitantes, o que correspondia a menos de um terço da população de Recife (240 mil pessoas) (GONDIM, 2007, p. 105). Contudo, já se verificava a formação de bairros ocupados por residências de classe média e alta, como Benfica, ao sul, e Jacarecanga, a oeste. A leste, a Praia de Iracema se torna um balneário e local de residência das elites.

O crescimento econômico era prejudicado por crises na agricultura e pecuária, motivadas por estiagens que periodicamente assolavam o sertão. Em consequência, o afluxo de migrantes, sobretudo a partir da seca de 1932, contribuiu para a formação das primeiras favelas, como o Arraial Moura Brasil e o Pirambu. A primeira abrigou mulheres que se prostituíam na área central e para lá foram removidas, na década de 1930. Já a formação do Pirambu está associada à localização, na parte oeste da cidade, de uma incipiente indústria têxtil e de óleos vegetais, e de uma oficina ferroviária. A proximidade do uso industrial fez com que, aos poucos, ocorresse a retirada das famílias de alta renda que residiam no bairro de Jacarecanga. A paisagem da cidade vai mudando, mas em câmara lenta.

É na segunda metade do século XX que Fortaleza parece emergir do túnel do tempo. O incremento demográfico é o primeiro indício disto: ao longo da década de 1940, a população passa de 180 mil para 270 mil habitantes; ao final da década de 1950, chega a meio milhão de pessoas. Nesse período, é construído o porto do Mucuripe, provocando alteração nas marés, que avançaram sobre a praia de Iracema, destruindo muitas edificações e provocando a decadência do bairro.

Os anos 1960 assistem ao “inchamento” da cidade (GONDIM, 2001), pois o aumento da população era concomitante à estagnação da economia:

[...] a agricultura sofria os efeitos das secas de 1952 e 1958; o comércio estava estagnado; e a incipiente atividade industrial (um pequeno setor têxtil e algumas fábricas de óleos vegetais) era prejudicada pela insuficiência de energia elétrica e pela concorrência dos produtos sulistas, facilitada pela melhoria dos transportes e das comunicações. Não é de admirar, portanto, que o plano elaborado para Fortaleza em 1960 por Helio Modesto mencione a proliferação de favelas e a precariedade das condições sanitárias, dando respaldo à caracterização de Fortaleza como “cidade inchada”. (GONDIM, 2001, p. 57).

A criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1959 marcou o início da intervenção estatal sistemática voltada para o crescimento industrial da Região, mediante a concessão de incentivos fiscais. Ainda que o Ceará, efetivamente, só sofresse os efeitos dessa política na década de 1970 (ABU-EL-HAJ, 1997), o fortalecimento do aparelho estatal, acentuado após o golpe de 1964, teve grande impacto na área urbana.

A ideologia do planejamento tecnocrático, abraçada pelos governos estadual e municipal, levou à criação ou ampliação de órgãos de coordenação e execução de atividades voltadas para o desenvolvimento regional e urbano, bem como para a

prestação de serviços públicos (SUDEC, COELCE, CAGECE, TELECEARÁ). Em consequência, verificou-se o crescimento de uma classe média composta por profissionais qualificados, acarretando a criação ou expansão de unidades de ensino superior: além da instalação de novos cursos na Universidade Federal do Ceará, criada em dezembro de 1954, verifica-se a criação da Universidade Estadual do Ceará, em março de 1975 e da Universidade de Fortaleza, entidade privada, em 1973.

Do ponto de vista da ocupação do espaço urbano, foi de especial relevância a atuação do Banco Nacional da Habitação (BNH). Sobretudo na década de 1970, essa instituição contribuiu decisivamente para a expansão da cidade em direção aos municípios de sua região metropolitana, mediante a construção de grandes conjuntos habitacionais para a população de baixa renda. O BNH também fomentou a formação de novos bairros ou crescimento e verticalização dos já existentes, em decorrência de financiamentos para a construção de habitações de classe média e alta. Exemplos típicos desses processos são a Aldeota e o bairro da Varjota, ambos localizados na parte leste da cidade, que passou a concentrar as moradias das camadas de maior poder aquisitivo.

Ao mesmo tempo em que se multiplicam os bairros e a cidade se expandia em direção a periferia, o Centro perde sua função de área residencial e passa a disputar com outros bairros a localização de estabelecimentos comerciais e de serviços:

A descentralização de várias atividades afastou do centro antigo parte dos estabelecimentos de comércio e de serviços, deslocando algumas dessas atividades para novas áreas, multiplicando os centros de bairro secundários. Esse processo foi marcado pela saída das classes média e alta do centro antigo para os novos subcentros – Maraponga, Parangaba, Aldeota, Montese, entre outros. (INSTITUTO POLIS 2009, p. 7).

No que tange a equipamentos turísticos e de lazer, o Centro também perde importância, sobretudo após a construção da Avenida Beira-Mar, em meados da década de 1960, quando restaurantes, bares e hotéis passaram a se localizar nessa área.

A expansão de Fortaleza em direção à periferia ocorreu mediante a transformação de áreas ocupadas com atividades rurais ou sítios de lazer em bairros populares, a partir da construção de grandes conjuntos habitacionais financiados pelo BNH, como o José Valter, em Mondubim. A valorização dos terrenos em áreas

adjacentes incentivou o seu loteamento, ainda que permanecessem desprovidas de serviços e equipamentos urbanos básicos (transporte público, saneamento, comércio, saúde, educação, lazer etc.).

Tanto na periferia como em bairros mais centrais, ocorreram ocupações irregulares de áreas de loteamentos destinadas a vias públicas e à construção de equipamentos urbanos, dando lugar à formação de novas favelas. A escassez de moradia adequada para a população de baixa renda também levou ao crescimento das favelas já existentes. A posse da terra e melhorias nas condições habitacionais tornam-se um dos principais itens da pauta de reivindicação dos movimentos sociais que se articularam, sobretudo na década de 1980.

A partir do final dessa década, uma nova elite política, liderada pelo empresário Tasso Jereissati, passa a controlar o Estado, autodenominando-se de “governo das mudanças”. (CARVALHO, 2001; GONDIM, 1998; PARENTE, 2002). De 1987 a 2001, quando o grupo deteve o poder, instaura-se um novo modelo de desenvolvimento para o Ceará, o qual obteve êxito em termos de altas taxas de crescimento econômico, malgrado a persistência de um quadro de pobreza e extrema desigualdade social. Tais fatores, provavelmente, fomentaram a prostituição, especialmente entre os jovens excluídos do mercado de trabalho.

Até os primeiros anos da década de 2000, assistiu-se a uma competição entre os governos estadual e municipal – este controlado pelo grupo de Juraci Magalhães, político populista – para transformar Fortaleza em uma “cidade moderna” (GONDIM, 1998; 2007). Ambos promoveram grandes obras de impacto no espaço urbano, com vistas a favorecer atividades turísticas e de lazer, transformando Fortaleza na “Miami do Nordeste” (GONDIM, 2007). São exemplos dessas intervenções a construção de um calçadão na Praia de Iracema pela Prefeitura Municipal e do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, pelo Governo do Estado, respectivamente.

De fato, a cidade tem experimentado significativo incremento do turismo nacional e internacional, com efeitos favoráveis para a sua economia. Entretanto, acentuou-se a segregação social e espacial, configuradas, por um lado, no incremento da população favelada e na precariedade urbanística dos bairros periféricos e, por outro lado, na concentração de moradias, comércio e serviços voltados para as camadas de renda alta ou média em bairros como Aldeota, Papicu e Água Fria.

Outro efeito negativo do modelo econômico diz respeito à relação entre o turismo e a prática da prostituição, sobretudo em áreas que concentram equipamentos turísticos e de lazer, como a Praia de Iracema e a Avenida Beira-Mar, como será visto.

4.2.2 A geografia do sexo na Fortaleza (pós)moderna: o circuito das praias⁴⁴

Saindo do centro da cidade, em direção aos bairros de classe média e alta que se limitam com a orla marítima, localiza-se um circuito de lazer voltado para um público de maior renda e sintonizado com padrões de consumo globalizados. No que se refere aos locais de encontros e equipamentos destinados a práticas eróticas, esse espaço diferencia-se daqueles localizadas no Centro da cidade e, por sua proximidade a hotéis de melhor padrão, atrai turistas estrangeiros, inclusive aqueles que buscam parceiras ou parceiros sexuais⁴⁵.

Como foi visto no item anterior, a partir da década de 1990, Fortaleza requalifica seus 30 quilômetros de praia, com negócios voltados para atividades turísticas e de lazer: comércio de artesanato, hotéis, restaurantes, bares, boates etc. A Praia de Iracema, que permanecera estagnada em décadas anteriores, renasce para novas apropriações, privilegiada como o “pólo de lazer e turismo da cidade” (SCHRAMM, 2001, p. 99). Bares e restaurantes ocupam antigas edificações, gerando valorização dos imóveis, aumento do valor do aluguel e abandono do bairro por parte dos antigos moradores.

Entretanto, nos primeiros anos da década de 2000, a Praia de Iracema começa a ser vista como espaço de decadência social e moral, pela ocorrência, em alguns estabelecimentos de lazer ou em seu entorno, de práticas contrárias à

⁴⁴ Não se pretende, neste trabalho, esgotar a descrição dos lugares percorridos por homens e mulheres envolvidos em práticas de prostituição. Dadas as limitações de tempo, optou-se por uma breve análise da Praia de Iracema e a da Avenida Beira-Mar, por considerá-las emblemáticas da relação entre os territórios do sexo pago e a produção do espaço urbano, fora da área central de Fortaleza. Na parte leste da cidade, a prostituição ocorre, também, na Praia do Futuro – assim denominado o trecho do litoral que começa após o Mucuripe e vai até o encontro do rio Cocó com o mar, na praia conhecida como Caça e Pesca. Nessa Praia, a Barraca Cabumba se destaca pela movimentação e por congregar um público homoerótico. Na parte oeste, há pontos de prostituição masculina e feminina na praia Barra do Ceará. Na verdade, em Fortaleza a prostituição está disseminada em vários bairros, com inúmeros pontos de pegação. (DIÓGENES, 2008).

⁴⁵ O turismo sexual não será discutido neste trabalho, pois não é relevante para a maioria dos michês que atuam no centro da cidade, e cujas práticas territorializadas constituem o foco da presente pesquisa. Sobre o assunto, ver Piscitelli; Assis; Olivar (2011), dentre outros.

heteronormatividade e favorecimento para o uso de sexo pago. Nesses locais, registram-se assaltos e tráfico de drogas. A mídia denuncia a degradação do bairro:

[...] experimente caminhar no trecho [da Praia de Iracema] entre a ponte metálica e o Cais Bar terça de manhã cedinho. Equilibrando-se entre o lixo acumulado durante a noite, a sua companhia são as prostitutas e cafetões e uns simulacros de *hippies* amanhecidos do forró do Pirata [estabelecimento que promove shows de forró às segundas-feiras]. Famílias inteiras, com crianças pequenas, dormindo nas calçadas e bancos. Nem de perto há qualquer traço dos antigos frequentadores, habitantes da cidade ou turistas, interessados na tradicional boemia do bairro. [...] Hoje vigora o turismo sexual (BARBALHO, 2001, p. 8).

A Praia de Iracema passa a ser conhecida como um “território do sexo”, atraindo “[...] uma fauna particular de espécies noturnas de pessoas” e novos estabelecimentos, frequentados por prostitutas e prostitutos, como motéis, saunas, bares gay, casas de massagem, etc. (VILALLOBOS, 1999, p. 5).

Contudo, novos processos de intervenção realizados pelo Poder Público, como a reurbanização do calçadão na orla marítima e o início da construção do Aquário do Ceará⁴⁶, vêm atraindo novamente a frequência de famílias e outros usuários socialmente aceitos. Permanecem, porém, antigos usos, como a facilitação e intermediação da prostituição feminina (AQUINO, 2011) e masculina, ainda que com menor visibilidade.

Outro espaço central na geografia do sexo em Fortaleza é a Avenida Beira-Mar, calçadão situado no trecho da orla a partir da Avenida Rui Barbosa, até o mercado dos peixes, no Mucuripe. Trata-se de um espaço de aproximadamente três km, contínuos, porém diferenciados, que congregam uma pluralidade de usuários, como atletas, vendedores ambulantes, artistas, banhistas, turistas, famílias com crianças, domésticas, pedintes etc. Lá também localizam-se serviços e equipamentos voltados para o turismo, como hotéis, restaurantes, feira de artesanato e produtos locais e barracas⁴⁷ onde se vendem água de coco, bebidas, frutos do mar etc. Em algumas, concentram-se jovens prostitutas ou prostitutos, em

⁴⁶ O Acquário do Ceará é um projeto do governo estadual, que pretende atrair anualmente 1,2 milhão de visitantes (SOUSA, 2010), sendo o maior equipamento do gênero no Hemisfério Sul e o terceiro maior do mundo. Sua construção tem sido objeto de polêmicas, entre outros motivos porque foi iniciada antes da conclusão dos procedimentos de licenciamento ambiental.

⁴⁷ São chamados de “barracas” os quiosques localizados nas praias de Fortaleza, que abrigam, em geral, bares e restaurantes. A maioria funciona irregularmente, pois não detém concessão de uso do Serviço de Patrimônio da União, responsável pelo controle dos terrenos de marinha.

busca de clientes estrangeiros ou por eles acompanhados. Esses clientes são turistas brasileiros e estrangeiros, com predomínio de italianos, alemães, argentinos, franceses e ingleses, que circulam pelos bares, boates e restaurantes dessa praia. (PISCITELLI, 2005).

Depois das 23h, quando diminui o fluxo de pessoas caminhando, correndo ou simplesmente passeando, fica mais visível o movimento de rapazes de corpos másculos, que se expõem aos passantes, sobretudo no trecho do calçadão entre as ruas Dias Ribeiro e Nunes Valente. A preferência do segmento por esse trecho, onde o calçadão é bastante estreito, deve-se à existência de bancos a curta distância da pista, o que facilita a visibilidade e a comunicação com a clientela motorizada.

Os michês vão chegando e começam a se tornar visíveis por meio de seus gestos: sentam, levantam, olham como quem procura algo, vão e voltam, percorrem as quatro quadras, param. Caminham devagar, mãos nos bolsos, geralmente olhando para os veículos, que transitam no sentido oeste-leste. Procurando ser vistos, eles acenam e fazem sinais para os transeuntes, ora de forma discreta, ora de maneira conspícua. Quando há interesse por parte do condutor do veículo, este diminui a velocidade para ver mais de perto o garoto: trocam olhares, gesticulam e entram em alguma rua lateral, para que ali possam acertar o negócio.

Na Avenida Beira-Mar, no trecho citado, os garotos aparentam ter maior poder aquisitivo. Via de regra, os profissionais do sexo que trabalham no centro não são aceitos por aqueles que atuam na orla litorânea leste, considerada área nobre da cidade. Isso ocorre de uma maneira tácita, por parte dos michês de *status* social mais alto, que criam barreiras simbólicas para dificultar a presença dos garotos pobres. Como disse Rafael, “existem as caras feias, existem os garotos profissionais que pra eles você não é ninguém, existem todos esses processos e isso já se diz territórios”.

Os michês pobres que se aventuram nesses territórios tendem a permanecer em áreas limítrofes, como a Avenida da Abolição, a fim de se proteger da discriminação que sofrem dos que têm outro nível social. Na verdade, o território por excelência dos michês de menor poder aquisitivo é o Centro de Fortaleza, embora, de maneira tímida, eles ocasionalmente atuem na orla marítima leste. Na área central eles batalham com mais afinco, pois “todas as pessoas vêm ou passam

pelo centro, porque tem de tudo e os preços são mais baixos, como se diz, são populares. Por isso fica mais fácil trabalhar por aqui” (David).

4.2.3 O Centro de Fortaleza como território do sexo

A área litorânea “moderna” não é o único espaço no qual a geografia do sexo pago ganha visibilidade: muitos lugares do Centro histórico de Fortaleza são pontos de encontro de atores cuja interação é baseada, principalmente, na sedução voltada para “trocas sexuais” (HEILBORN, 1999, p. 95). Como afirmou um dos sujeitos da pesquisa,

[...] o centro é o local do encontro, aqui todos se encontram. Então, o centro é muito movimentado durante o dia e à noite é quase um deserto e é um lugar que tem fácil acesso de toda a cidade. [...] essa história das pessoas fazerem ponto aqui no centro é muito antiga, já vem de 40 ou 50 anos atrás. (David).

O Centro histórico da cidade de Fortaleza, originalmente, tinha como limites as Avenidas Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel. Atualmente, a área central de Fortaleza é composta pelo bairro Centro e algumas quadras em seu entorno, segundo definição da Fundação de Desenvolvimento Habitacional (HABITAFOR) e do Plano Diretor Participativo de Fortaleza. (INSTITUTO PÓLIS, 2009, p.14). Os limites atuais são: ao Norte, o Oceano Atlântico; ao Sul, Benfica, José Bonifácio e Joaquim Távora; a Leste, Praia de Iracema, Meireles e Aldeota; a Oeste, Jacarecanga, Otávio Bonfim e Moura Brasil (Figura 1). Numa descrição simplificada, poder-se-ia dizer que ao norte e oeste concentram-se moradores de menor renda; ao sul, os de renda média; e na Aldeota e Meireles, a população de renda maior.

O Centro, hoje, é o segundo bairro do município de Fortaleza em número de domicílios vagos. Contudo, ainda mantém sua pujança econômica, pois apresenta a maior concentração de empregos em relação à cidade e à Região Metropolitana e responde por 20% do total de empregos formais da capital, com destaque para o segmento de serviços, que emprega mais de 60% dos trabalhadores. (INSTITUTO PÓLIS, 2009, p. 11).

Figura 1 – Foto aérea do Centro de Fortaleza e bairros limítrofes



Fonte: HABITAFOR (2000)

Um grande fluxo de indivíduos se desloca todos os dias para a área central de Fortaleza. Por motivações distintas, eles transitam por suas ruas, praças e avenidas, devido ao acesso fácil e à intensa circulação de transportes coletivos, além da presença de algumas estações de transbordo para outros bairros. O Centro permanece vivo para diferentes camadas da população, principalmente aquelas de mais baixo poder aquisitivo, por ser uma área de concentração de postos de trabalho em escala metropolitana e por reunir comércio, serviços e equipamentos variados. Nele e em suas imediações concentram-se lojas, farmácias, salões de beleza, clínicas, estabelecimentos bancários, lanchonetes, livrarias, supermercados, postos de saúde etc.

O Centro tanto é *locus* do “sagrado”, como do profano – aí incluindo-se os “territórios marginais”. Nele se encontram a Igreja do Rosário – a mais antiga da cidade, construída no século XVIII – e as igrejas do Patrocínio e Nossa Senhora do Carmo, entre outras, sem mencionar os templos evangélicos. Como manifestações do “profano”, encontram-se casas de *strip-tease*, boates, cinemas pornográficos, motéis etc. Como ilhas na cidade, nesses locais a perversão e o pecado são

permitidos. (KUSHNIR, 2002). Assim, a área central apresenta uma variedade de equipamentos voltados ao entretenimento, lazer e prazer erótico, atraindo pessoas com diferentes estilos de vida, preferências e orientações sexuais – dentre eles, os garotos de programa.

Buscar um entendimento sobre prostituição masculina viril praticada em Fortaleza é envolver-se num projeto de rastreamento, a fim de localizar equipamentos, mapear roteiros e identificar pontos de ligação com outras áreas, relacionando esses espaços com as práticas dos sujeitos envolvidos com o comércio sexual. Estes sujeitos “[...] criam raízes e uma identidade sócio-cultural, demarcando assim seus territórios” (COSTA; ALMEIDA, 1998, p. 278).

Mapear esse circuito, embora de forma parcial, foi tarefa difícil, porque algumas das casas onde funcionam cinemas pornográficos e algumas pousadas não apresentam nenhuma forma de identificação, por operarem na clandestinidade. Em outros casos, como o do Cine Atenas⁴⁸, há apenas uma minúscula placa de identificação junto à campainha, ainda que o estabelecimento mantenha um *site* na *internet*. Portanto, a partir de contatos iniciais com sujeitos da pesquisa e observações das vias do Centro, decidi por um recorte espacial que abrangesse o entrecruzamento dos percursos descritos pelos informantes, formando uma trama mais densa, dentro da qual se localizam os pontos de encontro e permanência. A escolha dos equipamentos pesquisados levou em conta a possibilidade de acesso sem maiores complicações, haja vista que, em sua maioria, não permitem a entrada de mulheres. Minha aceitação em alguns foi facilitada porque eu me fazia acompanhar de membros do Projeto *Entre Nós*, mencionado na Introdução.

4.2.4 Cenários do sexo comercializado: ruas e praças da área central de Fortaleza

As ruas centrais de Fortaleza, via de regra, caracterizam-se como amplos corredores comerciais e de serviços diversos, com intenso movimento durante o dia todo, adentrando a noite. Nessas ruas, encontram-se paradas de ônibus, bares, restaurantes e lanchonetes que recebem clientes com os mais variados perfis – exceto, aparentemente, aqueles pertencentes às camadas altas da população.

⁴⁸ Optei por utilizar nomes fictícios para designar os estabelecimentos aqui apresentados, pois sua identificação como locais frequentados por homoeróticos e profissionais do sexo poderia acarretar para seus frequentadores e proprietários discriminações, associadas à sua orientação sexual ou à prostituição.

Homens e mulheres com idades, condições sociais e profissões variadas usam esse espaço da cidade para diversas finalidades. Em horários de refeições – geralmente, café da manhã, entre 6h e 8h; almoço, entre 12h e 13h – e no final do dia, quando a maior parte dos trabalhadores busca as paradas de ônibus para retornar para casa, torna-se difícil transitar pelas calçadas, tal a quantidade de pessoas indo e vindo em seus afazeres ou aguardando em filas de ônibus. Esse burburinho vai das 6h da manhã até cerca das 20h.

Mais tarde, por volta das 22h, o Centro apresenta outra feição: a cidade começa a descansar, pois cai, substancialmente, o trânsito de veículos e pessoas. Além de uns poucos automóveis e motos particulares, circulam apenas táxis e o “corujão”, como é chamado o ônibus que circula após meia-noite. A área central está nas mãos dos trabalhadores noturnos, dos amantes da noite e dos sujeitos que sobrevivem nas margens.

No coração antigo da cidade, ruas e praças abrigam manchas onde se aglomeram equipamentos voltados para o público homoerótico e articulam pedaços para formar um circuito, na acepção que Magnani (2002) confere a esses termos. É o caso das Praças do Ferreira e Murilo Borges e proximidades da Praça do Carmo e de algumas ruas próximas: Solon Pinheiro, Assunção, Floriano Peixoto, Major Facundo, Barão do Rio Branco, Senador Pompeu, General Sampaio, 24 de Maio, Pedro Pereira, Pedro I, Avenida Duque de Caxias, General Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar (Figura 2).

Caminhando por essas ruas, pode-se constatar a existência de inúmeros ambientes (cinemas pornô, saunas, motéis, boates, bares etc.) relacionados a alguma forma de entretenimento, mas destinados, também, às tramas do encontro e das práticas sexuais negociadas. Neste sentido, a área apresentada comporta uma pluralidade de locais considerados de “pegação”:

Os ‘locais de pegação’ compreendem, além de espaços comerciais planejados ou adaptados para esse fim (tais como saunas *gays*, cinemas pornô e *dark rooms* de bares e boates GLBT), uma série de espaços públicos e privados que são informalmente apropriados para encontros sexuais furtivos (tais como parques, praças, banheiros e vias públicas, além de salas de cinema e saunas heterossexuais, denominadas como caretas). (TEIXEIRA, 2009, p. 264).

É nesse cenário urbano que alguns jovens se apresentam. À noite, na passarela das ruas, provocam olhares, despertam desejos, incitam a transgressão

da moral vigente. No palco expõem seus corpos, se imaginam amantes e na presença do outro a cena se repete, “pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo”⁴⁹. Como diz Simmel (2004), o indivíduo e o grupo realizam-se em um ambiente social artificialmente produzido por eles mesmos.

Figura 2 – Ruas onde se concentram equipamentos e pontos de prostituição



Fonte: Ferreira (2011), com adaptação da autora.

O reconhecimento do território dos michês no centro de Fortaleza, espaço simbolicamente demarcado, aconteceu por meio de muitas idas e vindas para entender a dinâmica das ruas nas quais se encontram os equipamentos onde pode ocorrer a prostituição masculina (Figura 2).

A Praça Murilo Borges (Figura 3) localiza-se em frente ao edifício que aloja a sede central do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Trata-se de um espaço amplo e arborizado, com bancos de madeira e uma fonte d’água⁵⁰. Concentra ao seu redor

⁴⁹ *Menino do Rio*. Música de Caetano Veloso, gravada em 1979, pela Universal.

⁵⁰ A “Fonte das Sereias” veio da Alemanha em 1930, permaneceu em outras localidades, sendo restaurada e montada logo após a inauguração da Praça Murilo Borges, em 20 de março de 1984. A fonte é feita de zinco e cobre e é composta por três cavalos marinhos, três sereias, oito cabeças de leão e quatro leões em forma de nuvem. A denominação da praça homenageia Murilo Borges

mais de 20 cinemas pornôs. Na frente da Praça, encontra-se também uma parada para vários ônibus interurbanos.

Figura 3 - Praça Murilo Borges, em frente ao BNB, na Rua Pedro I

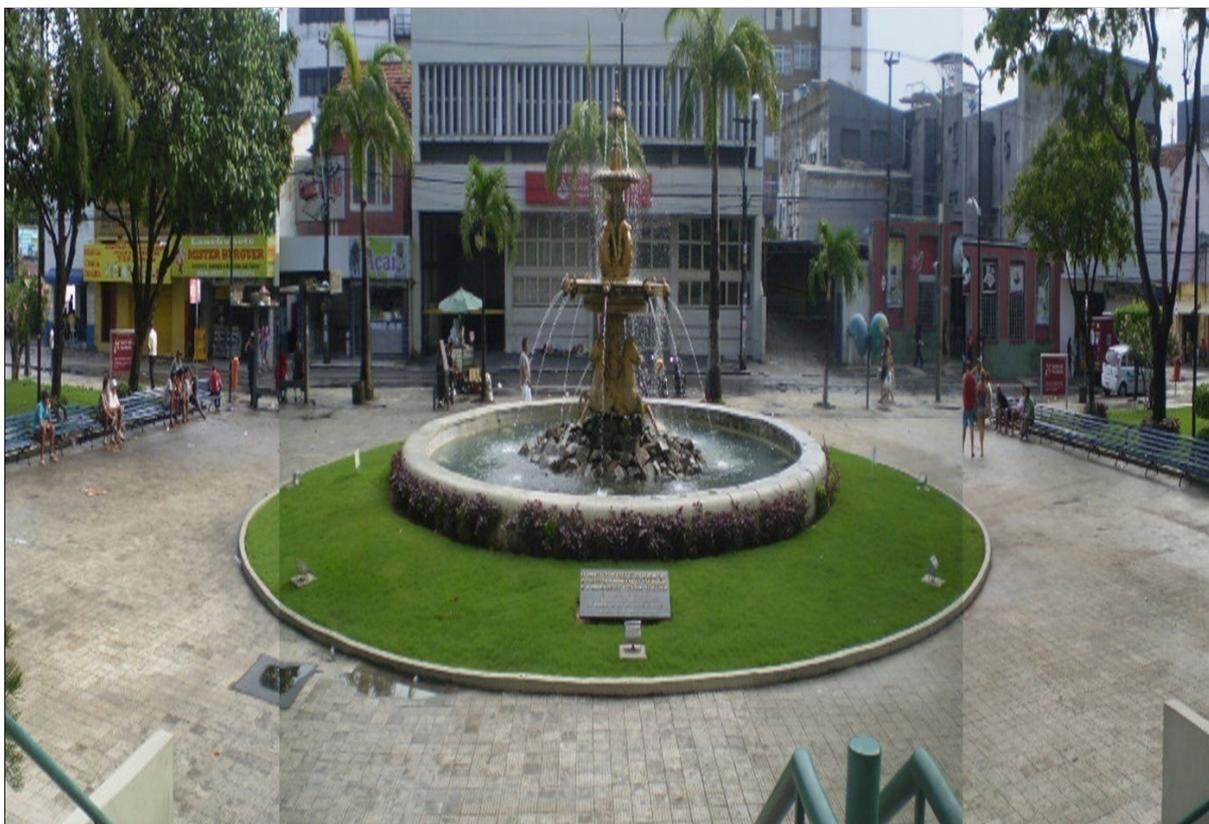


Foto: Juliana Sampaio do Carmo, janeiro de 2012

A Praça situa-se no quadrilátero compreendido pelas ruas Assunção, Floriano Peixoto, Pedro I e Pedro Pereira. Em sua vizinhança, além de bancas de camelôs, lojas e prédios públicos, situam-se alguns casarões antigos, que abrigam atividades vistas como “indecentes”, por darem margem ao exercício de sexualidades “desviantes”: boates, casas de massagem, bares e boates gay etc. O logradouro encontra-se em ebulição o dia todo. Quando a noite se aproxima, alguns homens sentam-se nos bancos ali existentes, à espera de parceiros. Outros começam a entrar e sair no *Cine Alfa* e nos bares, localizados nas ruas do entorno. São clientes e michês que iniciam a paquera: usando de estratégias para atrair-se

Moreira, prefeito de Fortaleza de 1963 a 1967 e Presidente do Banco do Nordeste do Brasil de 1968 a 1978. (LEILA NOBRE, 2012). Disponível em: <<http://fortalezanobre.blogspot.com.br/2012/05/praca-murilo-borges.html>>. Acesso em 28 de novembro de 2012

mutuamente, performatizam o cortejo e o desejo. O encontro sexual propriamente dito se dará em seguida, em um dos ambientes que circundam a Praça: motéis, pousadas, cinemas, banheiros de bares etc.

Dentre as vias adjacentes, destaca-se a Rua Assunção. Tanto quanto as demais, durante os dias úteis, exhibe movimentação intensa de pedestres e transeuntes motorizados, que diminui substancialmente nas tardes de sábado e, sobretudo aos domingos. Em uma das quadras daquela rua, situada entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua General Clarindo de Queiroz, o fluxo de pessoas segue intenso nos fins de semana, graças a uma mancha de cinemas pornográficos, onde se localizam sete estabelecimentos desse tipo. Este é o espaço de maior concentração desse tipo de entretenimento, na cidade. Em contraste, nessa mesma rua, logo nas quadras seguintes, estão localizadas residências, casas de comércio, escritórios, órgãos públicos e outros. Ao se dobrar a esquina na Avenida Duque de Caxias, a paisagem contrastante acentua-se, com a presença de um templo evangélico, bastante movimentado.

Outros cinemas pornô localizam-se na Rua Floriano Peixoto, onde se situam vários motéis e uma casa de massagem, onde trabalham mulheres. Na Rua Major Facundo, via paralela, há uma *sex shop* e outros cinemões, de maior porte como o *Cine Atenas* e o *Alvorada*.

Algumas quadras depois, caminhando no sentido do litoral, alcança-se a Praça do Ferreira, a mais conhecida e frequentada da cidade, sendo considerada por muitos como o “coração” de Fortaleza (Figura 4). Situada entre as Ruas Major Facundo e Floriano Peixoto, a praça sempre foi local de atração dos fortalezenses, que lá se reuniam para eventos artísticos e políticos. Atualmente predominam, em seu espaço, usos de lazer. Lá, também, ocorrem encontros fortuitos ou previamente marcados pelos praticantes do homoerotismo, entre os quais os michês e seus clientes. (MARTINS FILHO, 2011; NOGUEIRA, 2006).

A Praça foi construída em 1842 por Antônio Rodrigues Ferreira (Boticário Ferreira), na época presidente da Câmara Municipal. Com a evolução da cidade, sofreu reformas e recebeu diferentes nomes: *Feira Nova*, *Largo das Trincheiras* e *Pedro II*. Em 1871, após a morte do boticário Ferreira, tomou a denominação atual, em homenagem a ele. Em 1932, foi demolido o coreto e no seu lugar foi construída a Coluna da Hora que com seu relógio servia de orientação a toda cidade.

Figura 4 – Praça do Ferreira



Foto: Juliana Sampaio do Carmo, janeiro de 2012.

No final da década de 1960, a intenção de desobstruir espaços públicos para favorecer a circulação dos pedestres no centro de Fortaleza deu origem a conflitos entre formas de convívio com a rua, levando a Prefeitura Municipal a afastar os vendedores ambulantes que comercializam nas ruas Liberato Barroso e Guilherme Rocha, ou seja, no trecho compreendido entre as praças do Ferreira e José de Alencar. Essa situação levou o Prefeito José Walter Cavalcante a solicitar ajuda da Escola de Arquitetura da UFC, porém antes dos arquitetos concluírem os estudos para encontrar soluções viáveis, o prefeito se antecipou e mandou destruir o que restava do antigo formato do logradouro, o Abrigo Central e a Coluna da Hora. Uma ampla reforma da Praça do Ferreira manteve exíguo o espaço para os pedestres, contrariando o discurso em defesa da livre circulação no centro de Fortaleza. Assim, essa reforma, além de alterar a paisagem urbana, interferiu decisivamente nas formas de convívio com o lugar. (LOPES, 2008).

A intervenção mais recente, projeto dos arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponde De Leon, ocorreu em 1991 e recuperou a praça e a Coluna da Hora em versão moderna. No entorno da Praça, permanecem algumas edificações

relativamente antigas, como a Farmácia Osvaldo Cruz, a lanchonete Leão do Sul, o Cine São Luís e o Palacete Ceará, construído na década de 1920, hoje agência da Caixa Econômica Federal.

Desde a última reforma, a Praça destaca-se por seu aspecto limpo e seus equipamentos bem cuidados, tais como um quiosque para venda de revistas e livros e diversos bancos, onde, no final da tarde, se vêem homens de meia idade, potenciais clientes de garotos de programa.

Outro logradouro de destaque no “circuito homoerótico” é a Rua General Sampaio. Trata-se de um importante corredor de passagem, com grande fluxo de ônibus urbanos, veículos menores e comércio diversificado. Uma mancha de equipamentos voltados para o público homoerótico⁵¹, utilizados como pontos de encontro por prostitutas, encontra-se no trecho compreendido entre a Av. Duque de Caxias e a Rua Pedro I, onde se situam uma boate, dois bares, um motel e dois cinemas pornográficos, num dos quais se pode encontrar loja para venda de produtos eróticos.

A Rua 24 de Maio distingue-se pela concentração de motéis, um dos quais pertence ao mesmo proprietário de um cinemão, localizado na mesma rua. A Avenida Duque de Caxias é um corredor central onde sobressaem dois bares, localizados entre as ruas Floriano Peixoto e Assunção: o *Super Bar* e o *Big Lanches*, que serão descritos com mais detalhes no próximo item. Ambos congregam um número expressivo de frequentadores homens, mulheres, jovens e adultos com mais idade, que dividem espaço com garotos de programa e outros profissionais do sexo.

As quadras entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua General Clarindo de Queiroz, delimitadas pelas Ruas Barão do Rio Branco e Solon Pinheiro (ver Figura 2), constituem uma área de obsolescência, com ruas estreitas, pequenas lojas, estacionamentos, galpões abandonados e depósitos. Essa área concentra, durante a noite e mesmo durante o dia, contingente expressivo de moradores de rua e usuários de drogas, os quais, eventualmente, envolvem-se na prática da prostituição.

⁵¹ O termo “público homoerótico” é utilizado, aqui, de forma descritiva, para designar as pessoas de orientação homoerótica que frequentam os equipamentos de lazer pesquisados no Centro de Fortaleza. Para uma discussão sobre a identidade dos consumidores de serviços ofertados pelo “mercado GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes), abordando a dimensão política do consumo para esses sujeitos, ver França (2007).

Na Rua General Clarindo de Queiroz, nas quadras entre as Ruas General Sampaio e Rua Assunção (Figura 2), o território é marcado pela presença de profissionais do sexo, assim distribuídos: da quadra da Praça da Igreja do Carmo até a Rua Floriano Peixoto, encontram-se as travestis e, às vezes, aparecem algumas prostitutas, pois não se limitam aos seus pontos fixos. Na quadra entre aquela última rua e a rua Assunção encontram-se os michês, provavelmente devido à proximidade dos cinemas pornô e de alguns bares da Avenida Duque de Caxias. Para os entrevistados, este é o melhor ponto para negociar e vender favores sexuais.

A Rua Gal. Clarindo de Queiroz está para Fortaleza como o Largo do Arouche e a 25 de Março estão para São Paulo, e a Praça da República para o Rio de Janeiro. É antiga nessa arte e já foi muito melhor. É a que oferece melhor condição, porque é mais próxima aos cinemas pornô e às paradas de ônibus, a toda movimentação do centro da cidade, já ganhou a fama. O melhor dia é a sexta-feira⁵². Lá descem para batalhar muitos garotos, uns 30 ou mais. Quem desce nela faz programa. [...] É uma rua que tem um certo imã, parece que ela chama a gente, é como um vício, um jogo e você vai e quem vai lá faz (Pablo).

É um espaço territorializado, que pode ser lido a partir dos usos da rua: exposição, passagem, encontros para programas sexuais, dentre outros. Também pode ser entendido como um “pedaço” ou, nas palavras de Magnani (2002, p. 22), um “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencente a uma rede de relações”. Nele, os michês reconhecem e encontram seus parceiros, mantêm vínculos e acordos, negociam serviços sexuais. Esses sujeitos se aproximam pelos símbolos, gostos e valores compartilhados; por terem modos de vida e hábitos de consumo semelhantes.

Os michês vão chegando a partir das 21h, e por volta das 22h, a quadra só não está completamente tomada devido à própria dinâmica da atividade: os primeiros a chegar vão saindo, enquanto outros vão chegando, para, em seguida, serem substituídos por novos recém-chegados, ou pelos os que estão retornando. Além da movimentação dos profissionais do sexo, o trânsito de pedestres à noite é raro; o movimento fica por conta dos veículos. Os garotos olham com atenção para os ocupantes dos carros que passam e põem a mão em seus falos, insinuando que vão mostrá-los, para afirmar sua virilidade e indicar sua disponibilidade para o programa. Em algumas ocasiões, conforme já relatei, essa atitude tem provocado

⁵² A maior afluência de clientes na sexta-feira se deve, provavelmente, ao fato de ser dia de pagamento para muitos trabalhadores.

conflito e gerado violência por parte de transeuntes que, por não serem clientes potenciais, se sentem desrespeitados ou mesmo agredidos moralmente.

4.2.5 Boate, bares e cinemões

Existe, no Centro da cidade, uma ambientação ampla, na qual os profissionais do sexo se sentem mais seguros para o nomadismo, o agenciamento e desempenho de suas funções prostitutivas, permitindo que se visualize a existência de uma relação de proximidade entre corpo e espaço – espaço este que “é vivenciado e interpretado de formas distintas pelos diferentes grupos sociais” (SILVA, 2007, p. 135).

A boate *Sereia* encontra-se nesse pedaço da cidade e é o maior equipamento de lazer noturno para segmentos homoeróticos, com festas animadas por DJs, shows com *top drags*, muito som, bebida e “pegação”. Geralmente, as festas terminam ao amanhecer, todos os sábados. Aos domingos, começam e terminam mais cedo: por volta das 21h os frequentadores começam a chegar, e saem antes da meia noite.

Ao lado da boate, situa-se o *Bar Mercúrio*, frequentado por um público de homens e mulheres, com idades variadas. No interior do estabelecimento, sente-se um forte odor de cigarro, bebida, suor e urina, principalmente nas proximidades do banheiro, onde lixo se acumula, atraindo insetos. No interior deste, alguns homens relacionam-se sexualmente.

Quase em frente ao *Mercúrio*, situa-se o bar *Lulas*, também conhecido como o “*bar do Romeu*”. Durante os dias de semana, atende a um público comum, porém às sextas-feiras e aos sábados, das 22h às 6h, o bar conta com maior frequência homoerótica. Em mesas para quatro pessoas, ocupando a calçada, homens e mulheres bebem, fumam, conversam e dançam, preferencialmente, ao som de Fábio Jr., Alcione e Ivete Sangalo. Casais igualitários masculinos e femininos paqueram, “ficam”, namoram ou saem para moteis próximos.

Indo-se para a Av. Duque de Caxias, na esquina com a Rua Floriano Peixoto, encontram-se o *Super Bar* e a poucos metros dali, o *Big Lanches*, já mencionados. O primeiro, quase sempre, encontra-se lotado, inclusive durante o dia, quando funciona um *self-service*. À noite, muitos clientes ocupam mesas espalhadas pela calçada, facilitando a aproximação daqueles que transitam na avenida. Nele se

pode encontrar um público homoerótico: travestis, lésbicas, gays e outros, inclusive, os michês. Estes chegam, quase sempre, sozinhos. Discretamente, passam a observar os presentes, aproximam-se dos homens com mais idade, na tentativa de “dragar cliente”. Minutos depois, sentam-se à mesa, tomam uma bebida, conversam e, em seguida, sai um, e depois o outro – o negócio foi acordado na invisibilidade, para quem o desconhece. No jogo, esse ritual faz parte da “sociabilidade marginal”.

No bar e restaurante *Big Lanches*, bem próximo, a movimentação é maior ainda, inclusive por ter dimensões mais amplas. Nele também funciona, durante o dia, um *self-service* logo na sala de entrada, com balcão, mesas e cadeiras. Saindo desse espaço, por um corredor se chega à parte interna, onde se encontram mesas com cadeiras e banheiros. Às sextas-feiras e sábados acontecem as serestas: são noites de casa cheia. Apesar de se tratar de um ambiente um pouco mais discreto no que refere à conduta dos usuários, nos banheiros desse bar também acontece “pegação”⁵³.

Enquanto a frequência de boates e bares abrange um público mais diversificado, os “cinemões” são, tipicamente, espaços de prostituição viril. A descrição apresentada por um entrevistado sintetiza bem essa característica: “[...] todos [os cinemões] são de pegação, todos são masculinos e mulher só pode entrar se estiver acompanhada por um homem” (Marley).

Ressalte-se que nem todos os proprietários de cinemões aceitam de bom grado a entrada de michês, pois, segundo um colaborador da pesquisa, há garotos que roubam o cliente ou agem com violência, o que afasta a clientela e prejudica o negócio. Mesmo nesses casos, os garotos não se intimidam e permanecem nas imediações dos cinemões, onde se insinuam para os clientes, com gestos que mostram partes do corpo, informando-os que estão prontos para o programa.

O cine *Alvorada*, situado na Rua Major Facundo, existe desde 1917, mas, a partir de 1996, passou a exibir somente filmes pornô. Na recepção, muitos cartazes indicam as atrações disponíveis, os horários e o valor cobrado: R\$ 4,00, de segunda a quarta-feira e R\$ 5,00, de quinta-feira a domingo, quando acontecem shows eróticos. Em seguida, adentra-se um grande salão, com 260 lugares e um telão. Na parte térrea do prédio, num pequeno espaço, encontra-se um banco de cimento e

⁵³ Nas primeiras vezes que fui ao *Big Lanches*, não percebi nada. Depois de inúmeras visitas, quase uma “cliente cativa”, é que fui perceber que as relações entre michê e cliente naquele espaço acontecem discretamente, por meio de códigos, pequenos gestos e alusões que implicam poder, libido e sexualidade, mas que tornam as interações difíceis de visualizar, no primeiro momento.

uma árvore. O local, chamado de “jardim” pelos usuários, fica em frente a alguns banheiros, que também são usados para atos sexuais. O segundo piso tem doze cabines para uso de sexo, bastante pequenas, com cama, TV e ar condicionado. Por ocasião do trabalho de campo, observei que, no *hall*, entre as cabines – todas ocupadas – alguns pares (inclusive um homem e uma travesti) faziam sexo. Outros homens, de pé, se masturbavam, enquanto aguardavam que alguma cabine desocupasse para que pudessem usá-la. No início do corredor, em forma de L, um pequeno salão, com bar, algumas mesas e um aparelho de som, onde os clientes bebem, fumam, dançam e negociam seus programas.

O *Cine Atenas*, também localizado na Rua Major Facundo, permaneceu fechado para reforma por quase um ano, sendo reaberto em agosto de 2011. Diferencia-se dos demais cinemões pelos equipamentos, como exaustores que propiciam equilíbrio térmico, mais salas e cabines, todas climatizadas e revestidas com cerâmica nas paredes e no piso. Assim, o estabelecimento oferece conforto, segurança e discrição, além de cobrar valores satisfatórios pelo atendimento prestado, em suas dependências.

O *Cine Sodoma*, situado na Rua Floriano Peixoto, tem aproximadamente 30 lugares. Na recepção, alguns cartazes de propaganda de filmes eróticos e outras atrações disponíveis, os horários e o valor cobrado: dois reais, por hora. Na parte de trás, há uma área pequena e aberta. Em uma das observações realizadas para a presente pesquisa, lá se encontrava um policial-militar. Um dos garotos entrevistados me informou que os policiais, mesmo que sejam clientes, quase sempre estão de farda e portando arma de fogo. Muitas vezes, aproveitando-se da situação desigual em termos de poder, não pagam aos garotos.

No *Cine Pop*, situado na Rua Floriano Peixoto, por ocasião de minhas visitas, a movimentação era pequena, com poucos homens no local. Com idades diversas, todos aparentavam pertencer a estratos populares. Nenhum tinha traços de beleza e muitos gesticulavam intensamente, de forma atribuída a “homossexuais”. Faziam coreografias as mais diversas ao som da música que tocava (*Rebolation*, de uma banda baiana). Enquanto dançavam, acariciavam-se, abraçavam-se e beijavam-se.

O *Cine Mayor*, situado na Rua Solón Pinheiro, ocupa uma casa pequena e quente. A parede dos cômodos tem pintura descascada e suas dependências exalam um odor de urina, bebida e suor. A casa está localizada numa quadra

relativamente tranquila. No início da noite e nos finais de semana, principalmente, a área tem pouco movimento, e por ela transitam apenas michês e clientes potenciais dos motéis e dos cines do pedaço. São homens com idade variável: os michês têm em torno de 25 anos e os clientes aparentam ter entre 45 e 60 anos. Talvez sejam mais novos, mas seu aspecto é envelhecido, e tanto eles como os garotos usam roupas modestas, desbotadas. Quase todos fumam, bebem cerveja e confabulam baixinho, dentro da casa.

O *Cine Alfa*, um dos mais procurados, ocupa uma casa antiga, em frente à praça Murilo Borges. Logo na entrada, há uma placa anunciando: “Promoção R\$ 2,00 (dois reais), domingos e terças-feiras. Proibida a entrada de menores de 18 anos. Diariamente 8 filmes”. O cine funciona de segunda a domingo, tendo aos domingos maior procura.

Logo no *hall* de entrada, no alto da parede, cartazes de homens segurando os órgãos sexuais uns dos outros. Após um corredor pequeno e escuro, com quartos na lateral, já ocupados por alguns casais homoeróticos, chega-se a um pequeno salão, aberto para os fundos, onde há um bar com mesinhas e cadeiras e uma TV no alto de uma parede. Sabrina, uma travesti, me disse que ali faz shows eróticos. Uma vendedora que trabalha no bar atendia aos clientes, que começam a chegar por volta das 8h da manhã, quando o cinema abre, e permanecem até por volta das 22h, quando o estabelecimento encerra suas atividades. No segundo andar há duas salas: uma delas tem uma televisão de 29 polegadas presa num suporte de parede, um projetor, para exibição de filmes pornôs e umas 15 cadeiras de plástico enfileiradas. Na outra sala, apenas algumas cadeiras.

Por ocasião de minhas visitas ao local, havia aproximadamente uns 18 homens bebendo, fumando, namorando e umas quatro prostitutas que também bebiam, fumavam e conversavam com os homens, no espaço aberto, logo em frente ao bar. Note-se que de todos os cinemões pesquisados, este foi o único onde encontrei mulheres prostitutas em busca de programas.

Homens entrando e saindo, fluxo pequeno de usuários. A partir das 16h, aos poucos, os michês vão chegando, uns sozinhos, outros acompanhados, conversando como bons amigos. Adentram a casa. A funcionária do bar já conhece a preferência da clientela em relação a bebidas, sendo cerveja e refrigerante as mais consumidas, com tira-gostos como espetinho de carne e salgadinhos. Eles pedem música, tipo axé, forró, Alcione e as bandas regionais. Dançam, bebem, fumam,

conversam, namoram no pequeno pátio, que nem sempre se encontra limpo. Outros chegam e ficam observando aquele movimento frenético, trocam olhares com outros usuários, tentam uma paquera e conseqüentemente um programa. Passam de mesa em mesa, bebem um gole nos copos de alguns clientes e quando pinta alguma proposta, eles vão às cabines, na parte interna e escura do ambiente, ou a um motel nas proximidades.

Tanto nos cinemões, como nos bares, procurei ficar atenta às cenas que se desvelavam a partir da banalidade desses ambientes, onde, cotidianamente, homens vivem suas aventuras eróticas com outros homens. Nos primeiros, a fantasia erótica é potencializada pela escuridão que caracteriza a sala de exibição e a cabine, e se torna ela própria um fetiche, ao permitir a sedução do desconhecido, o encontro de corpos sem rosto, o prazer do sexo anônimo:

[...] A única luz que se tem dentro do cine é a da TV [e da tela]. Quando a gente fica mais tempo sai de lá tonta da escuridão, quando chega fora, na claridade. O *dark room*⁵⁴ é mais um fetiche, uma forma de provocar a curiosidade de quem não conhece, provocar atração. Também é uma maneira de não ficar olhando na cara e sem ser visto, [o que] provoca a sedução. Todos são negros, é tudo *black*. (Marley).

Assim, os cinemões se tornam um espaço simbólico ou “cena”, no sentido de pertencerem a uma dimensão da vida social que poderia ser considerada ensombreada, misteriosa, efêmera, para usar o vocabulário de Crapanzano (2005). Parafraseando este autor, Paiva considera que

[...] a cena está próxima daquilo que é experimentado como “fantasioso”, como “artifício”, como “esses deslocamentos de atenção que relacionamos a sentimentos, emoções e humores”, “elementos decorativos” da existência que constituem, para o autor, “uma dimensão significativa e efetiva do mundo em que vivemos, pensamos e agimos”. A cena é “aquela aparência, a forma ou refração da situação “objetiva” em que nos encontramos, colorindo-a ou nuançando-a e, com isso, tornando-a diferente daquilo que sabemos que ela é quando nos damos ao trabalho de sobre ela pensar objetivamente”. (PAIVA, 2009, p. 4).

Tanto nas cabines dos cinemões como nos banheiros dos bares, as pegações e práticas sexuais entre homens acontecem durante o dia e parte da noite, ou melhor, durante quase todo o horário de funcionamento dos estabelecimentos. Nos banheiros de alguns bares, os garotos procuram ficar bem

⁵⁴ O *dark room* é uma sala sem iluminação, localizada em boates ou cinemas e destinada a encontros sexuais ocasionais. Para uma discussão aprofundada sobre o significado dos encontros que ali acontecem, ver: Díaz-Benítez (2008).

perto da porta para ver o movimento do frequentador que, algumas vezes, propositadamente se deixa ver enquanto se masturba. O michê entende isso como um convite e encontra um jeito de entrar naquele recinto, onde o programa acontece. Como disse Simmel, “[...] a questão erótica entre os sexos é de oferecimento e recusa” (1983, p.174): neste caso, um movimento sexual característico, a masturbação, no contexto de um banheiro público, significa o acionamento de uma rede de significados implícita naquele cenário, operando entre os sujeitos que o conhecem e frequentam. Assim, o local é transformado em espaço de interações sócio-sexuais. Nas cabines dos cinemas, a situação é diferente, pois são partilhadas apenas por parceiros sexuais, o que exclui, ou torna mínima, a vigilância de terceiros. Trata-se de uma situação que deixa os homens mais à vontade para viverem sua sexualidade da maneira que julgar conveniente. Em ambos os casos, verifica-se o uso de lugares públicos para uma prática que diz respeito à intimidade, transgredindo normas estabelecidas na sociedade (ELIAS, 1994).

CAPÍTULO 5

PELOS CIRCUITOS DO CENTRO: DA DERIVA AO ENCONTRO

Começo da noite. Legiões de transeuntes percorrem as ruas centrais de Fortaleza, por motivações as mais diversas. Entre eles se podem identificar estudantes, com suas mochilas de livros sobre as costas; vendedores nas portas das lojas ou camelôs, oferecendo seus produtos; compradores com suas sacolas e pacotes; e tantos outros, com traços característicos. Em meio a essa multidão estão, também, os garotos de programa, iniciando sua “errância sexual” (MAFFESOLI, 1985), à procura por clientes. Certamente, “muitos de nós passamos junto deles, sem necessariamente perceber o tipo de transação que, nessa circulação dos corpos na noite, se agencia” (PERLONGHER, 1987a, p. 58).

5.1 A michetagem de rua: fluxos e fixos

As palavras de Perlongher deixam claro que a mera presença de corpos em um mesmo espaço não é suficiente para territorializá-lo. Mesmo que essa presença não seja apenas casual ou transitória, outras condições são requeridas para a formação de um território, como já foi visto no quarto capítulo. Aqui, cabe destacar a relação entre a natureza móvel do “negócio do michê” e sua ancoragem na materialidade do espaço, permeada pelo simbolismo dos códigos em que estão imersas as práticas sociais dos sujeitos envolvidos na prostituição viril.

Nesse sentido, pode-se entender a territorialidade da prostituição masculina mediante a utilização das categorias “fluxos e fixos”, elaboradas pelo geógrafo Milton Santos (1999), no contexto de sua teoria sobre o espaço. Este seria a base do território, o qual englobaria tanto a “materialidade”, como “a vida que a anima” (SANTOS, 1999, p. 50-51), ou seja, as relações sociais – mediante as quais ocorre a interação de elementos duráveis, materiais, *fixos*, com movimentos constantes ou intermitentes, os *fluxos*. Nessa perspectiva, concebe-se a atividade do michê como um fluxo que se renova cotidianamente e que depende da ocupação de certos fixos (calçadas, praças, locais de lazer e práticas sexuais), onde ocorrerão os encontros.

Os sujeitos à procura de relações homoeróticas configuram um tipo de circulação (fluxo) característico: a paquera ou “deriva”. Como descreve Perlongher (2008, p. 165), “trata-se de pessoas que saem à rua à procura de um contato sexual,

ou simplesmente ‘vão ao centro pra ver se pinta algo’ [...]”. Ainda segundo o mesmo autor, “a perambulação e a deriva são inseparáveis do processo sexual ou até mais importante do que ele”. (PERLONGHER, 2008, p. 226). Para o michê, o nomadismo é indispensável à sua labuta cotidiana de mitigar desejos e prazeres.

A rua atrai homens e mulheres – é “[...] toda uma massa que se ‘nomadiza’ e recupera um uso antigo, arcaico, da rua”. (PERLONGHER, 2008, p. 165). Os territórios da prostituição incluem, além de logradouros públicos, locais fechados, como bares, cinemas pornôis, boates e outros, onde eles e elas compartilham a visibilidade de determinados comportamentos. Demonstrações livres de afeto e erotismo entre pessoas do mesmo sexo são comuns nesses espaços, evidenciando códigos específicos, essenciais para a territorialização daqueles espaços, pois distinguem os sujeitos do “pedaço” (MAGNANI, 2002) – consumidores ou trabalhadores do comércio sexual. Nas palavras de Silva (2004, p. 14),

[...] territorialidade consiste na distribuição dos corpos no espaço, mas num espaço decodificado, em que determinadas sociabilidades - e não outras - são inscritas, uma distribuição que é tanto populacional quanto semântica ou retórica, num nível discursivo [...]. Significa dizer que a territorialidade não se limita a um espaço físico, mas sobretudo a um espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido não apenas *descritivo* (o que é feito lá) e muito mais *prescritivo* (o que pode ser feito lá). [...] Estes territórios, por sua vez, são classificados de acordo com as formas de sociabilidade que ali têm lugar e como forma de indicar as possibilidades para quem se aventura por eles.

A prostituição masculina, dessa forma, estaria vinculada aos movimentos de desterritorialização e reterritorialização a partir do nomadismo que lhe é peculiar. A trajetória realizada pelos profissionais do sexo, cartografada a partir do vai-e-vem nas ruas, acarreta uma desterritorialização, quando eles se distanciam de suas casas, de suas famílias. Esse distanciamento corresponde a um processo de reterritorialização, pois esses sujeitos criam outro território que imprime significados a lugares de pertencimento, sem apagar o território do anterior. A identidade passa a ser construída em meio a esse movimento de desterritorialização e reterritorialização.

Se a pista, por onde transitam os clientes, é “o local privilegiado para a negociação de serviços sexuais” (SILVA; BLANCHETTE, 2005, p. 261), a rua, de modo geral, é definida como o lugar de trabalho:

A rua pra mim é algo que eu tenho que ir todo dia, se eu não for, como vou poder ter meu pão de cada dia, como eu vou poder pagar meu aluguel,

como eu vou comer, me vestir, pagar minha academia, como eu vou fazer isso, não é? Então, a rua é o meu trabalho e só lá eu consigo algo, [já que] não tenho [...] carteira assinada, salário. Então, tenho que ir, independente do que eu vou fazer na noite, quantos clientes, está entendendo? A rua é meu lugar de trabalho. (Felipe).

A rua é, também, o palco ou a arena onde esses atores apresentam-se para atuar, um espaço de articulação e identificação. As palavras de Marley sintetizam sua centralidade, em termos materiais e simbólicos:

A rua representa o meu meio de sobrevivência, porque sem ela eu não sobreviveria, pois de onde eu iria tirar o dinheiro para o meu alimento, para as minhas necessidades, se não fosse a rua? Então, se não fosse a rua eu teria que achar outra coisa. Por isso, a rua, é o meu chão e a minha vitrine. Nela me mostro, sou visto, sou desejado. Pra mim, representa isso – um meio de vida, de sobreviver.

A territorialização da prática de michetagem requer tanto a apropriação do espaço, como do tempo: as práticas nomádicas dos aventureiros do sexo entre homens quase sempre acontecem à noite, quando a luz solar se recolhe, deixando à cidade apenas a claridade intermitente do mercúrio e neon. Depois das 22 horas, uma cena é rotineira nos territórios marginais: o michê, com quase meio corpo dentro de um carro, negocia um programa, entre murmúrios. Ele entra, e logo o veículo percorre a quadra. Nem sempre o retorno do garoto é rápido, indicando que o programa ocorreu.

Os ambientes em que ocorrem os encontros e os programas – nas ruas e becos desertos, na escuridão dos cinemas pornôs, nos banheiros dos bares – contribuem para manter o clima de excitação associado a práticas transgressoras, que buscam a realização de desejos de todas as ordens. Pode-se dizer que, em sua procura, os “nômades urbanos” não acendem uma “fogueira devastadora”: antes, produzem luzes que emanam de pântanos, brilho passageiro de matérias decompostas, fogos-fátuos. (PERLONGHER, 1987a, p. 57).

5.1.1 O olhar como sinal de captura

O trabalho do michê inicia-se quando ele “desce” para a rua, para “fazer a pista” ou “batalhar”. Como qualquer outra atividade humana, a prostituição precisa de espaço para se realizar. No cotidiano da rua, o mostruário principal são as calçadas, onde os michês, em constante movimento, mostram seus corpos, como se em um mercado aberto. Percorrem ruas, praças, bares, cinemas pornôs e alguns

banheiros públicos, considerados como *lócus* de encontro e do exercício da profissão: afinal, o nomadismo é a tônica do *métier*. É preciso movimentar-se e fazer buscas durante as andanças em meio à multidão que fervilha no Centro da cidade. Os garotos percorrem os pontos onde os clientes possam localizá-los e lançam olhares em todas as direções.

O ponto de partida dos encontros eróticos é, pois, a troca de olhares e a movimentação para mostrar as partes do corpo:

[...] Existe a troca de olhares, é muito difícil ele [o cliente] chegar de cara e dizer: “eu quero fazer sexo com você”. Não, ele chega e simplesmente, a gente tem uma grande perda de tempo com a troca de olhares. [...] é muito difícil quando um homem paquera um outro homem, eu sei que tem muita gente que passa por isso. É difícil ele chegar, mas ele chega [e acontece a] troca olhares, realmente. Se você é um profissional, vai complementar o olhar dele e vai até onde ele quer chegar. [...] quando ele vê que realmente você é um garoto de programa, que você é um profissional do sexo, ele chega pra você e [diz]: “oi, tudo bem? Como é que você está?”. Boa noite, bom dia, boa tarde e daí começa todo o processo. Ele pergunta o que você está fazendo, por exemplo, na praça ou *shopping*, então você chega e diz: “cara, eu curto, eu sou um garoto de programa, meu preço é esse aqui”. [...] [Você] vai complementar o olhar dele e vai até onde ele quer chegar. (Rafael).

O olhar é um universo carregado de sentidos, é uma arte como tática de captura, mediada pela comunicação. O olhar coisificado manipula os homens como objetos de desejo, convoca-os e verifica-os (DELEUZE; GATTARRI, 1997).

O cliente percorre todo o corpo do michê com olhos de quem quer ver, ter e sentir muito mais, tanto no que se refere às expectativas sexuais, quanto aos riscos envolvidos na transação (PERLONGHER, 2008). Embora busque uma aventura, esse olhar é indicativo de uma organização racional que não carece de cálculo para mensurar o grau do desejo ou mesmo o perigo ao envolver-se com o desconhecido. Essa primeira abordagem entre cliente e michê exige um jogo de sedução e força, no qual os menores sinais e detalhes são devidamente analisados e valorizados. O cliente procura as características que considera interessantes para o desempenho do programa: os traços corporais do garoto, como musculatura e tamanho do pênis. Já o garoto observa a aparência do cliente: se está bem vestido, se usa alguma joia ou relógio, o modelo do carro e outros sinais de que tem dinheiro para o pagamento do programa.

Nessa modalidade da relação, verifica-se que a abordagem não é tão fácil como poderia parecer, quando se tem em conta a exposição dos garotos, os indícios

das intenções dos clientes e a notoriedade dos “pontos de pegação”⁵⁵ em espaços territorializados pela prática da michetagem. Na verdade, trata-se de uma interação algo tensa, pois a decisão de fazer (ou não) o programa envolve não poucos riscos e incertezas para ambos os parceiros. Tudo tem que ser decidido a partir de uma rápida análise sobre os traços exteriores e uma conversa superficial, onde são negociados os tipos de serviços e os preços respectivos.

Para designar a breve, porém decisiva comunicação verbal que ocorre entre michês e possíveis clientes, vários sujeitos da pesquisa utilizaram o termo “entrevista”. Com efeito, a interação que se estabelece guarda semelhanças com a técnica utilizada por pesquisadores, jornalistas, médicos e outros profissionais, a fim de obter de certas pessoas informações a respeito delas mesmas ou de determinados assuntos, durante um encontro face a face. Neste sentido, a entrevista exige habilidade e confiança entre as partes: o resultado só será satisfatório se o motivo que a determina for admissível para o entrevistado. De modo semelhante, na “entrevista” que ocorre durante a interação inicial entre o garoto e o cliente potencial, ambos procuram obter informações, a fim de definir os termos de um possível contrato: “[...] quando está rolando [a] entrevista, o carro para e o cliente pergunta o preço do programa, o que é que você faz, o tamanho do pênis...” (Marley). Um dos garotos entrevistados destacou essa conversa como elemento importante para a definição do papel “ativo” ou “passivo” (discutido no Capítulo 2):

Tem cliente que chega pra você e pergunta: “você faz tudo”? Aí você responde: “não, eu não faço tudo, eu sou ativo; eu só faço isso e isso”. [...] acho que se deve dizer tudo na entrevista, numa conversa [...] Então, se você disse [que] faz tudo ou se você só faz o ativo, então você tem que fazer o seu papel que você mostrou. (Rafael).

Questões não explícitas, porém, costumam estar presentes, como a possibilidade de “golpes” de ambas as partes. Mais que isso, porém, o cliente quer ter a certeza de que se trata de um parceiro “macho”, para proporcionar o prazer desejado ou as fantasias sonhadas, enquanto o michê necessita assegurar sua masculinidade, por ser o maior sustentáculo de seu negócio. Essa desconfiança

⁵⁵ “Pegação” é um termo usado para definir a busca de parceiros ou parceiras em bares, festas, danceterias etc. Tem sua origem no ambiente homoerótico, no qual indica a procura anônima e imediata por satisfação sexual e afetiva, geralmente em cantos discretos de ambientes públicos. Varia desde a troca de olhares em silêncio e à distância, até a masturbação mútua, felação ou mesmo relação sexual completa. (PERET, 2010).

entre as partes ou a busca de certeza do que cada um está levando para junto de si (na cabine do cinema, no motel, dentro do carro, no banheiro, atrás do muro etc.) faz parte da observação prévia e, conseqüentemente, da transação; afinal, trata-se de prazer, vontade e desejo, mas, também, cálculo, interesse e ganho monetário.

5.1.2 A *flânerie* do *michê*

Diferentemente do trabalhador que exerce uma atividade legalizada e conta com locais predeterminados para exercê-la, o prostituto constrói territorialidades itinerantes e flexíveis, favorecidas pelo ambiente da cidade moderna, onde imperam o anonimato, a surpresa e o encontro de estranhos (SIMMEL, 2004). Nesse aspecto, ele se assemelha ao *flâneur* que, com um prazer quase *voyeurístico*, perambula à procura de inspiração, olhando o espetáculo urbano (BAUDELAIRE, 2001). Como o “homem da multidão” que, aparentemente, anda sem destino, mas guarda o propósito de encontrar algo (POE, 1999), o *michê* vagueia sob a penumbra, movido pelo desejo de aventura sexual e comercialização do prazer.

Contudo, não se trata de um nomadismo aleatório, desorganizado. Os garotos de programa, ao deixar seus locais de moradia para se lançar às ruas, traçam um roteiro segundo seus objetivos, de maneira que venha a facilitar o encontro, o programa e a renda – mas, também, o prazer, o lazer e a realização do desejo. Como descreveu um dos sujeitos da pesquisa, trata-se de uma “turnê” que tem como meta “batalhar, ganhar dinheiro”, mas cujo resultado final pode ser divertir-se numa boate, caso o ganho tenha sido bom:

[...] Descer, fazer uma turnê, é percorrer as ruas, os locais em geral. A nossa sequência é a seguinte: primeiro vamos para os cines, depois para os bares, em seguida para a rua e, por fim, para as boates. Quando o dia ou a noite estão bons, esse é o trajeto: se ganha no cine, bar e rua e se diverte, já livre do programa, na boate. Quando não está bom, se faz cines, bar e [se] termina na rua. (Pablo).

Nas narrativas dos interlocutores, a expressão “fazer uma turnê” é recorrente; eles a usam para se referir à sua atuação nas ruas, nas andanças pelos espaços por onde circulam os possíveis clientes, ou seja: onde procurar, como abordar, o que fazer etc.

O nomadismo caracteriza-se por um “entre”, por ser um meio que escapa à forma fixadora de conceber o espaço, que é o apanágio do sedentário. (DELEUZE; GUATARRI, 1997). Para esse autor, o espaço é constituído de percursos:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.). Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente conseqüência da vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário (...). Em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante (1997, p. 50).

A condição de nomadismo indica a vulnerabilidade de quem sobrevive à margem da sociedade capitalista heteronormativa, que ao mesmo tempo segrega os desviantes dessa norma e exclui aqueles que não são considerados aptos para o mercado de trabalho formal. Para lidar com essa situação, os michês associam a busca do prazer à necessidade do ganho financeiro, o que introduz um elemento de cálculo na escolha dos percursos. A incerteza quanto à realização de um programa leva os garotos a procurarem determinados pontos, onde possam ser encontrados pelos homens interessados em seus serviços. Como diz Marley, “eu vario de acordo com o movimento, para onde as coisas mais acontecem, aonde dá mais clientes, como a rua, principalmente a esquina”.

Muitas vezes, o encontro logo acontece e rapidamente “pinta” um cliente. Em certos dias, contudo, a demora em conseguir um programa leva o michê a perambular por todo o circuito:

[...] É tipo assim, a gente vai para um cinemão tentar alguma coisa, mas se não dá, você vai para outro lugar, para rua, para uma boate, bar, porque tem que ganhar. Não tem essa de ficar só num lugar, tem que batalhar. Pode ser na rua, no cinemão. Não gosto de sauna, mas quando eu não consigo nada eu vou e no Centro tem de tudo, para todo gosto. (Marley).

A procura persiste noite adentro, como na música: “De noite eu rondo a cidade a lhe procurar, sem encontrar / Em meio de olhares espio, em todos os bares/ você não está⁵⁶”. Assim é o cotidiano do michê.

⁵⁶ *Ronda*, música de Paulo Vanzolini, gravada em 1978 por Maria Betânia, pela. Polygram/Phillips, Rio de Janeiro.

A viração do garoto de programa, como foi visto, acontece através de espaços nos quais a possibilidade de encontros é potencializada pela existência de equipamentos frequentados por sujeitos homoeróticos: lugares de “pegação” como cinemões, bares, boates etc. Essa movimentação faz parte do *modus operandi* dos garotos, no qual o nomadismo é uma estratégia para a procura de parceiros sexuais, mormente os que envolvem a prostituição. Esta traz a marca do estigma atribuído ao comportamento e às práticas sexuais transgressoras, mas é justamente da marginalidade que ela tira sua força. As territorialidades marginais ou os territórios de prazeres ilegítimos, que estão amparados pela cumplicidade daqueles que os frequentam, permitem ao homem viver suas fantasias sexuais inconfessáveis e desejos insaciados sem se sentir ameaçado em sua identidade social. Além disso, nesses espaços os eventuais fracassos sexuais são igualmente silenciados.

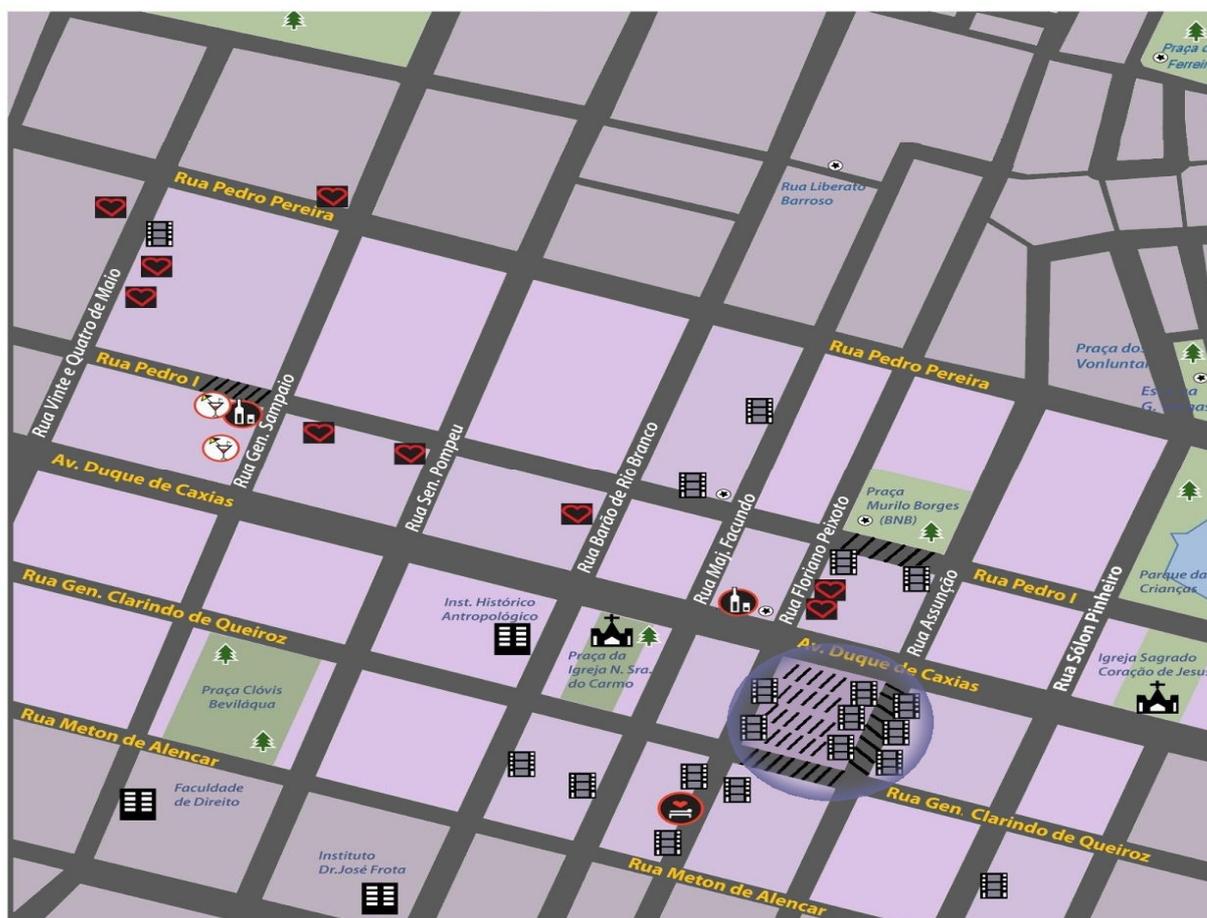
Tudo gira em torno da efervescência e da agitação dos transeuntes, sobretudo aqueles motorizados, que costumam frequentar cinemas pornô, bares e boates do centro da cidade. Os frequentadores desses ambientes buscam divertir-se, beber, dançar ou “jogar conversa fora”; mas também são adeptos de práticas sexuais transgressoras, homens que ali vão como a um esconderijo para a realização de suas pulsões, consideradas ilícitas. Parece existir, na história pessoal desses seres noturnos, uma atração pelas margens (de)marcadas pela ideologia dominante. Esta, ao segregá-los, provoca o surgimento de lugares onde os sujeitos discriminados desejam estar. Por parte de ambos os figurantes da prostituição masculina, a intencionalidade funciona como uma bússola, que os orienta e os leva na mesma direção: ao encontro “onde os marginais urdem suas conspirações sadias” (PERLONGHER, 1987a, p. 58).

5.2 Territórios e circuitos do prazer marginal no Centro de Fortaleza

A apropriação de alguns logradouros da área central pelos mercadores do sexo se dá em função de características comuns às grandes cidades. Por se tratar de um importante corredor de passagem e dar acesso a diversas localidades, no Centro circula um grande número de pessoas, provenientes de localidades e pertencentes a classes sociais diversas. Lá também se situa uma pluralidade de ambientes destinados a várias finalidades, inclusive o lazer e a prática do sexo pago. No caso de Fortaleza, a área central abriga vários circuitos do prazer

comercializado, nos arredores da Praça Murilo Borges, até a Rua Clarindo de Queiroz, incluindo cinemões, bares, motéis etc. (ver Capítulo 4 e Figura 5).

Figura 5 - Mapa de ruas e localização de equipamentos frequentados por michês



Fonte: Ferreira, 2011, com adaptação da autora.

Legenda

-  Ponto de "pegação"
-  Boate
-  Bar
-  Cine
-  Motel
-  Casa de massagem
-  Trechos onde se encontram michês

À noite e de madrugada, principalmente nos finais de semana e feriados, os ambientes dessa área fragmentam-se em diversas territorialidades de excluídos e de marginalizados. Catadores de lixo, por não terem abrigo ou casa de apoio, descansam, por alguns minutos, nas calçadas. Os moradores de rua, quase sempre, ocupam os bancos das praças, enquanto “flanelinhas” permanecem por perto, nos locais onde os carros sob sua guarda se encontram. Usuários de drogas procuram ambientes mais invisíveis, como construções abandonadas, por vezes superpostas a locais da prostituição. Assim, uma parte da Rua Gal. Clarindo de Queiroz se apresenta como um território onde identidades sociais são construídas e expostas; onde michês, travestis e prostitutas, agrupados por afinidade, ocupam esquinas e trechos da rua. Essa coexistência de diversos grupos marginais representa a desigualdade e a violência que se observa na cidade. Diferentes territórios (da prostituição, dos vendedores ambulantes, dos moradores de rua, de usuários de drogas e outros) coexistem em um processo contínuo de contração e de expansão, quase sempre em detrimento das expressões de vida e sociabilidade no espaço público urbano. A pobreza, o desemprego, a desigualdade e os apelos do consumo contribuem para que uma massa de jovens, alijada do mercado de trabalho pela pouca ou nenhuma qualificação, envolva-se nas tramas da prostituição.

À semelhança de certos pontos da área central de outras cidades, como o Rio de Janeiro, naquela área do Centro da capital cearense são frequentes brigas e assaltos, motivos pelos quais ela é associada, pelos que não são habituados ao mundo noturno, “a verdadeiros ‘territórios do medo’ e da segregação, onde a rua torna-se um local dos mais hostis [...]” (RIBEIRO; MATTOS, 1996, p. 74). Como será visto adiante, a polícia exerce um papel ora repressor, ora conivente, ou ainda aproveitador, especialmente no caso dos prostitutas de rua e de seus clientes.

Quando um grupo se apropria de certo espaço, a adoção de alguns tipos de códigos, normas e símbolos se faz necessário, para que os sujeitos possam estabelecer sua identidade, seja para encontrar seus pares, seja para se diferenciar de outros atores que com eles estabelecem relações de complementaridade, competição ou mesmo antagonismo. No caso dos michês, a demarcação do território se dá pela própria visibilidade imposta pelos sujeitos. A adoção de posturas sedutoras e a exibição de corpos têm a função de marcar uma presença conspícua num espaço, a fim de atrair clientes, cuja presença real ou potencial viabiliza a territorialização.

Prostitutos com aparência nem tão viril assim, muitas vezes carentes em todos os sentidos, flanam pelas calçadas com os seus *jeans* surrados e justos, a pronunciar os seus dotes. A ocupação do espaço é simultânea à recorrência de atos simbólicos, ligados geralmente ao gestual de sua virilidade, o órgão genital seguro nas mãos. São posturas que se fazem códigos utilizados para dragar o cliente.

Cumprе ressaltar – ainda que a questão não possa ser aprofundada nos limites do presente trabalho – que as práticas de apropriação de espaços públicos como territórios da prostituição se dão de modo diferenciado entre os diversos tipos de negociantes do sexo. Na área observada, verifica-se que, para os michês, essa apropriação é mais simbólica e afetiva, pois não há uma rigidez no seu controle, uma vez que eles procuram negociar entre si, embora muitas vezes haja divergências. No caso das travestis, o território é demarcado não só pela adoção de códigos de fala, gestos e expressões, mas principalmente pela violência explícita, proveniente, sobretudo, de agressões verbais e até mesmo físicas, por parte dos transeuntes. Para as prostitutas, a legitimidade e controle de seus territórios é mais rígida: uma prostituta desconhecida não ocupa por muito tempo um “ponto” em determinado espaço público, pois as veteranas não admitem isso, e chegam a ser violentas contra invasoras; ou seja, cada grupo ou segmento segrega o seu próprio território. (RIBEIRO; MATTOS; 1996).

Como aponta Becker (1983, p. 8), “o território é um produto ‘produzido’ pela prática social, e também um produto ‘consumido’, vivido e utilizado como meio, sustentando, portanto, a prática social”. Assim, a ocupação do território pelos mercadores do sexo é uma maneira de assegurá-lo sob seu poder.

5.2.1 Ordem, poder e violência nos territórios marginais

O território da prostituição masculina existe na medida em que abriga a relação principal que ocorre no comércio dos serviços sexuais: a que se dá entre o michê e o cliente (ver Capítulo 1). Isso implica uma prática que envolve centro e margem de uma configuração de poder que se apropria do espaço e o torna território. Nesse território, o michê pode, ainda que momentaneamente, representar o centro na relação de poder com o cliente. Por meio de seus comportamentos

corporais, desperta o desejo do sujeito-cliente, o qual depende do prostituto para viver o prazer interdito pela sociedade heteronormativa.

É preciso lembrar, porém, que o cliente, embora corra o risco de ser, também, estigmatizado, faz parte da mesma sociedade que exclui o michê. Há, portanto, uma desproporcionalidade nos riscos que recaem sobre os dois sujeitos. Por um lado, no código da michetagem, a preservação da identidade do cliente é a regra, com vantagens para ambos os lados. Por outro lado, a visibilidade é condição mesma da atividade do prostituto, especialmente daquele que depende da rua. Essa exposição o torna particularmente vulnerável, pois, ainda que muitas vezes queira manter em segredo sua atividade, expõe-se muito mais do que o parceiro. Este, via de regra, preserva o domínio da relação desde o início da negociação. Mesmo na contratação do preço e dos serviços incluídos no programa, o que predomina são as vantagens monetárias do pagante. Além disso, depois do contrato firmado, ocorre o deslocamento dos corpos para locais privados, onde os garotos perdem a centralidade na configuração da relação de poder envolvida no programa. Muitas vezes, tornam-se vítimas de violências ou de calotes.

Essa é uma das razões que levam os michês às páginas policiais com considerável frequência. Segundo informações dos entrevistados, quando eles chegam à Delegacia de Polícia, quase nunca são considerados vítimas. Os clientes costumam negar que procuraram os serviços de prostitutas e, além disto, não admitem que deixaram de pagá-los; ao contrário, afirmam que foram insultados, desrespeitados, agredidos ou até mesmo roubados. Assim, os profissionais do sexo são triplamente penalizados: como homoeróticos, prostitutas e criminosos.

[...] tem cliente que chega e diz o que quer, concorda com o que a gente cobra e depois diz que não tem dinheiro ou que não vai pagar. Aí o bicho pega e a gente tem de dar uma bronca, falar duro. Ninguém vai para a Delegacia porque lá ele diz outra história: que foi agredido pela gente, que foi assaltado, roubado e tal e aí é ele quem sai na melhor, porque ele diz logo que a gente é garoto de programa e ele é que sai por cima da carne seca. Então, a gente não procura a polícia, não. Eu, por exemplo, resolvo logo do meu jeito. (Felipe).

Ressalte-se que os michês não são apenas vítimas no contexto de violência em que vivem. A esse respeito, é ilustrativo o depoimento de Gabriel:

Bom, eu já tive cliente que quando terminou o programa ele falou que não ia pagar, que não ia me dar o dinheiro e eu tive que usar uma forma brusca, bem brusca. Tive que partir pra cima dele. Já aconteceu disso, tá entendendo? Porque a gente está numa vida dessa, a gente tem que

ganhar um dinheiro. Então, ele diz uma coisa e faz outra, aí não dá. Aí, a gente, às vezes, tem que fazer isso. (Gabriel).

Por vezes, os michês cometem atos criminosos contra os clientes, roubando-os ou agredindo-os, como no exemplo citado por um dos entrevistados:

Têm michês que, no intuito de pegar dinheiro, eles roubam os clientes. Então, puxam e pegam a chave do carro na hora em que o carro pára e como se ele desse um mergulho dentro da porta do carro do cliente, aí ele avança, bloqueia, desliga o carro, tira todos os pertences do cliente e joga a chave num local em que o cliente leve uns dez ou quinze minutos para pegar, para dar tempo dele [garoto] fazer a fuga. (Pablo)

Ainda que se trate de um comportamento minoritário, a delinquência tem como um de seus principais resultados acentuar os preconceitos associados à prostituição, dificultando ainda mais a vida dos garotos de programa.

Além da relação central michê-cliente, o território da prostituição abriga transações com atores que se vinculam àquela prática, como proprietários e funcionários dos cinemões, bares, motéis e outros estabelecimentos, traficantes de drogas e a própria polícia. Os primeiros beneficiam-se da prostituição, embora, por vezes, tratem os garotos com hostilidade. Alguns desses cinemas trazem expostos em sua entrada cartazes proibindo o ingresso de garotos de programa.

Segundo relatos de funcionários de alguns cinemões, existem michês que não são bem vindos, porque já criaram problemas, envolvendo o cliente e o proprietário. Como disse uma recepcionista,

[...] um garoto de programa roubou um cliente e este veio cobrar satisfação com o proprietário e sobrou pra todos nós, que não temos condição de fiscalizar certos comportamentos. Mas, tem outros fatos como o golpe 'boa noite cinderela'⁵⁷, que não dá para comentar.

Os próprios michês afirmam que há, entre eles, quem pratique atos delinquentes:

Nem todos os garotos são legais: tem uns que estão morrendo na droga, outros se envolvem com clientes e ficam de sacanagem, chantageando para arrancar grana, tem cara que rouba, aí não entra nos cines porque os donos não aceitam, porque se acontecer dentro do cine, o cliente vai reclamar e o dono tem que pagar, então suja, rola polícia e por aí vai. (Marley).

⁵⁷ “Nesse golpe, as vítimas são dopadas, depois roubadas e, eventualmente, chantageadas e extorquidas sob ameaça de *outing* (isto é, de se revelar publicamente a homossexualidade da vítima, para empregadores e/ou familiares)”. (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 332).

Em geral, o proprietário procura agir de forma conciliatória, a fim de evitar escândalo e violência física, o que poderia fazer com que o problema fosse levado a uma Delegacia de Polícia. O conflito aberto não é bom para nenhuma das partes, e o dono não quer que o cliente saia insatisfeito, pois poderia deixar de frequentar o estabelecimento, o que lhe acarretaria prejuízo.

Outra prática delinquentes que ocorre com frequência nos territórios da michetagem é o tráfico e o consumo de drogas. São comuns a compra, venda e o uso de maconha, cocaína e crack nesses ambientes onde, como disse um entrevistado, “rola de tudo: sexo oral, anal, grupal, drogas...Tem até traficante que se passa por cliente só pra vender o produto”. A disseminação do consumo de entorpecentes é um fator importante para o aumento dos roubos aos clientes. Os garotos entrevistados para a presente pesquisa não apresentavam sinais de dependência visíveis, como comportamento violento, irritabilidade, tremores e atitudes que indicassem paranóia (chamada entre eles de “nóia”), mas é provável que sejam usuários, pois, como afirmou um deles,

[...] todos nós usamos drogas [...]; uns estão afundados no crack e outras drogas pesadas. Em todos os cinemas rola droga. Tem cinema que tem cliente traficante, eles entram se passando por michê em alguns casos e [por] cliente em outros casos. Uma forma de eles venderem muito é exatamente viciando os garotos de programa. (Felipe).

A polícia tem a função de impor a “ordem”, o que tenta fazer por meios lícitos e ilícitos: pela vigilância, repressão ou extorsão aos michês e a seus clientes. A relação entre policiais e estes grupos constitui-se numa das formas de manutenção e de controle cediço dos territórios. Alguns sujeitos da pesquisa relataram que certos policiais usam sua condição de agentes do Poder Público para obter vantagens: “os policiais quase sempre estão de farda e portando arma. Na maioria das vezes eles não pagam pelo programa realizado, alegando que são autoridades”. (Gabriel). Medeiros (2001), que estudou o tema da prostituição feminina em Belo Horizonte, constatou situação semelhante:

[...] o corpo policial, em geral, é formado por pessoas do sexo masculino que possuem o reconhecimento público para aplicar leis discriminatórias contra as pessoas que exercem a prostituição. Ao mesmo tempo, informantes (entre as prostitutas), relatam que, muitas vezes, a polícia é também cliente e faz uso indevido do poder obrigando-as a prestar serviços sexuais gratuitos. (2001, p. 88-89).

O território da michetagem constrói-se em uma complexa trama de interdições espaciais e resistências, que os michês transformam em territórios precários, sob constante ameaça de elementos como polícia, traficantes de drogas e proprietários dos cinemões. Este feixe de relações é móvel, instável, transitório, pois os michês podem deixar o Centro por outros espaços, indo construir novas territorialidades. Os mais bem aquinhoados podem trabalhar em saunas, casas de massagem ou à domicílio, onde a clientela e o contrato são diferentes do mundo da rua, ainda que as expectativas girem em torno dos mesmos desejos. Nesses espaços, o encontro e a contratação do programa acontecem em ambientes fechados e as surpresas desagradáveis tendem a ser menos frequentes do que na rua. Nos espaços da região central onde predomina a indústria do sexo, as relações são mais movediças, escorregadias, passageiras. Assim, o território dá suporte material à existência dos michês e, ao mesmo tempo, torna-se catalisador simbólico, para a sociedade, de degradação, periculosidade e marginalidade.

Podem ocorrer também processos de desterritorialização, em decorrência da intervenção dos poderes instituídos, como a polícia e o poder municipal, ou mesmo do poder marginal, via controle da área por traficantes. Contudo, a prostituição, como outras atividades marginais, é resiliente, pois atende a necessidades da ordem do desejo, do imaginário e da sobrevivência material. Daí que tenha capacidade de se reterritorializar, o que é facilitado por seu caráter móvel e nômade, especialmente no caso do michê de rua. Os territórios da prostituição têm a propriedade de ser elásticos, pois ora se expandem, ora se contraem, ocupando uma determinada porção de um espaço público. Na verdade, seus limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças (SOUZA, 2001).

No caso da área objeto da presente pesquisa, ao longo do trabalho de campo constatou-se a diminuição da prostituição dos rapazes nesse espaço, em parte devido à violência que lhe é associada. Muitos garotos estão usando o celular para negociar o programa e acertar o local onde deve acontecer o encontro, evitando, dessa forma, o movimento da calçada. Há indícios de que está havendo uma desterritorialização, que se explica também pela atuação do Programa *Ronda*

do *Quartirão*⁵⁸ que, por vezes, assaca não só os michês, mas igualmente os clientes que ainda frequentam aquele pedaço do Centro. Essa situação foi identificada em outra pesquisa realizada na mesma área:

[...] antigamente [antes do Programa *Ronda do Quartirão*], os policiais incentivavam que os mesmos [os michês] se exibissem na rua, mostrassem suas partes íntimas a fim de chamar a atenção de clientes. Quando estes se aproximavam para fazer programas, eram vítimas de chantagem e extorsão. Sendo que hoje ainda acontece: “a maioria dos policiais que entra nesse rolo, eles querem grana também da pessoa [michê]” [assim informou o garoto entrevistado]. (FERREIRA, 2011, p. 87).

Nota-se, portanto que os michês não confiam na polícia e procuram cuidar de sua segurança nas ruas, evitando desentendimento com os clientes, proprietários dos cinemões e de outros estabelecimentos. Isto não impede que a polícia continue a vê-los como potenciais delinquentes e deixe de abordá-los na rua.

5.2.2 Resistência e sociabilidade nos territórios marginais

Pode-se afirmar que no território da prostituição masculina do Centro de Fortaleza, as posições dos sujeitos não são fixas em termos de centro ou margem, mas são constantemente tensionadas. Os sujeitos constituem-se nas relações com os outros sujeitos e em situações socioespaciais que trazem vantagens e desvantagens para os “rapazes da vida”.

Assim como o geógrafo Ornat (2010) constatou em relação às travestis, em pesquisa realizada na cidade de Ponta Grossa-PR, o ser michê é basicamente espacial, pois implica ações, práticas e relações que se materializam numa dimensão concreta. A partir dessa perspectiva, a via segura para compreender a vivência dos garotos de programa analisados foi adotar o território como ferramenta conceitual central no presente trabalho.

Contudo, de qual território falamos? O sentido atribuído ao território simultaneamente instituído pelos sujeitos e instituinte dos sujeitos envolvidos com a prostituição masculina no centro de Fortaleza é paradoxal e não reprodutivista. Nunca é demais reiterar que a territorialização é um processo precário, contingente à construção simbólica dos sujeitos no desempenho de suas atividades. O espaço

⁵⁸ Criado na primeira gestão do Governo Cid Ferreira Gomes (2007-2010), o programa se propõe a desenvolver uma modalidade de “policimento comunitário”, por meio de ações ostensivas e preventivas, atuando de forma mais próxima à população (SOUSA, 2008).

paradoxal dessa prostituição constitui-se de múltiplas territorialidades, porque essa atividade é marcada pela mobilidade espacial, produzida pela dinâmica dos fluxos e dos fixos. Assim, esses sujeitos elaboram suas teias de sociabilidade, de acordo com a apropriação dos territórios que vão das ruas aos becos, dos bares às cabines dos cinemões, e destas ao *dark room*. O território, ainda que flutuante, é um elemento fundamental para a expressividade. As teias que se constroem mediante as territorialidades podem se interceptar, ser autônomas, complementares ou mesmo contraditórias. Todavia, estão em constante movimento, ainda que persista a visibilidade de alguns grupos identificados a determinados “pedaços”, como os que atuam em banheiros, os que preferem ser levados para os motéis, os que mantêm relações no carro do próprio cliente etc. Neste sentido, os sujeitos escolhidos para esse estudo só alcançam visibilidade se observados em seu território de marginalidade e exclusão social, mas que é, também, essencial para a constituição de sua identidade e para a expressão de suas formas de resistência.

Nesse submundo de risco permanente, continuar existindo e manter-se vivo nas ruas centrais inóspitas é já um grande desafio. Os michês sofrem preconceitos, maus-tratos e carências de toda ordem. No seu dia-a-dia, convivem com a insalubridade dos locais que frequentam, enfrentam riscos para a saúde, expõem-se aos perigos do consumo de drogas lícitas e ilícitas, lidam com a insegurança quanto ao futuro próximo ou distante. Vale salientar que reconhecer a dureza do cotidiano do michê não implica transformá-lo em brinquedo ou vítima de forças sociais, nem tampouco negar sua condição de sujeito de desejos e prazeres. Nesse sentido, já se destacou que ele, por vezes, ocupa posição de poder no relacionamento com o cliente, na medida em que tal relacionamento não se restringe a uma transação comercial, tendo forte componente erótico – o que, por sua vez, não anula a condição subordinada do prostituto, do ponto de vista econômico.

Já foi dito que a experiência nos territórios prostitucionais envolve perigos diversos. É nesses ambientes de comercialização do prazer sexual que as tensões e os conflitos entre michê, cliente e outros atores podem aflorar e se transformar em atos violentos. No entanto, a violência não é incompatível com a sociabilidade, entendida como “uma rede de relações” (MAGNANI, 1996) que perpassam o convívio entre grupos e indivíduos, a ocupação dos espaços, as formas associativas, o lazer – a própria trama do cotidiano (CORADINE, 1992). Com base nesse entendimento, é possível supor que existam entre michês e seus respectivos clientes

não só relações de interesse, desconfiança e antagonismo, mas também de respeito, confiança e afeto. A sociabilidade que se estabelece em territórios marginais, identificados com a busca por prazer intermediada pelo dinheiro e com a possibilidade de transgredir normas socialmente aceitas, impossibilita o enquadramento dos sujeitos e dos seus deslocamentos em categorias binárias, pois o motor da territorialização é o desejo, cuja essência sempre foi plural. A própria identidade sexual está relacionada diretamente à maneira com que os indivíduos experimentam seus desejos corporais, das mais diversas formas: sozinhos, com parceiros do mesmo sexo ou não (LOURO, 2000).

Embora não se constituam como grupo organizado, a convivência entre os michês é pontuada por relações de proximidade e solidariedade entre aqueles que se consideram “do bem”. Estes procuram não se envolver em atos delinquentes, como roubos, furtos, agressões físicas ou o golpe do “boa noite cinderela”, que os impossibilitem de frequentar cinemas, saunas, bares e outros locais. Na rua, em alguns momentos, eles conversam, lembram os bons clientes, zombam dos ruins e fazem planos. Eles falam, também, de suas preocupações com a família, de problemas de saúde, da vida sem maiores perspectivas, dos sonhos e do futuro incerto. O bate-papo acontece na calçada, no bar, no restaurante, enquanto aparece o primeiro cliente, contrariando, de alguma maneira, a ideia de que eles não se entendem devido à concorrência. Em algumas ocasiões eles se ajudam e protegem uns aos outros. Felipe, participante da pesquisa, afirma:

A gente respeita os colegas, porque se precisar, se pintar uma coisa não muito boa, nós estamos juntos no pedaço. Na rua, nos cines, na Beira-Mar, eu sou desse jeito. Esses meninos que estão aqui são todos amigos e tal. Nós aqui somos parceiros.

O mesmo entrevistado reconhece a pluralidade que caracteriza o território da michetagem, onde os sujeitos se reconhecem tanto pelas qualidades – a turma “do bem” – como por comportamentos indesejáveis, que podem contaminar toda a categoria: “[...] tem a turma do mal, [que] briga com cliente na rua e não entra em cine porque o proprietário não permite, e aí suja pra todos. A vida não é fácil”. (Felipe).

A rua, o cinema, a boate, a sauna, o bar e a casa de massagem não são apenas locais onde se procura a satisfação sexual. Nesses espaços, existem tensão e conflitos, mas também cumplicidade e acordos, troca de favores e informações

entre os atores que lá se encontram: michês, clientes, policiais, donos e funcionários dos bares, cinemões e outros equipamentos. Algumas vezes, os próprios garotos informam sobre clientes indesejáveis (maus pagadores, violentos, sujos) para outros garotos e para o gerente do estabelecimento. Há relatos, ainda, sobre michês procurados por clientes para “acerto de conta”, e que os demais não informam ou dizem não saber do seu paradeiro. Como resumiu Pablo, “têm aqueles casos que a gente precisa chegar junto, porque a gente é parceiro”. Mais uma vez, evidencia-se que as fronteiras do território não são fixas e sua delimitação expressa uma apropriação simbólica, mediante a presença de personagens interligados por códigos de conduta e interesses comuns, bem como relações de poder.

A territorialidade dos praticantes da prostituição constrói-se não apenas pela infração de valores convencionais, mas pela afirmação de modos diferentes de trabalho e diversão (RAGO, 1996). E gera, também, formas diferenciadas de apropriação e uso dos espaços urbanos que passam a ser reconhecidos como territórios de gays, de profissionais do sexo ou da prostituição, já mencionado.

O território dos michês no Centro de Fortaleza é entendido, aqui, como um conceito polissêmico, que tem dimensões econômicas, políticas e culturais, (discutido no Capítulo 4). Assim, é um espaço de atividades econômicas, pois as transações sexuais que nele acontecem constituem fonte de recursos para atores que ali se encontram, possibilitando a produção e o consumo de bens e serviços. Os michês dependem desse território para a sua sobrevivência material, e dele se apropriam para ofertar serviços sexuais aos clientes, que os demandam. Toda uma economia do lazer e do prazer se organiza em torno desses interesses: bares, cinemas pornográficos, moteis, boates e outros estabelecimentos que propiciam condições favoráveis para a “oferta” e a “demanda” de sexo. Ao mesmo tempo, geram lucros para os proprietários e empregos para trabalhadores em atividades não diretamente eróticas: atendimento em bares e restaurantes, recepção de motéis e cinemas, serviços de limpeza, manutenção e segurança etc. Há que considerar, ainda, as atividades ilícitas, como tráfico de drogas e “proteção” policial.

A dimensão política do território da prostituição masculina viril na área central de Fortaleza corresponde às relações de poder que se estabelecem entre os diversos atores que dele se apropriam, pois no momento em que esse território é delimitado, eles moldam as formas de agir, conviver e nele permanecer. A luta pela

garantia e manutenção do mesmo passa a ser uma constante.

No território estudado na presente pesquisa, sobressai a dimensão cultural, que se evidencia no compartilhamento de valores, códigos e regras de conduta pelos garotos. Esse território insere-se em uma área mais ampla, onde coexistem mundos sociais diversos, com estilos de vida diferenciados e códigos culturais distintos, possibilitando o contato entre diferentes atores sociais que, por sua vez, articulam pontos de encontro entre esses mundos. Nas praças, ruas e outros espaços do Centro histórico de Fortaleza, Pablo expõe seu corpo, Felipe negocia prazer, Marley comercializa ilusão, Marcelo seduz e é seduzido por outros homens. Como eles, Gabriel, Bruno, Rafael, David e outros michês prestam serviços sexuais a quem os procuram. Nesses mesmos espaços ou em sua proximidade, Roberto faz compras, Luiz vende sanduíches, Daniela estuda, Michelle trabalha, Tiago joga em um bingo. Muitos outros realizam um sem-número de atividades, na penumbra da noite ou sob o calor da luz solar.

A área continua receptiva a contingentes populares distintos, que a freqüentam ou por ela transitam, atraídos pela concentração de pessoas, comércio, serviços, lazer e entretenimento. Seduzidos por sua aura marginal, alguns buscam se socializar com base em códigos preservados há anos em territórios distintos. O Centro comporta a todos, independente de seus afazeres e modos de vida. Enfim, é a vida nos grandes centros urbanos, lugares por excelência da diversidade, que propicia a tolerância, mas também pode fomentar preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

(Michel Foucault)

Muito já se ouviu sobre a prática da prostituição masculina. Seus praticantes são motivo de preconceitos baseados em visões que estão longe de expressar as reais condições de vida desses grupos, distintas do que aparece na mídia. A criação de uma imagem estereotipada e depreciativa contribui para a reprodução de uma visão estigmatizante acerca de jovens pauperizados e excluídos, que praticam o homoerotismo em troca de dinheiro. Históricas oposições, como vítima/vitimizador, perigoso/em perigo são reproduzidas no imaginário social e constituem obstáculos à compreensão da problemática dos garotos de programa.

A pesquisa evidenciou que masculinidades e feminilidades materializadas nos corpos variam de acordo com o tempo, a cultura e a sociedade em que estão inseridas. As identidades não são fixas ou inatas, são construídas e reconstruídas nas relações sociais e de poder – poder este que é exercido por diversas instituições presentes na sociedade. Assim, o gênero deve ser pensado como uma categoria relacional, plural e polifônica, em constante formação, tendo em vista que também inventamos e recriamos o que nos é socialmente oferecido. Entretanto, a forma de controle social que se exerce sobre os homens desde os primeiros passos de sua educação obriga-os a ser viris e a se mostrarem superiores, fortes, competitivos, ou serão tratados como fracos.

A sexualidade é um dos aspectos mais conflituosos, controversos e desconhecidos do ser humano; nossa cultura estabelece normas rígidas e cria modelos estanques nos quais pretende classificar as pessoas como “homossexuais” ou “heterossexuais”. Contudo, o michê desafia essas categorias, pois, embora tenham desejos e práticas homoeróticas, não se identificam, necessariamente, como “homossexuais”. Alguns são bissexuais: têm namoradas ou companheiras mas, na rua, mantêm relações sexuais com outros homens em troca de dinheiro. Assim, o homoerotismo não deve ser concebido como uma condição fixa, mas sim como uma possibilidade para muitos indivíduos. Trata-se de uma experiência que não configura

o núcleo de identidade dos sujeitos, mas apenas parte de seu reconhecimento afetivo e social. Por vivenciarem tal experiência, os garotos de programa constroem uma nova lógica para as práticas sexuais, independente do seu comportamento e representação social. Desse modo, as categorias sexuais arquitetadas por eles podem variar de relação para relação, ainda que no trato com os clientes, eles busquem sustentar a “masculinidade” apreciada no mercado do sexo. Esse também é o modo de se oporem à “feminilidade”, para se defender do preconceito e da exclusão, inclusive por parte dos próprios parceiros de atividade.

O ato de viver a sexualidade tem se mostrado, cada vez mais, uma caixinha de surpresas, que foge, muitas vezes, da capacidade humana de compreendê-lo. O indivíduo inventa novas regras para os usos do corpo, ressignifica as relações de gênero, encontra novos trajetos em direção ao prazer. São percursos que vão sendo definidos conforme suas condições, conhecimentos e desejos. Mesmo assim, formas de sexualidade distintas da heteronormatividade tendem a ser reprimidas, desrespeitadas e estigmatizadas. No caso do profissional do sexo, acentua-se a condição de inferioridade, desproteção, insegurança.

Muitos dos michês que trabalham nas ruas, embora vigilantes de si mesmos no que se refere à forma física e às expressões corporais, não conseguem manter um visual considerado “ másculo”. Portanto, desfaz-se a imagem de uma forma física desejada por muitos e invejada pela maioria dos homens, como se pode verificar em alguns *sites* e revistas, que apresentam rapazes com a postura de “*Super Macho Man*”. Isto permite desmistificar a visão do “*boy sarado*” que expõe seus músculos para atrair clientes, pois o garoto de programa pode ser qualquer rapaz, mesmo que sua compleição física não corresponda ao estereótipo de força e masculinidade. Independente de atributos corporais, há jovens em várias áreas da cidade vivendo na ou da prostituição.

O corpo, principal instrumento de trabalho do michê, pode ser visto não só como a matéria sobre a qual a cultura opera, mas, sobretudo, como um objeto para consumo, já que a prostituição constitui uma relação de compra e venda. Ele é suporte para normas e transgressões, no qual características anatômicas, gestuais e comportamentais compõem ações e práticas. É no corpo e por meio dele que a heteronormatividade ou a sua transgressão ocorre, sendo marcado simbolicamente e materialmente.

Vivemos numa era em que o corpo não é mais protegido como um santuário, pois tem possibilidade de modificar-se, de tornar-se prótese, ou seja, de ser um simulacro de si mesmo. Assim, imagina-se que o corpo jovem, ostentoso, musculoso, gracioso, rijo e sadio é o produto exibido, desejado e procurado pelo cliente. Em virtude dessa condição, características como cor/raça, gesticulação e compleição física passam a ser inscrições discursivas que atuam na subjetivação e materialização de corpos que seriam “hipermasculinizados”. Essa masculinidade é um bem valioso no mercado do sexo.

O uso do corpo para a satisfação sexual se constitui em um produto que entra nas regras de mercado. Como a maioria dos prostitutas é autônoma no comércio do sexo, a negociação do corpo em troca de bens materiais acontece diretamente entre eles e os que comprem essa mercadoria. Assim, os michês estabelecem preços para suas práticas e, de um modo geral, negociam-se como “ativos”, papel mais valorizado.

No universo fortalezense, a maioria dos michês entrevistados admitiu ser do tipo “faz tudo”, ou seja, também se permite ser passivo se a proposta partir do cliente. Esta condição, por vezes negada, contraria toda uma construção social do que se define como masculinidade, virilidade e macheza, em oposição à postura efeminada do “homossexual”, que seria sempre aquele que se deixa penetrar.

A pesquisa de campo realizada para esta tese permitiu que, aos poucos, fossem desveladas as marcas da contradição e da ambiguidade do cotidiano daqueles sujeitos que, se cuidadosamente ouvidos, dizem muito. As histórias narradas e as vivências observadas nas ruas, algumas vezes, causaram-me estranhamento, espanto e surpresa, mas, em nenhum momento, ignorei sua importância.

No que diz respeito aos territórios, a cidade contemporânea, sem dúvida, é marcada pelo encontro e pelo conflito entre diferentes indivíduos e grupos em um mesmo espaço. Algumas vezes, as diferenças são significativas e criam fronteiras materiais e simbólicas entre os grupos sociais, gerando territórios distintos. Estes se constituem não somente em decorrência de desigualdades socioeconômicas, mas de interesses, desejos e valores que cruzam as divisões entre as classes sociais.

Em Fortaleza, é possível perceber a diversificação dos espaços territorializados por indivíduos homoeróticos, bem como a distribuição dos mesmos por diferentes regiões da cidade, o que confere visibilidade à prostituição masculina.

As modificações ocorridas na estrutura urbana de Fortaleza, sobretudo a partir de meados do século XX, influenciaram a geografia do sexo, fazendo com que a prostituição ocupasse espaços na área litorânea e no centro histórico. Este, como ocorreu em outras grandes cidades brasileiras, conheceu um processo de decadência à medida que residências de classe média e alta, sedes de instituições governamentais, comércio e serviços deslocaram-se para novos bairros a leste e a sudeste. Na área central, permanecem ainda muitas atividades terciárias, que atraem grandes fluxos de pessoas e veículos durante o dia. À noite, os maiores pontos de atração são lugares e equipamentos destinados a práticas de lazer e ao erotismo, incluindo logradouros públicos, bares, boates, motéis, cinemões e outros estabelecimentos frequentados por profissionais do sexo, inclusive michês.

Neste contexto, a Rua General Clarindo de Queiroz pode ser considerada um importante território dos michês, consolidado por meio de sua ocupação frequente e pela presença, nas proximidades, de estabelecimentos frequentados pelos garotos e seus clientes. Os territórios são entendidos, nesta pesquisa, como conjuntos de significações compartilhadas por um grupo de indivíduos, referenciadas a espaços físicos da cidade, contíguos ou não, delimitados ou abertos, mas cuja ocupação envolve interesses e desejos, permeados por relações de poder. Assim, tratam-se de construções simbólicas ancoradas nos espaços materiais das cidades, cuja ocupação é sujeita a disputas por diferentes grupos.

Todo território apresenta particularidades distintas em relação a seus ocupantes. No caso dos michês, aqueles que frequentam a Praia de Iracema, bairro situado na orla marítima da capital, com grande fluxo turístico, vêm de camadas mais bem situadas economicamente, como se depreende de sua aparência. Os garotos que se prostituem nas ruas do Centro apresentam traços que denotam uma condição econômica precária, como roupas surradas e falta de cuidados com o corpo.

Em que pese a existência de fatores repressivos à prostituição, o michê continua ocupando espaços, construindo e transformando territórios, multiplicando códigos e estabelecendo relações com seus iguais. Estes profissionais do sexo todos os dias procuram reinventar suas vidas, seja nos espaços fechados ou nas ruas, dentro ou fora da prostituição, para garantir o seu lugar na cidade, na sociedade ou às suas margens. O território, então, sobressai por sua importância

para a prostituição, haja vista ser considerado como base material e simbólica para um conjunto de ações e interações, relativas à atuação dos profissionais do sexo.

Os michês dispõem de sinais e códigos próprios, criam regras, estabelecem normas, impõem limites, com o intuito de se proteger e como meio de se defender da condição de insegurança e vulnerabilidade social, sobretudo quando se expõem a uma clientela desejante de sexo, mas que detém o poder decorrente da supremacia econômica.

Por tudo o que foi apresentado, este trabalho tornou-se polifônico, misturando vozes superiores e plurais. As rotas traçadas e os lugares percorridos foram revelando a atividade da prostituição masculina, sendo fundamentais para se perceber e compreender o universo e os sujeitos em questão. Cada um, a seu modo, apresentou práticas distintas, muitas vezes conflituosas, porém desejantes e desejadas. Ao ouvir os sujeitos observados, suas falas e depoimentos foram construindo e revelando um mundo que, embora bastante explorado, nunca se esgota por completo.

Em resumo, a prostituição masculina existe, permanece entre discursos, juízos de valor e jogos de verdade, construindo territórios, dragando sujeitos e concretizando a tensão entre o lícito e o ilícito, entre a norma e a transgressão, habitando as fronteiras movediças entre o “prazer” e as “necessidades materiais”. Abdicar da ditadura da correção dos corpos e dos desejos requer compreender que a forma de desejar e de se relacionar com o outro é contingente e, portanto, admite múltiplas interpretações.

O trajeto que percorri ao fazer esta pesquisa, desde o surgimento da ideia até a escrita destas considerações, possibilitou-me compreender a construção da identidade, a relação com o corpo e as práticas territorializadas dos garotos de programa no Centro de Fortaleza. Cabe dizer que se, por um lado, o término do trabalho me dá a sensação de missão cumprida em relação aos objetivos desta tese, também deixou um incômodo, pois não me permitiu conhecer outras dimensões pertinentes ao tema. Uma delas diz respeito ao futuro dos michês: o que lhes acontece, em termos objetivos e subjetivos, à medida que saem da juventude e se tornam menos atraentes para o mercado? Ainda que a inquietação quanto ao futuro estivesse presente no discurso dos sujeitos da pesquisa, não foi possível aprofundar a questão, que exigiria outra pesquisa, incluindo prostitutos ou ex-prostitutos em outra faixa etária.

Outro aspecto que merece um estudo diz respeito à territorialização das práticas dos michês em espaços “fechados” onde se dá a negociação do sexo homoerótico, como saunas, clubes do sexo, casas de massagem e outros. Não foi possível incluí-los na pesquisa, uma vez que não permitem a entrada de mulheres. Quanto às práticas relacionadas ao uso da mídia e da internet, minha opção pelo trabalho de campo intensivo não me deixou tempo para contemplar mais esta dimensão da prostituição masculina.

Ainda com relação a outras formas de territorialidade da prostituição homoerótica, que não pude contemplar neste trabalho, vale mencionar a constituição de circuitos voltados para a “michetagem”, particularmente os “lugares de excitação” como os “cinemões” que, ao mesmo tempo, “vendem” pornografia e oferecem lugares para práticas homoeróticas, em geral comercializadas.

Estas e outras questões ficam à espera de que outros pesquisadores se debrucem sobre um tema que merece a atenção de diferentes áreas do conhecimento. Para mim, pesquisar sobre a prostituição masculina foi um divisor de águas, não só na minha carreira acadêmica, como na minha vida.

“E a História humana não se desenrola
apenas nos campos de batalha e nos
gabinetes presidenciais.
Ela se desenrola também nos quintais,
entre plantas e galinhas, nas ruas de
subúrbios, nas casas de jogos, nos
colégios, nos prostíbulos, nas usinas, nos
namoros de esquina. Disso eu quis fazer
minha poesia, dessa matéria humilde
e humilhada de vida obscura e
injustiçada.
Porque o canto não pode ser uma traição
à vida. E só é justo cantar se o nosso
canto arrasta consigo as pessoas e coisas
que não tem voz”.
(Ferreira Gullar)

REFERÊNCIAS

- ABU-EL-HAJ, Jawdat. Neodesenvolvimentismo no Ceará: autonomia empresarial e política industrial. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 28, n. 3, p. 325-345, 1997.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo (uma história do gênero masculino - Nordeste 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ALMEIDA, Sérgio Alves de. Prostituição masculina. In: VITIELLO, Nelson. (Org.). *Sexologia I-II*. São Paulo: Roca, 1986.
- ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*. Fortaleza: UFC, 1983.
- AQUINO, S.H.S. de. *Dinâmica dos fatores de valorização e decadência da Praia de Iracema*, 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza. 2003.
- AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema. XI Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidade e (Des)igualdades. Salvador- BA, 07 a 10 de agosto de 2011, 16 p.
- AUGRAS, Monique. Poder do desejo ou desejo do poder? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro: FGV, v. 37, n. 2, p.106-109, abr./jun. 1985.
- BAHRKE, Michael S. & YESALIS, Charles E. Abuse of anabolic androgenic steroids and related substances in sport and exercise. *Current Opinion in Pharmacology*, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 26 maio 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBALHO, Alexandre. Identidade do dragão. *O Povo*, Fortaleza, 18 mar. 2001. Caderno Vida e Arte, p. 8.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre modernidade: o pintor da vida moderna*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- BAUMAM, Zygmund. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECKER, Bertha K. O uso político do território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In: BECKER, B. K., COSTA, R. H., SILVEIRA, C. B. (Orgs.). *Abordagens políticas da espacialidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. P. 1-21.

BENCHIMOL Jaime. *Pereira Passos, o Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

BENEVIDES, Ireleno Porto; GONDIM, Linda Maria de Pontes. "Prostituismo" feminino em Fortaleza: um encontro de Cupido com Mercúrio? *In*: BENEVIDES, Ireleno P. *Turismo e PRODETUR: dimensões e olhares em parceria*. Fortaleza: Edições UFC, 1998.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. Diário de campo: (sempre) um experimento etnográfico-literário? *In*: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya.(Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 11-42.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Por uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *O poder simbólico*. 2. ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude. *O ofício de sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia*. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação, *Cadernos Pagu*, p.329-365, n. 26, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. *Manual do Multiplicador - Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 60 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. AIDS no Brasil. Epidemia estabilizada e concentrada em populações de maior vulnerabilidade. 2011. Disponível em:

<http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2011/50652/resumo_anual_tico_dos_dados_do_boletim_epidemiol__92824.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2012

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico AIDS * DST*, ano 8, n. 1. jul. 2010 / jun. 2011.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. "Mas agora confessa..." notas sobre clubes de sexo masculinos. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 4, p. 127-156, 2010, Disponível em: < www.sexualidadsaludysociedad.org >. Acesso em: 06 Set. 2011.

BRITO, Fernanda de Almeida. *União afetiva entre homossexuais e seus aspectos jurídicos*. São Paulo: LTR, 2000.

BRITZMAN, Deborah P. O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

CÁCERES, Carlos. Masculinidades Negociadas: identidades e espaço de possibilidades sexual em um grupo de michês em Lima. *In: BARBOSA, Maria Regina et al. (Orgs.). Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

CAMPOS, Eduardo. *A Fortaleza provincial: rural e urbana*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

CAMPOS, Heleniza. Permanência e mudança no quadro de requalificação espacial de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central do Recife. *Revista Território*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-43, jul/dez 2000.

CANTALICE, Tiago. Turismo, sexo e romance: *caça-gringas* da Praia da Pipa-RN. *In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto. (Orgs.). Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 141-184.

CARDOSO, Ruth Correa Leite. A trajetória dos movimentos sociais. *In: DAGNINO, Evelina (Org.). Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 81-90.

CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida. *Quando a madrugada chegar esta noite será memória também - A construção de fontes orais e a historiografia: um estudo de caso*. 1989. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 19 jun. 2005. Disponível em:
< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

CARVALHO, Rejane Maria Vasconcelos Accioly de. A. Imagem marca e continuísmo político: a era Tasso no Ceará. *In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 10, 2001, Brasília. *Anais...* Brasília: UNB, 2001.1 CD-ROM.

CARVALHO, Sílvia Barbosa de. *As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a "fazer a vida" no centro da cidade*. 2000. 74 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fundação Joaquim Nabuco/Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2000.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em rede*. 8. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Ricardo Vieiralves. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. *BAGOAS - estudos gays, gêneros e sexualidades*, Natal, n. 2, 71-93, jan/jun, 2008a.

_____. Homossexualidade e preconceito. *SOMOS*, 1, ano 1, São Paulo, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br>>, 2000. Acesso em: 10 jan. 2011.

_____. Prostituição - corpo como mercadoria. *Mente & cérebro – sexo*. v. 4, (edição especial), p. 1-14, dezembro, 2008b. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/paulorobertoceccarelli/wpcontent/uploads/artigos/portugues/doc/prostituicao.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. Prostituição em Roma republicana. *IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos*. Ouro Preto: 7 ago. 2001, p.1-11. Disponível em: <web.archive.org/web/20091028054423/http://geoticias.com/textossbec/ceribeli.doc> Acesso em: 28 set. 2011.

CONNELL, Raewyn W. *Masculinities*. 2. ed. Los Angeles, California: University of California Press, 2005.

CORADINE, Lisabete. *Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis*. Dissertação, 1992. (Mestrado em Antropologia Social) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

_____. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, Maria Clélia Lustosa; ALMEIDA, Maria Geralda. Trabalho e turismo: território e cultura em mutação na Beira Mar em Fortaleza. In: CORIOLANO, Luzia Neide. (Org.). *Turismo com ética*. 2. ed. Fortaleza: UECE, 1998, v. 1, p. 274-283.

_____. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. In: *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano 1, n. 2, p. 61-69, 2002.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos*. CEBRAP, 73, nov. 2005, pp.111-124.

CRAPANZANO, Vincent. A cena: lançando sombra sobre o real. *Mana*, v. 11, n. 2. p. 357-383, 2005.

CSORDAS, Thomas. Embodiment as a paradigm for anthropology. *Ethos*. 1988, p. 5-47.

DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan 1991.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. São Paulo: Papyrus, 2005.

DELEUZE, Gilles. GAUTARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997.

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. "Dark Room Aqui": um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 16, 2008.

_____. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro. 2009.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *Os sete sentimentos capitais*. São Paulo: Annablume, 2008.

DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria. 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana Izabel. A identidade masculina entre os michês de Porto Alegre. In: FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana. Izabel; BENEDETTI, Marcos Renato. (Orgs). *Na batalha: identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000, p. 63-78.

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza. *Prazer com segurança? – as relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza*. Dissertação, 2011, 65 p. (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade), Universidade Estadual do Ceará, 2011.

FONSECA, Cláudia. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARO,

Sérgio. (Orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.257-281.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993a.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *História da sexualidade 2*: 7. ed. Rio de Janeiro Graal, 1994.

_____. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Estratégia, Poder-Saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 203-222.

_____. *Microfísica do poder*. Org. e tradução de Roberto Machado. 11 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1993b.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. In: *Verve*, n. 5, p.260-277, 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537>>. Acesso em: 01.dez.2010

FRANÇA, Izadora; SIMÕES, Júlio. Do gueto ao mercado. In. GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 309-336.

_____. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 289-311, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a12v1328.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 87-115.

_____. Prefácio. In: GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Ed. UNESP, 2000.

GARCIA, Wilton. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIORGIS, José Carlos Teixeira. A relação homoerótica e a partilha de bens. *In: INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DA FAMÍLIA (IDEF)*. (Coord.). *Homossexualidade – discussões jurídicas e psicológicas*. Curitiba: Juruá, 2001;

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. 4. ed. Fortaleza: Editora UFC, 1984.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara: Koogan, 1988.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. Fortaleza entre apocalípticos e integrados: imagens da cidade e pacto social urbano. 2. ed. *In: FISCHER, Tânia*. (Org.). *Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. *O dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo, Annablume, 2007.

_____. *Uma dama da Belle Époque de Fortaleza*, Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.

GONTIJO, Fabiano. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. *In: RIOS, Luis Felipe. et al. Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro, ABIA, 2004.

GRUPO DE RESISTÊNCIA ASA BRANCA (GRAB). Disponível em: <<http://grab.blogger.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2011

GRANGEIRO, Alexandre; SILVA, Lindinalva Laurindo da; TEIXEIRA, Paulo Roberto. Resposta à aids no Brasil: contribuições dos movimentos sociais e da reforma sanitária. *Revista Panamericana de Salud Publica*, v. 26, n. 1, p. 87–94, 2009.

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GREGORI, Maria Helena. Mercado contemporâneo de bens eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais. 31º *Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu. 2007

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HAESBAERT Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *GEOgraphia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, n. 4, v. 7, p. 7-22, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.103-131.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, p. 43-59, jan./abr. 2006.

_____. Corpos na cidade: sedução e sexualidade, *In: VELHO, Gilberto (Org.). Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 93-102.

_____. CABRAL, Cristiane S. As trajetórias homo-bissexuais. *In: AQUINO, Estela Maria; BOZON, L; KNAUTH, Michael, RIVE, Daniela. (Orgs.). O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, p. 361-397.

INSTITUTO POLIS. *Projeto Moradia é Central — inclusão, acesso e direito à cidade*. São Paulo: 2009.

JAMENSON, F. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *In. Corpo, Doença e Saúde*. Porto Alegre: n. 6, p. 103-118, 1998.

KIRSCH, J. *As Prostitutas na Bíblia: algumas histórias censuradas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

KOFES, Suely. E sobre o corpo não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. *In: BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.). Conversando sobre o corpo*, 3. ed. Campinas: Papirus, 1989.

KULIK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

KUSHNIR, Beatriz. A Lapa e os filhos da revolução boêmia. *Estudos históricos, arte e história*. Rio de Janeiro: n. 30, CPDOC/FGV, p 1-7, 2002.

LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

_____. *Compreender a dor*. Portugal: Estrela Polar, 2007.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. Campinas-SP: Editora Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

LÉRY, Jean de. Excertos de *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: 1980. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/viagem/index.html>. Acesso em: 10 set. 2011.

LIBERATO, Leo Vinícius Maia. *Modernismo - pós-moderno*. Resenha de Sobre o nomadismo: vagabundagens pós- modernas, Rio de Janeiro, Record, 2001. In: *Política e Sociedade*. n. 1, p. 225-234, set. 2002.

LOPES, Vânia Lúcia da Silva. A cidade impressa: o cotidiano de Fortaleza na imprensa (1968-1970). *POLITEIA: História e Sociedade*. Vitória da Conquista: v. 8, n. 1, p. 203-221, 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.10, n. 2, Florianópolis, jul./dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 24 fev. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 07-34.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2002.

_____. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MACRAE, Edward. *Em defesa do gueto*. In: Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. (Orgs.) Green, James R., e Trindade, Ronaldo. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MACHADO, Joani de Nazarè Campos; SILVA, Sílvia Cristina de Souza. *Perfil psicossocial da prostituição masculina em Belém*. 2002, 42 p. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade da Amazônia – UNAMA, Belém, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole. In: _____; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996. p. 11-30.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.1, n. 49, jun. p.12-30, 2002.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/346>> Acesso em: 29 out. 2012.

MARQUES, Marlice Aparecida Sipoli; PEREIRA, Henrique Marcelo Gualberto; AQUINO NETO, Francisco Radler de. Controle de dopagem de anabolizantes: o perfil esteroidal e suas aplicações. *Revista Brasileira Medicina e Esporte*, v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 03 jun. 2011..

MARTINS FILHO, Tarcísio. A imagem e o imaginário urbano: uma visita ao Centro de Fortaleza. *CoMtempo - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero*. São Paulo, v.3, n.2, p. 1-10, nov. dez 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

MEDEIROS, R. O Bonfim da prostituição: a presença ambivalente do outro. *Permanências e Mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Autêntica Editora / PUC-MG, p. 49-108, 2001.

MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

_____. PELÚCIO, Larissa. Prefácio – Aquele não mais obscuro negócio do desejo”. *In: PERLONGHER, Néstor. O Negócio do Michê – a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

MISSE, M. *O estigma do passivo sexual, análise de um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. ACHIAME-SOCII: Rio de Janeiro, 1981.

MOMESSO, Giorgio L. Usos alternados em territórios intersticiais na metrópole: o caso “autorama” em São Paulo. *Cadernos CERU*, p. 187-201, série 2, v. 19, n. 2, dez. 2008.

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MOTT, Luiz. *O sexo proibido, virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas-SP: Papirus, 1988.

_____. *Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico*. Salvador-BA: Grupo Gay da Bahia (GGB), 1999.

_____. *Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Planeta Gay Books, 1998.

NOBRE, Leila. *Fortaleza nobre*. Disponível em: <<http://fortalezanobre.blogspot.com.br/2012/05/praca-murilo-borges.html>>. Acesso em: 28 nov. 2012

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Vasconcelos. *Tempo, progresso, memória: um olhar para o passado na Fortaleza dos anos trinta*. 2006. Dissertação, 126 p. (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

NORONHA, Márcio Pizarro. *Corpos, santos e monstros. Um estudo comparado das significações estéticas do corpo humano. VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Gramado, 2000. Anais e Resumos.

OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que Pesam – performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação, 2000, (Mestrado em Saúde Coletiva), IMS/UERJ, Rio de Janeiro: 2006.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador-BA: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *In: O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Paralelo, 1998, p.17-35.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Brasília: OMS/OPAS, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORNAT, Márcio José. *Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PN*. Dissertação. 2008, 160p. (Mestrado em Gestão do Território) Setor de Ciências Exatas e Naturais, Universidade Estadual de Ponta Grossa – PN, 2008a.

_____. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v.2, n.1, p. 41-56, jan./jun., 2008b.

_____. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. *In: SILVA, Joseli Maria. (Org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, p. 177-209, 2009.

_____. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 73-86, jan/jun. 2010.

OVERALL, C. What's wrong with prostitution? Evaluation sex work. *Signs*. v.17 (4), p. 705-724, Chicago, 1992.

PAGLIA, Camille. *Sexo, arte e cultura americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. *Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes: notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza. 33º. *Encontro Anual da ANPOCS*, 26 a 30 de outubro de 2009, GT. Caxambu, MG, p. 1-31.

PARENTE, Josênio. O Ceará e a modernidade. In: _____. ARRUDA, José Maria. (Org.). *A era Jereissati: modernidade e mito*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. p. 125-144.

PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Best Seller, 1991.

_____. et al. (Orgs.). *A AIDS no Brasil (1982-1992)*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA, IMSUERJ: Relume-Dumará, 1994. (Série História Social da AIDS, vol. 2).

_____. *A construção da Solidariedade - AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA/IMS-UERJ, 1994.

_____. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed.34, 2000.

_____. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

PEDROSA, Francisco; ROCHA, Solange. A pesquisa em dados e análises. In: _____. ; CASTRO, Camila. (Orgs.). *Juventudes homossexuais e sexualidades: comportamentos e práticas*. Fortaleza: GRAB, 2008, p. 9-59.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos, 2007. São Carlos: UFSCar, 2007, 312 p.

_____. MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da AIDS e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*. n.1, p.125-157, 2009. Disponível em: <http://hivaidsclearinghouse.unesco.org/search/resources/santiago_a_prevencao_do_desvio.pdf>. Acesso em: 29 out. 2012.

PEREIRA. William Cesar Castilho. Homoerotismo. *Janus*, Lorena, v. 4, n. 5, p. 103-114, jan./jun., 2007.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro de. (Orgs.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 69-104.

PERET, Luiz Eduardo Neves. Pegação, cidadania e violência: as territorialidades do imaginário da população LGBT do Rio de Janeiro. *Contemporânea*, v. 8, n.1, p. 63-76, 2010.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. Vicissitudes do michê. Temas IMESC, Sociedade, Direito, Saúde (*Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo*), São Paulo, v. 4, n.1, p. 57-71, 1987a.

_____. O michê é homossexual? Ou a política da identidade. In: TRONCA, I. A. (Org.). *Foucault vivo*. Campinas-SP: Ponte, 1987b.

_____. Territórios marginais. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. Participação José Fábio Barbosa da Silva [et al.]. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 263-290.

_____. *Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: ANPOCS, ano 8, n. 22, p. 137-144, 1993.

PIERONI, G. *Os excluídos do reino: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia*. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

PINEL, Hiran. *Educadores da noite: educação especial de rua, prostituição masculina e a prevenção as DST/AIDS*. 2 ed. Belo Horizonte (MG): NUEX-PSI Editorial, 2003 (CD-Rom)

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos PAGU* v. 25, p.281-326. jul. /dez., 2005.

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, p. 263 a 274, jul/dez. 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70311249015.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

_____. *Migração e sexualidade: do Brasil à Europa*. Sessão 3 – Sexualidade e economia: visibilidades e vícios. p. 192-284, 2011. Disponível em: <<http://www.sxpolitics.org/pt/wp-content/uploads/2011/07/sessao-3.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2012.

_____. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana*. n.1,

2009, p.177-201. Disponível em: <www.sexualidadsaludysociedad.org>. Acesso em: 05 nov. 2012.

_____. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: _____; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto. (Orgs.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 537-582.

POE, Edgar Allan. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 2, 1989.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930*. 4. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf, 2001.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como experimento de igualdade. In: *Projeto História: cultura e representação*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: PUC. n. 14, fev. 1997, p. 7-24.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes (Org). *Experimentos com história de vida: Itália – Brasil*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAGO, Luzia Margareth. Imagens da prostituição na *belle époque* paulistana. 1ª Conferência Internacional sobre Moças, Alice in Wonderland: Transitions and Dilemas, Amsterdã, 16 e 19 de jun.1992.

_____. Prostituição e mundo boêmio em São Paulo (1890 –1940). In: PARK, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

_____. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira dos anos vinte e trinta. *Revista Aulas – Dossiê Identidades Nacionais* n. 2, p. 1-35, out./ nov. 2006.

REIS, Ana Cristina; SANTOS, Elizabeth Moreira dos; CRUZ, Marli Marques da. A mortalidade por aids no Brasil: um estudo exploratório de sua evolução temporal. *Epidemiologia, serviço, saúde*. Brasília, v.16. n.3, p.195-205, jul-set, 2007.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da prostituição de rua na área Central do Rio de Janeiro. In: *Território e prostituição na metrópole carioca*. São João do Meriti-RJ: Ecomuseu Fluminense, 2002.

_____. Prostituição de rua e turismo em Copacabana – a Avenida Atlântica e a procura do prazer. *Revista Território*, ano II, n. 3, p.87-99, jul./dez. 1997,

_____; MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. *Revista Território*, v.1, n.1, p. 59-76, 1996.

_____. OLIVEIRA, Rafael da Silva; MAIA, Gesse da Silva. Dinâmica e espacialidade das saunas de boys na cidade do Rio de Janeiro. *In: Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. Rio de Janeiro, Gramma, 2011, p. 89-101.

RIGOLLETO, Ralmer N. (2001). *Prostituição masculina*. Disponível em: <<http://www.pontogs.com/psicologia2.htm> > Acesso em: 28 ago. 2006.

RIOS, Hélio Sales. O corpo na relação produção-consumo. *In: ALMEIDA, Danilo di Manno (Org.). Corpo em ética: perspectivas de uma educação cidadã*. 2.ed. São Bernardo do Campo: Umesp, 2003, p. 57-76.

RIOS, Roger Raupp. *A Homossexualidade no Direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado; Esmafe, 2001.

_____. *O Princípio da igualdade e a discriminação por orientação sexual: a homossexualidade no Direito Brasileiro e Norte-Americano*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

ROSA, Alexandre Juliete; et. al. Cinemas pornôns da cidade de São Paulo. *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo: a. 2, v. 3. jul. 2008. Disponível em: <<http://nau.org/pontourbe03/cinespornodesaopaulo.html>>. Acesso em: 12 jan. 2012

SACK, Robert David. *Human territoriality - Its theory and history*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes no pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 2003.

SANTOS, Élcio Nogueira dos. Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*, UFPE, Recife – PE, de 29 de maio a 1 de jun. 2007, GT 20:

Sexualidades, Corporalidades, Transgressões. p. 1-15. Disponível em: <www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com>. Acesso em 12 set. 2010

_____. *Corpos à venda, corpos do desejo, corpos discursivos: as relações de poder inscritas nos corpos de michês das saunas de São Paulo. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST2/Elcio_Nogueira_dos_Santos_02.pdf>. Acesso em: 31 out. 2012.

SANTOS JUNIOR, Manoel F. Queiroz dos; et. al. Alguns aspectos da prostituição feminina de ontem e de hoje. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH*. v. 5, n. 2, p. 211-229, jul./dez. 1994. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34675084/REVISTA-BRASILEIRA-DE-SEXUALIDADE-HUMANA-5-2>>. Acesso em: 20 out. 2012

SANTOS, Maria Lourdes dos. *AIDS e Estigma: morte do sujeito?* 1996, 76 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.

_____. *Os sete pecados capitais do discurso jurídico: a construção do “sujeito criminoso” nos crimes contra homoeróticos*. Dissertação, 2000, 145 p. (Mestrado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

SANTOS, Marli dos. *Cenas e sentidos na tribo raver: a ordem da fusão*. I Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, IV, 2011, p. 522-528. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-marli-cenas-sentidos-tribo-raver.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, Vozes, 2002.

SCHRAMM, Solange M. O. *O território livre de Iracema: só o nome ficou*. Dissertação, 2001. (Mestrado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2001.

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Nossa Senhora da “Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos PAGU*, v. 25, p. 249-280, jul.-dez. 2005.

SILVA, Carlos Alberto Franco da. Prefácio. *Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. In: RIBEIRO, Miguel A. C.; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 9-12.

SILVA, Hélio R.S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: *Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. RIBEIRO, Miguel A. C; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 19-41.

SILVA, José Josemir Domingos da. *A produção identitária do “urso” como forma de resistência*. In: <<http://www.itaporanga.net/genero/1/GT09/2007.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

SILVA, Joseli Maria. Culturas e territorialidades urbanas. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, vol. 5, n. 2, p. 9-36, Inverno de 2000.

_____. ORNAT, Márcio José. Espaço urbano, poder e gênero: uma análise da vivência travesti. *Revista de Psicologia da UNESP*, v.9, n. 1, p. 83-95, 2010.

SILVA, Márcio Inácio da. *Nas telas da cidade: salas de cinema e vida urbana na Fortaleza nos anos de 1920*. Dissertação, 2007, 176 p. (Mestrado em História Social), Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, 2007.

SILVA, Marco Aurélio. O carnaval das identidades: homossexualidade e liminaridade na Ilha de Santa Catarina. *Revista Grifos: Dossiê Gênero e Cidadania*, Chapecó, v. 16, p. 53-76, maio/2004.

SILVA, Rogério Araújo da. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: UCG, 2006.

SILVA, Valmir A. da. *Desvios sexuais: normal? anormal?* Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986. 153 p.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2004, p. 75-94.

_____. Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro (1892). In: *Filosofias do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). *Sociologia: Simmel*. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMÕES, Júlio de Assis. O negócio do desejo. *Cadernos PAGU*, jul./dez. p. 535-546, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a22.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2009.

_____. FRANÇA, Isadora Lins. Do Gueto ao mercado. In: GREEN, James. & TRINDADE, Ronaldo. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 309-336.

SOUSA, Emanuel Bruno Lopes de. *Ronda do Quarteirão: um “acontecimento” na política de segurança pública?* Dissertação, 2008, 110 p. (Mestrado Acadêmico em

Políticas Públicas e Sociedade), Centro de Estudos Sociais Aplicados/Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, 2008.

SOUSA, Simone de. *Acquário Ceará começa a ser construído em Fortaleza: Projeto interativo será o grande diferencial turístico para a Copa de 2014*. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/5741/ACQUARIO+CEARA+COMECA+A+SER+CONSTRUIDO+EM+FORTALEZA.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

SOUZA, Elsiné Carneiro de. *Praia de Iracema: fatores de estagnação de um espaço turístico à Beira-Mar*. Dissertação, 2007, 85p. (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA - Universidade Federal do Ceará, 2007.

SOUZA, Ivone Maria C. Coelho de. *Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações*. In: INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DA FAMÍLIA – IDEF (Coord.). *Homossexualidade – discussões jurídicas e psicológicas*. Curitiba: Juruá, 2001.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 77-116, 2001;

SOUZA, Simone de. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 4. ed. Atual. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2007.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

STOLLER, Robert . *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SZTERENFEL, C e FONSECA, Z. *Profissionais do Sexo no Rio: contexto sócio-cultural e comportamento preventivo em três áreas*. Rio de Janeiro: PIM, 1996.

TELLES, Vera da Silva. *Sociedade civil e a construção de espaços públicos*. In: DAGNINO, Evelina (Org.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 91-102.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. *Discursos e Representações sobre os territórios de pegação em Belo Horizonte*. In: DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo. (Orgs.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

TEIXEIRA, Erivaldo; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. *Dois perdidos numa noite suja – incursões etnográficas sobre práticas de homosociabilidade na metrópole cearense*. *Seminário de estudos culturais, identidades e relações interétnicas*, São Cristóvão-Sergipe, UFS, 2009.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Desejo e entretenimento: imaginário homoerótico ocidental - da sublimação ficcional ao produto descartável. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel.1980.

VALADARES, Jorge de Campos. *Espaço ambiente e situação do sujeito*. Tese (Doutorado). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: 1994.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. *Pro-Posições*, v. 14, n. 2, (41), maio/ago. 2003. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/41-dossie-vigarellog.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2012.

VILLALOBOS, Jorge U. Guerra. Geografia e sexo: os discursos e práticas no território brasileiro. *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, v.45, n. 53, 1 ago.1999.

VITIELLO, Nelson. *Prostituição masculina: uma introdução ao estudo*, 2001. Disponível em: < <http://www.sosdoutor.com.br/sossexualidade/>>. Acesso em: 28 ago. 2005.

WARNER, Michael. *The trouble with normal - sex, politics, and the ethics of queer life*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). *Weber: Sociologia*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 79-127.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 36-82.

_____. History, Desire and identities. In: PARKER, Richard G; GAGNON, Joan .H. *Conceiving Sexuality: approaches to sex research in a postmodern world*. New York: Routledge, 1995.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. Santa Cruz do Sul-RS: Edunisc, 2004. p.107-128.

_____. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, ano/vol. 9, n. 02, Rio de Janeiro, p. 460-482, 2001.

WOLF, Naomi. *Promiscuidades: a luta secreta para ser mulher*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WOODWARD, Kathryn; Stuart Hall. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

YANAGUI, Viviane Brito. *União homossexual* - necessidade de reconhecimento legal das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. 2005. Monografia (Especialização em Direito Legislativo) - Universidade do Legislativo Brasileiro – UNILEGIS e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/senado/unilegis/pdf/UL_TF_DL_2005_Viviane_Brito.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2010.

ZANATTA, Elaine Marques. Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. *Cadernos AEL*, n. 5/6, p.193-220, 1996/1997,

DISCOGRAFIA

BARROS, Antônio; MATOGRSSO, Ney. *Homem com H*. 198, Ariola, São Paulo, 3.45

RAMALHO, Zé. *Garoto de aluguel* (Táxi boy). 1980. Epic (CBS - Sony Music), Rio de Janeiro. 3.03.

VELOSO, Caetano. *Menino do rio*. *Cinema transcendental*. 1979, Universal, Rio de Janeiro.

VANZOLINI, Paulo; BETÂNIA, Maria. *Ronda*. 1978. Polygram/Phillips. Rio de Janeiro. 2.0.

Apêndice A – Perfil dos entrevistados

| Nomes⁵⁹ | Idade (anos) | Cidade de origem | Instrução⁶⁰ | Identidade sexual auto-definida | Tempo na prostit. (anos) | Outra ocupação | Locais de trabalho |
|---------------------------|---------------------|-------------------------|-------------------------------|--|---------------------------------|-----------------------|--------------------------------|
| Marcelo | 29 | Fortaleza | E.F.I. | Heterossexual | 14 | --- | Cinemões Rua C. de Queiroz. |
| Rafael | 24 | Ipixuna AM | E.F.I. | Homossexual | 10 | Aux. Serv. Gerais | Cinemões e ruas |
| Pedro | 35 | Bela Cruz-CE | E.F.I. | Homossexual | 13 | Alguns biscates | Saunas e ruas |
| Gabriel | 25 | Fortaleza | | Bissexual | 7 | Vendedor ambulante | Cinemões e ruas |
| Felipe | 24 | Fortaleza | E.F.I. | Heterossexual | 6 | Vigia | Cinemões e ruas |
| Pablo | 26 | Taperoá PA | E.F.I. | Homossexual | 10 | Aux. Serviços Gerais | Ruas |
| Marley | 28 | Canindé CE | E.F.I. | Homossexual | 8 | ---- | Cinemões e ruas |
| David | 21 | São Luís MA | E.F.C. | Heterossexual | Poucos dias | Estudante | Cinemões e ruas |
| Bruno | 21 | Fortaleza | E.F.C. | Homossexual | 5 | Estudante | Saunas e ruas |

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora, no período de abril de 2010 a novembro de 2011.

⁵⁹ Pseudônimos.

⁶⁰ EFI e EFC correspondem, respectivamente, a ensino fundamental incompleto e ensino fundamental completo.